

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



Tese apresentada ao Departamento de
Lingüística da Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Izidoro
Blikstein, como requisito parcial para a obtenção
do grau de Doutor em Lingüística.

São Paulo, maio de 2002.

BANCA EXAMINADORA

DEDICATÓRIA

Aos meus pais
Cesar e Clotilde,
primeiros e eternos mestres.

Ao meu marido,
Greg,
com quem aprendo muito
sobre 'comparação de línguas e culturas'.

E ao nosso bebê,
que está para nascer.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Izidoro Blikstein,
pela atenção dedicada que possibilitou a realização deste trabalho.

Aos professores M.Adélia Mauro e Hudinilson Urbano,
da Banca de Qualificação,
por suas valiosas e enriquecedoras sugestões.

Ao jornalista Reali Junior e ao locutor Thierry Roland,
por sua cooperação em entrevistas sobre a locução de futebol na França.

Aos amigos do Brasil e da França,
que ajudaram na gravação dos jogos.

A Daniel Greder, como também a Lionel Yaffi,
por sua paciência em responder a todas as minhas perguntas
sobre o “ouvinte-torcedor” francês. Sua colaboração foi imprescindível.

Aos colegas do Departamento de Francês da PUC,
com quem troquei muitas idéias.

Ao Prof.Dr. Robert St. Clair,
da University of Louisville, por sua especial atenção.

À minha família e amigos,
pelo seu constante apoio.

Em especial, à minha mãe,
que tanto ajudou na revisão, impressão, no incentivo a cada minuto.

A Deus,
que me deu forças e ânimo na busca de meus objetivos.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo a comparação de aspectos do discurso de locutores de futebol no Brasil e na França, durante a Copa do Mundo de Futebol, realizada em 1998, na França.

O futebol, o esporte mais popular do planeta, está intrinsecamente arraigado à cultura do Brasil, enquanto, na França, ele é considerado “mais um esporte” em que esse país tem se destacado. O locutor esportivo é quem, pelo rádio ou pela televisão, dá voz ao jogo de futebol. Por sua linguagem, baseada em aspectos sócio-culturais e abundante em recursos estilísticos, transmite as ações em campo.

Para realizar a comparação de locutores brasileiros e franceses, foram feitas gravações em áudio e em vídeo da locução dos jogos desses dois países durante todo o evento, em uma ação coordenada no Brasil e na França. Depois das fitas serem transcritas, selecionamos momentos específicos, como o “início da partida”, os “lances a gol”, os “gols” e o “encerramento do jogo” para neles basear a análise.

A locução de futebol tem por base três subgêneros discursivos, a *narração*, o *comentário* e a *conversação*, e cada um deles é composto por seqüências e subseqüências que formam a arquitetura desse discurso. Ao considerarmos os momentos selecionados para a análise foram comparados, em cada um deles, a “construção geral do texto”, a “extensão e a conexão das seqüências”, os “aspectos prosódicos”, as “gírias e expressões metafóricas” e o “envolvimento com o ouvinte”.

As conclusões indicam que o brasileiro prefere seqüências justapostas e coordenadas, enquanto o francês, além dessas, faz largo uso de seqüências com a conjunção subordinativa “*qui*”, para explicar a sucessão dos fatos. Para o brasileiro, o que importa é a narração do *fato*, para o francês, sua *explicação*. Prosodicamente, há muita semelhança entre ambos, já que a entoação é a forma mais simples e natural de demonstrar a emoção. O brasileiro é mais inventivo, usando muitas metáforas e envolvendo-se intensamente com o ouvinte, que participa de sua fala em quase todos os momentos. O francês, comparativamente, envolve-se, sobretudo, pela entoação emotiva. Esse tipo de envolvimento, leva-nos a compreender porque o francês se diz um “commentateur” de futebol e o brasileiro, um “narrador”. O “narrador” vivencia e o “commentateur” analisa.

ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to compare different aspects of soccer broadcasting in Brazil and in France during the World Soccer Cup in 1998, hosted in France.

Soccer, the most popular sport of the planet, is intrinsically linked to Brazil's culture, while in France, soccer is "just another sport" in which the country excels. The sport broadcaster is the soccer match's voice, either on radio or on TV. Through his language, based on social cultural aspects and rich in style resources, the actions in the field are broadcast.

In order to compare Brazilian and French announcers, audio and video broadcasts of the games were recorded in both countries during the whole event, in a coordinated effort in Brazil and in France. After the transcription of the tapes, specific moments for the analysis were selected, such as the "start of the game", the "attempts to score", the "goals" and the "end of the match".

Soccer broadcasting is composed of three speech patterns: the *narration*, the *commentary* and the *conversation*; each one has its own sequences and sub-sequences which form the architecture of this discourse. In the selected moments for the analysis, these sequences were compared regarding the "general construction of the text", the "extension and the sequencing of the connections", the "prosodical aspects", "slangs and metaphors" and "involvement with the listener".

The conclusion indicates that the Brazilians prefer juxtaposed and coordinated sequences, while the French, besides those, also make ample use of sequences with the subordinate conjunction "qui" in order to explain the course of action. For the Brazilians what matters most is the *narration* of the *fact*, while for the French, it is its *explanation*. Prosodically, there are many similarities since the tone of voice is the simplest way to demonstrate emotion. The Brazilians are more creative, by the use of more metaphors and deeply getting involved with the listener, who "participates" in the broadcast almost all the time. Comparatively, the French are especially involved through the tone of voice. This type of involvement makes it clear for us to understand why the French call themselves a soccer "commentateur" and the Brazilians call themselves a "narrador". The "narrador" lives the game, the "commentateur" analyses it.

*“Foi um urro, um berro primata,
na caverna da minha consciência,
rugido que, como a epopéia dos homens
para inventar a palavra,
desenvolveu-se em ecos e símbolos sagrados.
Grito original, atávico, bíblico:
gol.
Fora do tempo mas sem o elo perdido
e, sim, um arco que me leva
a quem no meio do universo,
este vazio cheio de galáxias, dramas e infinitos,
gerou a luz sonora vinda daquele rádio:
Tostão,
um sábio de asas sutilíssimas
que criou um outro alfabeto,
o alfabeto do invisível,
para mim.”*

W.F. Padovani
“Primeiro Gol que Ouvi pelo Rádio”
In “Corações Épicas”

*“Il n'y a rien de compliqué à commenter un match(...)
Le type qui t'écoute devant sa télé adore qu'on prenne parti.
Attention! On doit aussi être un peu chauvin. Juste au bon moment,
surtout quand l'arbitre siffle contre la France.(...)
On fait Aïeaeiaie quand le ballon passe au-dessus des filets et
Ouillouillouille quand un joueur prend un mauvais coup. Ah!
J'allais oublier le Buuuutttee... que tu laisses traîner tant que
t'as l'air dans les poumons. Mais seulement quand il y a un but, hein!
Tu sais bien le faire, But? Tu voudrais pas essayer que je voie?”*

Jean-Michel Riou
In Le Mille-Pattes

ÍNDICE

Uma breve apresentação pessoal.....	i
Introdução.....	1
<u>Primeira Parte:</u> Futebol no Brasil e na França, as Copas do Mundo e a transmissão pelo rádio e pela televisão.....	5
Capítulo 1: A origem do futebol e breve história desse jogo no Brasil e na França.....	6
Capítulo 2: Copas do Mundo.....	18
Capítulo 3: Os primórdios do rádio e da televisão na propagação do futebol.....	26
<u>Segunda Parte:</u> Materiais e método.....	31
Capítulo 4: Pressupostos e objetivos do trabalho.....	32
Pressupostos.....	33
Objetivos.....	53
Capítulo 5: Metodologia da pesquisa e recursos aplicados.....	54
Capítulo 6: Descrição do corpus: os jogos do Brasil e da França na XVI Copa do Mundo e os locutores de futebol analisados.....	61
<u>Terceira Parte:</u> Fundamentação teórica e análise dos dados.....	74
Capítulo 7: Linguagem, representação, cenários discursivos e a língua falada.....	75
Introdução.....	76
1. Usos e funções da língua.....	80
1.a Atos de fala	84
1.b Enunciação e discurso.....	89
2. Representações sócio-culturais.....	101
2.a Representações no discurso.....	101
2.b Imaginário francês e brasileiro.....	109
3. Realização discursiva.....	123
3.a Cenário enunciativo.....	123
3.b Os gêneros do discurso.....	130
4. Aspectos da língua falada.....	134
4.a Língua falada em oposição à língua escrita e níveis de fala.....	134

4.b Características do português falado no Brasil e do francês falado na França.....	142
Capítulo 8: A linguagem dos meios de comunicação e a arquitetura do gênero discursivo “locução de futebol”	188
1. A linguagem dos meios de comunicação.....	190
2. Aspectos da locução futebolística na mídia.....	202
2.a Subgêneros do discurso "locução de futebol" e as sequências discursivas dos eventos de uma "narracão interativa".....	209
2.b Questões de estilo.....	223
Capítulo 9: A voz pelos trilhos da emoção (e do raciocínio): aspectos da narrativa futebolística da narrativa futebolística no Brasil e na França.....	228
Análise das sequências discursivas dos jogos do Brasil e da França segundo a <i>construção geral do texto, a conexão entre sequências discursivas, os aspectos prosódicos, as gírias e expressões metafóricas e o envolvimento com o ouvinte</i> em:	
Início do jogo.....	231
Lances a gol.....	238
Gols.....	265
Encerramento da partida.....	288
Capítulo 10: Conclusão.....	299
Referências bibliográficas	306
Anexos	318

Uma breve apresentação pessoal

Sou brasileira, nascida em São Paulo, SP. Desde pequena, sempre tive muito interesse por línguas e culturas estrangeiras... e logo comecei a estudar inglês. Depois, graduei-me em Letras, Francês e Português, pela Universidade de São Paulo.

A paixão pelo ensino e pela cultura estrangeira não só me incentivaram a crescer no conhecimento de minha própria língua e cultura, como também abriram portas para estudos, viagens e pesquisa, no Brasil ou no exterior.

No Brasil, organizei o Centro de Estudo de Línguas do Colégio Batista Brasileiro em São Paulo, do qual fui coordenadora por mais de 11 anos. O interesse em desenvolver um trabalho direcionado a todas as idades, a partir da infância, levou-me a fazer uma pesquisa de Mestrado, em Lingüística, na Universidade de São Paulo, na qual focalizei a aprendizagem do inglês por crianças pré-escolares.

Sempre muito envolvida com o ensino de línguas, estive inúmeras vezes na França, com bolsa de estudo, participando de congressos, ou simplesmente saboreando as belezas do país. O mesmo envolvimento me levou ao Canadá, à Grécia, à Inglaterra, à Itália, ao Japão e a muitas cidades, no Brasil, para participar de cursos ou apresentar trabalho em algum congresso destinado a professores de línguas ou a lingüistas em geral.

Em 1995, ingressei, como Professora de Francês, no Departamento de Francês da Pontifícia Universidade Católica – SP, onde, além de lecionar, tive a oportunidade de participar de projetos na área de pesquisa e extensão.

Em 1997, tive o prazer de encontrar o Professor Izidoro Blikstein, na França, em um dos congressos do qual participávamos, e fiquei muito feliz por ter sido aceita como sua orientanda, em 1999, para desenvolver minha pesquisa de doutorado.

Em 2000, por ter me casado com um médico americano, afastei-me do ensino do francês na PUC, para vir morar em Kentucky, nos EUA. Mas continuei trabalhando, a todo vapor, no meu projeto de tese.

Desde o ano passado, estou vivendo uma experiência multi-cultural bastante interessante: ensino francês na Aliança Francesa de Louisville e português na Universidade de Louisville.

Meu desejo é continuar na área do ensino, pesquisa e extensão, por onde quer que o arguto interesse por línguas me levar.

Introdução

O que é isso que faz parar multidões na frente de um telão, colocado em praça pública por minutos, senão horas a fio? O que é isso que reúne amigos, às vezes até inimigos, diante de um adversário de um outro país? O que é isso que fascina tanto a ponto de interferir em horários de trabalho, de estudo, de lazer? O que é isso que transforma cidadãos comuns em técnicos, jogadores, especialistas esportivos? O que é isso que leva países a mobilizarem elevados recursos financeiros, técnicos, humanos ao organizarem grandiosas competições a cada 4 anos? O que é isso que, finalmente, decepciona ou enleva toda uma nação? Isso... é futebol em Copa do Mundo.

Seja no Brasil, seja na França, ou em outros países, Copa do Mundo encanta, seduz... e parte desse fascínio deve-se à transmissão dos jogos pelo rádio ou pela televisão, o que torna o futebol acessível ao mais longínquo torcedor. O que atrai no futebol, o que o transforma em espetáculo?

Gumbrecht (2001) responde bem a questão. Ele diz que ninguém conhece ao certo a causa do fascínio pelo esporte, sobretudo o coletivo. Há, sem dúvida, a questão do belo, da estética do esporte, do prazer da beleza “livre de interesse”, mas o que o espectador tanto espera ao acompanhar um esporte como o futebol é “epifania do evento”, ou seja, “a aparição súbita e transitória de algo que, durante o tempo de sua aparição, tenha substância e forma simultaneamente”. O inesperado está sempre prestes a acontecer, a posse da bola ameaçada pelos esforços defensivos do time adversário ou pelo ataque do time para o qual se torce é sempre iminente. A “epifania” como emergência de ações desconhecidas é a referência máxima para o prazer em assistir ao jogo de futebol, um entusiasmo que, segundo o autor, chega a ser um “deleite espiritual combinado com prazer físico, igual a uma respiração funda ou a uma gargalhada alegre”.

A voz do locutor, embora muito pouco pesquisada academicamente, verbaliza a “epifania” do futebol. Não é a concretização de um evento que surge pelo ato verbal, como a criação do Universo (“E disse: Haja luz e houve luz”). Mas a recriação, através da fala,

daquilo que surgiu anteriormente (“Houve luz, então disse”) ou mesmo simultaneamente com o acontecimento (“LUZ”!). Fala e luz, som e imagem em perfeita sincronia.

Assim é a narração do futebol, quase sincrônica à ação. O evento em campo, realizado por heróis da modernidade, é cantado simultaneamente pelo maior menestrel da atualidade: o locutor esportivo. O inesperado pode ocorrer a qualquer momento e o menestrel, como um trovador que compõe seus poemas líricos ou narrativos, irá contar, de improviso, no seu estilo, na sua forma de ver o mundo e de reconstruí-lo em sua composição oral, a arte e os movimentos do jogo.

O futebol é arte para os olhos e também para os ouvidos. A plasticidade dos gestos dos jogadores que correm atrás da bola com o objetivo da vitória é sonorizada, concretizada, recriada pela fala do narrador. Ela é a música do bailado dos jogadores em campo, composta justamente para a dança, pela dança e a partir da dança!

A competição realizada entre duas equipes é verbalizada também por traços culturais. O futebol é o esporte mais popular do planeta. A cada quatro anos, nações se reúnem, em um determinado país, para realizarem uma competição que mobiliza, praticamente, o mundo inteiro: é a Copa do Mundo. A realização de Mundiais de Futebol une nações diversas em um mesmo campo. Aproxima culturas diferentes, que se olham, que se contemplam, que aprendem umas com as outras, mas que buscam o mesmo objetivo: vencer o campeonato.

Graças ao rádio e à televisão, esse grande evento é transmitido, simultaneamente, para milhões de pessoas. Locutores das mais variadas origens, colocam-se a postos, no estádio, para transmitir os jogos da seleção de seu e de outros países. E aí vem a pergunta, o mesmo esporte, o mesmo jogo, como será narrado para nações que, embora amem esse esporte, percebem-no, sentem-no, vivenciam-no de forma diferente?

Mergulhados na nossa própria língua e cultura, muitas vezes não conseguimos compreender o sentido da língua e da cultura do outro, achando-o frio, distante, ou extremamente emocional. Mas, sem a presença do “outro”, perde-se o sentido de quem nós somos. Quanto mais conhecemos o outro, melhor compreendemos a nós mesmos. E, nada melhor do que a língua, imbuída de aspectos culturais, para no mesmo evento, observarmos a concretização de ambas as realidades.

O objetivo deste trabalho é explorar o gênero discursivo “locução de futebol”, em suas subsequências específicas - a narração, o comentário e a conversação - comparando locutores do Brasil e da França, durante a última Copa do Mundo, realizada na França em 1998. A atenção recairá sobre a realização discursiva dos locutores no que se refere “à construção geral do texto”, “à extensão e à conexão de suas subsequências”, “aos aspectos prosódicos”, “às gírias e expressões metafóricas” e “ao envolvimento com o ouvinte”. Para tanto, quatro momentos específicos do jogo serão levados em consideração: o início da partida, os lances a gol, os gols e o encerramento do jogo. Foram escolhidos esses momentos porque a duração de jogos de futebol é longa (pelo menos noventa minutos), mas esses “momentos” comportam aspectos discursivos onde traços emotivos e interativos podem ser avaliados com mais precisão.

Como se trata de um estudo comparativo entre duas línguas, em um discurso específico de língua falada, os objetivos propostos se apresentam como um desafio para o lingüista interessado em perceber como se realiza o mesmo gênero de discurso em um contexto lingüístico-cultural distinto. Mas, dispostos a aprender com esse desafio, compusemos uma estrutura de trabalho para auxiliar a busca de nossos objetivos.

Este estudo se compõe de três partes. Na primeira delas, como introdução ao tema “futebol”, fazemos um apanhado geral sobre a origem desse jogo e sua história no Brasil e na França, apresentamos uma síntese sobre as Copas do Mundo realizadas até então e os primórdios do rádio e da televisão para a difusão desse esporte nos dois países.

Na segunda parte, expomos o material e o método empregados para a coleta dos dados da pesquisa. Há um resumo de cada jogo disputado pela França e pelo Brasil, durante a Copa, para facilitar a compreensão da situação de jogo, conforme os exemplos levantados.

A terceira parte do trabalho é dedicada à fundamentação teórica e à análise dos dados. O discurso do locutor de futebol, do rádio e da televisão, é observado segundo o prisma do uso e funções da língua, das representações sócio-culturais de franceses e brasileiros, do cenário discursivo e de sua realização através da língua falada. Uma abordagem sobre a linguagem dos meios de comunicação e, em específico, sobre a locução futebolística na mídia, é desenvolvida para que possamos fazer a análise dos dados.

O último capítulo desta parte traz a análise em si. Para cada “momento” selecionado, expusemos trechos de diferentes locutores, do rádio e da televisão, no Brasil e na França, para que pudéssemos cruzar as realizações discursivas de locutores de ambos os países. Apesar de que “locutores de futebol” também possuem um estilo individual para transmitirem o jogo, nossa intenção era a de observar “traços comuns” entre eles, segundo sua origem, e não especificamente seu estilo.

A conclusão de nosso trabalho aponta que existem semelhanças e diferenças entre o locutor francês e o brasileiro, quando narram o futebol. E elas se situam a partir da própria *denominação* do locutor nesses dois países. No Brasil, ele é chamado de “narrador”. Na França, de “commentateur”.

Primeira Parte:

Futebol no Brasil e na França, as Copas do Mundo e a transmissão pelo rádio e pela televisão

Capítulo 1:

***Origem do futebol e breve história desse jogo
no Brasil e na França***

“Era uma vez uma bola,
 triste, velha, esquecida,
 Um dia ela fez um gol!!
 E descobriu que tinha vida”
 (autor desconhecido)

O futebol talvez seja um dos esportes mais antigos da humanidade. Afinal de contas, chutar, agarrar, lançar, empurrar um objeto qualquer com os pés é uma ação muito simples e natural.

Conta-se que o futebol teve sua origem na China por volta de 2.700 AC, mas Labadie-Larroudé (1998:8) menciona que, no Japão, por volta de 3000 AC, jogava-se o *Tshu chu*, onde dois grupos diferentes disputavam uma esfera que representava a Terra. Para vencer, era necessário colocar a bola num determinado lugar sagrado.

Na China, o imperador Huang-Ti treinava suas tropas militares com um jogo de bola, o *kemari*. Duas equipes, com 8 jogadores cada uma, tinham que passar uma bola, recheada com crina de cavalo, além dos limites demarcados por duas estacas fincadas no chão e ligadas por um fio de seda. A bola, no entanto, por curioso que seja, não poderia tocar o solo.

Em 1300 AC, os Astecas, no México, cortavam as cabeças dos seus inimigos vencidos e as rolavam pelo chão para festejar a vitória. Esse tipo de “jogo” era chamado *tlatchi*.

Mas é na Antigüidade clássica, e principalmente com os gregos, que os jogos de bola passam a tomar uma forma mais “social” e menos “religiosa” ou “militar”. Muitos jogos eram praticados com bolas, de diversos tamanhos, cheias de lã, restos de trigo, ou mesmo de ar, que se jogavam com os pés ou as mãos. O mais próximo ao futebol chama-se *epyskiros*, disputado com o pé, no qual uma linha de meta tinha que ser ultrapassada.

Os romanos, hábeis guerreiros, usavam a bola como um instrumento para aperfeiçoar o gesto do soldado. Para isso jogavam o *harpastum*. Máximo e Porto (1968:11) observam muitas afinidades desse esporte com o futebol atual. Em primeiro lugar, o jogo era praticado num campo retangular, com três linhas traçadas: uma ao centro, dividindo o espaço das duas equipes competidoras, e duas linhas ao fundo, por cima das quais a bola deveria ser lançada. As equipes eram formadas de acordo com as qualidades dos jogadores. Jogadores mais lentos ficavam em uma posição de retaguarda: eram os “zagueiros” atuais. Os mais rápidos atuavam

em uma posição mais ofensiva: os “atacantes”. Um terceiro tipo de jogador ficava na linha divisória do campo, fazendo uma ponte entre os “zagueiros” e os “atacantes”, como fazem hoje os “meio-campistas”, só que este jogador era “neutro”, competindo pelos dois times. O objetivo maior do *harpastum* era preparar o soldado para um próximo combate, de uma forma divertida.

Na idade média, franceses, bretões e normandos praticavam um jogo bastante violento chamado *soule*. Do latim *soleae* “sandália” e do celta *seault* “sol”, esse jogo era realizado durante as festas de Carnaval ou de Páscoa. Duas equipes se opunham: os solteiros contra os casados ou jovens de uma aldeia contra outra. O jogo consistia em conquistar uma “bola de ouro”, a *soule*, lançada ao ar por um cidadão nobre ou por uma jovem, e levá-la a um lugar pré-determinado (por exemplo, a porta de uma igreja). Os dois times chutavam a bola, corriam com ela, arrancavam-na do adversário, com gestos bastante brutais, enquanto habitantes da região os encorajavam com gritos e canções. Muito popular no norte da França, logo chegou à Inglaterra, ganhando um grande partidário, o próprio rei Henrique II. Ele organizava partidas em que cada equipe deveria usar um “uniforme”. As variações da *soule*, na Grã-Bretanha, eram conhecidas como *foeth-ball* ou *hurling over country*.

No entanto, conforme Bigot (1996: 24) nos conta, a Igreja e o governo britânico passaram a contestar, veementemente, a violência do jogo. Por isso, o prefeito-lorde de Londres editou um decreto, em 1314, impedindo que o *foeth-ball* continuasse a ser praticado. O decreto assim rezava: “Por causa das grandes desordens causadas na Cidade pelos atos violentos desse jogo, e visto que isso pode originar muitos males que Deus condena, nós condenamos e interditamos, em nome do Rei, sob pena de prisão, que este jogo continue sendo praticado daqui em diante nesta Cidade”. O decreto foi lançado, mas a paixão pelo jogo continuou.

No século XVI, jogava-se na Itália, em Florença e em Roma, o *calcio fiorentino*. Esse jogo de regras muito restritas encantou os príncipes. Ele era mais organizado e mais civilizado do que a *soule* ou o *foeth-ball*. Jogado em um espaço pouco extenso, delimitado por duas linhas, as equipes, compostas de 27 jogadores, divididos em 3 linhas de frente (como nos batalhões das legiões romanas) deveriam marcar o maior número de pontos possível, ao fazerem a bola passar por entre dois postes, semelhantes ao que hoje se tem no

rugby. Fernández (1974:19) observa que esse esporte era jogado nas cerimônias esponsais dos fidalgos de Florença.

É na Inglaterra que o futebol atual tem suas origens. Charles II, rei do Reino Unido, exilado na Itália em 1652, descobriu o *calcio*. Sendo um jogo muito mais ordenado e bem mais calmo do que o *foeth-ball*, interessou-se logo por ele. De retorno à Inglaterra, Charles II reintroduziu o jogo de bola, que ainda era proibido, misturando suas regras com as regras que aprendeu na Itália.

A nobreza começava a se sentir mais atraída por esportes populares e os educadores passaram a perceber a importância de ‘jogos de regras’ para a educação dos adolescentes. Labadie-Larroudé (op.cit.: 14) relata que, em 1828, o reverendo Thomas Arnold, diretor de um colégio da cidade de Rugby, foi o primeiro a incentivar o esporte de regras na Inglaterra. O esporte, formando o “corpo”, o “espírito” e o “caráter”, iria ensinar hábitos morais e o respeito às regras. Incentivados pelo reverendo, os estudantes passaram a “inventar” jogos e regras geridas por eles mesmos. Essas idéias pedagógicas de Thomas Arnold logo se espalharam pelo país que introduziu, em suas escolas, o ‘jogo de bola’ como parte do programa de ensino. Nesse jogo, os jogadores usavam os pés e as mãos.

Por volta de 1840, houve um interesse em unificar as regras desse ‘jogo de bola’. As escolas queriam organizar competições e, para isso, era necessário que as regras fossem as mesmas. A começar pela largura do gol que havia sido fixada em 12 pés (3,69m). Mas tudo mudava de acordo com o resultado do jogo: se tivesse havido empate, no dia seguinte, jogava-se novamente, com um gol duas vezes mais largo.

Em outubro de 1848, o Trinity College de Cambridge fixou um código obrigatório para todos, o “código de Cambridge”, que adotou 14 regras dentre as mais ‘práticas’, ‘coerentes’ e ‘justas’, incluindo a possibilidade de jogar com as mãos. No entanto, nem todas as escolas concordaram com as regras estabelecidas. Representantes de Colleges da região de Londres se organizaram e, em outubro de 1863, fundaram a *Football Association (FA)* que marca o verdadeiro nascimento daquilo que conhecemos por “futebol”¹.

¹ A disciplina dos jogadores era tão eficaz, que nessa época, não havia juízes nas partidas de futebol.

Foi feito um acordo com as regras do “código de Cambridge” e os partidários do jogo com as mãos fundam, alguns anos mais tarde, a *Rugby Football Association*. Futebol e rugby definitivamente tornam-se bem distintos, com suas próprias regras e associações, constituindo dois esportes diferentes, apesar de terem a mesma origem.

O futebol na França

O futebol expandiu-se rapidamente por toda a Inglaterra. Na França, na segunda metade do século XIX, as atividades esportivas ainda não eram muito praticadas. Mas, graças a um esforço britânico, nos portos comerciais do Canal da Mancha e especialmente no Havre, os residentes ingleses (empregados das sociedades marítimas) praticavam seus esportes favoritos, entre eles, é claro, o futebol. George Washington, um reverendo inglês, passou a jogar com eles. Aos poucos, os franceses começaram a se interessar pelo jogo e a participar, com os britânicos, de jogos praticados à tarde.

Em 1872, o reverendo Washington e seu amigo Langstaff fundaram o primeiro clube francês: o Havre Athletic Club (le HAC). Entretanto, as equipes locais eram pouco numerosas e, para jogar contra o ‘Havre’, havia apenas um clube, o de Dieppe, fundado em 1897 por pais e alunos do colégio inglês da cidade.

Em Paris, o futebol aparece bem timidamente. Em 1883, são criadas praças desportivas como o Racing Club de France e o Stade Français. Mas, os esportes aí praticados são principalmente o tênis, o cricket, a natação e o rugby. Apenas em 1890 é que surge o primeiro clube parisiense, o Paris Association Football Club, fundado por dois funcionários de empresas inglesas. Um ano mais tarde, nasce o Gordon FC (composto por escoceses) e o White Rovers. No dia 2 de março de 1892, aconteceu o primeiro jogo entre os clubes de Paris, o White Rovers e o Standard Athletic Club. O resultado: White Rovers 10, Standard, 1. O primeiro clube composto exclusivamente por franceses foi o Club Français, com jovens franceses que haviam estudado na Inglaterra.

O futebol logo foi se desenvolvendo na França e muitos clubes passaram a ser organizados. A primeira competição internacional da França foi contra a Bélgica, em maio de 1904. Um jogo que terminou em empate (3 a 3), mas a partir do qual a França passou a querer participar de mais competições em nível internacional.

Federações de futebol foram criadas para proporcionar os campeonatos. Em 1919, a Federação Francesa de Futebol foi organizada para regroupar todas as federações existentes. Seu presidente: Jules Rimet. Em 1904, surge a FIFA (Federação Internacional de Futebol), e em 1921, Jules Rimet tornou-se seu presidente. O futebol toma uma nova dimensão e torneios mundiais começam a fazer parte do crescente cenário futebolístico².

Com a expansão do futebol pelo país, a profissionalização do jogador foi inevitável. Hoje em dia, seja na França, no Brasil ou em qualquer outro país, os clubes de futebol tornaram-se verdadeiras empresas, fazendo com que o futebol gere recursos a diferentes setores a ele relacionados.

A divulgação do futebol na França, deu-se, em princípio, pela criação de clubes de torcedores. O primeiro deles foi o Racing Club de Lens, organizado em 1926. Dizem que o 12º jogador é o torcedor, que “empurra” seu time. Trotel (2000: 17) diz que é o “poder emocional” desse esporte que faz com que ele se expanda pela França e por todo o mundo. Os torcedores se contaminam pela paixão que o futebol inspira. Bromberger (1998:9) observou, antes da Copa acontecer, que é esse “fervor coletivo” que faz com que ele cresça cada vez mais. Ele considera o futebol uma das grandes paixões do francês.

Os maiores clubes de torcedores, na França, são o de Saint-Etienne, o de Lens, o do Paris Saint-Germain, o de Marseille e o de Auxerre.

Algumas datas importantes do Futebol Francês³:

- **1872** : nascimento do primeiro clube francês (Le Havre Athletic Club).
- **2 de março de 1892**: o primeiro jogo entre os clubes de Paris, o White Rovers e o Standard Athletic Club.
- **1º de maio 1904** : primeiro jogo da Equipe Francesa em Bruxelas, contra a Bélgica .
- **15 de janeiro de 1917** : criação da Copa da França (Coupe Charles-Simon).

² De 1974 a 1998, a FIFA foi presidida pelo brasileiro João Havelange, o primeiro não-europeu a ocupar esse cargo. Sob sua direção, foram organizadas 5 Copas do Mundo. Ele transferiu a sede da FIFA para Zurique, na Suíça.

³ Fonte: Fédération Française de Football: <http://www.fff.fr>

- **7 de abril 1919** : fundação da Federação Francesa de Futebol.
- **1921** : Jules Rimet torna-se presidente da FIFA.
- **26 de maio 1928**: sob o impulso de Jules Rimet, a FIFA decide criar a Copa do Mundo.
- **1932-1933** : Primeiro campeonato profissional. Vencedor: l'Olympique Lillois.
- **1938** : A França organiza a terceira Copa do Mundo.
- **1960** : A França acolhe o primeiro Campeonato da Europa das Nações, a Eurocopa.
- **27 de junho de 1984** : A França vence o Campeonato da Europa das Nações, em Paris e a Medalha de Ouro dos Jogos Olímpicos (Los Angeles).
- **1992** : a FIFA. confia à França a organização da XVI Copa do Mundo (1998).
- **12 de julho de 1998** : Pela primeira vez em sua história, a França vence a Copa do Mundo.
- **2 de julho de 2000** : A França vence o Campeonato da Europa das Nações (Eurocopa 2000 realizada na Bélgica e na Holanda).

Alguns números do futebol francês da atualidade são:

- 2.150.443 jogadores licenciados, dos quais 34.997 do futebol feminino, apenas 800 profissionais
- 19.731 clubes amadores
- 38 clubes profissionais participam dos campeonatos de Primeira Divisão (18 clubes) e de Segunda Divisão (20 clubes)
- 1.000.000 de jogos por ano
- 31 Ligas Regionais
- 7.000 profissionais assalariados
350.000 voluntários

Alguns jogadores franceses renomados:

- Raymond Kopa, conhecido como o “Napoléon du football” – Eleito o melhor jogador da Copa do Mundo na Suécia, quando a França terminou em terceiro lugar.
- Just Fontaine, “Justo” – Seu record de marcar 13 gols em uma Copa do Mundo, em 58 na Suécia, não foi ainda superado. Quatro vezes campeão da França na equipe de Nice.
- Jean Tigana, “l’homme aux trois poumons” – Jogador de destaque da seleção francesa, participou de duas semi-finais da Copa do Mundo (1982 e 1986) e do título de campeão da Eurocopa (1984).
- Alain Giresse, “Gigi” – Jogador de destaque, vencedor na Eurocopa (1984).
- Éric Cantona, “the King” – Grande destaque da seleção francesa na Copa de 1986.
- Michel Platini – Grande artilheiro da seleção francesa, em fim de carreira tornou-se técnico dos “Bleus”. Co-presidente do comité de organização da Copa de 1998.
- Zinedine Zidane – “Zizou” – Grande destaque na Copa de 1998 e na Eurocopa de 2000.

Depois que a França venceu a Copa do Mundo de 1998, dizem que ela se “reconciliou com o futebol”. Tentando, por várias vezes, um título dessa monta, mas obtendo apenas no final do século, o futebol na França passou, a partir daí, a ser mais valorizado. Anne Rapin (1998) observa uma mudança muito grande na forma do francês encarar o futebol. Diz ela: “Algo novo está acontecendo na França. É o futebol. Mas mais do que isso, é uma nova forma de compreendê-lo e saber que ele também está ao nosso alcance. O povo francês se uniu muito mais por causa dessa vitória, ao nos tornarmos os campeões do mundo”.

A vitória da Eurocopa, dois anos após, veio confirmar o lugar da seleção francesa entre as melhores do mundo. O futebol passa a se desenvolver mais em um país que não acreditava que poderia vencer, mas sonhava com essa possibilidade.

O futebol no Brasil

O que dizer do futebol do Brasil? Considerado o “país do futebol”, os próprios franceses acreditam que “os brasileiros aprendem a jogar antes de aprenderem a andar, jogam futebol como se dança o samba no carnaval” (Labadie-Larroudé, op.cit.: 89). O Brasil não é o ‘berço do futebol’, mas tornou-se seu maior ponto de referência.

Toledo (2000:7) faz referência a um cronista que, recorrendo jocosamente à carta de Pero Vaz de Caminha, à época do descobrimento, sentencia: “A terra é plana e chã. Excelente, portanto, para a prática do futebol”. É como se Brasil estivesse aguardando a composição das regras do futebol pelos ingleses para que, no chão brasileiro, ele pudesse reinar.

O futebol chegou oficialmente ao Brasil quando o paulista Charles Miller, filho de ingleses, trouxe da Inglaterra, em 1894, duas bolas de futebol. Sua intenção era formar clubes de futebol no Brasil. Sem prever que o futebol atingiria a todas as camadas da sociedade, principalmente a mais humilde, os campeonatos realizados eram exclusivamente de brancos e ricos, que o praticavam em clubes fechados ou colégios seletos.

Esse “elitismo” do futebol fez com que alguns intelectuais da época o combatessem ardentemente. Como Mattos (1997:30) relata, Lima Barreto, por exemplo, via no futebol um jogo “bárbaro, degradante e corruptor dos princípios de civilidade”, chegando até a fundar uma “Liga Brasileira contra o Futebol”⁴. Graciliano Ramos, por sua vez, via no futebol um esporte sem características nacionais, incapaz de representar a cultura brasileira.

Cardoso (1998:54) relata que, mesmo à distância, os negros perceberam o jogo e dele se agradaram. O futebol era uma “brincadeira” feita sob medida para o pobre, pois poderia ser jogado sem nenhum aparato especial, bastando um objeto que pudesse ser chutado como bola. Feito para ser jogado ao ar livre, o futebol passou a “ganhar terreno” num país onde não havia inverno, podendo ser praticado todos os dias do ano.

Recentemente, o futebol paulista comemorou um século de história. A primeira partida oficial realizada, no Brasil, foi no dia 03 de maio de 1902, em um jogo contra as

⁴ Mas depois, com o tempo, conforme afirma Cabral (1994), Barreto tornou-se um “vascaíno convicto”, tendo morrido em 1922, não viu o Vasco ser campeão.

equipes do Colégio Mackenzie e do Sport Club Germania. O resultado desse primeiro jogo foi 2 a 1 para o Mackenzie⁵.

Em 1910 surgiu, em São Paulo, o primeiro clube fora do circuito clube-fechado ou colégio-seleto, o Corinthians*. Logo após, veio o Vasco, no Rio de Janeiro. Este clube causou furor, quando venceu o campeonato carioca de 1923, com uma equipe formada especialmente por mulatos, negros e pobres. A mesma façanha ocorreu no ano seguinte.

Para resistir aos negros, os brancos criaram uma regra: quando um branco cometia uma falta violenta contra um negro, o juiz marcava a falta e o jogo continuava, mas se fosse ao contrário, o juiz não só marcava a falta, como também daria o direito ao branco de revidar a violência. A confusão era tamanha e o preconceito tão grande, que não apenas a torcida, mas até a polícia entrava em campo para defender o branco. Cardoso (op.cit.) afirma que, por isso, os negros tiveram que inventar uma “forma” de não dividir a bola com o branco: passaram a driblá-los e a fintá-los. A ginga do brasileiro começou aí. O negro trouxe para o futebol os movimentos que já empregava na capoeira e nos seus rituais religiosos nas senzalas.

Apesar de tanta resistência, até por parte do governo que, em 1938, havia proibido a escalção de negros na equipe do Brasil, o negro foi se destacando no esporte bretão, transformando-o cada vez mais em “esporte nacional”. De nada adiantou essa proibição, pois foram à França, disputar a Copa de 38, dois negros ilustres do futebol brasileiro: Leônidas da Silva e Domingos da Guia. Leônidas, ao “inventar” a famosa jogada conhecida como “bicicleta” estaria simplesmente aplicando um golpe de capoeira ao jogo de futebol. Nessa Copa, o Brasil, já começou a se destacar, ficando em terceiro lugar.

Essa forma de “jogar brincando” transformou-se em um “estilo brasileiro” de jogar futebol. Os despistamentos, os floreios, as pegadas de bola, enfim, a “rebeldia” contra um jogo angulosamente praticado pelos europeus definiram a maneira inconfundível do brasileiro jogar. O Brasil é um dos países mais miscigenados. E porque o futebol é um

⁵ Para comemorar o centenário do primeiro jogo oficial no Brasil, a Federação Paulista de Futebol realizou, no último dia 03 de maio, no estádio do Pacaembu, uma festa cuja atração principal foi a reprodução da partida desses dois clubes. O cenário foi bem representado, contando, inclusive, com um locutor para narrar o jogo com expressões da época.

* Essa informação refere-se à cidade de São Paulo (Toledo, 2000). A Associação Atlética Ponte Preta, fundada em 1900, deve ser o clube de futebol, ainda em atividade, mais antigo do Brasil.

esporte que não exige determinadas características físicas (como altura, força ou miudeza), qualquer brasileiro que tenha essa “ginga” é capaz de realizar grandes feitos. Haja vista o nosso Pelé, de estatura mediana, considerado o maior atleta do século vinte, ou mesmo Garrincha, o “anjo das pernas tortas”.

O Brasil se destacou em várias Copas do mundo, confirmando que o futebol chegou em solo brasileiro para ficar. Nenhum outro país conseguiu as mesmas façanhas internacionalmente e quando um jogador estrangeiro se destaca, dizem que esse jogador é “brasileiro”.⁶

O espírito leve e brincalhão do brasileiro transformou o futebol em “identidade nacional”. Milan (1998: 13), ao entrevistar um jornalista esportivo francês recém-chegado do Brasil, perguntou-lhe a diferença entre uma cidade francesa e uma cidade brasileira. Este lhe respondeu que uma cidade francesa é reconhecida pelo sino da igreja, enquanto uma cidade brasileira é reconhecida por um posto de gasolina e um campo de futebol. O jornalista, também admirado com a capacidade do brasileiro em descrever, nos mínimos detalhes, um gol de uma partida realizada há décadas, concluiu que o brasileiro “nasceu para o jogo e o jogo para o brasileiro”. Milan diz que por causa do “brincar” é que o brasileiro se identifica com o futebol. Comparando culturas, a autora afirma: “A cultura francesa privilegia o *direito*, a inglesa, o *fair play*, a espanhola, a *honra* e a brasileira, o *brincar*”. Esse “brincar” é que leva o brasileiro a “jogar”, a ser “inventivo”, a ter um “espírito leve” e por esse motivo, ela argumenta, é que o futebol e o carnaval são as grandes paixões nacionais.

O futebol se transformou em “espetáculo” graças ao brasileiro. Trotel (2000:43) diz que o mais importante do futebol não são os gols, mas a “arte” em fazê-los. E o futebol-arte é uma das marcas do futebol do Brasil.

Algumas datas importantes do futebol brasileiro:

- **1894:** Data convencionalmente estabelecida para delimitar a introdução do futebol no Brasil por Charles Miller.
- **1902:** Primeiro jogo oficial no Brasil, entre os clubes Mackenzie e Germania.

⁶ Foi esse o apelido dado a Zidane, na Copa de 98.

- **1928:** Começa a circular o primeiro suplemento de esportes no jornal “A Gazeta” de São Paulo.
- **1938:** Destaque do Brasil na Copa do Mundo, pela primeira vez na imprensa estrangeira. Evidenciam-se as performances de Leônidas da Silva e Domingos da Guia.
- **1950:** O Brasil hospeda a Copa do Mundo. Perde a final para o Uruguai.
- **1958:** O Brasil vence a Copa do Mundo na Suécia.
- **1962:** O Brasil vence a Copa do Mundo no Chile.
- **1970:** O Brasil vence a Copa do Mundo no México.
- **1982:** Destaque com o seu “futebol-arte” na Copa, mas o Brasil não vence.
- **1994:** O Brasil vence, pela quarta vez a Copa do Mundo, nos Estados Unidos.
- **1998:** O Brasil fica em segundo lugar na Copa do Mundo na França, perdendo para a seleção francesa.

Há, no Brasil, uma infinidade de times de futebol. Torna-se um pouco difícil comparar com os dados da França. A Confederação Brasileira de Futebol possui o registro de 11.000 profissionais do futebol (jogadores) em todo o país.

Os campeonatos que, geralmente, ocorrem a cada ano no Brasil são:

- **Taça libertadores da América**
- **Copa do Brasil**
- **Copa dos Campeões**
- **Campeonato Paulista**
- **Campeonato Carioca**
- **Campeonato Gaúcho**
- **Torneio Rio-São Paulo**
- **Torneio Sul-Minas**
- **Copa João Havelange**
- **Copa Mercosul**

Capítulo 2:
Copas do Mundo

O Futebol
(Chico Buarque de Holanda)

Para estufar esse filó
 Como eu sonhei
 Só
 Se eu fosse o Rei
 Para tirar efeito igual
 Ao jogador
 Qual
 Compositor
 Para aplicar uma firula exata
 Que pintor
 Para emplacar em que pinacoteca, nega
 Pintura mais fundamental
 Que um chute a gol
 Com precisão
 De flecha e folha seca

Parafusar algum João
 Na lateral
 Não
 Quando é fatal
 Para avisar a finta enfim
 Quando não é
 Sim
 No contrapé
 Para avançar na vaga geometria
 O corredor
 Na paralela do impossível, minha nega
 No sentimento diagonal
 Do homem-gol
 Rasgando o chão
 E costurando a linha

Parábola do homem comum
 Roçando o céu
 Um
 Senhor chapéu
 Para delírio das gerais
 No coliseu
 Mas
 Que rei sou eu
 Para anular a natural catimba
 Do cantor
 Paralisando esta canção capenga, nega
 Para captar o visual
 De um chute a gol
 E a emoção
 Da idéia quando ginga

(Para Mané para Didi para Mané
 Mané para Didi para Mané
 para Didi para Pagão
 para Pelé e Canhoto)

O maior momento do futebol é, sem dúvida, a Copa do Mundo. Muitos talentos são desvendados face a todo o planeta. Os países se unem, numa incrível força patriótica, para celebrar o “senhor chapéu do homem-gol rasgando o chão”, o “chute a gol com precisão” e “cantar toda a emoção da idéia quando ginga”, conforme menciona Chico Buarque em sua canção.

Criada em 21 de maio de 1904, a Federação Internacional de Futebol, a FIFA foi fundada com a participação de países como a França, a Holanda, a Espanha, a Bélgica, a Dinamarca, a Suécia e a Suíça. Em 1905, outros países passaram a integrá-la: a Inglaterra (que em princípio, queria criar outro órgão), a Alemanha, a Áustria, a Hungria e a Itália. Em uma votação, os países membros da FIFA resolveram criar um torneio que, entre outras coisas, mostraria a força da entidade⁷.

A primeira Copa do Mundo deveria ser realizada em 1905, mas nenhuma federação nacional se inscreveu até o prazo determinado. Em 1914, houve nova tentativa, porém, devido à Primeira Guerra Mundial (1914-1918), os planos foram mais uma vez suspensos. Após a guerra, Jules Rimet, eleito seu novo presidente, insiste na criação da competição. Ele é considerado o seu idealizador. Em 1928, essa competição internacional foi oficializada, e sua realização, a cada 4 anos, foi determinada.

O Uruguai foi o primeiro país a sediar uma Copa, em 1930. Sua escolha seguiu vários critérios esportivos, políticos e econômicos. A seleção uruguaia havia obtido títulos em torneios olímpicos, o país comemorava seu centenário e não havia passado por dificuldades de guerra. A Associação Uruguaia de Futebol pagou as despesas das seleções visitantes, coisa que não poderia ser feita por outros países como a Itália, Espanha, Hungria e Suécia, que também se candidataram.

Das 16 Copas disputadas até hoje, 7 foram realizadas na América e 9, na Europa. Pela primeira vez, em sua história, uma Copa do Mundo, terá lugar no Oriente, sendo sediada na Coreia e no Japão, em 2002. Iremos fazer um breve apanhado das 16 Copas do Mundo realizadas até então, considerando a participação do Brasil e da França.

⁷ A FIFA é até hoje uma entidade mundial muito forte. Com muito orgulho, ela anuncia que tem 198 países associados, ao passo que a ONU tem apenas 185.



1930 – URUGUAI

Da primeira Copa do Mundo só participaram 4 países da Europa: França, Bélgica, Romênia e Iugoslávia. Vieram de navio, numa longa viagem de 40 dias.

Campeão: Uruguai, **Vice-Campeão:** Argentina, **Brasil:** 6º. lugar, **França:** eliminada na primeira fase.



1934 – ITÁLIA

Pela primeira vez o número de países inscritos (32) superou o número de vagas (16). Uruguai boicotou em protesto à ausência de países europeus na primeira Copa. A Itália venceu, fazendo propaganda do regime fascista.

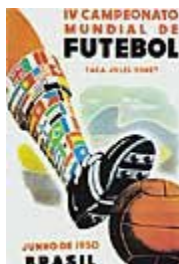
Campeão: Itália, **Vice-campeã:** Tchecoslováquia, **Brasil:** 14º. lugar, **França:** 13º. lugar



1938 – FRANÇA

Cinco estádios foram construídos para o evento. O Brasil mostrou sua primeira grande seleção, revelando o talento de Leônidas, o inventor da “bicicleta”

Campeã: Itália, **Vice-campeã:** Hungria, **Brasil:** 3º. lugar, **França:** Ficou nas 8as. de final.



1950 – BRASIL (após intervalo devido à II Guerra)

O Brasil teve um grande desempenho. Sendo o favorito, precisava apenas do empate para vencer o Uruguai, mas a vitória do Uruguai, em 2 a 1, nos últimos minutos do jogo, calou os 200 mil torcedores no Maracanã, especialmente construído para o evento.

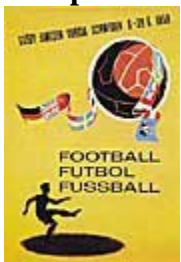
Campeão: Uruguai, **Vice-campeão:** Brasil, **França:** não participou.



1954 – SUÍÇA

A Hungria foi a grande revelação dessa Copa. Venceu a Alemanha Ocidental por 8 a 3 na primeira fase, pelo talento do grande jogador Puskas. Mas, ao reencontrar a Alemanha na fase final, perdeu por 3 a 2.

Campeão: Alemanha Oc., **Vice-Campeão:** Hungria, **Brasil:** 6º. lugar, **França:** não participou.



1958 – SUÉCIA

O Brasil foi pela primeira vez campeão. Com uma seleção de “deuses” como Pelé (17 anos na época), Garrincha e Vavá, fez muitos gols: 5 a 2 em partida contra a França e mais uma vez 5 a 2, na partida final contra a Suécia. O artilheiro da França, Juste Fontaine marcou 13 gols e até hoje seu record não foi superado em uma Copa do Mundo.

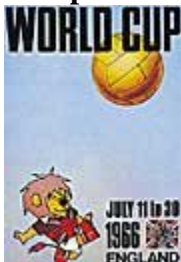
Campeão: Brasil, **Vice-Campeão:** Suécia, **França:** 3º. lugar



1962 – CHILE

Uma contusão tirou Pelé do Mundial, ainda na segunda partida, mas o talento de Garrincha garantiu o bicampeonato da seleção brasileira. O Brasil venceu por 3 a 0 o jogo final contra a Tchecoslováquia.

Campeão: Brasil, **Vice-Campeão:** Tchecoslováquia, **França:** não participou



1966 – INGLATERRA

Os inventores do futebol organizaram essa Copa e queriam conquistá-la de toda a forma. Um erro da arbitragem, concedendo um gol quando a bola não havia entrado, colaborou com essa conquista, mesmo a Inglaterra tendo feito mais um gol contra a Alemanha, vencendo por 4 a 2. **Campeão:** Inglaterra, **Vice-Campeão:** Alemanha Oc. **Brasil:** 11º. lugar, **França:** Fase inicial.



1970 – MÉXICO

Os bicampeões, Brasil e Itália encontraram-se na final. O Brasil venceu por 4 a 1. Os mexicanos eliminados pelo Uruguai, adotaram o Brasil, idolatrando os grandes jogadores dessa seleção: Tostão, Pelé e Rivelino. O clima de ufanismo levantado por campanhas do governo militar, consagra seus heróis brasileiros.

Campeão: Brasil, **Vice-Campeã:** Itália, **França:** não participou



1974 – ALEMANHA

Esquema criado pelo técnico holandês, o “carrossel” faz história, mas sua seleção perde, por 2 a 1, o título mundial para o país anfitrião. Revelação: jogador Beckenbauer da Alemanha.

Campeã: Alemanha, **Vice-Campeã:** Holanda, **Brasil:** 4º. lugar, **França:** não participou



1978 – ARGENTINA

Erros de arbitragem e uma goleada da Argentina contra o Peru (precisava vencer por 4 gols de diferença e venceu o Peru por 6 a 0), lançam dúvidas sobre o brilho do primeiro título argentino. Maradona, com 17 anos, não foi escalado. O Brasil, mais apagado, ficou em 3º.

Campeã: Argentina, **Vice-Campeã:** Holanda, **Brasil:** 3º. lugar, **França:** fase inicial



1982 – ESPANHA

Primeiro mundial com 24 seleções. O atacante Paolo Rossi recuperou o futebol da Itália, levando-a ao título com 6 gols, três dos quais marcados contra o Brasil. A seleção teve um ótimo desempenho na primeira fase, mas não passou das 4as de final. Destaque para o atacante francês Michel Platini.

Campeã: Itália, **Vice-campeã:** Alemanha Oc., **Brasil:** 5º. lugar, **França:** 4º. lugar



1986 - MÉXICO

O atacante argentino Diego Maradona foi o grande destaque desse Mundial e, sozinho, (mesmo tendo feito gol até com a mão) levou a seleção argentina ao bicampeonato, disputado contra a Alemanha. A França eliminou o Brasil nas 4as. de final.

Campeã: Argentina, **Vice-Campeã:** Alemanha Oc. **Brasil:** 5º. lugar, **França:** 3º. lugar



1990 - ITÁLIA

Depois de dois vice-campeonatos seguidos, a Alemanha de Beckenbauer e Matthaus fez a sua revanche, ganhando da Argentina e conquistando o tricampeonato. O Brasil foi eliminado nas 8as. de final pela Argentina.

Campeã: Alemanha Oc. **Vice-Campeã:** Argentina, **Brasil:** 9º. lugar, **França:** não participou



1994 – ESTADOS UNIDOS

Apostando em um esquema bem defensivo, o time de Parreira concede o título inédito para um país em Copas do Mundo: o tetracampeonato do Brasil. O último jogo, contra a Itália, ficou em 0 a 0 e o campeonato foi decidido por pênaltis.

Campeão: Brasil, **Vice-Campeã:** Itália, **França:** Não participou



1998 – França

Campeã: França, **Vice-Campeão:** Brasil

Depois de 60 anos, a França mais uma vez, sediou a Copa. Para isso, preparou-se de todas as formas, construindo, inclusive, um estádio ultra-moderno na região de Paris, o Stade de France. Com uma campanha bem estruturada, foi a equipe que exibiu a melhor defesa e o melhor ataque de todos os mundiais. Venceu o Brasil, na final que sempre sonhou, por 3 a 0. Revelação: o time da Croácia e seu atacante Suker. Foi a primeira vez em que 32 países participaram de uma Copa.

Capítulo 3:

Os primórdios do rádio e da televisão na propagação do futebol

*"Genuíno – aquele excêntrico jogador de Sete Lagoas que veio para o Madureira e, depois para o Vasco da Gama – tinha horror de falar pelo rádio. O locutor-volante entrou em campo, no intervalo:- Rádio Mayrink Veiga...
 Genuíno, como é que foi seu gol?
 - Ocê não viu como foi?
 - Vi, mas eu gostaria que você mesmo descrevesse.
 - Não vou falar, não: eu ganho pra fazer o gol e ocê pra contar pros outros como foi que eu fiz o gol"*
Armando Nogueira, Bola na rede

"Ontem eu falei dos espíques de rádio, autores do nosso massacre nacional. Ainda agora a nação está com os nervos em pandarecos, graças aos bárbaros do microfone. Mas eu lhes digo: - bendita a angústia que os locutores atearam no Brasil!"

Nelson Rodrigues, após a vitória do Brasil, na Copa do Chile, À sombra das chuteiras imortais

Não há a menor dúvida de que os meios de comunicação em massa foram os grandes responsáveis pelo impulso do futebol por todo o mundo. Foi com o advento do rádio, que a relação do futebol com o público se tornou bastante próxima. Segundo revelam Cazenave e Ulmann-Mauriat (1994:90), as primeiras transmissões de rádio-difusão, na França, destinadas ao público, aconteceram em 1921, um ano depois das transmissões nos Estados Unidos. No Brasil, conforme Araújo (2001:95), o discurso do Presidente Epitácio Pessoa, feito no dia 7 de setembro de 1922, por ocasião do centenário da Independência, é considerado a primeira transmissão radiofônica.

O rádio, com o tempo, foi se tornando cada vez mais íntimo ao ouvinte. Diminuindo de tamanho, passou a ser um amigo inseparável, sendo carregado por todos os lados. Bretsch demonstra a relação afetiva com essa "caixa falante" num poema, divulgado no site da Radio-France⁸, em francês:

*"Petite boîte que j'ai serrée contre moi dans ma fuite
 transportée de maison en bateau et de bateau en train
 pour que mes ennemis puissent continuer
 jusqu'au seuil de la nuit et dès mon réveil de me parler
 de leur victoire et de mes misères
 promets-moi de ne pas devenir muette tout d'un coup."*

⁸ RADIO-FRANCE <http://www.radio-france.fr/chaines/radio-france/musee/radio7.php>

Por volta dos anos 30, aconteceram as primeiras transmissões de futebol pelo rádio, tanto no Brasil quanto na França. Marcel Rossini transmitia para a Rádio Paris em ondas longas e Jean Antoine e Alex Viroth para a Radio-Cité⁹. Aos poucos, essas transmissões foram tornando o futebol cada vez mais popular.

No Brasil, a primeira transmissão de uma partida completa ocorreu a 19 de junho de 1931. O jogo entre as seleções de São Paulo e do Paraná foi transmitido por Nicolau Tuma, para a Rádio Educadora Paulista (depois Gazeta), diretamente do campo da Chácara da Floresta. Nessa época, não havia comentarista ou repórter de campo. Também não havia comerciais durante o jogo. Nada dava uma chance do locutor respirar. Tuma falava sem parar, passando a ser conhecido como o *Speaker Metralhadora* (Ortriwano, 1998b:10).

Na sua intuição, Tuma começou a fazer o que os locutores fazem hoje em dia. Em primeiro lugar, situou o ambiente onde estava, especificando a platéia, os times, tudo o que via. Na sua percepção, nessa primeira experiência radiofônica, já criava “imagens mentais”. Dialogando diretamente com seus ouvintes, solicitou que estes visualizassem uma “caixa de fósforos” através da qual ele se comunicava. Esse foi o primeiro jogo transmitido por rádio, onde a conexão com o ouvinte se fazia bastante intensa. Tuma ainda não usava o gol prolongado, como muitos brasileiros fazem, copiando, sem saber, o estilo de Rebello Júnior, (locutor da década de 40), e também não contava com os recursos sonoplásticos para a comemoração do mesmo. No entanto, transmitia as partidas com bastante vigor.

Não havia cabine de imprensa nos estádios. Muitas vezes, era necessário que o locutor de uma emissora subisse em terraços ou sacadas de prédios vizinhos para irradiar os jogos, mesmo à revelia dos clubes. E Ortriwano (op.cit:8:9) conta que eram muito bem recebidos por moradores, que cediam não apenas sua linha telefônica para o contato da voz do locutor com a emissora, mas também café, bolos e biscoitos caseiros, a esses queridos radialistas que transmitiam, com vibração, as partidas de futebol.

Um dos “speakers” pioneiros no Brasil é Ary Barroso, conhecido como o *Speaker da Gaitinha*. Como não havia um espaço adequado para transmitir o jogo, ele se sentava na arquibancada junto com o público. Na hora do gol, o barulho era muito grande e, para

⁹ Cf. Documento do Ministère des Affaires Étrangères da França
<http://www.france.diplomatie.fr/culture/france/biblio/folio/foot/foot22.html>

identificar esse momento eufórico no futebol, ele passou a tocar uma gaitinha, o que se tornou sua ‘marca registrada’. Pode-se dizer que essa “gaitinha” é a precursora das tão conhecidas vinhetas do rádio ou da televisão quando um gol é marcado.

Em 1938, na Copa da França que consagrou Leônidas, o “Diamante Negro”, foi possível transmitir as partidas diretamente para o Brasil. O realizador desse feito foi Gagliano Neto. As irradiações ainda eram bastante precárias, com muitos ruídos, mas os torcedores, no Brasil, puderam vibrar com os passes mágicos de uma equipe que se destacava cada vez mais, como a equipe do Brasil. O documento sobre futebol, do “Ministère des Affaires Étrangères”, citado anteriormente, traz a informação de que, em 1934, na Copa da Itália, 12 dos 16 países participantes concordaram em pagar 10.000 libras para transmitir os jogos diretamente. Com isso, jornalistas do rádio e jornal, passaram a ser enviados aos países que sediavam a Copa para transmitirem os jogos.

Em 1930, apenas um jornalista foi enviado da França para o Uruguai. Em 1938, 24 jornalistas acompanharam a equipe Sueca. Um recorde. Em 1950, no Brasil, 20 jornalistas de rádio transmitiram o jogo para 15 nações diferentes. Esses jornalistas-locutores de futebol ficavam, de início, perto da linha lateral do campo, mas, para não atrapalhar o jogo, passaram a ocupar outro lugar, uma cabine especial para a imprensa de onde se tinha uma visão panorâmica do estádio.

O estilo, cheio de vivacidade, do locutor brasileiro, ao narrar jogos de futebol, passou logo a ser identificado. Muylaerte (1994:141-143)¹⁰, presente na Copa da Suíça em 1954, observou o ar de espanto de suíços ao ouvirem um locutor do Brasil. Assim ele relata:

“Naqueles dias os suíços descobriram uma coisa muito mais interessante que o próprio jogo. Vi-os, à minha volta, voltados inteiramente para trás, com ar de espanto, vendo e ouvindo o extraordinário desempenho dos locutores brasileiros, inédito para eles. A transmissão era feita em cabines sem vidro e aquele estranho som reverberava pelas arquibancadas. Teve suíço que passou metade do jogo olhando com ar apavorado para trás e para cima, vendo aquele espetáculo único, aquela desenvoltura verbal ininteligível, inimaginável e inigualável. Pena que só dois gols foram narrados pelos nossos locutores naquele empate, para deleite do público ouvinte de boca aberta e queixo caído”.

Em outra ocasião, foi ele que “se admirou” da transmissão dos suíços:

¹⁰ In, NOGUEIRA, A. SOARES, J. & MUYLAERT, R. (1994) *A copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar*.

“Para entender como é tranqüila a transmissão de um jogo de Copa pela TV suíça, cito outra final de Copa do Mundo, a de 82, entre Itália e Alemanha, que assisti em Montreux, na Suíça: no intervalo do jogo, não há comentários, nem “melhores momentos”. A câmera fica estática no meio do campo vazio e o som é de uma sinfonia de Mozart”.

Na França, segundo Cazenave e Ulmann-Mauriat (op.cit), as primeiras experiências televisivas começaram a ser testadas no começo dos anos 30, pelo engenheiro René Barthélemy. Em 1936, uma televisão ainda bastante rudimentar começou a funcionar sob responsabilidade da “Radiodiffusion Française” (RDF), que detinha o monopólio das transmissões. A França possuía, na época, cerca de 300 aparelhos receptores. Aos poucos, a tecnologia foi se aprimorando e os televisores passaram a ser mais acessíveis ao público. Em 1954, havia 126.000 aparelhos de televisão na França, o que representava 13% da população francesa. Mas o governo utilizava a televisão como um instrumento de poder. Com a abertura política na França, a expansão dos meios de comunicação e a democratização da informação, os canais de TV passaram a ser privatizados e outros canais, incorporados. Em 1965, contavam-se 6,3 milhões de televisores por toda a França. Hoje, há vários canais de televisão na França, dentre os quais, a TF1, maior rede de televisão da França (privatizada em 1984), France 2 e France 3, estatais, agrupadas sob uma mesma direção, o Canal Plus, televisão paga, mas bastante popular, a TV ARTE (antiga TV Cinq), a TV6 e a M6, televisão musical.

No Brasil, a televisão chegou por obra do paraibano Francisco de Assis Chateaubriand. Sua ousadia e espírito empreendedor, levaram-no a criar a TV TUPI, em São Paulo. Moraes (1994), biógrafo de “Chatô”, conta que ele chamava a televisão de “o mais subversivo instrumento de comunicação do século”. Para inaugurar, no Brasil, esse “subversivo instrumento”, ele importou 100 aparelhos de televisão dos Estados Unidos, distribuindo-os entre anunciantes potenciais e as maiores lojas de São Paulo. Em 18 de setembro de 1950, inaugurou a TV Tupi, o primeiro canal de TV da América Latina. O dinheiro investido não retornou, mas mesmo assim, ele não desanimou e, no ano seguinte, inaugurou a TV Tupi do Rio. Para concorrer com a Tupi de São Paulo, surgiu a Record, em 1953. Depois disso, muitos canais de televisão foram inaugurados. Em São Paulo, a Bandeirantes foi criada no início dos anos 60. No Rio, em 1965, surgiu a Globo, maior Rede de Televisão do Brasil e da América Latina nos dias atuais. Na época, havia, no país, um pouco mais de 600 mil aparelhos de TV. Nos Estados Unidos, esse número era algo em torno de 50 milhões.

Em 1969, foi criada a TV Cultura, televisão estatal de São Paulo, sobretudo educativa. Nos anos 80, surgiram outros canais, concorrendo principalmente com a Globo: O Sistema Brasileiro de Televisão e a Rede Manchete (comprada, em 1999 pela Rede TV!).

A primeira vez que uma Copa do Mundo foi transmitida pela televisão, via satélite, para o Brasil e outros países mais distantes, foi no México, em 1970. Duarte (1998:XVII) conta que nos Mundiais de 62 e de 66, a televisão já esteve presente, mas de forma limitada. Na França, segundo consta, desde 1936 os jogos poderiam ser televisionados. No entanto, apenas no Mundial de 1954, é que os primeiros telespectadores puderam “saborear, ao vivo” as imagens de oito jogos. As pessoas se amontoavam na avenida do Champs-Élysées para poder ver a imagem transmitida por alguns aparelhos lá instalados.

Hoje, a televisão transformou o futebol, em um verdadeiro “espetáculo”. Replays, imagens em câmera lenta, históricos, documentários sobre outros jogos, estatísticas, gráficos, tudo isso atrai o amante do futebol. Mas, conforme Mendes (1999) afirma, o rádio não morreu e a “encenação” do locutor de rádio, ao transmitir uma partida, continua sendo também um “espetáculo”. Ele mexe com as emoções do torcedor de tal forma que muitos preferem ver a imagem da TV e ouvir o som do rádio.

Derèze (2000:40-42) observa que a TV passou a exercer uma outra função em relação a eventos esportivos como o futebol. Ela não apenas transmite o jogo, mas seu poder de sedução é tão grande, que passou a “controlar”, direta ou indiretamente, muitas das competições, “escolhendo” o que mostrar e de que ângulo. O mais poderoso meio de comunicação, diz o autor, dá uma nova dimensão ao futebol e a tudo o que a ele se refere. Ela “segue” e “cria” heróis do esporte, fazendo o futebol existir cada vez mais intensamente no dia a dia dos espectadores. Os locutores esportivos submetem-se à imagem e têm uma função especial na TV: eles unem, pela imagem e pelo som, todo um país, ao transmitirem um feito esportivo de alguém ou de uma equipe nacional.

Pelo rádio, ou pela televisão, o futebol é sempre vivenciado pela fala do locutor. O rádio reelabora o jogo, transformando-o em imagens para o ouvinte. A televisão, apesar da imagem, também transforma o evento narrado, dando voz aos gestos dos jogadores.

Se não fossem o progresso tecnológico e o avanço da comunicação, com certeza, as Copas do Mundo não seriam tão efervescentes como são hoje em dia.

Segunda Parte:

Materiais e Método

Capítulo 4

Pressupostos e objetivos do trabalho

“C’est en explorant un monde par essence équivoque que l’on a chance d’atteindre la vérité. La connaissance n’est pas inachevée parce que l’omniscience nous manque, mais parce que la richesse des significations est inscrite dans l’objet”.

Aron, R. *L’opium des intellectuels*

1) PRESSUPOSTOS

1.a) Delimitação do tema e do problema

Academicamente, o assunto “futebol” tem sido discutido e abordado de diversas formas, sobretudo sob pontos de vista sócio-cultural, antropológico e esportivo¹. Do ponto de vista sócio-lingüístico-discursivo, no entanto, há bem menos trabalhos publicados². A exploração lingüística desse tema, tão arraigado em sua natureza social, cultural e mediática, foi um dos primeiros desafios que me levou a querer estudar, com mais profundidade, um assunto que se tornava cada vez mais instigante.

Desde que comecei a lecionar francês, especialmente lingüística do francês, na Universidade, passei a ter um interesse muito maior pelos aspectos sócio-lingüístico-culturais em conversações entre falantes de dois idiomas diferentes. E, ao assistir a muitos dos jogos das Olimpíadas de Atlanta, nos Estados Unidos, em 1996, o tema “narração esportiva” chamou-me a atenção.

Ao acompanhar as competições esportivas, comecei a perceber mais detalhadamente como os locutores brasileiros, na televisão, intercambiavam uma linguagem técnica, em que se descreviam objetivamente as ações e as regras dos jogos, com uma linguagem de cunho emotivo, em que o locutor dava vazão a um estilo específico de narrador, utilizando uma entonação bastante expressiva, metáforas e muitas outras figuras de linguagem.

¹ Na USP, constam 12 títulos de tese sobre o assunto “futebol”, na Unicamp, 90. A ênfase sempre recai nos aspectos sociais, culturais, físicos, esportivos e administrativos do esporte.

² No Brasil, em nível acadêmico, segundo consta, existem quatro pesquisas: a dissertação de mestrado de Rocha Filho e sua tese de doutoramento (1989 e 1997, UNICAMP), a dissertação de Simone Ribeiro (1998, UERJ) e a de Mércia R.B. Santana (2000, UFPE).

O papel de narrador esportivo muitas vezes se confundia com o papel de torcedor brasileiro³ e, com isso, seu discurso sofria os mais diversos tipos de modalização. Ao narrar, seu estilo oscilava entre a objetividade e a subjetividade e o locutor, constantemente, dirigia-se a seus interlocutores “reais” (como comentaristas da emissora e repórteres na quadra ou no campo) ou “virtuais” (como os jogadores em cena e os próprios telespectadores em casa).

A narração de esportes, sobretudo a futebolística em que os locutores mais trabalham em sua criatividade e estilo, traz em si inúmeros elementos que aguçam o interesse no estudo e análise desse tipo de discurso.

Sendo professora de francês e pelo fato de que a Copa do Mundo de Futebol seria realizada, em 1998, na França, passei a me interessar por uma pesquisa, em nível de doutorado, que tivesse como objeto principal a narração de locutores franceses e brasileiros.

A tradição do Brasil no futebol, aliada ao destaque e à euforia da França em hospedar o Mundial que seria transmitido para todo o planeta, com a melhor tecnologia de todas as Copas, atrairia, sem dúvida, a atenção do mundo inteiro aos jogos desses dois países. E, durante os jogos, o foco das atenções não estaria apenas sobre os atletas e sua atuação mas, certamente, também sobre coadjuvantes que, embora invisíveis, atuam para dar fôlego à partida, acompanhada à distância, por milhões de pessoas. Tais coadjuvantes desse grandioso espetáculo, a **Copa do Mundo**, são os locutores escalados pelas emissoras de rádio e televisão.

Assim que os grupos compostos pelos 32 países participantes foram sorteados para determinação das ‘chaves’, percebi que o Brasil e a França, por estarem em chaves diferentes, só poderiam encontrar-se em campo nas semi-finais. Desde que me interessei por pesquisar o discurso dos locutores nessa Copa, desejei que os dois países disputassem um mesmo jogo, pois a atuação dos locutores, ao narrarem simultaneamente os mesmos lances, seria muito significativa para que fossem observadas as escolhas lexicais, sintáticas e prosódicas dos profissionais em questão.

Tais escolhas, ao revelarem a marca do narrador, revelariam também aspectos sócio-afetivos de uma peleja “clássica”, em que os adversários de tal batalha arrasadora (pois um

³ Principalmente tratando-se de Jogos Olímpicos, quando toda a nação “torce”.

deles, a essa altura, seria inevitavelmente eliminado) eram nada mais, nada menos, do que **a seleção campeã e favorita do mundo e a seleção que jogava em casa**. E foi exatamente no jogo mais importante da Copa, a final decisiva do Mundial, que Brasil e França se enfrentaram.

Entre todos os esportes, o futebol é de longe o mais praticado, tanto por brasileiros quanto por franceses⁴, no entanto, pelo conhecido desempenho dos jogadores brasileiros e pela dimensão de nosso país, o futebol no Brasil tem mais adeptos, torcedores e profissionais a ele relacionados do que na França⁵. Atualmente, por ter vencido a Copa do Mundo em 1998 e a Eurocopa em 2000, o futebol francês tem crescido muito em todos os aspectos⁶. Entre os profissionais desse esporte, o locutor futebolístico é elemento essencial para sua difusão.

O esporte é permeado de lances rápidos e o locutor, que acompanha a disputa com sua fala, persegue a bola no mesmo ritmo dos jogadores, procurando transmitir o jogo de forma a adequar suas palavras, da melhor maneira possível, aos seus ouvintes. E, por falar em palavras, mesmo que a narração de uma partida de futebol seja muitas vezes redundante, por causa da repetição dos movimentos em campo, as expressões do locutor, por mais banais que sejam, dão vida ao futebol e, no Brasil, muitas delas saem do rádio ou da tela e se fazem presentes nas interações mais corriqueiras de um falante⁷.

A narração futebolística, seja no rádio ou na televisão, requer conhecimento do assunto, técnica e preparo⁸. Em um nível situacional, é fundamental conhecer muito bem as regras do esporte, a atuação precedente dos atores (jogadores, juiz e treinadores dos times), a

⁴ Recentemente na França, conversando com franceses, percebi que o futebol é definitivamente o seu esporte preferido. De fato, Courtillon e Sallins (1995), ao relatarem sobre esportes na França, indicam pesquisa com as estimativas: 45% dos jovens franceses praticam futebol, 31% a natação, 27% a corrida e a a ginástica, 21% o tênis.

⁵ Recuperando os dados do capítulo 1, segundo a CBF do Brasil e a FFF da França, existem, no Brasil, 11.000 jogadores federados e, na França, 800.

⁶ Segundo o que se ouve e lê na mídia, hoje em dia, os “Bleus” tornaram-se uma das equipes favoritas para vencer o mundial do Japão e da Coreia.

⁷ Só para citar algumas dessas expressões, inúmeras vezes dizemos que “vamos tirar o time de campo” ao abandonarmos uma atividade ou que “fulano pisou na bola” quando fez algo errado ou “embolou o meio de campo” se a situação está confusa, etc.

⁸ Cf. Derèze (2000:27) insiste: “a função do locutor esportivo não se limita a animar um jogo berrando como um maluco: pesquisa e seleção de informação, bem como sua edição e hierarquia, são regras de base observadas pela maior parte dos locutores-jornalistas esportivos”.

importância dos clubes e a relevância do jogo em questão. Em um nível lingüístico, a produção do locutor expressará o seu conhecimento do nível situacional e a forma de atingir o ouvinte e interagir com ele, por meio de escolhas discursivas e da tonalidade de sua voz.

O futebol faz parte de nossa cultura e é um dos nossos orgulhos nacionais. E, segundo o que Mendes (1999) bem nota, o locutor do rádio “visa, claramente, criar um grande espetáculo. Mexer com as emoções do torcedor. Transformar o jogo de futebol num jogo de emoções”. Mas, o que dizer da narração francesa, especialmente no momento em que o esporte “explode” por todo o país? Seria igualmente emotiva, teria a mesma intensidade?

Várias vezes (antes, durante e após a Copa), ouvi dizer que o locutor brasileiro, no geral, era diferente do francês, mas nunca se explicitou exatamente em que aspectos eram diferentes (ou iguais).

Uma dessas ocasiões aconteceu em maio de 1998, em um debate entre alguns locutores de futebol, realizado na PUC de São Paulo⁹, quando pude perguntar diretamente ao locutor Oscar Ulisses quais as diferenças entre o locutor brasileiro e o francês. Na sua opinião, o locutor brasileiro é mais apaixonado pelo futebol, por isso vibra mais, “passa mais emoção” para o ouvinte. Ele também afirma que essa é uma exigência do torcedor brasileiro. E me pergunto: como se realiza, lingüisticamente, essa “vibração”?

Daniel Greder, professor de artes em Lyon, ex-jogador de futebol e ambicioso torcedor francês, disse-me que, apesar de ser apaixonado pelo futebol, ele, como a maioria dos franceses, prefere uma narração mais técnica, mais objetiva. No entanto, revelou-me que há alguns locutores que “imitam” os brasileiros. Em que consiste essa “imitação”?

Thierry Roland, o maior locutor esportivo da França, em entrevista¹⁰ que me concedeu em janeiro de 2000 em Paris, afirmou que os brasileiros narram bem mais rapidamente do que os franceses. A que se isso deve?

⁹ Debate organizado pela Faculdade de Fonoaudiologia da PUC-SP, com os seguintes locutores esportivos: José Silvério (Na época, da Rádio Jovem Pan); Sílvio Luís (SBT) e Oscar Ulisses (Rádio Globo e SBT). A sinopse do mesmo encontra-se ao final deste capítulo.

¹⁰ A entrevista está traduzida para o português ao final deste capítulo.

Durante os jogos da Copa, lembro-me que um comentarista brasileiro na televisão, observou, em um dos jogos da França, que o “locutor francês parecia brasileiro ao narrar um gol de seu país”. O que exatamente ele quis dizer com isso? Em que foi “mais emotivo”? E como expressou sua emoção? Gritou? Falou mais rápido? Foi mais criativo? Qual é, afinal, a forma dessa emoção?

Urbano (1997) trata da “expressividade” da fala ao analisar os recursos expressivos em uma conversação entre duas falantes cultas de São Paulo. Para dar conta dessa questão, o autor observou paralelismos rítmicos, silabações, acentos tônicos, curvas entonacionais, repetições, pausas e mesmo figuras de linguagem empregadas pelas interlocutoras.

De fato, os recursos expressivos da língua falada podem ser muito variáveis e marcados não só pelo tipo de interação e objetivos do locutor, mas também pelo fator cultural¹¹.

Quando se utiliza a língua para narrar o jogo de futebol, transparecem, ainda, marcas emotivas individuais no discurso do locutor e relevantes marcas *intrínsecas* a um fazer cultural. Segundo afirmam Scollon e Scollon (1996:162), há muitas características culturais que influenciam o discurso e as diferenças culturais dos participantes de um discurso podem ser claramente identificadas, pois suas crenças e concepções irão emergir no processo interacional.

Gumperz (1989:18-19) argumenta que a realização de tarefas comunicativas, embora considerada teoricamente universal, é variável segundo o ponto de vista cultural. Tal variação pode ser analisada a partir de diferentes perspectivas das práticas reais, a saber: os pressupostos culturais distintos sobre a situação, sobre o comportamento apropriado e sobre as intenções associadas a esse comportamento; as diversas maneiras de estruturar uma informação ou um argumento numa conversação; e, por fim, as várias formas de falar, como a utilização de um conjunto de diferentes convenções lingüísticas (por exemplo, o tom da voz) para acentuar, assinalar as conexões lógicas e indicar o alcance das significações das palavras e das atitudes gerais.

¹¹ Cf. partes 2 e 3 do capítulo 7.

O “fazer” lingüístico-cultural está inerentemente associado às representações sociais, e isso nos conduz à “alquimia da representação” de Pierre Bourdieu (1982:101). Essa “alquimia”, ele explica, é o mistério de uma “magia performativa” através da qual atribui-se autoridade a um representante do grupo, o “porta-voz”, dotado de poder para falar e agir em nome do grupo, de encarná-lo, identificar-se com ele de tal forma, que acaba possuindo o mesmo “corpo e alma” dos demais. O locutor de futebol não seria um “porta-voz” de seu país e de sua cultura? Por mais individualidade que um falante tenha, sua forma de agir e falar revelam, denunciam sua origem.

O locutor de futebol é um representante de seu povo. E várias marcas em seu discurso vão trazer à tona as características desse povo, ainda mais que, em se tratando de futebol, um esporte tão popular, o locutor se aproxima de seu ouvinte. Como indica Gérard Derèze (2000:23), o locutor esportivo passa empiricamente, ao seu público, o prazer, a emoção, os desvios, a participação. Ele é “um deles” e, por isso, compreende-os, “fala sua língua”. O sentimento de “pertencer”, de “identificar-se” com um grupo é experimentado pelo ouvinte e pelo locutor no momento em que este transmite o jogo. Derèze expõe que o discurso do locutor dá a “forma da comunidade e cria as condições da emergência de um sentimento de pertencer a ela”.

Resta-nos saber: nessa interação mediática, em que há grande identificação entre as partes, quais são as marcas lingüísticas, mais definidas, de um locutor de futebol brasileiro e quais são as de um locutor francês? Como se realizam seus discursos ao narrarem um evento que une todo um povo, integra toda uma nação?

Suas vozes *recriam a imagem de um evento* para o ouvinte do rádio ou para o telespectador da TV. Na Copa do Mundo, essa *imagem* é ligada à emoção de se pertencer a um país e por ele torcer. As vozes dos locutores de futebol representam uma bandeira cujas cores serão também as cores de seu discurso. E é por isso que pergunto: quais são as “cores” do discurso de locutores franceses e quais são as cores do discurso de locutores brasileiros? No que se assemelham e no que diferem entre si?

É a partir desse questionamento que introduzo o objeto desta pesquisa que tem por base as vozes audíveis de muitos locutores - e muitas vezes, as inaudíveis deles e de seus interlocutores - quando, em coro, narram uma mesma paixão: o futebol.

1.b) Justificativa

O futebol é um esporte que seduz. Basta verificarmos a intensa atividade em torno de competições ‘ininterruptas’ por todo o planeta. Nações inteiras se mobilizam para organizar eventos internos e para participar de eventos externos. Na América Latina, como na Europa, na África (e em crescente expansão na Ásia) esse esporte constitui, de fato, uma grande paixão da massa popular.

Nos dizeres de Bromberger (1985:11), o futebol é um “poderoso revelador da sociedade”, ele expõe os sentimentos, valoriza o indivíduo e o trabalho em equipe. Sua importância e impacto na sociedade tem suscitado muitos livros e milhares de páginas na Internet. Com tanta popularidade, o discurso tão peculiar do locutor esportivo, seu principal agente propagador, merece, sem dúvida, ser estudado.

Uma investigação científica sobre a comparação da narração de futebol entre locutores do Brasil e da França trará muitas contribuições para diversas áreas de estudo, ensino e pesquisa:

➔ Contribui com a própria Análise do Discurso, na medida em que focaliza o discurso oral do profissional “locutor esportivo de futebol”, numa área onde a pesquisa é escassa. A análise do discurso de locutores de futebol trará à tona tipologias discursivas, formas de pensar e de agir através da língua, comportamentos lingüísticos na mídia, aspectos da língua falada espontaneamente em situações esportivas, etc. Tudo isso é importante para o reconhecimento de características intrínsecas de aspectos sócio-lingüísticos e culturais. Nesse sentido, estudos semióticos e sociais poderão também ser beneficiados.

➔ Contribui com o ensino e a aprendizagem de línguas, tanto do português quanto do francês (ou, comparativamente, com outras línguas). O estudo de uma língua, seja ela materna ou estrangeira, não poderá jamais ser desvinculado da cultura onde ela se insere. O estudo do discurso do narrador de esportes trará um novo panorama para o estudante que se

inteira de aspectos lingüísticos e culturais do idioma estrangeiro, bem como de seu próprio idioma¹². O professor também poderá utilizar o material levantado nessa pesquisa para aplicá-lo em suas aulas, de forma a fazer o aluno compreender mecanismos e usos da língua, a partir de uma situação esportiva. Os resultados dessa pesquisa, além de aproveitados para o ensino *geral* de ambas as línguas, serão muito úteis para o ensino do francês ou do português para *fins específicos*. E, dentro de uma esfera de “formação de profissionais em língua francesa ou portuguesa no meio acadêmico”, beneficiará disciplinas relacionadas à cultura, à lingüística do francês ou do português, à tradução, à didática, entre outras.

➔ Finalmente, uma pesquisa sobre a narração locutiva de futebol colabora com outros campos científicos e linhas de pesquisa em um âmbito muitas vezes ignorado pelo próprio pesquisador. Entre as áreas do conhecimento, relacionadas à linguagem, tal pesquisa pode trazer subsídios à Ciência da Comunicação, à Psicolingüística, à Fonoaudiologia, à Etnometodologia, à Antropologia, à Psicologia Social e à Sociologia, ao Jornalismo, concorrendo para uma tendência, no meio acadêmico, de rompimento com a excessiva departamentalização do conhecimento. Também não se pode deixar de mencionar o subsídio ao próprio locutor futebolístico, enquanto profissional desse estilo específico de narração. Ele mesmo poderá considerar sua atividade, no sentido de aproveitar, de algum modo, os dados obtidos.

São essas, de forma geral, as frentes que poderão ser beneficiadas com tal pesquisa e, após a conclusão da mesma, ainda poderão ser indicados novos tipos de contribuição às áreas apontadas.

1.c) Hipóteses

Os jogos da Copa do Mundo de Futebol sempre são um dos acontecimentos de maior destaque do ano para o Brasil, pois envolvem toda a nação, independentemente de raça, sexo, partido político, religião... Fato semelhante aconteceu com a França, na última Copa, segundo o que a mídia nos transmitiu, tão enfaticamente, em reportagens pela televisão, em jornais e em sites de notícias na Internet.

¹² Goëthe uma vez disse que “aquele que não conhece uma língua estrangeira, não conhece a sua própria língua”.

Já mencionei algumas das hipóteses em que pretendo basear minha investigação científica. A comparação entre a locução do narrador brasileiro e a do narrador francês nos jogos da última Copa do Mundo subentende a questão: "no que são iguais, no que são diferentes?"

O brasileiro parece ter um estilo diferenciado para fazer narrações. Deborah Tannen (1991:129), ao inquirir sobre a narrativa em falantes brasileiros e americanos, solicitou-lhes que narrassem o conto do Chapeuzinho Vermelho. A autora percebeu que os brasileiros narram com muito mais ação, transformando o conto em um evento singular, por meio de muito diálogo e da criação de muitas particularidades, enquanto os americanos pesquisados usavam menos diálogos e faziam menos improvisos para narrar a mesma história. Segundo a autora, o brasileiro situaria melhor o contexto, especificando o lugar da ação, a hora do dia, o clima.

Foge ao escopo desta pesquisa, mas é possível que esse estilo “inventivo” de narrar (principalmente eventos esportivos como o futebol), esteja relacionado a uma cultura sul-americana. O Jornal “Le monde”, em uma edição especial sobre a Copa do Mundo, do dia 9 de junho de 1998, destacou a narração de um conhecido locutor esportivo colombiano, Edgar Perea. Nessa reportagem¹³, ele revela que o público colombiano demanda uma voz determinada e dons de comediante e argumenta que o grito de gol depende das equipes, dos acontecimentos, do momento. Para esse locutor, é preciso treinar muito, ver as reações do público, encontrar o ritmo e transmitir sempre uma grande alegria. Ele inventou pelo menos 10 tipos diferentes de grito de gol. Em um deles, inspira-se no ritmo da salsa, em outro, prolonga a vogal da palavra, combinando variações sonoras entre o grave e o agudo, em outro ainda, o grito realiza-se em soquinhos. Edgar Perea diz que é necessário muito fôlego para narrar uma partida, pois é preciso estar dentro do jogo, o mais próximo possível da bola e descrever tudo o que acontece.

Rocha Filho (1989 e 1997) acentua a forma criativa dos locutores brasileiros narrarem lances de maior tensão ou, mesmo, o tão esperado gol. Essa forma criativa dá liberdade ao locutor de brincar com a torcida, incitando a expectativa através de palavras e curvas entoativas, repetições de sentenças comuns à fala futebolística, ritmo cadenciado e

¹³ Cf. Da jornalista Anne Proenza, cf. referência bibliográfica

um grito de gol bastante prolongado. Nesse momento de clímax, o locutor compartilha com o ouvinte (ou telespectador) um sentimento de ansiedade que se transforma em alegria.

É fato que o profissional brasileiro dá lugar ao torcedor e com ele vibra quando é marcado um gol. E, depois do gol, há o festejo, expresso abertamente na fala do profissional. A narração dos lances que desencadearam o momento mais importante do jogo se mistura com a descrição da felicidade impulsionada pelos pés de quem marcou o gol. A felicidade é ainda maior quando se trata da seleção brasileira em Copa do Mundo. A vibração é imensa. Muitos brasileiros não se contêm. O país todo se une, em uma febre de brasilidade vista unicamente em Copas do Mundo.

De toda essa *festa brasileira* faz parte o locutor. Ele parece estar dentro da casa dos ouvintes e telespectadores. As palavras dele muitas vezes são repetidas pelos seus ouvintes, como se estivessem dialogando, concordando com tudo aquilo que viram ou ouviram, avaliando, juntos, a arbitragem, a técnica da equipe e, evidentemente, o desempenho do jogador – rapidamente transformado em herói nacional - responsável pelo gol que sempre “lava a alma brasileira”.

Mas esse sentimento de patriotismo não é só do “brasileiro”¹⁴. Em se tratando de competição esportiva, principalmente de futebol, vemos que o mesmo ocorre em outros países. E a França não fez por menos. Ao se consagrar “campeã”, todos os meios de comunicação mostraram a alegria do povo francês nas ruas e gritos que indicavam: Zidane para presidente! Ou Thuram para presidente! Já que a efervescência do momento transformava jogadores-estrela em “reis”, “líderes”, “presidentes”. E, como a jornalista Anne Rapin (1998) comenta, essa vitória fez o que nenhuma campanha eleitoral havia jamais feito: harmonizar todo um país num desejo de união, de coesão e de força.

Se o futebol mexe com os ânimos de toda uma nação, mesmo que este jogo seja “lógico” com regras bastante simples, ele se torna envolvente, dinâmico, vibrante, principalmente em decisões de Copa do Mundo. E, para os ouvidos brasileiros, envolvente, dinâmica e vibrante deve ser também a narração de um locutor futebolístico.

¹⁴ Gritti (1975:6) aponta que o esporte é um espelho exato ou deformador das sociedades contemporâneas e as competições esportivas colocam em jogo energias dramáticas profundamente incrustadas em uma cultura, onde o patriotismo local ou nacional encontram uma válvula de escape bastante eficaz.

O torcedor brasileiro quer a “cumplicidade” do locutor com seu sentimento de alegria ou frustração e reclama se ele não demonstra a devida emoção quando o Brasil faz jogadas marcantes e, principalmente, quando coloca a bola no gol¹⁵. Às vezes, é sabido, o locutor exagera, seja em gritos, metáforas ou pormenores sem fim, mas a “cumplicidade emotiva” faz parte do cenário e da relação entre o locutor e seu ouvinte. O “exagero” do locutor também ocorre na França. Trotel (2000:91) observa que ainda que um jogo de futebol tenha sido banal, o jornalista, na TV, por causa do fator “audiência”, têm a missão de magnificar o evento, fazendo o telespectador acreditar a todo custo que ele “passou momentos agradabilíssimos” na companhia de seu “canal predileto”, e chama de um “lindo espetáculo” um jogo bastante medíocre.

Mas, aprofundando-se na relação ouvinte(telespectador)-locutor durante a narração de futebol, se a mensagem a ser passada pelo rádio ou TV é elaborada para ele (que é, por assim dizer, o “consumidor da mídia”), o que mais lhe agrada? Quais são suas exigências? Se o torcedor brasileiro se satisfaz com uma narração vibrante, de cunho emotivo, com o que se satisfaz o torcedor francês? Ele prefere ouvir do locutor as mesmas linhas entoativas, a mesma criatividade, por fim a mesma “emoção” na fala de quem narra seu esporte favorito?

Pelo contato que venho mantendo com franceses “torcedores de futebol” parece que não... O francês, apesar de também se emocionar com o futebol, prefere uma narração mais técnica, sem muitos floreios, objetiva, sem muitas expressões populares e bastante fiel à realidade¹⁶.

¹⁵ Como o locutor, antes de ser locutor, é brasileiro e, certamente, apaixonado pelo futebol, creio que essa emoção viria à tona sempre que possível. E ele tem que vibrar mais quando o gol é brasileiro... se vibrar da mesma maneira para narrar o gol do time adversário, ou mais, dependendo do gol, muitos torcedores se decepcionarão, crendo em uma possível ‘traição’ do locutor e não em seu profissionalismo futebolístico.

¹⁶ Em conversas sobre o assunto, um deles me disse que o futebol é um esporte muito popular para nele “jorrar as emoções”. O futebol não é literatura, música ou teatro, é apenas um “jogo do povo”, um “entretenimento”. Outro torcedor escreveu-me o seguinte por e-mail (traduzido para o português): “Os franceses são conhecidos por serem nacionalistas, então acho que preferem que os locutores franceses sejam emotivos nos jogos internacionais (principalmente nos gritos), quando a França joga (a Copa do Mundo, por exemplo). Claro que isso não tem nada a ver com os locutores brasileiros que colocam realmente todo seu fôlego em suas narrações; por outro lado, eu não acho que os franceses gostam de expressões populares (é o que não gosto em Thierry Roland). Mas é verdade que nos jogos de campeonato, os locutores se mostram bastante “profissionais”, não mostram muita emoção, pois querem permanecer neutros. P.S.: eu tenho um fato bastante interessante que pode

Aliás, o que para o brasileiro é um “locutor”, para o francês é um “commentateur”. O *locutor* faz a “narração” de futebol, com todos os recursos expressivos da fala ao narrar um evento, e o *comentarista esportivo* o auxilia, acrescentando sua opinião técnica. O francês, por sua vez, não diz que “narra”, diz que “comenta” um jogo. Também o faz em dupla, só que o principal é o “commentateur” e o outro (que para nós seria o “comentarista”) é o “consultant”. Não há, na terminologia esportiva em francês, um “narrateur”. Há “comentarista” e “consultor” e, onde está o “narrador”?

Tanto no Brasil como na França, “narrador” ou “commentateur” são, de certa forma, condicionados pelo torcedor. O brasileiro talvez prefira a “narração” dos fatos do jogo e toda a carga emotiva por ela permitida, enquanto o francês, possivelmente, tenda para o “comentário” e para sua lógica de compreender o jogo.

Mas, o futebol é narração¹⁷. E Derèze (op.cit.:21) sustenta que o futebol (e talvez o esporte, em geral) principalmente nos grandes eventos, encontra-se mediaticamente construído como uma “narração total”, uma “macro-narração” constituída de numerosas “micro-narrações” encadeadas, projetando a “espetacularização total” de um “fato social total”. Essas micro-narrações¹⁸ são as que mais nos interessam para observar os contornos das operações discursivas de locutores franceses e brasileiros onde se vêem o uso de figuras de linguagem, a entonação mais ou menos elevada e as formas de interação com o ouvinte.

A Profa. Ana Lúcia Nogueira, da Faculdade de Fonoaudiologia da PUC-SP, ao abrir o debate ocorrido na PUC em maio de 1998 com locutores futebolísticos, muito apropriadamente ressaltou que a profissão de locutor causa um grande desgaste a esse profissional, pois exige dele uma concentração muito grande e um raciocínio muito rápido durante toda a partida. Ele deve fazer a narração em tempo e ritmo adequados, inserir propagandas durante a sua fala, atender a sinais da produção que lhe assiste, aceitar e fazer cortes, etc. E, nesse contexto, preocupar-se com a mensagem que está passando aos seus ouvintes, realmente, não parece ser tarefa fácil. Há que se ter muito talento e uma grande técnica.

lhe interessar: no dia da famosa final (quando a França ganhou de 3-0!) o comentarista do Canal + não queria comentar o fim do jogo, pois como você mencionou, ele tinha medo de mostrar muitas emoções e se sentia incapaz de comentar, preferindo ficar bastante silencioso”.

¹⁷ Comentaremos sobre o gênero futebolístico no capítulo 8.

¹⁸ Ou “subseqüências narrativas” sobre as quais apoiaremos nosso estudo (cf. cap.8)

Técnica, talento, criatividade, emoção, todos esses ingredientes fazem parte da locução esportiva de futebol, seja no Brasil ou na França, mas deixemos os próprios locutores falarem a respeito.

Termino esse tópico sobre as hipóteses da pesquisa, com uma sinopse do debate com os locutores brasileiros José Silvério, Sílvio Luís e Oscar Ulisses e com a tradução da entrevista que realizei com o locutor francês Thierry Roland.

Súmula do DEBATE realizado na PUC-SP em 14 de maio de 1998

Como a tônica do encontro era a importância da VOZ na locução esportiva e por ter sido promovido pela Faculdade de Fonoaudiologia da PUC, muito se falou sobre a utilização física da voz, mas os próprios locutores, com ou sem a interferência de perguntas da audiência, levadas por escrito à mesa, faziam comentários sobre o sentido e as funções da narração futebolística. Não houve pontos de discordância entre eles, apenas foram ressaltadas características particulares de sua locução. Aqui estão alguns dos aspectos mencionados:

- *Sobre a emoção e técnica para narrar o evento esportivo mais importante do Brasil.*

Os locutores foram unânimes em declarar que ter técnica é muito importante, mas não é o suficiente. É preciso saber transmitir o jogo com a emoção esperada pelo torcedor brasileiro. Eles constataram que existe um equilíbrio, o jogo não é inteiramente emocional, há lances sem importância, muitos são omitidos pelo locutor de televisão, mas jogadas mais arriscadas, em partidas decisivas, merecem ser destacadas.

Segundo exemplos que eles deram, essa emoção é transmitida através de uma prosódia subjetiva (variação de tom, ritmo, intensidade) e pelo uso de diversos tipos de enunciados expressivos, específicos do locutor (como, “pelo amor de meus filhinhos”, “agüenta coração”, “pelas barbas do profeta”, etc.)

- *A interação com os ouvintes*

É muito grande a interação com os ouvintes e os interlocutores. Os interlocutores são os repórteres de campo e os comentaristas, a quem os locutores sempre se dirigem para

analisar os lances e avaliar a partida. Eles dialogam constantemente entre si. Os locutores desejam muito atingir seu ouvinte desconhecido. Eles mesmos se consideram uma ‘extensão’ do ouvinte-torcedor que, à distância, acompanha a partida, por isso usam frases simples, vocabulário acessível, fácil e direto (que é, em geral, pertinente a seu próprio falar). Por causa dessa identificação com o ouvinte, não gostam de “esnobar” para pronunciar um nome difícil de um jogador estrangeiro. Pronunciam como se estivessem falando ou lendo esse nome em português. O importante é o ouvinte se sentir familiarizado e integrado em sua narração.

● *A influência da torcida no campo*

Declararam que a torcida influencia muito o narrador. Principalmente a torcida de grandes times. Se a torcida vibra na arquibancada com os lances no jogo, isso colabora com a vibração do narrador lá na cabine. Muitos torcedores no campo escutam, pelo rádio, a partida narrada pelo locutor. Dessa forma, eles “dialogam” através da vibração. O locutor quer falar aquilo que o ouvinte-torcedor, amante do futebol, quer ouvir.

● *Diferença entre Rádio e TV*

Existe uma diferença marcante entre a narração feita no rádio e na TV, pois na TV o ouvinte torna-se telespectador, ele também vê a partida. Nesse sentido, óbvio é que nem tudo precisa ser narrado. Observou-se que o rádio exige mais técnica, mais rapidez e fluência e a televisão, mais “comunicação”. O narrador deverá saber como preencher os espaços vazios da locução quando não há muita ação em campo. E os improvisos necessários para agradar ao ouvinte vão revelar o ‘comunicador’ que existe dentro do ‘narrador futebolístico’.

● *Diferença entre narrar futebol e outros esportes*

Os três locutores presentes ao debate já participaram de narrações de outros esportes. Disseram que a narração é diferente, pois o público que assiste a esportes como natação, boxe, corrida automobilística, tênis, vôlei também varia muito, contudo, procuram fazê-lo com bastante técnica, despertando a atenção do ouvinte. Foram unânimes, no entanto, ao dizer que narram o futebol com mais “emoção”.

● *Criação de expressões*

As expressões utilizadas pelos diferentes locutores de futebol são, em geral, um grande instrumento para atingir seu interlocutor e conquistá-lo. A criação de expressões que caracterizam um locutor não obedece a uma regra. Tais expressões acontecem espontaneamente e, por caírem no gosto popular, passam a ser usadas em diversos contextos e não apenas no futebol.

À guisa de conclusão, segundo a opinião dos locutores, a narração de uma partida de futebol deve ser como o público gosta de ouvir. Querem que o público se identifique com eles e com seu estilo de narrar. Se o brasileiro é apaixonado pelo futebol, é impossível não transmitir emoção. É preciso animar o público de diferentes maneiras, até quando isso parece impossível.

E para o locutor francês? Como ele assimila e transmite os momentos mais tensos no futebol? Como se comunica com seu ouvinte-telespectador? Se o locutor esportivo, ao contrário de outros profissionais da mídia, é uma “extensão do público” também na França, e se o seu público é mais crítico (preferindo mais razão e menos emoção), como será essa narração?

Algumas dessas questões foram abordadas na entrevista que realizei com o conhecido locutor de futebol Thierry Roland, em janeiro de 2000, em seu apartamento, em Paris. A entrevista encontra-se traduzida adiante.

Percebem-se similaridades, com relação aos locutores brasileiros, no que se refere à diferença entre a locução no rádio e na TV (pela rapidez da fala no rádio e o “dom de comediante” na TV) e a importância do “contato” com o público (apesar de Roland, observar que “não é bom se aproximar demais do público”, como antes ele ousou fazer). Roland reforça bastante a função de “espetáculo” do evento, a “atualidade” que faz as pessoas felizes e seu papel como integrante desse espetáculo. Quando indagado sobre sua forma de narrar, sobre suas expressões no futebol, ou seu “grito de gol”, sempre destaca o lado técnico da locução (principalmente em função do companheiro Jean-Michel Larqué) e não o lado “emotivo”. Ele insiste que a narração tem que estar a gosto do público. Em nenhum momento ele valorizou o fator “emoção” na narração como fizeram os locutores brasileiros, mas citou-a ao falar sobre o jogo entre o Brasil e a França (por causa do

inesperado) e, quando narrou um gol da França a meu pedido, sem de fato ter “emotividade” em sua voz, que já estava em tom descendente, constatou que “ser campeão era uma grande emoção para todo mundo”¹⁹.

É interessante notar que, para Thierry, os brasileiros narram com mais fluência, mais rapidez por causa de seu temperamento, de seu caráter. Eis a entrevista na íntegra:

Entrevista com Thierry Roland (traduzida para o português)

AC – Ana Clotilde, TR – Thierry Roland

AC - Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a oportunidade de receber-me em sua casa para entrevistá-lo. Estar aqui é uma honra para mim, e sei que esta entrevista contribuirá muito com a pesquisa que realizo com vistas a obter o Doutorado em Lingüística, junto à Universidade de São Paulo, no Brasil.

TR – Eu me sinto lisonjeado por participar de sua pesquisa e faço votos que você tenha muito êxito.

AC – Eu elaborei algumas perguntas, mas sei que durante nossa conversa poderão surgir outras, a princípio, gostaria de saber, como foi seu início na carreira de locutor esportivo?

TR - No rádio, comecei assim que terminei o secundário. Entrei no serviço de esporte em uma rádio na França, onde trabalhei por 5 anos, de 1955 a 1960. A partir de 1960, passei à televisão. Nessa época, só havia uma rede de televisão na França e sempre trabalhei em cadeias de televisão estatais (a outra a que ele se referia era a Antenne 2). A TF1 transformou-se em televisão privada há 14 anos, e a partir daí, sempre atuei junto à mesma.

AC - Qual é, na sua opinião, a diferença essencial entre a narração de futebol no rádio e na televisão?

TR – No rádio, é mais difícil, porque a maneira de comentar é muito mais rápida. Comparando os brasileiros e os franceses, os brasileiros falam mais rápido, por causa do seu temperamento, de seu caráter. No rádio, os franceses tendem a fazer como os brasileiros, falam mais rápido do que na televisão. Eu prefiro comentar o futebol na televisão, apesar de gostar do rádio, mas já estou há muito tempo na televisão e hoje, o rádio, para mim, é mais uma lembrança. Eu prefiro a televisão, pois se tornou um espetáculo, principalmente depois da Copa do Mundo na França. E nós nos tornamos parte desse espetáculo, e parece que se a França foi campeã isso se deve também ao trabalho dos locutores, mas a gente sabe que não. Foi graças aos jogadores mesmo.

¹⁹ A princípio pensei que enquanto pesquisadora “brasileira” eu pudesse estar inibindo-o (por isso mais técnica, menos emoção nesse exemplo de narração), mas comparando com a própria análise dos jogos, percebi que não. Cada um no seu “estilo”.

AC - Que outros esportes gosta de narrar, além do futebol?

TR – Gosto de narrar o atletismo. Eu transmito os jogos olímpicos desde 1960. Os jogos de Sidney serão o décimo primeiro de minha carreira. Gosto de comentar o boxe, o tênis, o hipismo, não gosto muito do ciclismo, e gosto do futebol, é claro.

AC – Como aprendeu seu *métier*?

TR – No trabalho! Comecei cedo na carreira e aprendi de tanto observar como os outros faziam.

AC - Qual é sua maneira de narrar?

TR- Sempre o faço junto com Larqué (Jean Michel Larqué, comentarista, ex-jogador de futebol). Nós trabalhamos juntos já há 20 anos, desde 1980. Nós nos conhecemos muito bem. Larqué se ocupa da técnica e eu me encarrego da narração propriamente dita. Larqué explica o porquê dos lances, entra nos detalhes.

AC – Há uma grande sincronia entre vocês, não é?

TR – Sim, pois nós nos conhecemos muito bem e somos amigos fora do trabalho. Temos laços bem fortes, aprendemos a ver as coisas juntos e praticamente da mesma forma. Na França, somos os mais ouvidos e temos uma imagem popular muito forte. Somos muito relacionados ao futebol. Sempre fazemos as narrações juntos e, na TF1, os jogos mais importantes são narrados por nós. O bom dessa profissão é que levamos ao público a atualidade que o deixa feliz; não narramos a catástrofe, a morte, etc. Narramos a notícia feliz, um jogo de esporte, e as pessoas que nos ouvem compartilham dessa alegria de viver. Por isso, narramos o futebol com muito bom humor.

AC – Qual foi o jogo mais difícil que você já narrou?

TR – Acredito que quando houve um confronto entre torcedores do Juventus de Turim e os do Liverpool. Este jogo ocorreu em Bruxelas anos atrás e por causa dessa briga, houve 35 mortos. Alguns anos depois, na Córsega, houve outro acidente fatal: uma tribuna metálica caiu e 15 pessoas morreram. É difícil narrar um jogo quando há situações emocionais fora do plano esportivo. No plano esportivo, o jogo mais difícil e mais triste foi a semi-final de 1982 contra a Alemanha, a França perdeu nos lances a gol. A França não merecia... mas perdeu.

AC - E quando o jogo não está bom, o que é necessário fazer? Consolar o público, fazer o quê?

TR - Primeiro é necessário esperar que as coisas se ajeitem, é necessário ficar o mais próximo possível das pessoas. Fazemos parte de um espetáculo, é como se você estivesse assistindo a um filme. Nós somos os atores que dão a voz para o espetáculo. Gabriel Arnaud me disse um dia “você fará uma bela carreira, não lhe direi como fazê-la, você fará por si só, mas quero lhe dar um conselho: se você vê que o jogo está ruim, tente fazer com que seja

médio para o espectador, se o jogo estiver médio, faça-o ser bom, e se estiver bom, faça-o excelente para as pessoas”. A receita para isso é, eu creio, que a gente deve ser um pouco comediante e quando não dá pra agüentar o jogo, conta-se uma piada, assim todos os que nos ouvem, até as mulheres, se divertem um pouco. Na televisão, isso é mais fácil, no rádio, é mais difícil, não dá tempo nem para respirar. Na televisão, há a imagem, mas um comentarista de futebol pela televisão tem que passar pelo rádio primeiro. É importante, até para aprender a como usar um microfone. É bom ter uma experiência no rádio antes.

AC – Que expressão que você mais utiliza, “tout à fait Thierry”?

TR – O “tout à fait Thierry” tornou-se muito popular, quem diz é o Larqué. Há um programa “Les Guignols” do canal Plus que utiliza bonecos para imitar personalidades da atualidade. Eu e Larqué fomos os primeiros do futebol a sermos imitados e o “tout à fait Thierry” tornou-se ainda mais popular após esse programa.

AC – Quando o gol acontece, como você narra? como é o seu “grito do gol”?

TR - O grito do gol, quando o gol é marcado, o Jean-Michel toma o lado técnico. Enquanto o lance é repassado em câmera lenta, Jean-Michel explica às pessoas como o gol foi marcado. Há sempre o entusiasmo do gol, que será maior ou menor, dependendo do jogo em questão. Eu aumento o volume da voz até que Jean Michel toma a palavra para explicar o lance. Essa maneira de narrar é igual, mesmo quando um gol é marcado contra a França.

AC – Você não faz nenhuma diferença se o gol marcado for contra a França?

TR - As pessoas torcem todas pela França e nós também queremos que a França ganhe, mas se jogar mal, não somos totalmente neutros: 60% de entusiasmo para a equipe da França e 40% neutros.

AC – O último jogo da Copa do Mundo, o resultado foi uma surpresa...

TR – Essa era a final que todo mundo esperava, mas não era o Brasil verdadeiro que estava em campo e a história do Ronaldo... ele não deveria ter jogado... bem, foi melhor para a França. Para o Brasil, já foi grande coisa estar na final, pois era uma equipe média, a equipe francesa era boa e por isso venceu o Brasil.

AC – Você se dirige aos jogadores quando está narrando?

TR – Existe uma interrelação com eles no momento de narrar, eu os interpele, me dirijo a eles às vezes. E acredito que as pessoas gostam quando eu me aproximo delas, mas sei que não devo fazer isso demais. Em outra época, quando mais jovem, me dirigia a elas e, principalmente, aos juízes com palavras grosseiras. Mas a gente tem que perceber até onde pode ir contanto que o público esteja apoiando sua narração. O público francês quer ver, antes de tudo, um espetáculo, ele está diante da televisão para ver um espetáculo.

AC – Você tem liberdade de dizer tudo o que quiser na televisão?

TR - Sim, qualquer coisa.... Mesmo na vida, sempre digo o que penso, o que acredito. Se sinto que devo dizer algo a alguém, eu mesmo o faço, se creio que devo fazer, eu mesmo o digo.

AC – Quais são os papéis desempenhados pelo comentarista/narrador esportivo?

TR - Ele não pode se enganar. Deve-se estar em harmonia com o jogo. O telespectador não é imbecil, ele sabe o que se passa, então se o jogo não está bom e o narrador diz que está, vão logo dizer que esse aí não está sendo honesto. Então é necessário ser honesto, direto, entusiasta, já que se trata de um espetáculo, ser competente, ter bastante concentração, para que, se houver qualquer coisa, mesmo que seja por uma fração de segundo, não deixar escapar. É importante compartilhar com as pessoas tudo o que você vê.

AC – Você se preocupa com o que falam sobre sua atuação após o jogo?

TR – É... não se pode dizer besteira. É um pouco como um ator no teatro. Eu sei se fui bom ou ruim, não preciso que me digam. O que falam e escrevem sobre nós? É claro que prefiro que digam que foi bom, mas não é muito importante.

AC – Que jogo, particularmente, você gostou de narrar?

TR – Um jogo no Maracanã. A equipe da França contra a equipe do Brasil. O resultado foi dois a dois. Um bom resultado. Foi a primeira vez que comentei um jogo no Maracanã. Havia muita gente e dois a dois com a seleção do Brasil foi um bom resultado. Amo o Brasil, os brasileiros são charmosos, sorridentes, o país é simpático... é, mas o último jogo na Copa do Mundo.. ((risos)). Mas quando a gente olha para trás, você vê, um jogo tem muita emoção...cada jogo é diferente.... Não se sabe como vai terminar... é muito diferente.

AC – Você se lembra de um jogo triste contra a França?

TR - Um jogo que desqualificou a França para a Copa nos Estados Unidos, foi contra a Bulgária. No último minuto, a França, que já estava praticamente classificada, tomou um gol e acabou perdendo... e o que dizer na época para o público, eu disse que era “foutu” (o “fim, a ruína”), uma catástrofe, mas um jogo de futebol, nunca se sabe como termina. Nesse famoso último minuto, os franceses estavam com a bola no campo adversário... tudo aconteceu de repente, e os torcedores ficaram tão tristes, que o estádio se esvaziou em 10 minutos... mesmo os mercadores não venderam nada...e o que dizer ao público? Dizer que é triste, que estamos tristes, que é uma catástrofe, mas por outro lado, não é a morte, coisas muito mais graves são piores para comentar.

AC – Como está o futebol na França depois da Copa?

TR - Muitas mulheres passaram a se interessar pelo futebol, há muito o que se dizer, o futebol cresceu, os clubes cresceram e o público está mais interessado. Há excelentes jogadores que fazem a França toda vibrar e isso é muito bom.

AC – Seu público está se tornando cada vez mais diversificado, sua narração sofre mudanças?

TR - Não, sempre tentei narrar o futebol de forma simples, até aos que não conhecem muito bem o jogo, é necessário explicar um pouco as coisas, porque o jogo é assim, etc... Sempre me dirigi a um público bem variado, inclusive a crianças...

AC – Sua voz, o que dizer sobre ela, e o que ela representa?

TR – Dizem que minha voz não mudou, quando eu tinha 20 anos já era a mesma, e depois de 40 anos, é sempre a mesma. É um presente do bom Deus.

AC – O que tem a dizer sobre sua popularidade?

TR – Eu sempre recebo cartas do público. Muitas vezes, dedico a narração de um jogo a um jovem que está doente ou que morreu, etc. As pessoas vêem e fazem comentários “que gentileza”, “como ele é gentil”, etc. Recebo muitas cartas. As pessoas são muito ligadas à sua televisão e todos os que participam da televisão na França, são pessoas importantes, então por isso, o público tem a impressão que faço parte da família. Isso é um tipo de reconhecimento. Eu saio muito com meu cachorro... e na rua, me reconhecem e me cumprimentam, mas dizem “Salut, Thierry”, e não “Bonjour, Monsieur Roland”. Eu me tornei um amigo do povo.

AC – Para terminar esta entrevista, gostaria de fazer um pedido. Você poderia imaginar uma sequência de ações que culminam no gol?

TR – É um pouco difícil sem meu companheiro ao meu lado, mas vou tentar. Será o último gol que o Petit fez contra o Brasil, no jogo final da Copa do Mundo.

“Barthez... Barthez qui a degagé le ballon.. ballon qui parvient à Christophe Dugarry, Dugarry qui remonte le terrain, il arrive.. ah...il est pas loin de la ligne, de la ligne immédiate, attention y a Vieira qui demande le ballon Vieira qui ouvre sur (a voz vai aumentando de volume) Emmanuel Petit, Emanuel Petit (ritmo mais intenso) qui se présente seul, Emmanuel Petit qui frappe, oh là là, c’est le troisième but de l’équipe de France, l’équipe de France qui vient de marquer à la toute dernière seconde le troisième but contre le Brésil, et bien là, je crois vraiment que c’est terminé, l’équipe de France va être vraiment sacrée championne du monde et c’est une très grande émotion pour tout le monde”.

AC – Realmente uma grande emoção. Muito obrigada, Thierry, por essa sua entrevista. Foi um grande prazer poder entrevistar um personagem tão querido na França e tão importante para a difusão do Futebol em seu país.

TR – Eu também agradeço. É muito bom participar dessa sua pesquisa. Faço votos que tenha muito sucesso.

2) OBJETIVOS

2.a) Objetivo Geral

Como objetivo geral, a preocupação desta pesquisa volta-se para o estabelecimento de parâmetros entre os processos discursivos de locutores brasileiros e franceses durante a locução esportiva de jogos de futebol da XVI Copa do Mundo na França. Tais processos discursivos relacionam-se à forma de narrar o jogo de futebol para interagir com o ouvinte-telespectador e serão delimitados segundo os objetivos específicos da pesquisa.

2.b) Objetivos Específicos

Levantar as variáveis mais comuns da narração dos locutores brasileiros e franceses, no rádio e na televisão, em relação aos momentos mais significativos do jogo, como o início da partida, os lances a gol, os gols, os pênaltis e o encerramento do jogo, a fim de observar:

- i) a construção geral do texto no que se refere às subsequências da narração desse gênero discursivo;
 - ii) a extensão de tais seqüências e como se conectam entre si;
 - iii) os aspectos prosódicos nos momentos selecionados do jogo, em função da entonação, das pausas e da tonicidade das palavras;
 - iv) o emprego de gírias e expressões metafóricas.
2. Dentro dessas escolhas discursivas que estruturam o gênero - locução de jogos de futebol, observar qual é a significação do uso de tais variáveis no contexto interacional existente nas narrações dos jogos para:
- i) estabelecer as diferentes posições tomadas pelo locutor/narrador de futebol em relação ao grau de envolvimento com seus ouvintes/telespectadores;
 - ii) observar como se dá, através da linguagem, o envolvimento com o ouvinte/telespectador nos momentos de maior tensão.

Capítulo 5:

Metodologia de Pesquisa e Recursos Aplicados

"Knowledge always desires increase; it is like fire, which must first be kindled by some external agent, but which will afterward propagate itself."
Jonhson

1. METODOLOGIA

Com vistas aos objetivos estabelecidos para esta pesquisa, tenho adotado uma metodologia etnográfico-interpretativa.

Hammerseley e Atkinson (1983:1-2) fazem um apanhado geral, segundo vários autores, sobre o que se entende por "etnografia":

- elicitação de conhecimento cultural;
- investigação detalhada de modelos de interação social;
- análise holística de sociedades;
- uma forma de contar histórias (essencialmente descritiva);
- desenvolvimento e avaliação de uma teoria;
- um método social de pesquisa, projetando-se em uma larga extensão de recursos de informação.

É certo que esta visão é muito ampla, mas o pesquisador do discurso futebolístico não pode deixar de observá-lo dentro de seu contexto social.

Uma metodologia interpretativa leva em conta vários tipos de instrumentos que permitem a análise de diferentes perspectivas, de acordo com entrevistas, questionários, gravações e diários.

Com base nessa metodologia, fiz entrevistas, gravei os jogos pelo rádio e pela televisão, colhi materiais em periódicos e também em publicações encontradas na Internet.

2. RECURSOS APLICADOS

2.a) Dados coletados

Para a realização de tal pesquisa, fez-se necessária uma certa quantidade de exemplos de narrações para que fosse possível levantar parâmetros suficientes para a análise. Por isso, foram gravados todos os jogos dos quais os dois países participaram.

Antes dos jogos acontecerem, utilizei os seguintes instrumentos:

- entrevista, gravada em áudio, com o locutor Oscar Ulisses (por ocasião do debate mencionado na PUC-SP);

- gravação em áudio da discussão entre locutores no referido debate;

Após os jogos, estando em Paris, tive a oportunidade de entrevistar pessoalmente o locutor Thierry Roland.

Essa entrevista aconteceu por intermédio do jornalista brasileiro da Jovem Pan, Reali Júnior, correspondente dessa rádio em Paris há muitos anos. Eu o conheci em São Paulo, nos estúdios da Jovem Pan. Comentando a respeito de meu trabalho e, visto que estava preparando-me para uma viagem à França, ele disse que tentaria colocar-me em contato com o famoso locutor francês. Deu-me seu telefone e pediu que lhe telefonasse assim que chegasse à França, o que ocorreu em janeiro de 2000. Meus objetivos principais eram buscar mais material sobre o futebol naquele país e conseguir entrevistar Thierry Roland. Para buscar material, estive primeiramente em Lyon (Universidade Lumières), onde me encontrei com a Prof. Dra. Catherine Kerbrat-Orecchioni. Ela havia dado um curso em São Paulo, alguns meses antes, e mantivemos algum contato por e-mail, até que nos reencontramos em Lyon. Lá, tive a confirmação de que Thierry Roland poderia receber-me em Paris. Ao chegar ao seu apartamento, com uma bela vista para a Torre Eiffel, Reali Júnior também me aguardava. Era a primeira vez que ele se encontrava pessoalmente com o locutor. Ele me apresentou a Thierry Roland e logo depois partiu. E, de uma forma bastante simpática Roland me recebeu, permitindo que a entrevista fosse gravada²⁰.

²⁰ Na esperança de que iria entrevistá-lo na França, eu havia levado um mini-gravador em minha bagagem. O pequeno gravador foi deixado sobre a mesa, enquanto conversávamos.

Também fiz vários contatos pessoalmente ou por e-mails com torcedores brasileiros e franceses acerca da locução futebolística e colhi muitas informações via Internet, em diferentes *sites* sobre futebol no Brasil e na França.

Vários locutores de futebol têm composto seu próprio *site* e depositado muitas informações que me foram de grande utilidade. Entre esses locutores, no Brasil, estão o Galvão Bueno (<http://www.redeglobo.com.br/galvaobueno>), o Sílvio Luís (<http://www.futebol.com.br/nopau>), o Milton Neves (<http://www.uol.com.br/miltonneves>). Pela internet, é possível acompanhar narrações ao vivo realizadas pela Rádio Bandeirantes no *site* <http://www.radiobandeirantes.com.br>, como também pela Jovem Pan no *site* <http://jovempan.uol.com.br>. Nesses dois últimos *sites*, arquivos de narrações de gols podem ser acessados a qualquer momento. No *site* da Jovem Pan, há arquivos de jogos de praticamente o ano todo. No *site* da Bandeirantes, apenas os dos últimos jogos.

Em relação aos *sites* franceses, o melhor *site* de gravações e comentários dos narradores é o da TF1 (<http://www.tf1.fr>). Nele se encontram narrações, em áudio e em vídeo, de gols da equipe da França por locutores da emissora.

São inúmeros os *sites* que trazem informações sobre futebol, sobre televisão e rádio, e sobre locutores esportivos. A cada dia, surge um novo, na França e no Brasil, a ponto de ser impossível compilar todos os endereços existentes²¹.

Os principais instrumentos para esta análise são os *jogos do Brasil e da França*, transmitidos pelo rádio e pela televisão durante a última Copa do Mundo.

Os jogos do Brasil na Copa foram:

1ª Fase

Brasil X Escócia (2X1)

Brasil X Marrocos (3X0)

Brasil X Noruega (1X2)

Oitavas de Final

Brasil X Chile (4X1)

²¹ Muitas vezes, o *site* muda de endereço, ou a página expira, mas todos aqueles que têm sido, de fato, úteis à esta pesquisa, figuram ao final das Referências Bibliográficas.

Quartas de Final

Brasil X Dinamarca (3X2)

Semi-Final

Brasil X Holanda (1X1) Disputa final por pênaltis (4X2)

Final

Brasil X França (0X3)

Os jogos da França na Copa foram**1ª Fase**

França X África do Sul (3X0)

França X Arábia Saudita (4X0)

França X Dinamarca (2X1)

Oitavas de final

França X Paraguai (1X0)

Quartas de final

França X Itália (0x0) Disputa final por pênaltis (4X3)

Semi-Final

França X Croácia (2X1)

Final

França X Brasil (3X0)

Eu mesma fiz a gravação desses jogos, estando no Brasil ou na França, durante a Copa. Amigos me auxiliaram quando estava ausente em um dos dois países. Todos os jogos dos dois países foram gravados em áudio (do rádio) e em vídeo (da televisão), em canais diversos. Alguns foram gravados em rádio e em TV, outros apenas em um ou outro meio.

As narrações dos jogos gravados foram feitas por locutores de São Paulo e de Paris. Procurei utilizar aparelhos de áudio e de vídeo de excelente qualidade para que a transmissão fosse captada da melhor forma possível.

As narrações gravadas em áudio, no Brasil, variavam entre locutores da Rádio Jovem Pan AM e Rádio Bandeirantes AM. As gravações em vídeo variavam entre locutores do SBT, da Rede Globo, do Sport TV e da Rede Bandeirantes de Televisão.

Os canais de televisão que transmitiram os jogos da Copa na França foram: TF 1, France 2, France 3, Eurosport, o canal de televisão a cabo Canal + e um outro canal a cabo que foi lançado especialmente para transmitir a copa, o Super Foot 98. No entanto, este canal só poderia ser acessado por aqueles que, além de serem assinantes da televisão a cabo, possuíam um aparelho de recepção especial com medidas de 16/9. Nem todos os canais transmitiram todos os jogos da Copa ao vivo. Alguns, apenas “en différé” (a transmissão do jogo após ter acontecido). Tenho gravações da TF1, da France 2 -France 3 (em pool).

O sistema francês de vídeo-cassette (SECAM) não corresponde ao nosso sistema no Brasil (PALM ou NTSC). Por isso, as fitas gravadas foram convertidas para o nosso sistema, por um especialista em áudio e vídeo.

Quanto às estações de rádio na França, tenho gravações da Radio France, France-Inter e Sport FM .

2.b) Análise dos dados

Para a análise dos dados, não foram transcritos os 90 minutos (às vezes mais) de cada jogo. Após um escaneamento, apenas os momentos de interesse, por revelarem uma certa “tensão emocional” é que foram transcritos, como o início da partida, os lances a gol, os pênaltis, os gols e o encerramento do jogo. A transcrição dos dados foi feita de acordo com uma tabela que elaboramos, com base em uma pesquisa prévia sobre transcrição de conversações. A mesma encontra-se em anexo.

É importante destacar que a imagem transmitida pelas redes de televisão no Brasil, na França e de outros países é sempre coincidente, por causa de um sistema de pool, autorizado pela FIFA.

A linguagem do locutor na TV se ancora na imagem, é compartilhada pelo telespectador. Segundo o desempenho lingüístico do locutor, é possível observar a relação texto-imagem de sua narração. E a descrição da imagem, sempre que relevante para a

transcrição, virá entre parênteses principalmente para desfazer casos de ambigüidade como Santaella & Noth (1998) apresentam:

1. a imagem é inferior ao texto e simplesmente o complementa, sendo, portanto, redundante (como se o narrador da televisão estivesse narrando para um ouvinte de rádio);
2. a imagem é superior ao texto e o domina já que ela é mais informativa do que ele (o texto do locutor é lento, com poucas precisões sobre o que está sendo mostrado);
3. a imagem e o texto têm o mesmo grau de importância, ou seja, ambos se complementam (a importância da locução para que a imagem seja bem assimilada, e a importância da imagem para dar ênfase à locução – é o caso dos momentos de maior tensão nos jogos, principalmente em lances a gol).

Por fim, gostaria de acrescentar que, não para a análise, mas para divulgação posterior desse assunto de pesquisa, uma *homepage interativa* foi criada, com arquivos de áudio e de vídeo de narrações de gols em português e em francês, encontrados na própria Internet. O endereço da página é: <http://communities.msn.com.br/narracaoofutebol>.

Capítulo 6

Descrição do corpus: os jogos do Brasil e da França na XVI Copa do Mundo e os locutores de futebol analisados

“La finale de rêve, a final do sonho. Já vi nove finais de Copa. Mas esta é a primeira em que se enaltece o adversário tanto quanto a seleção de casa”. Rui Carlos Ostermann in “O nome do Jogo”

1) OS JOGOS DO BRASIL E DA FRANÇA DURANTE A COPA DE 1998²².

“A final dos sonhos”, principalmente para os franceses, era jogar contra o Brasil. E assim ocorreu, as duas seleções foram vencendo etapa por etapa, até se encontrarem na final. Iremos fazer um breve histórico dos jogos do Brasil e da França, nessa Copa, para que o leitor tenha a referência do cenário enunciativo em que se realizaram as narrações²³.

Aqui estão os jogadores escalados de cada uma das equipes e seu clube de origem.

Seleção Brasileira de 1998



Técnico: Mario Lobo Zagallo

Goleiros:

Taffarel (Atletico Mineiro), Germano (Vasco de Gama), Dida (Cruzeiro).

²² A título ilustrativo, em anexo, há o mapa da França com as cidades onde se realizaram os jogos da Copa, bem como uma pequena informação cultural sobre as cidades onde Brasil e França jogaram durante o campeonato.

²³ A consulta a este capítulo facilitará a contextualização dos exemplos escolhidos para a análise (cap. 9)

Defensores:

Cafu (AS Rome/Ita), Aldair (AS Rome/Ita), Roberto Carlos (Real Madrid/Esp), Zé Roberto (Flamengo), Junior Baiano (Flamengo), André Cruz (Milan AC/Ita), Gonçalves (Botafogo).

Meio-campistas:

Dunga (Jubilo Iwata/Jap), Cesar Sampaio (Ana Sato Kogyo/Jap), Zé Carlos (Sao Paulo), Doriva (FC Porto/Por), Rivaldo (FC Barcelone/Esp), Giovanni (Barcelone/Esp), Leonardo (Milan AC/Ita), Denilson (São Paulo).

Atacantes:

Ronaldo (Inter Milan/Ita), Emerson (Bayer Leverkusen/All), Bebeto (Botafogo), Edmundo (Fiorentina/Ita).

Seleção Francesa de 1998

Técnico: Aimé Jacquet

Goleiros:

Fabien Barthez (Monaco), Bernard Lama (Paris SG), Lionel Charbonnier (Auxerre).

Defensores:

Laurent Blanc (Marseille), Vincent Candela (AS Rome/Ita), Marcel Desailly (Milan AC/Ita), Frank Leboeuf (Chelsea/Ang), Bixente Lizarazu (Bayern Munich/All), Lilian Thuram (Parma/Ita).

Meio-campistas:

Alain Boghossian (Sampdoria Gênes/Ita), Didier Deschamps (Juventus Turin/Ita), Emmanuel Petit (Arsenal/Ang), Bernard Diomède (Auxerre), Youri Djorkaeff (Inter Milan/Ita), Christian Karembeu (Real Madrid/Esp), Robert Pires (Marseille), Patrick Vieira (Arsenal/Ang), Zinedine Zidane (Juventus Turin/Ita).

Atacantes:

Thierry Henry (Monaco), Stéphane Guivarc'h (Auxerre), David Trézéguet (AS Monaco), Christophe Dugarry (Marseille).

1.a) Os jogos do Brasil**1ª Fase**

Brasil X Escócia (2X1)



Ficha técnica do jogo: Jogo de Abertura da Copa

Data: 10 de junho de 1998, Local: Stade de France, em Saint-Denis, Juiz: José Aranda (Espanha).

Resumo do jogo:

Logo nos primeiros minutos do jogo, o Brasil abriu o placar, marcando o primeiro gol dessa Copa do Mundo. César Sampaio fez o gol de cabeça, após ter recebido a bola lançada de escanteio por Bebeto. O mesmo Sampaio, entretanto, provocou um pênalti que foi cobrado com êxito pelo jogador Collins da Escócia, aos 37 minutos do primeiro tempo, empatando o jogo. No segundo tempo, entretanto, o Brasil retomou a vantagem e, num lançamento de Cafu contra o gol de Leighton, a bola, rebatida pelo goleiro, foi tocada por seu colega de equipe, Boyd, numa tentativa de desviá-la. Mas tal ação tomou o rumo contrário e a bola foi parar no fundo da rede escocesa. Final do jogo, Brasil 2, Escócia 1.



Brasil X Marrocos (3X0)



Ficha técnica do jogo: Data: 16 de junho, Local: Stade La Beaujoire, em Nantes, Juiz: Nicolai Levnikov (Rússia).

Resumo do jogo:

O Brasil demonstrou superioridade em relação ao Marrocos durante praticamente todo o jogo. Logo no 9º minuto do primeiro tempo, Bebeto lançou uma bola para Ronaldo que fez o primeiro gol da partida. No final do primeiro tempo, apesar de maior ação por parte dos marroquinos, outro gol foi marcado: Cafu, do lado direito do campo, posicionou a bola para

Rivaldo que a colocou dentro da rede. No segundo tempo, Ronaldo driblou dois defensores até se infiltrar o máximo possível no campo adversário, lançando a bola que foi facilmente empurrada por Bebeto para dentro do gol. Resultado: Brasil 3, Marrocos 0.



Brasil X Noruega (1X2)²⁴



Ficha técnica do jogo: Data: 23 de junho Local: Stade Vélodrome, em Marselha Juiz: Esfandiar Baharmast (Estados Unidos).

Resumo do jogo:

O Brasil já estava classificado para as oitavas de final, mas a Noruega precisava vencer para poder classificar-se. Durante o primeiro tempo do jogo, houve tentativas de gol, mas nenhuma finalização. No segundo tempo, depois de tantas defesas do goleiro norueguês, finalmente o Brasil marcou: Denilson se desembaraçou de dois defensores e cruzou a bola para Bebeto. Este cabeceou, mandando a bola diretamente ao gol. Mas os noruegueses não se deram por vencidos e o jogador Tore André Flo driblou Júnior Baiano e fez seu gol. Ao final da partida, Júnior Baiano cometeu uma falta interpretada erroneamente pelo juiz como um pênalti. E, apesar de não ter demonstrado vantagem sobre a equipe brasileira, este pênalti, batido com sucesso pelo jogador Rekdal permitiu que a Noruega vencesse o Brasil por 2 a 1.

Oitavas de Final



Brasil X Chile (4X1)



Ficha técnica do jogo: Data: 27 de junho, Local: Stade Parc de Prince, em Paris, Juiz: Batta Mark (França).

Resumo do jogo:

Este jogo foi quase uma “consagração” do Brasil nessa Copa: A cada quinze minutos do primeiro tempo, um gol foi marcado contra a equipe chilena. Aos 11 minutos, César Sampaio abriu o placar ao cabecear uma bola lançada por Dunga em cobrança de falta. O segundo gol, também de Sampaio, veio de outra cobrança de falta: Roberto Carlos lançou a bola, Sampaio

²⁴ A título de curiosidade: minutos antes do jogo iniciar, houve uma cerimônia de casamento no estádio Vélodrome entre uma brasileira e um norueguês.

recuperou e a chutou direto para o gol. Quase ao final do primeiro tempo, o próprio goleiro do Chile, Tapia, provoca um pênalti sobre Ronaldo. Este, ao cobrar o pênalti, marca o terceiro gol da partida. No segundo tempo, o atacante Salas, do Chile, rebateu uma bola do seu parceiro Zamorano, que havia sido desviada por Taffarel, chutando-a para dentro do gol brasileiro. Mas, apenas dois minutos após, Denilson lançou uma bola para Ronaldo que não hesitou em enviá-la diretamente ao gol do adversário. Final da partida: 4 a 1 para o Brasil, que tirou o Chile do campeonato.

Quartas de Final



Brasil X Dinamarca (3X2)



Ficha técnica do jogo: Data: 3 de julho Local: Stade La Beaujoire, em Nantes, Juiz: Gamal Ghandour (Egito).

Resumo do jogo:

Os dinamarqueses são bastante velozes e um de seus jogadores, Brian Ladrup, logo demonstrou sua vontade de vencer, ao favorecer o primeiro gol da partida. Ele enganou o goleiro brasileiro, que se deslocou, e seu parceiro Joergensen, bem colocado, aproveitou o rebote e marcou. Mas o Brasil se refez bem depressa. Dez minutos após, Ronaldo passou uma bola para Bebeto que escapou de dois defensores e lançou um forte chute contra o gol dinamarquês. No final do primeiro tempo, o Brasil se assegurou: Rivaldo, infiltrado no campo adversário, driblou jogadores e chutou, marcando o segundo gol brasileiro. Os dinamarqueses foram buscar o empate logo nos primeiros minutos do segundo tempo: Roberto Carlos se atrapalhou na defesa e Brian Ladrup não perdeu tempo, lançando a bola contra o gol de Taffarel. O Brasil passou por apuros nesse jogo, mas conseguiu marcar seu terceiro gol: Rivaldo, praticamente do meio de campo, chutou com violência e fez mais um gol para o Brasil. No finalzinho do jogo, uma cabeçada do atacante norueguês Marc Rieper, levando a bola contra o travessão do gol brasileiro, quase pôe tudo a perder. O Brasil vai para a semi-final, embora sentindo-se fragilizado

O jogo seguinte, não contaria com Cafu, impedido de participar, por ter recebido seu segundo cartão amarelo nesse jogo.

Semi-Final



Brasil X Holanda (1X1) Disputa final por pênaltis (4X2)



Ficha técnica do jogo: Data: 7 de julho Local: Stade de Vélodrome, em Marseille, Juiz: Ali Mohamed Bujsaim (Emirados Árabes).

Resumo do jogo:

Este jogo foi muito tenso. Para se classificar, o Brasil teve que ir à prorrogação e, finalmente, à disputa de pênaltis com a Holanda. No primeiro tempo, apesar de várias tentativas de ambas as partes e muitas oportunidades para a Holanda, nenhum gol foi marcado. No entanto, antes do primeiro minuto do segundo tempo, Ronaldo recebeu uma bola bem colocada de Roberto Carlos e a lançou por entre as pernas do goleiro Van der Sar, marcando para o Brasil. Ao final desse período, quando muitos já acreditavam que o Brasil estava classificado, uma jogada de Ronald De Boer para Patrick Kluivert fez com que este, finalmente, marcassem o gol da Holanda, de forma bastante surpreendente. 30 minutos de prorrogação não foram suficientes para que uma das equipes saísse vencedora. Foi necessário passar pelo sufoco dos pênaltis para que o Brasil pudesse disputar o título do campeonato. Ronaldo foi o primeiro a marcar, Frank de Boer também fez seu gol. Rivaldo, na sequência chutou com precisão, mais um gol para o Brasil. Cocu chutou, mas Taffarel agarrou a bola. Dunga lançou e marcou. O chute de Ronald de Boer, no entanto, foi também pego pelo goleiro brasileiro. 4 gols para o Brasil e apenas 2 para a Holanda. Com isso, o Brasil ultrapassou essa fase, indo para a final e deixando a Holanda disputar o terceiro lugar.

1.b) Os jogos da França

1ª Fase



França X África do Sul (3X0)



Ficha técnica do jogo: Data: 12 de junho Local: Stade Vélodrome, em Marseille, Juiz: Márcio de Freitas (Brasil).

Resumo do jogo:

O primeiro gol da França na Copa de 98 veio aos 33 minutos desse jogo, pelos pés de Christophe Dugarry. Ele havia entrado no jogo um pouco antes, substituindo Stéphane Guivarc'h, machucado. Dugarry recebeu uma bola lançada de escanteio por Zidane e cabeceou com força contra o gol do sul-africano Vonk. O segundo gol da França aconteceu aos 30 minutos do segundo tempo, favorecido, na verdade, pelo jogador sul-africano Pierre Issa. Djorkaeff havia recuperado uma bola lançada à distância por Dugarry e, ao chutá-la para o gol, Issa tenta desviá-la, mas não impede que ela ultrapasse a linha. Por fim, nos minutos de compensação, Thierry Henry, isolado diante de Vonk, coloca uma bola por cima do goleiro.



França X Arábia Saudita (4X0)



Ficha técnica do jogo: Data: 18 de junho Local: Stade de France, em Saint-Denis, Juiz: Arturo Brizio Carter (México).

Resumo do jogo:

A Arábia Saudita do técnico brasileiro Carlos Alberto Parreira (técnico vencedor do tetra-campeonato do Brasil em 1994) não convenceu, permitindo que a França fizesse a maior goleada do mundial. A equipe saudita contou com um jogador a menos, expulso aos 18 minutos do primeiro tempo, o que, sem dúvida, favoreceu ainda mais a atuação francesa. Aos 31 minutos, o primeiro gol foi marcado. Lizarazu envia uma bola ao centro do campo adversário e Thierry Henry cabeceia, marcando o primeiro gol. O segundo gol só veio no segundo tempo. Por mais que a equipe francesa tentasse furar a rede saudita, o goleiro Al-Daeya impediu que muitos outros gols entrassem. Mas um chute de Lilian Thuram não foi bem pego pelo goleiro e, ao largar a bola, David Trézeguet colocou-a no fundo do gol. O terceiro gol saiu de uma bola lançada, em extensão, pelo goleiro francês Fabien Barthez. Henry adiantou-se a ela, desfez-se de um defensor e lançou-a ao gol. Logo após, o inesperado ocorreu: Zidane foi expulso depois de um choque em que pisou num jogador saudita. Isso o

impediu de jogar por outras duas partidas. As duas equipes se equilibraram em número de jogadores, 10 contra 10, mas não em gols, pois o quarto gol da França aconteceu alguns minutos após: Robert Pires envia uma bola para Djorkaeff que, de calcanhar, manda para Lizarazu. Este aproveita a chance e marca, coroando a partida em 4 a zero.



França X Dinamarca (2X1)

Ficha técnica do jogo: Data: 24 de junho Local: Stade Gerland, em Lyon Juiz: Pierluigi Collina (Itália).

Resumo do jogo:

A França dominou a partida no primeiro tempo, mas a forte defesa dinamarquesa impediu maiores penetrações por parte dos franceses. O primeiro gol da França ocorreu devido a um pênalti provocado por um defensor dinamarquês contra o atacante Trézeguet. Foi Djorkaeff quem bateu, transformando o lance em gol, apesar da tentativa do goleiro em agarrar a bola. O segundo gol do jogo foi a favor da Dinamarca, também um gol batido por causa de pênalti. O jogador francês Vincent Candela provocara a falta máxima sobre o jogador dinamarquês Joergensen, mas quem bateu foi Michael Laudrup (irmão de Brian Ladrup), empatando o jogo. No segundo tempo, os dinamarqueses dominaram, mas Petit, depois de uma sucessão de tentativas de outros jogadores, foi quem marcou, chutando a bola da grande área e colocando a França como primeira do grupo.

Oitavas de final



França X Paraguai²⁵ (1X0)

Ficha técnica do jogo: Data: 28 de junho Local: Stade Félix Bollaert Juiz: Mohamed Ali Bulsaim (Emirados Árabes)

Resumo do jogo:

Paraguai e França, duas equipes com alto sistema defensivo, não conseguiram marcar nenhum gol durante o tempo normal de jogo. Houve tentativas de ambos os lados: Henry

²⁵ Equipe liderada pelo técnico brasileiro Paulo César Carpeggiani.

lançou uma bola na base da trave do goleiro Chilavert aos 38 minutos do primeiro tempo e o atacante paraguaio Cardoso enviou uma bola rasante sobre o travessão aos 30 minutos do segundo tempo. Mas, foi apenas no segundo período das prorrogações que Laurent Blanc estreiou o primeiro “gol de ouro” ou “morte súbita” em uma Copa do Mundo, levando a França para as quartas de final: Trézeguet desviou uma bola com a cabeça que, alcançada pelos pés de Blanc, atingiu o gol de Chilavert. A França venceu por um a zero e o Paraguai despediu-se da Copa.

Quartas de final



FrançaXItália (0x0) Disputa final por pênaltis (4X3)



Ficha técnica do jogo: Data: 3 de julho Local: Stade de France, em Saint-Denis, Juiz: Hugo Dallas (Escocês).

Resumo do jogo:

A França dominou toda a partida, lançando diversas bolas a gol, mas para a felicidade dos italianos nenhuma bola entrou, nem no tempo normal, nem na prorrogação. Com uma grande defesa, as poucas tentativas de gol da Itália não obtiveram sucesso. A partida teve que ser decidida nos pênaltis. Zidane marcou o primeiro da França. Baggio (o mesmo Baggio que errou o pênalti, concedendo o tetracampeonato ao Brasil em 1994) colocou o da Itália. Lizarazu teve seu chute defendido por Gianluca Pagliuca e Barthez também agarrou a bola chutada por Albertini. Trézeguet e Henry colocaram mais duas bolas no gol da Itália e o mesmo fizeram Costacurta e Vieri no gol da França. O desempate tinha que vir pelos pés dos dois últimos jogadores a cobrarem o pênalti: Laurent marcou, mas Di Baggio, lançando a bola no travessão, eliminou a Itália do campeonato, concedendo a vitória à França.

Semi-Final



França X Croácia (2X1)



Ficha técnica do jogo: Data: 8 de julho Local: Stade de France, em Saint-Denis, Juiz: José M. G. Aranda (Espanha)

Resumo do jogo:

Durante o primeiro tempo, o jogo esteve bastante equilibrado e apesar de duas grandes oportunidades da Croácia, uma de Boban e outra de Asanovic, não houve nenhum gol. Os croatas, no entanto, abriram o placar no primeiro minuto do segundo tempo: um gol do atacante Suker, servido por Asanovic, assustou a França. Mas no minuto seguinte, houve um alívio: Thuram roubou a bola de um defensor, passou-a a Djorkaeff que lhe devolveu. Ele chutou na direção do gol e empatou. Novamente, 20 minutos após, outro lance permitiu que Thuram marcasse um novo gol. Dessa vez, a bola foi lançada em extensão pelo goleiro Barthez. Thuram a alcançou e, livrando-se de um atacante croata, chutou da grande área, com força suficiente para que mais um gol fosse marcado. Aos 30 minutos, porém, uma “tragédia francesa” aconteceu: Laurent Blanc, após um gesto maldoso, foi expulso da partida. Isso o impediu de jogar na final contra o Brasil. Os franceses, com 10 jogadores no campo e temendo que a forte seleção croata marcasse mais um gol, respiraram aliviados quando o juiz encerrou a partida.

Final



França X Brasil (3X0)



Ficha técnica do jogo: Data: 12 de julho Local: Stade de France, em Saint-Denis, Juiz: Said Belqola (Marrocos)

*Resumo do jogo:*²⁶

Este foi o pior desempenho do Brasil na Copa. Não se encontrando devidamente em campo, a seleção brasileira sofreu 3 gols da seleção francesa e não marcou nenhum. No primeiro

²⁶ Logo antes do início da partida, houve boatos de que o jogador Ronaldo não estaria presente, devido a um problema de saúde. Mas, desconfirmando a primeira escalação, ele se fez presente,

tempo, houve algumas oportunidades perdidas do Brasil: aos 13 minutos, Cafu correu pela direita e cruzou, mas Bebeto não conseguiu finalizar. Aos 23 minutos, mais uma vez o Brasil se aproximou do gol: Roberto Carlos fez o cruzamento, Barthez saiu para defender e, assustando-se com a presença de Bebeto, quase soltou a bola. Rivaldo cabeceou uma bola vinda de escanteio logo após, mas Barthez também segurou. A França, fez 1 a 0 em seguida, aos 27 minutos: Roberto Carlos, na tentativa de enfeitar uma jogada, concedeu escanteio. Petit cobrou o escanteio do lado direito, a bola foi cabeceada por Zidane que, subindo mais do que o seu adversário Leonardo, marcou. Aos 40 minutos, a França ameaçou um outro gol: Petit chutou, a bola raspou em Aldair e saiu. Guivarc'h tentou marcar aos 43, mas Taffarel defendeu. Aos 45, no entanto, a França marcou seu segundo gol: outro escanteio, desta vez, da esquerda, é cobrado em favor da França. Zidane, que não havia marcado nenhum gol na Copa, marcou novamente, de cabeça.

No segundo tempo, Denílson entrou no lugar de Leonardo. O time melhorou em agressividade, deixando a França várias vezes na defesa. Ronaldo, tentou marcar uma vez, aos 11 minutos, mas Barthez defendeu. Aos 15 minutos, Dessailly neutralizou um chute de Bebeto. Logo mais, aos 23 minutos, Dessailly foi expulso por ter derrubado Cafu. A França ficou com 10 jogadores. Edmundo entrou aos 28 minutos no lugar de Sampaio. Dugary, que substituiu Guivarc'h, quase marcou aos 32 minutos. No penúltimo minuto, Denílson tentou, mas chutou na trave. Petit, em passe de Viera, infiltrou-se na defesa brasileira e chutou cruzado, direto para o gol de Taffarel: França 3, Brasil 0. A França consagrou-se campeã do mundo, pela primeira vez, em uma Copa.

2) OS LOCUTORES DE FUTEBOL ANALISADOS

Buscando diversidade entre os locutores, para podermos observar seus pontos em comum, selecionamos os seguintes:

2.a) Locutores do Brasil:

Rádio: Dirceu Maravilha, Ricardo Capriocci, José Maia e Leandro Quesada (Bandeirantes AM), José Silvério e Wanderley Nogueira (Jovem Pan);

Televisão: Galvão Bueno (acompanhado por Arnaldo César Coelho, Pelé, Falcão e Romário), Zé Roberto, Casagrande, (Rede Globo), Sílvio Luís, China Paulo Soares, Orlando Duarte (SBT), Prieto e Gérson (Bandeirantes), Luís Roberto e Júnior (Sport TV)

2.b) Locutores da França:

Rádio: Bernard, Dominique Poulenc, Pierre-Louis, Jean-François e Jean Gasparella (Radio France), Thierry Claude, Stéphane Allegro (Radio France-Inter), Didier Rostand e Yves Bigot (Sport FM).

Televisão: Thierry Roland e Jean-Michel Larqué (TF1); Paul Leguen e Pierre Sled, Dominique Leglou e Patrick Battiston (France 2-France 3).

Terceira Parte:

Fundamentação teórica e análise dos dados

Capítulo 7:

***Linguagem, representação, cenários discursivos e
a língua falada***

*“De todas as artes escolho a arte da fala:
 falo-te que, quando deixas de ver as cores das palavras,
 podes cheirá-las e segui-las até às folhas onde caíram
 como um acidente da voz dissonante que as alturas não seguram”.*
Arsélio Martins, Poemas para andar

Introdução

A investigação de nosso tema tem por preocupação o cotejo de produções lingüísticas de textos falados, espontaneamente, em português e em francês à medida em que o jogo de futebol se desenvolve pelo rádio ou pela televisão. É uma tarefa árdua, mas a comparação permite-nos compreender melhor o sistema de ambas as línguas e conscientizarmo-nos das suas formas de dizer, de expor, de refletir, de ver e de transmitir o mundo. Pode-se dizer que essa investigação é também uma forma de apreciar a "arte da fala", o imaginário e as sensações que traz em si, suas cores, sua fragrância e sua melodia deixadas, pelo rastro da voz, nos meios de comunicação.

Charaudeau (1984a:5-9) revela alguns cuidados na observação da linguagem dos meios de comunicação e eis que se relacionam muito aos objetivos da nossa pesquisa, como comentaremos ao citá-los. Dado que as ciências da linguagem têm alargado seu campo de pesquisa, concedendo muito mais importância à dimensão psicossocial da fala, o estudo da linguagem da mídia deve ser contemplado em uma ótica mais abrangente, o que o torna mais instigante. Charaudeau aborda as dificuldades de análise segundo três tipos de estudo: *o das condições de produção do texto, o do texto acabado e o das interpretações*.

1. *O estudo das condições de produção do texto* demanda a observação de dois aspectos: o circuito de fabricação do texto (um fato propagado pelo rádio será veiculado de forma diferente na televisão ou no jornal, dependendo, inclusive, do alcance do público) e o sistema de representação da prática profissional (a maneira como o profissional da mídia concebe seu público e se comunica com ele modelará suas escolhas e seu estilo).

As condições de produção da narração dos jogos escolhidos é uma de nossas preocupações. Qual é a importância do jogo no campeonato e que diferenças ou semelhanças

discursivas existem entre a narração do mesmo pela televisão e pelo rádio? Que representações o locutor faz do jogo, de si mesmo e do público que o ouve? e como essas representações se manifestam em suas escolhas lingüísticas e em seu estilo?

2. *O estudo do texto acabado* como fonte para o estudo da linguagem da mídia prescreve quatro tipos de problemas: *a.* Não se deve considerar de modo puramente formal as marcas do discurso (verbais, gestuais, icônicas, etc.) sem se ater à sua importância e significado no contexto de sua produção; *b.* Como um texto acabado é sempre um objeto único e se insere em um determinado gênero discursivo, é necessário observar as relações dos gêneros de discurso na mídia com o tipo de veículo (rádio, jornal, televisão); *c.* Na perspectiva da análise do discurso, não se procura num texto uma grade de estrutura de base de um certo modelo, mas os índices semiológicos que irão revelar as possíveis interpretações do mesmo. Tal postura exige uma análise que leve em consideração os aspectos lexicais, sintáticos, fonéticos, prosódicos, gestuais, proxêmicos, etc. do discurso. *d.* A análise das produções verbais da mídia e suas variáveis deveria ser sempre feita de forma contrastiva. As principais variáveis em um corpus são as de tempo e as de lugar. As de tempo permitem evidenciar as mudanças de gênero em função das épocas e as de lugar consistem em observar as características de um mesmo gênero em contextos sócio-culturais diferentes. Isso leva, por exemplo, a examinar porque certos índices da apresentação do discurso são válidos em uma sociedade e não são em outra.

Já que transcrevemos os jogos selecionados, eles se tornam um texto acabado, pronto para ser analisado. Não existem outras marcas a não ser 'verbais' no discurso do locutor, pois, mesmo na televisão, sua imagem raras vezes aparece. As marcas verbais nos interessam de forma global: o léxico, a sintaxe, a prosódia são componentes muito importantes desse tipo de discurso, sempre observadas em função do contexto em que se inserem, assim como os possíveis índices semiológicos, relativos às marcas culturais. O gênero do discurso propriamente dito é "narração (ou locução) de futebol", mas constatamos que, tanto no rádio como na televisão, tal gênero se compõe de três subcategorias muito características: a *narração*, o *comentário* e a *conversação*. Se a análise de produções verbais deve sempre ser

feita de forma contrastiva, como sugere Charaudeau, aqui está um trabalho que tem por maior objetivo a comparação, em função do "lugar", do "contexto" de realização do discurso, para justamente observar como se realiza esse fenômeno lingüístico na "sociedade" francesa e na "sociedade" brasileira.

3. *O estudo das interpretações* não se relaciona à forma de interpretar os resultados da análise do produto acabado, mas, sim à forma dos consumidores da mídia *interpretarem* o discurso. Caberia avaliar os *efeitos* produzidos sobre os destinatários dos discursos veiculados na mídia para perceber a validade dos mesmos quando produzidos pelos emissores, profissionais do jornalismo. Esse estudo, conforme diz o autor, coloca problemas específicos, pois é apenas possível induzir os *efeitos produzidos* a partir dos *efeitos possíveis*.

Como mencionado no capítulo sobre a metodologia de pesquisa, as entrevistas e o debate com os locutores nos permitem formular uma idéia mais geral sobre a questão dos efeitos de sua produção verbal. Também as informações de ouvintes de futebol, no Brasil e na França, nos possibilitam inferir sobre os efeitos da locução futebolística sobre eles mesmos. No entanto, tais dados são secundários, servindo de apoio à transcrição e análise das locuções dos jogos.

Para dar sustentação teórica à nossa pesquisa, temos que levar em conta vários aspectos que julgamos de grande importância ao discurso falado no rádio e na TV, a saber: como "funciona" a língua portuguesa falada no Brasil e como "funciona" a língua francesa falada na França? O que é, aliás, o "funcionamento" de uma língua? E em que condições (de produção e de recepção) isso ocorre? Ao fazer uso da língua em um meio de comunicação de grande alcance, principalmente em um evento de alto relevo na mídia mundial, o que os locutores tencionam, qual é seu objetivo? O que dizer das representações individuais e sócio-culturais que irão refletir-se na linguagem nesse momento enunciativo? Como pode isso influenciar o discurso do locutor? E como se constrói esse gênero do discurso?

Questões assim são as que nos levam a refletir a respeito do uso da língua não apenas como base para a organização do pensamento, ou mero instrumento de comunicação, mas como forma de ação entre interlocutores nas diversas circunstâncias enunciativas.

Um percurso faz-se necessário para a consideração das idéias teóricas. Sempre evidenciando a *interação*, este será o caminho a ser percorrido: primeiramente, enfocaremos o uso e as funções da língua, destacando os atos de fala e a enunciação e o discurso. Em seguida, abordaremos as representações sócio-culturais, onde enfatizaremos as representações no discurso de uma forma geral e as representações da cultura brasileira e da francesa. Daí, passaremos à discussão sobre o cenário enunciativo, os gêneros do discurso e aspectos da língua falada no Brasil e na França. Finalmente, voltaremos a atenção para o gênero discursivo "locução de futebol" e sua arquitetura interna.

“La parole est moitié à celui qui parle,
moitié à celui qui écoute”.
Montaigne

1. Uso e funções da língua

O que é e para que serve a língua?

A língua é um objeto de grande complexidade. Não é fácil dissecá-la, explorá-la em suas particularidades de uso e de significação.

Muito se tem argumentado a respeito do uso e das funções de uma língua. Já se concebeu a língua como meio de "determinar" o pensamento, de forma tão extrema que uma língua não poderia ser traduzida para outra¹. A relação entre língua e pensamento, aliás, sempre foi muito discutida, e estudiosos da cognição humana procuram explicá-la enquanto "representação" ou "reflexo" do pensamento².

Mas, mesmo que se conceba a língua como "representação", "reflexo" ou "construção" das idéias, é necessária sua verbalização, sua exposição. Para isso, existe uma outra definição, a que considera a língua como um "código", através do qual mensagens são transmitidas entre o "emissor" e o "receptor". É a língua vista como *instrumento de comunicação*.

Saussure, em seu clássico *Curso de Lingüística Geral*, ao diferenciar *língua* e *linguagem*, (1970:27) define a língua como "ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos". A linguagem, diz ele, é uma faculdade intrínseca do ser humano, enquanto a língua constitui algo adquirido e convencional, subordinada ao instinto natural, e utilizada pela coletividade.

As expressões de "produto social", "corpo social", e "coletividade", trazidas na definição de língua de Saussure, enfatizam a idéia de se conceber a língua como uma forma

¹ É o caso da tese de Sapir-Worf que considera a língua como **determinante** específica do pensamento. A versão forte dessa forma de conceber a língua é muito contestada, embora a versão fraca, em que o pensamento possa ser influenciado pela língua, ainda seja aceita hoje em dia. Não entraremos aqui no mérito dessa questão, própria da Psicolingüística. (Ver Slobin, 1980: 244-259).

² A língua considerada "espelho" do mundo e do pensamento, como coloca Koch (1998:9).

de "unir" um grupo social. Daí, tem-se a concepção de *instrumento de comunicação* entre as pessoas, como expõe Martinet (1995:18): "uma língua é um instrumento de comunicação, segundo o qual, de modo variável de língua para língua, de comunidade para comunidade, se analisa a experiência humana em unidades de conteúdo semântico e expressão vocal (...)". Para Martinet, uma língua não é um produto acabado, mas sim, uma "atividade", uma atividade de troca, de comunicação de experiências entre indivíduos.

"Atividade" subentende "funções" e isso nos leva a Jakobson³ que propôs a *Teoria da Comunicação*, onde as funções da linguagem se definem segundo os componentes do ato comunicativo⁴.

Considerando a língua como "atividade", ela assume uma terceira definição: *um lugar de interação*. A língua não é vista simplesmente como um meio de transmitir e/ou receber conhecimento, informações, mas passa a ser um meio de *interação*. Por meio da língua, as pessoas realizam "coisas", praticam ações e agem sobre o outro das mais diversas maneiras⁵.

Mas, essa não é uma concepção surgida na atualidade. Platão, em *Euthydème*, já havia constatado: "*Falar é tanto agir como fazer*". E Charles Bally, desde há muito⁶ já dizia: "*a linguagem reflete a face positiva da vida, essa aspiração, essa tensão, essa necessidade perpétua de realizar um objetivo. Esta é a razão de ser de um outro caráter da linguagem espontânea, seu caráter ativo, ou seja, essa tendência que leva a palavra a servir a ação. A linguagem torna-se então uma arma de combate: trata-se de impor seu pensamento aos outros*".

³ Seu livro *Lingüística e Comunicação* (publicação brasileira de 1975) traz vários artigos do autor, publicados entre as décadas de 50 e 60 nos Estados Unidos.

⁴ São seis tais componentes implicados em uma mensagem cuja estrutura verbal depende basicamente da função predominante. Sendo assim, a *função referencial* centra-se no *contexto* (do que se fala), a *função emotiva*, no *remetente* (quem fala), a *função conativa* orienta-se para o *destinatário* (a quem se fala). Quando a mensagem serve para testar o *canal* ou atrair a atenção do interlocutor no sentido de manter contato, tem-se a *função fática*. Quando, porém, focaliza-se o *código*, (a língua com a qual se fala), faz-se uso da *função metalingüística*. Finalmente, o enfoque na *mensagem* como tal, por ela própria, propicia a *função poética* da linguagem.

⁵ É interagindo que se aprende uma língua. Slama-Cazacu (1992), baseada em uma teoria interacionista da linguagem, sustenta que a necessidade de comunicação é o começo de um processo comunicativo, é a base de cada estágio e, por fim, é também seu objetivo.

⁶ In: "El langage y la vida", edição de 1967, página 25. Mas Adam (1999:119) menciona que Bally já tinha essa concepção desde os anos 20.

Kerbrat-Orecchioni (1990:25-28), ao definir o “uso da língua”, acentua bem a diferença entre a concepção *tradicional* da noção de comunicação e a concepção *interativa*, que tem por base uma visão pragmática, como expomos a seguir:

a) A *concepção tradicional*, numa perspectiva fundamentalmente unilateral e linear, tem em conta que:

- as decisões de fala ocorrem em um único sentido: é a emissão que comanda unilateralmente a recepção;

O emissor "emite" e o receptor "recebe", não há nenhuma troca. As funções são bem específicas e cada um exerce seu papel.

- elas se desenvolvem em um eixo linear: os eventos observáveis em um primeiro tempo condicionam os eventos observáveis em um segundo tempo reciprocamente;

Em outras palavras, não há idas e vindas no discurso, ele é linear e direcionado para aquilo que será dito ou o que vai ocorrer a seguir.

- a mensagem circula entre um locutor *ativo* e um locutor *passivo*;

Como não há troca de significados, cada um continua exercendo sua função, o ouvinte é sempre passivo, um "receptáculo", por assim dizer, da mensagem do emissor.

- o emissor codifica sua mensagem com o auxílio de uma certa "chave" (um código) e o receptor para decodificá-la utiliza a mesma "chave" e poderá reconstituir, dessa forma, o conteúdo inicial.

Se não houver o conhecimento de uma mesma língua, é impossível haver comunicação. A interação não se produz por outra forma, a não ser através do código lingüístico.

b) Uma *concepção interativa* da comunicação, por sua vez:

- interliga as fases de emissão e de recepção da mensagem, que se encontram em uma relação de determinação mútua: a recepção dirige a emissão e vice-versa. O locutor antecipa as interpretações de seu interlocutor e as reações eventuais desse último vão inferir nos enunciados do primeiro e assim por diante;

Aqui há troca, há uma forte influência do outro no discurso daquele que fala. Essa influência transforma o tipo de mensagem e a forma de passá-la para o interlocutor.

- observa que os eventos comunicativos não são exclusivamente lineares, mas estão sempre incorporando mecanismos de antecipação e de retroação;
- na *antecipação*: o locutor antecipa as crenças de seu interlocutor, seu comportamento, suas representações mentais, podendo evitar possíveis mal-entendidos ou dificuldades de compreensão.

O interlocutor antecipa a continuação do discurso, podendo até completá-lo. A *antecipação* é referida por Orlandi (1996:126)⁷, como um processo de natureza argumentativa sobre o qual se funda a estratégia do discurso. A autora salienta o valor da antecipação na interação justificando que é por esse mecanismo que o locutor *experimenta* o lugar de seu ouvinte, sem sair do seu lugar. E acrescenta que esta é a forma pela qual o locutor "representa as representações" de seu ouvinte e vice-versa.

É de fato, fundamental para o fluir do discurso, o conhecimento do ouvinte, pois apenas com ele em mente, é que o locutor poderá fazer uso das melhores estratégias de comunicação, de acordo com suas intenções e com os efeitos que quer provocar.

- na *retroação*: o que se passa em um segundo tempo modifica a percepção dos acontecimentos ocorridos anteriormente.

É uma reinterpretação do evento anterior que havia sido compreendido de forma incorreta ou mal compreendido e a sequência do discurso propicia a interpretação adequada desse evento. O próprio locutor pode reinterpretar seu discurso, "voltar atrás" em suas palavras, e esclarecer seu ponto de vista, ou qualquer outro aspecto de seu discurso, influenciado pela interação com o ouvinte.

- A concepção interativa considera o receptor tão ativo quanto o emissor: ele produz uma atividade *cognitiva*, que é o trabalho "interpretativo", como também uma atividade *reguladora*, que é o trabalho "interacional".

⁷ Com base em Michel Pêcheux.

O trabalho "interacional" é manifesto por sinais que o ouvinte produz. Não são apenas ruídos vocais ou palavras, mas em uma interação face-a-face, as expressões faciais e gestuais são sinais que desempenham um papel fundamental para o engajamento entre os interlocutores. Tanto o locutor como o ouvinte são ativos no "ato comunicacional". Ambos se influenciam mutuamente, trocam seus papéis, colaboram para a mútua compreensão e para o fluir do discurso.

- Com isso, o próprio "código" é construído durante a interação.

Operações de codificação e de decodificação, a negociação de significados dentro da própria língua dão dinamismo e complexidade ao ato de comunicação. O constante uso da língua, aos poucos, vai transformando a própria língua. Como diria Martinet (1995:64), uma “língua muda a todo momento sem nunca deixar de funcionar para a comunicação”.

1.a) Atos de fala⁸

O funcionamento da língua para a comunicação é a tônica da *Teoria dos Atos de Fala* proposta por Searle. Para Searle (1981:26), o ato de fala é a unidade mínima da comunicação lingüística, e isso lhe permitiu desenvolver o princípio da “expressabilidade”, que atesta que todas as *intenções* do falante podem ser expressas através de atos de fala. Toda vez que o falante enuncia uma frase, ele executa pelo menos três atos de fala: atos de enunciação (quando enuncia palavras, morfemas, frases), atos proposicionais (ao referir e predicar a respeito de um objeto) e atos ilocucionais (como afirmar, perguntar, ordenar, prometer, etc)⁹.

⁸ Cervoni (1989) em uma perspectiva histórica sobre a análise dos enunciados, indica que desde a Idade Média, havia uma preocupação, entre os gramáticos, em bipartir-los em ‘modalidade e conteúdo’, como herança dos filósofos gregos. No período clássico, tal divisão é observada na distinção entre a *forma* e a *matéria* dos enunciados e, na lingüística contemporânea, após grande ênfase do estruturalismo e da gramática chomyskiana, a problemática com as modalidades discursivas reconquistou um lugar privilegiado. Cervoni assevera que esse retorno deveu-se ao:

desenvolvimento das perspectivas sobre a lógica da linguagem: a semântica gerativa que traz em si um “componente básico semântico-lógico”;

interesse pela análise do que se *faz ao falar*. J. L. Austin foi quem promoveu esse tipo de análise com o estudo da “performatividade” que, evidentemente, vai ao encontro do estudo da modalidade dos atos de fala.

desenvolvimento da semiótica, entendida como um estudo do discurso narrativo (as noções de ‘querer’, ‘dever’, ‘poder’, ‘saber’ são indispensáveis para explicar o funcionamento da narrativa em relação ao ‘ser’ e ‘fazer’. Tais verbos são considerados vetores da modalidade dos enunciados).

⁹Searle, aqui, retoma a noção de Austin (“*How to do things with words*, 1962), em que os atos ilocucionais são atos de fala completos.

Os atos de enunciação referem-se simplesmente ao fato de enunciar uma seqüência de palavras. Ao passo que os atos proposicionais e ilocucionais consistem em enunciar uma seqüência de palavras com um determinado fim, sob certas condições. Os atos proposicionais não ocorrem independentemente dos atos ilocucionais, ou seja, todas as vezes em que se faz uma referência ou uma predicação a respeito de uma pessoa ou coisa, um ato ilocucional é requerido, pois é necessário fazer uma asserção ou pergunta ou usar qualquer outro ato ilocucional para isso. Em outras palavras, são necessários enunciados completos e não "palavras" soltas em frases para que se queira dizer algo.

E aqui entra o papel da *força ilocucional*. Uma mesma proposição pode ser utilizada em diferentes atos ilocucionais. O contexto vai fixar a força ilocucional da expressão¹⁰. Searle assevera que cada língua tem suas regras para marcar a força ilocucional de um ato e, sintaticamente, alguns processos podem ser bastante complicados.

Em português, como em francês, são indicadores da força ilocucional de um ato de fala: a ordem das palavras, a entonação, a tonicidade, o modo do verbo e também o uso de verbos "performativos". Verbos performativos são por si só atos ilocucionais realizados para introduzir um outro ato, como os verbos "afirmar", "dizer", "perguntar", etc.

No contexto de narração de jogo de futebol, na frase "eu afirmo mais uma vez que esse juiz não está com Nada hoje", o verbo "afirmar" é um verbo performativo e por isso é por si só um "ato ilocucional". Dizer que "afirma" é ao mesmo tempo "afirmar", o que dá mais "força" à expressão do que simplesmente dizer: "esse juiz não está com nada hoje". A locução adverbial "mais uma vez" também contribui para a força ilocucional desse ato de fala, bem como outros fatores como a acentuação da sílaba tônica no advérbio de negação "Nada", e a ordem da frase, onde o advérbio de negação "nada" vindo antes do advérbio de tempo "hoje", ganha mais realce (o "nada" tem mais força do que o "hoje", não apenas por causa da ênfase na sílaba tônica, mas também porque, em português, traz-se para mais perto do verbo, o advérbio que tem maior valor semântico na frase¹¹). Enfim, todas as características dessa frase, inclusive sua entonação lhe dão uma força ilocucional única, um sentido único dentro do contexto onde está inserida.

¹⁰ Indicada pela fórmula "f(p)", onde f é a "força ilocucional" e "p" a proposição.

¹¹ Sobre a posição de realce de adjuntos adverbiais em português, ver Otto M. Garcia (1981:266).

Searle crê que falar uma língua é adotar uma forma de comportamento regido por regras, ou seja “executar ações de acordo com regras”. De fato, da mesma forma como existem regras para que um jogo tenha sentido (um jogo de xadrez, por exemplo), existem regras que fazem com que o uso de uma língua tenha sentido, são regras que favorecem a comunicação, a expressão de intenções, por meio dos atos de fala.

Searle faz a distinção entre dois tipos de regras: as *regras normativas* e as *regras constitutivas*. As *regras normativas* governam comportamentos pré-existentes, ou seja, comportamentos que ocorrem independentemente da situação locucional. É o caso de regras de cortesia, regras de relações inter-pessoais. Considerar uma pessoa "amável" ou "rude" é avaliá-la segundo *regras normativas*. Da mesma forma como considerar um jogador "veloz" ou "esperto" ou, pelo contrário, "lento" e "inabilidoso". Tais avaliações são possíveis de serem feitas, pois são amparadas por regras. Nem sempre é possível explicar essas regras, elas existem e justificam certos atos.

As *regras constitutivas*, por sua vez, criam ou definem novas formas de comportamento (e não comportamentos pré-existentes). Elas são "*constitutivas*", pois são "constituídas" para que certos atos possam ser executados. As regras do jogo de futebol são diferentes das regras do jogo de basquete. Ambas são regras constitutivas.

Se pedimos para alguém descrever um determinado jogo e essa pessoa disser que vê jogadores quicando uma bola com as mãos e tentando enfiá-la em um aro com rede, colocado em um poste alto na extremidade de uma quadra, saberemos que se trata de um jogo de basquete, pois foram descritas as regras que tornam esse jogo possível. Ao passo que se forem descritas ações de um número maior de jogadores que chutam a bola com os pés, tentando colocá-la dentro de uma trave, na extremidade de um campo, percebemos que se trata de regras do futebol. Se não houvesse tais regras, o jogo não seria possível. Ele apenas se torna um jogo de basquete ou de futebol porque está subordinado a regras que o constituíram.

O que Searle quer demonstrar ao fazer a distinção entre *regras normativas* e *constitutivas* é que existem *regras* que possibilitam a realização de determinados atos de fala em uma língua "A" e *regras* que possibilitam a realização de determinados atos de fala em uma língua "B". Isso se refere às línguas em geral. Não à linguagem, como capacidade de

comunicação do ser humano. A linguagem tem *regras normativas*, são regras pré-existentes que não dependem de uma língua. A língua por sua vez é convencional e tem regras que governam seus *atos ilocucionais*. Por exemplo, o ato de prometer. Existem regras para que ele se aplique. É necessária uma condição de submissão à própria fala e de compromisso com o interlocutor para que esse ato possa ser realizado. Se não houver essa "condição" enunciativa, o ato de prometer não pode ser realizado. Esta é uma *regra normativa*.

Agora, como se realiza o "ato de prometer" em uma língua? Depende de suas *regras constitutivas*, criadas para que esse ato se concretize. Cada língua possui uma forma de "prometer algo a alguém". Em português dizemos "eu prometo", em francês "je promets", em inglês "I promise", convencionou-se assim, um pronome seguido de verbo no presente, mas talvez haja outra língua em que o ato ilocucional de prometer tenha uma regra diferente (inversão do sujeito?) e se use um outro verbo que não se origine do latim "promittere", cujo primeiro sentido é "atirar longe"¹².

Os atos ilocucionais são, portanto, dependentes das *regras de funcionamento* de uma língua, pois são elas que possibilitam sua realização; eles também estão na base da *significação*, visto que as palavras enunciadas têm que ter um sentido. Sentido que será reconhecido pelo ouvinte na medida em que ele não apenas compreende as regras de uma língua, mas é capaz de utilizar essas regras para compreender as *intenções* do locutor. O locutor tem sempre uma intenção ao fazer escolhas de determinados atos de fala, como prometer, informar, divertir, advertir, julgar, afirmar, perguntar... Há inúmeras possibilidades, de acordo com o *efeito*¹³ que se quer produzir e o ouvinte deverá apoiar-se no contexto interacional para percebê-lo.

Os *efeitos* dos atos de fala têm uma função especial: a de ***posicionar os interlocutores***. Como o ato de fala é um ato social, irá conferir um determinado lugar social aos interlocutores.

¹² Daí se infere o significado de "fazer uma promessa" como comprometer-se no presente com aquilo que está adiante, "longe" do momento da enunciação.

¹³ Apesar de serem mencionados os efeitos no ouvinte, a falta de um elemento " interacional" mais forte é uma das críticas que se faz à "teoria dos atos de fala", como se lhe faltasse um complemento: uma "teoria dos atos de escuta"!

Possenti (1993:60) exemplifica bem essa questão do posicionamento dos interlocutores ao comparar um enunciado a um “distintivo” ou a um “talão de cheques”. O ouvinte nunca é passivo, ele interage e reage, trabalhando junto com o locutor, na direção de uma significação. Até o silêncio faz parte da comunicação e do jogo de efeitos.

Kerbrat-Orecchioni (1980:202) aponta a distinção comum que se faz entre o *sentido* e o *efeito de sentido*. Levando-se em conta os valores pragmáticos inscritos na significação de um ato de fala, no *sentido*, os valores são previsíveis na língua. No *efeito de sentido*, os valores são imprevisíveis, anárquicos e surgiriam abruptamente durante a atualização discursiva, escapando de qualquer tentativa de codificação.

Na verdade, é a interação do locutor com seu ouvinte em um determinado momento, em um contexto específico que vai determinar as possíveis interpretações. Antes do locutor exprimir seu enunciado, por causa dessa interação, ele já tem o ouvinte como alvo de efeitos de sentido do enunciado que quer produzir. Um enunciado poderá proporcionar diferentes efeitos. Quanto melhor se conhecem as regras de funcionamento de uma língua, melhor se compreende o efeito da mensagem do locutor.

Evidentemente, é possível ocorrerem enganos ou “astúcias” do locutor que posiciona seu ouvinte sem querer se comprometer com esse posicionamento¹⁴.

Com base em uma interpretação, que pode coincidir ou não com a do locutor, o ouvinte terá uma dada reação, admitindo ou não o posicionamento no qual foi colocado, ou se sentiu colocado ao se dar conta do ato de fala empregado.

Tal posicionamento refere-se à enunciação.

¹⁴ Um exemplo: o provérbio “para bom entendedor, meia palavra basta” às vezes é utilizado para insinuar que o ouvinte não tem “capacidade” de compreender. Este pode se sentir ofendido, mas o locutor se defende, pois não chamou o outro de “estúpido”, queria dizer justamente o contrário. O contexto permite muitas interpretações, e as representações dos interlocutores na interação desempenham um papel muito importante para a escolha de uma delas.

1. b) Enunciação e Discurso

Muito se tem discutido sobre o efeito dos enunciados, mas não podemos compreendê-lo sem nos atermos à “enunciação”. Se *enunciado* é a realização concreta da utilização da língua em algum ato de fala, qual é a concepção de *enunciação*?

O Dicionário de Lingüística (Dubois e outros, ed. 1993), ao definir o que seja enunciação, caracteriza alguns de seus aspectos, entre os quais: a posição - de distância ou de aproximação - do falante diante de seu interlocutor ou diante de seu próprio enunciado; a transparência ou opacidade do enunciado em relação ao receptor da mensagem e a dinâmica da relação entre o falante e o destinatário.

Uma das formas mais interessantes de se entender o fenômeno da enunciação é a metáfora usada por Fiorin (1996:42). Ele diz que “enunciar é criar” e, por isso, todas as vezes que enunciamos, criamos “mundos diversos” com a linguagem, como Deus, ao usar a língua para criar o Universo. Fiorin (op.cit :54) menciona que a instância da enunciação constitui um conjunto de universais da linguagem. Tais universais terão particularidades expressas de acordo com cada língua ou linguagem. E a interpretação dos termos pertencentes às categorias de pessoa, de espaço e de tempo (que são categorias relativas à enunciação) possui mais complexidade do que qualquer outro elemento da língua.

Charaudeau (1992:572) faz distinção entre “enunciação” e “modalização”. Para ele, a enunciação é um fenômeno complexo em que o falante se situa em relação ao seu interlocutor, ao mundo que o envolve e àquilo que ele diz para organizar o seu discurso. O discurso é construído através da enunciação que se manifesta por índices tomados pelas diferentes posições do sujeito-falante. Tais índices podem ser representados por sistemas formais (como pronomes pessoais, tempos e modos verbais), adjetivos ou advérbios, ou pela própria organização do discurso. A modalização é apenas uma parte do fenômeno da enunciação, mas é seu ponto principal, pois é o que permite explicitar o lugar do sujeito-falante em relação ao seu interlocutor.

Charaudeau distingue “atos locutivos” de “modalidades enunciativas”. Os “atos locutivos” são as posições que ocupa o locutor na sua locução e as “modalidades enunciativas” são as subcategorias ou especificações desses atos.¹⁵

Para Benveniste (1974:82), a ‘enunciação’ é o funcionamento da língua por um ato individual de utilização, é o ‘**ato**’ mesmo de produzir um enunciado e não o texto do enunciado. A enunciação traz em si a transformação da língua em discurso e tal conversão em que o “sentido” se transforma em “palavras” realiza-se, segundo ele, *individualmente*.

Benveniste também argumenta que esse ato individual tem, em primeiro lugar, o *locutor* como parâmetro nas condições necessárias de enunciação. O *ouvinte* não faz parte da enunciação; apenas quando o locutor se declara como tal e assume a língua, através de um enunciado, é que implantará o *outro* diante de si, não importa qual seja o grau de presença atribuído a esse *outro*. Quem participa da enunciação, apropriando-se da língua, é aquele que fala, não aquele que ouve. A presença do locutor (a quem a palavra pertence, pois dela se apropriou) em sua própria fala é um dado constitutivo da enunciação.

O locutor mobiliza a língua subjetivamente através de um processo que ele chama de “aparelho formal da enunciação”. Isso faz da enunciação um fato singular e que não poderá jamais ser repetido. É a atividade do falante que constitui a língua e o discurso. O falante constrói e faz uso de instrumentos lingüísticos, que lhe interessam segundo seu discurso, deixando marcas explícitas da subjetividade na linguagem. Tais marcas são evidenciadas pelos pronomes *eu* e *tu* e por todos os outros dêiticos (indicadores lingüísticos espaço-temporais). Isso não quer dizer que o “eu” seja o locutor, mas é o “indivíduo que profere a enunciação”. Todos os pronomes são classes de “indivíduos”. Indivíduos que nascem da enunciação.

O ato de enunciação também instaura o *presente*, de onde vem a categoria *tempo*. O presente é a origem do tempo, pois, conforme afirma, não há para o homem nenhuma outra forma de viver o “agora” se não for pela inserção do discurso no mundo¹⁶. E, concentrando-

¹⁵ Ele dividiu essas categorias em atos *alocutivos*, *elocutivos* ou *delocutivos*, de acordo com marcas da 1ª. 2ª. ou 3ª. pessoas do discurso, mas para o autor, o **outro** (o interlocutor) não está implicado, se há apenas marcas da 1ª. ou da 3ª pessoa. Dessa opinião não compartilho.

¹⁶ Benveniste opõe o “discurso” (realizado no momento da enunciação) à “história” (narrativas no passado). Essa é uma das controvérsias de sua teoria, pois a relação subjetiva (eu-tu) pode estar em maior ou menor grau em todas as circunstâncias discursivas.

se no momento presente da enunciação, Benveniste (op. cit. pág 90) a considera como um ato direto de união do ouvinte ao locutor por algum laço de sentimento social ou de outro tipo. Por causa dessa relação, ele afirma que se está aí no limite do "diálogo". Quando ele diz isso, constatamos que se trata mesmo de "apenas no limite", pois a enunciação em si, conforme afirma, é fazer a língua funcionar por um ato **individual** de utilização, e não *compartilhado* ou *socializado*.

Bakhtin, por sua vez, compreende a enunciação sob um outro enfoque. Ele propõe (1992:111 e 112) que a enunciação comporta não apenas o *conteúdo interior* de uma expressão¹⁷, mas também a sua *objetivação exterior* para outrem. E isto deve ser considerado por qualquer teoria da expressão. Ele define **enunciação** como:

“o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A palavra dirige-se a um interlocutor, é função da pessoa desse interlocutor”.

E como se define o locutor?

Para Bakhtin, na enunciação, o locutor não é “aquele que se apropria da palavra”, pois ela não lhe pertence totalmente nesse momento. Apenas quando a palavra se materializa no ato de fala, que é puramente fisiológico, é que ele a possui, é que ele “tem a palavra”.

A estrutura da enunciação é determinada pela situação social mais imediata e o meio social mais amplo a partir de seu próprio interior. Dito de outra forma, ela é, em qualquer circunstância, **socialmente dirigida**.

A característica fundamental de Bakhtin é o dialogismo, que é a **condição do sentido do discurso** e ‘ignorar o discurso’, é o mesmo que apagar a ligação existente entre a **linguagem e a vida**. O “outro” assume um papel de extrema importância para a constituição do sentido. As palavras emitidas por um locutor trazem em si a perspectiva de uma outra voz. O “outro” sempre estará presente no discurso¹⁸.

¹⁷ Que ele define como sendo “tudo aquilo que, tendo se formado e determinado de alguma maneira no psiquismo do indivíduo, exterioriza-se objetivamente para outrem com a ajuda de algum código de signos exteriores”.

¹⁸ “...a influência fortíssima e todo-determinante da palavra do outro, que atua veladamente sobre o

Explorando um pouco a situação da fala do locutor de futebol, quando ele narra um jogo, o que exatamente está fazendo? Que atos de fala ele emprega e com quais intenções? Que vozes existem atrás da sua?

No caso da narração de futebol, todas as palavras do narrador têm uma significação extraída do contexto do jogo e do contexto da locução em si¹⁹. Vários atos de fala são empregados para “narrar” o futebol. Constantemente, no Brasil, ouvimos exemplos do tipo: “Não entregue essa bola, não”, “Vai que é sua, Taffarel”, “Seu Juiz, preste atenção no jogo, que assim não vai dar!”, “Esse menino Peres está jogando um bolão hoje”, etc. Em tais exemplos, o ato de narrar, ou contar o evento se transforma em diversos atos de fala (como animar, advertir, avaliar, etc.) expressos por outras vozes que não simplesmente a do narrador.

Vê-se que o narrador dá vazão a um enunciado que sai dos “padrões narrativos” em que simplesmente “relata a ação” dos jogadores²⁰. E quando o faz, embora dirigindo-se ao seu telespectador pela televisão, pode também dirigir-se a um outro suposto interlocutor (o jogador, o juiz, etc).

Por causa de uma interação muito grande entre o ouvinte e o locutor, mediada pela televisão, muitas vezes, este quer falar as palavras de quem o ouve e não apenas narrar. Por isso, atos como ‘avaliar’, ‘advertir’, ‘animar’ podem ser os mesmos atos que seriam executados pelo ouvinte, ao “torcer”. A voz do locutor passa a incorporar a ‘voz do ouvinte’.

Devido à distância, mediada pelo rádio ou pela televisão, aquele que acompanha o jogo não poderá trocar mensagens diretamente com seu locutor. Porém, internamente ou não, muitas vezes, o ouvinte enuncia as mesmas frases daquele que fala... ele é quase um ‘cúmplice’ do evento narrado. Sua expectativa não é a de apenas ‘ter conhecimento’ sobre as ações que transcorrem durante o jogo, mas a de avaliar os atores em campo, de vibrar com o ocorrido e, quando não, de ‘participar’ da narração. Tudo isso através da locução que o liga à situação em campo. A forte interação entre locutor e ouvinte faz com que eles, embora não se ouçam, misturem suas vozes.

discurso de dentro para fora..” que Bakhtin explicita em *Problemas da Poética de Dostoiévski* (1981).

¹⁹ O cenário enunciativo, do qual falaremos mais adiante.

²⁰ No capítulo 8, lidaremos especificamente com a “arquitetura” do gênero do discurso do locutor futebolístico.

É certo que o narrador dialoga muitas vezes, durante a narração da partida, com seus interlocutores representados pelos comentaristas e pelos repórteres de campo. Mas, fora desse diálogo concreto, em seu próprio discurso, falam também outras vozes, como a torcida no campo, os jogadores, os técnicos, o ouvinte-torcedor e até representantes políticos... sem omitir a “voz” da emissora, por meio da qual transmite o jogo.

A polifonia é uma característica marcante em Bakhtin. Ducrot (1984)²¹ a retoma ao insistir na pluralidade de sujeitos de um mesmo enunciado, fazendo a distinção entre *locutor* (“être de discours”) e *sujeito falante* (“être empirique”), como se o locutor fosse o “narrador” e o falante, o “autor” do discurso (discurso indireto), e entre o *locutor* e o *enunciador*, como se o locutor fosse o “autor” e o enunciador, a “personagem” de uma narrativa (discurso direto).

Authier-Revuz (1982), indo na direção polifônica de Bakhtin, argumenta que a presença do outro é revelada por uma *heterogeneidade discursiva* que poderá ser *mostrada* ou *constitutiva*. Na heterogeneidade mostrada, encontram-se marcas específicas da ‘outra voz’ no discurso do locutor, mas na heterogeneidade constitutiva, tais marcas não são explícitas, como o que ocorre no discurso indireto livre, na ironia, na imitação, etc. Tanto no discurso direto como no indireto é possível ‘detectar’ as outras vozes. No indireto, muitas vezes um advérbio ou adjetivo revela essa segunda voz²².

Para Barros (1996:36-37) os efeitos de *polifonia* não se restringem aos efeitos de “mostração” ou de “citação” da heterogeneidade mostrada de Authier-Revuz. A autora explica que o *dialogismo* é a condição da linguagem e do discurso, mas há textos monofônicos e polifônicos. Nos polifônicos, os diálogos se mostram, são claros, deixam-se ver ou entrever, mas nos monofônicos, eles se ocultam sob a *aparência* de um discurso único, de uma só voz.

Ainda sobre a relação das vozes na voz do locutor, é comum, no Brasil, o locutor futebolístico fazer o jogador ‘falar’ enquanto está narrando o jogo. Um exemplo muito usado

²¹ Ver capítulo VIII: *Esquisse d'une théorie polyphonique de l'énonciation*.

²² Por exemplo, no discurso direto: “O técnico da seleção tinha dito: ‘Não, com certeza, o Romário não vai jogar, não adianta insistir’”. Aqui está bem marcada a presença da polifonia, pois ouvimos a voz do narrador e diretamente a ‘voz do técnico’. No discurso indireto: “Perguntei ao técnico e ele disse que com certeza o Romário não ia jogar”... O “com certeza” marca a presença da ‘voz do técnico’.

por Galvão Bueno é o do tipo: “Bebeto pediu a bola, Aldair diz que não, Bebeto insiste e Aldair diz não ainda e chuta direto pro gol”. Esse diálogo entre os jogadores existiu na ação física deles e não na ação verbal, mas foi interpretado verbalmente.

Mas o diálogo não é apenas compreendido no sentido específico da interação verbal, onde as pessoas interagem pela fala. Pode-se compreendê-lo num sentido amplo, pertencente a toda e qualquer comunicação verbal. Para Bakhtin, ele está na *base da enunciação e constitui a forma mais importante da interação verbal*.

Bakhtin define a verdadeira substância da língua, não por um ato individual de enunciação, nem pelo ato fisiológico de sua produção, mas pelo **fenômeno social da interação verbal** realizado na enunciação e conclui que *a interação verbal constitui a realidade fundamental da língua*.

Por isso Bakhtin insiste que a língua deve ser estudada segundo a “comunicação concreta” e não de acordo com um “sistema lingüístico abstrato das formas” ou com o “psiquismo individual dos falantes”. Ele propõe a seguinte ordem metodológica para o estudo da língua²³:

1. Em primeiro lugar, deve-se ter em conta as formas e os tipos de interação verbal que se relacionam às condições concretas de realização;
2. Em seguida, as formas das diferentes enunciações, ou seja, as relações dos atos de fala na vida e na criação ideológica possíveis de determinar a interação verbal;
3. Finalmente, a análise das formas da língua na sua interpretação habitual.

Essa ordem metodológica conecta a evolução da língua, com a evolução social. As relações sociais evoluem, transformam o tipo de comunicação e de interações verbais, e a língua, conseqüentemente, será afetada por essa transformação.

O aspecto social da língua é condição de sua existência e a estrutura da enunciação é puramente social. Não há como compreender a enunciação senão através de um processo dinâmico-social que dá origem ao **discurso**, ligação tão eminente entre a “linguagem e a vida”.

²³Cf. Bakhtin, 1992, cap. 6, “A interação verbal”. Sobre a “ordem metodológica”, consultar p. 124.

Reforçando a significação do *discurso*, Orlandi (1996²⁴) faz a distinção entre este e o *texto*. Sumariamente, poder-se-ia dizer que o texto traz "informações" e o discurso traz "efeitos de sentido".

Quando a base é simplesmente a *informação*, repetições ou quaisquer outras formas de se transmitir uma mensagem não mudam o fato de que o receptor da mensagem será "informado". Mas, quando se tem por base *efeitos de sentido*, a mera repetição de uma palavra numa frase já muda a significação do texto, transformando-o em "discurso". O receptor passa a ser um interlocutor, ou melhor, um *co-enunciador*, pois é participante do objeto de discurso e a frase, por estar inserida em um contexto específico, transforma-se em um *enunciado*.

Nessa linha, Bronckart (1998:146) reaviva a seguinte fórmula: **Discurso = Texto + Condições de Produção** e **Texto = Discurso - Condições de Produção**. A situação enunciativa geradora do discurso (ou seja, as condições em que é produzido) é o que lhe dá sentido. O discurso é um objeto concreto que combina propriedades textuais com as características de um ato de fala realizado em uma determinada situação. O texto é um objeto abstrato, resultado da abstração do contexto sobre o objeto concreto. Não existe discurso sem que haja um texto. O texto, segundo o que explica Maingueneau (1998:43) é uma produção oral ou escrita, estruturada para ter uma "existência" fora de seu contexto original. O texto serve para ser repetido, lembrado, circulado. O discurso é específico de uma dada situação enunciativa.

Maingueneau (1998: cap. 4) dá bastante ênfase ao sentido do discurso, destacando-o, dentro da corrente Pragmática, como uma nova forma de compreender a atividade verbal. Ele procura defini-lo, relacionando seus traços essenciais. É o que apontamos a seguir, ao darmos relevo à importância da interação para a existência do mesmo e ao situarmos aspectos do discurso do locutor futebolístico, objeto de nossa análise²⁵.

- *O discurso é uma organização além da frase*

²⁴ No capítulo intitulado "Funcionamento e Discurso".

²⁵ Daremos ênfase ao gênero discursivo "locução de futebol" no capítulo 8 desta Terceira Parte, mas, visto que estamos discutindo o "sentido do discurso", julgamos pertinente inserir, nesse contexto, aspectos do discurso do locutor futebolístico congruentes com os traços levantados por Maingueneau.

O discurso mobiliza estruturas que se diferenciam da estrutura da frase. Isso não quer dizer que seja menor nem maior do que uma frase. Um provérbio constitui um discurso e um romance também, visto que são unidades completas. O discurso possui uma organização transfrástica que se submete a regras determinadas por um grupo social; regras que orientam a narração, o diálogo, a argumentação.

A frase, como explica Ducrot (1984:174), objetiva uma análise lingüística, gramatical e não a expressão dentro do contexto interacional. Colocada em um contexto, temos um enunciado, a manifestação particular *hic et nunc* de uma frase. O discurso sempre terá um alcance superior ao da frase por causa do contexto interacional do momento enunciativo em que é realizado, dando-lhe uma significação completa.

O discurso do locutor futebolístico está vinculado à sua atuação como enunciador durante o tempo em que durar uma partida de futebol. É um discurso longo, composto de uma estrutura complexa, em que há, inclusive, a participação de outros enunciadores. Mas é essa estrutura diversificada que o transforma em uma unidade de sentido.

- *O discurso é orientado*

O discurso segue uma orientação definida em função de sua finalidade estabelecida pelo locutor. Como ele se desenvolve no tempo, também possui uma linearidade. Evidentemente, ele pode ter desvios, digressões, interrupções, comentários, reações, principalmente se houver mais de um interlocutor em cena ou mesmo quando houver apenas um enunciador. Claramente existem expressões no interior do discurso que servem para guiá-lo (como é o caso dos seguintes termos em português: "*como eu ia dizendo*", "*você está me entendendo?*", "*não é bem isso*", "*os meus objetivos são...*", etc).

O discurso do locutor de futebol, por mais complexo que possa parecer, tem uma orientação bem definida, caso contrário, perderia o sentido, a unidade de sua significação. É um discurso repleto de recortes, fragmentado, principalmente quando conta com a participação de outros enunciadores, mas não é diluído, pois tem um objetivo definido a cumprir.

- *O discurso é uma forma de ação*

Maingueneau insiste no fato de que "falar" não é apenas representar o mundo, mas agir sobre o outro. Cada vez que se faz uso da palavra, o outro é colocado diante do locutor e participa ativamente do discurso, pois está inserido em cada ato de fala manifesto pelo locutor.

O ouvinte é o alvo da ação do locutor de futebol. Se assim não fosse, este não procuraria entretê-lo, informá-lo, diverti-lo, emocioná-lo... Muitas vezes o ouvinte discorda do locutor, ou não aprecia seu estilo, ou pelo contrário, é seu fã incondicional e sempre lhe dá razão. Isso ocorre porque o locutor esportivo age sobre o ouvinte através das suas escolhas discursivas.

- *O discurso é interativo*

O discurso só pode ser constituído por meio de uma interatividade, como já expusemos. A primeira e a segunda pessoas (EU-TU) formam um par inseparável na construção do discurso. A interatividade no discurso ocorre mesmo que o outro não esteja fisicamente presente. Não se deve confundir *interatividade* com *interação oral*. Na interação oral, o interlocutor reage e constrói o discurso *pari passu* com o locutor. Mas interatividade não supõe presença física, apenas "presença discursiva". Existe uma relação, mesmo que virtual, com o ouvinte ou o leitor em qualquer tipo de discurso.

Em programas de rádio e de televisão, por exemplo, a palavra dirigida ao público é influenciada por ele. Muitas vezes os programas não são ao vivo, mas são feitos com base na relação intrínseca que existe com o público ouvinte. O mesmo ocorre com o texto escrito, seja no gênero que for: uma novela policial e um artigo científico expõem características da interação com o público ao qual se destinam²⁶.

O mesmo ocorre na transmissão de jogos de futebol. O locutor interage tanto com seu público que sua linguagem reflete seus ouvintes. Há quase uma miscigenação entre locutor e ouvinte e um passa praticamente a ocupar o lugar do outro.

²⁶ Marcuschi (1998) analisou as atividades de compreensão na interação verbal, onde locutor e ouvinte trabalham em conjunto na construção do sentido e em outro artigo (1999), ele demonstrou marcas da interatividade na língua escrita, mesmos em textos acadêmicos.

- *O discurso é contextualizado*

Não existe discurso que não esteja inserido em um contexto. Uma frase, ou uma palavra "solta", fora de qualquer contexto, perde sua significação. Um mesmo enunciado expresso em contextos diferentes, não terá o mesmo sentido, pois constituirá dois discursos diferentes. A relação social entre duas pessoas *contextualiza*, estabelece o tipo de discurso. As mesmas pessoas podem desenvolver entre si discursos totalmente diferentes, dependendo da situação em que se encontram.

No discurso futebolístico, há uma constante troca de papéis, o locutor passa de "comentarista" a "torcedor" entre outros papéis, dependendo da situação do jogo e dos efeitos que quer produzir. Um mesmo enunciado nunca será igual, nunca terá o mesmo valor. Até a palavra "gol" terá um diferente sentido a cada vez que for proferida. O gol é do time adversário? É gol decisivo? Em que momento do jogo? Quem marcou? Como o fez? Há inúmeros aspectos que participam da contextualização dos enunciados.

- *O discurso é de responsabilidade de um sujeito*

Todo discurso existe na condição de que pertence a alguém, é de responsabilidade de um determinado enunciador que o proferiu ou o escreveu. Esse enunciador demonstra sua postura diante do assunto de que trata ou mesmo diante do público a quem se dirige. No entanto, é possível "modalizar" o discurso, dissimular a autoria do que foi dito, ou tentar "desdizer" o que se disse, transferindo a responsabilidade do enunciado a outra pessoa, mesmo que neutra.

No futebol, é o caso de enunciados como "o Sampaio cometeu uma falta", "parece que o Sampaio cometeu uma falta", "o juiz tá dizendo que o Sampaio cometeu uma falta", onde o locutor EU esconde-se em seu discurso, omitindo a autoria de seu enunciado. Isso é condição de qualquer texto, principalmente textos em que predomina um objeto referencial, dissimulado por um "quê" de objetividade, como o discurso do locutor futebolístico.

No entanto, como afirma Possenti (1993:55) "tudo o que sai da boca do homem tem a sua marca". E, por mais que um locutor queira se "distanciar" de seu discurso, seu estilo (que varia de traços prosódicos a sintáticos), revela sua autoria.

- *O discurso é regido por normas*

Como em qualquer outro comportamento, existem leis que regem os atos de fala. Por exemplo, uma pergunta implica algum tipo de interesse na resposta; talvez o locutor desconheça a resposta, ou queira testar o conhecimento do interlocutor, ou queira simplesmente entretê-lo. Em outras palavras, sempre haverá uma justificativa legítima para que um ato de fala aconteça.

Já discutimos a respeito de 'regras' que regem os atos de fala. Elas existem, pois organizam o discurso. O locutor é livre para escolher a forma de seu discurso mas, por mais livre que ele seja, sua 'liberdade', está condicionada às regras que regulam a interação. As intenções e efeitos de sentido pertencem às 'regras' dos atos de fala que, por sua vez, se subordinam às condições de produção do discurso. Um locutor futebolístico faz determinadas escolhas para transmitir o jogo pela TV e outras escolhas para transmitir o jogo pelo rádio. Ele se submete a diferentes tipos de normas, que vão desde imposições de seu local e tipo de trabalho, como regras de uso da língua, sempre tendo em conta a interação com seu ouvinte.

- *O discurso é tomado em um interdiscurso*

Todo discurso se relaciona a outros discursos. A interpretação de um simples enunciado depende da relação com os outros enunciados ao seu redor. Cada discurso se insere em uma determinada tipologia, a partir de onde gera múltiplas relações interdiscursivas. Por isso, identificamos o que seja um discurso do tipo "manual de filosofia" e um discurso do tipo "programa de auditório". Existem características interdiscursivas que nos possibilitam fazer essa identificação.

Cada discurso se insere em um determinado gênero, por causa de suas especificidades e por causa da relação de proximidade e distância com outros tipos de discurso.

A locução esportiva de futebol possui características próprias que a definem como um gênero discursivo específico, ao mesmo tempo que traz em si características ou contrastes de outros tipos de discurso. Quando ouvimos um locutor de futebol, o que nos faz ter a certeza de que se trata da *narração de um jogo* e não de um *documentário*? Há características peculiares da locução futebolística que nos permitem concluir: "Isso é um jogo de futebol". Essas características estão interligadas a outros tipos de discurso, que vão desde a

“conversação pura e simples” a uma “análise feita por um profissional”, sem contar a “narração de um evento”, que mescla o discurso de um “contador de história”, com o discurso de um repórter local. Um discurso gera outro discurso, a existência de um discurso ocorre sempre em função de outros produzidos pela sociedade.

Há ainda um atributo essencial sobre a comunicação e a expressão da fala que também diz respeito à enunciação. É a *representação* que se fazem os interlocutores e que os guia na sua base de interpretação e de produção lingüística dentro de um cenário enunciativo. Não é possível fazer uso da língua ou de qualquer gênero de discurso sem a representação e os seus mecanismos interpretativos em um dado contexto interacional. É o que veremos discutiremos a seguir.

*“Le monde social est aussi représentation
et volonté, et exister socialement,
c’est aussi être perçu,
et perçu comme distinct.”*
Pierre Bourdieu

2. Representações sócio-culturais

2.a) Representações no discurso

O que é fazer representações e usá-las no discurso?

Em princípio, diria que não seria possível fazer uso da língua se não tivéssemos por base nossas representações. Também não seria possível identificar uma língua nem caracterizar os falantes dessa língua. Quando ouvimos alguém falando uma língua, e dizemos que é francês e não português, inglês ou italiano, estamos fazendo uma correspondência com aquilo que *cremos* ser uma certa língua e suas formas de utilização. E se perguntam: “Como você sabe que eles estão falando francês?” não é difícil responder que pode ser tanto pelo reconhecimento das palavras, como pela melodia das frases ou pela maneira dos falantes interagirem... Há várias formas de identificar uma língua e todas elas fazem parte do sistema de funcionamento da língua mas também das *representações* de cada falante.

E porque fazemos representações, quando nos comunicamos verbalmente, fazemos também escolhas, associações, adotamos um estilo e revelamos nossos conceitos e formas de ver o mundo pelas palavras, pelas construções fraseológicas, pelas ênfases entonacionais, etc. Utilizamos a língua e revelamos nossa cultura, nossas crenças, nossos julgamentos e intenções. Nosso ser se transforma em signos portadores das idéias de quem nós somos, de onde viemos, de como agimos e para onde iremos.

Kerbrat-Orecchioni (1980:208) indica dois tipos de competências que permitem associar valores semântico-pragmáticos aos significantes. São as *competências lingüísticas e paralingüísticas* do falante e do ouvinte e também suas ***competências culturais e ideológicas***. Essas últimas dizem respeito ao conjunto dos conhecimentos, às crenças, aos

sistemas de representação e de avaliação do universo referencial de que dispõem os enunciadores no momento do ato de fala. Em outras palavras, todo o conhecimento que o locutor e o ouvinte possuem da situação de comunicação, do seu interlocutor e das imagens que fazem um do outro (e de si mesmos) tem uma função muito importante para que os enunciados proferidos tenham sentido e para que a troca verbal seja efetuada satisfatoriamente. Não se pode conceber as formas de emprego da língua, sem se levar em conta a importância capital das representações.

Quando se fala em representações, vem-nos à idéia o valor que se dá ao signo. Saussure ensina que o "signo lingüístico é a combinação do conceito e da imagem acústica". Representa-se o mundo e tudo o que há nele, fisicamente ou abstratamente, através do signo. E por ele vivemos, sentimos, conhecemos e re-conhecemos todas as instâncias da existência¹.

Bronckart (1996:33), ao fazer referência às representações abstraídas dos signos lingüísticos, menciona Habermas. Este sugere que o agir comunicacional, baseado no fazer social e no conhecimento coletivo, veicula, através dos signos, representações constituídas a partir de três mundos: o mundo objetivo, o mundo social e o mundo subjetivo. Primeiramente, os signos fazem referência aos *aspectos físicos do meio*. E as representações concernentes às variáveis do meio têm por base os conhecimentos coletivos advindos de um **mundo objetivo**. Mas os signos também fazem referência à *atividade* realizada no meio, trazendo em si a maneira de organizar uma tarefa e a forma de cooperação entre os membros do grupo social. As representações terão por base os conhecimentos coletivos constitutivos de um **mundo social**. Finalmente, os signos carregam *características inerentes a cada indivíduo* envolvido em uma tarefa (tais como "coragem", "eficácia", "aptidão") e os conhecimentos coletivos acumulados para esse fim pertencem a um **mundo subjetivo**.

Ao indicar esses três mundos para a constituição das representações, Bronckart evidencia o aspecto essencial dos conhecimentos do homem: o construto coletivo. E dado que o mundo social é a base dessa construção coletiva, onde os processos de cooperação se realizam, é ele que regula e condiciona as formas de estruturação do mundo objetivo e do mundo subjetivo.

¹ "As palavras são o revestimento das idéias" como diria Othon M. Garcia (1981:155)

Cada língua efetua processos representativos da linguagem de acordo com propriedades particulares, pois seu caráter semântico lhe é peculiar. Bronckart (op. cit. pág. 36) alega que é através dessa semântica, própria de cada língua, que os mundos representados se constroem concretamente. E é por causa da diversidade da semantização dos mundos representados que acontece grande parte das variações entre as culturas humanas.

O homem tem acesso ao seu meio através de atividades mediadas pela língua. Bronckart sustenta que, quando ele adquire sua língua materna, ela já se apresenta como um acúmulo de textos e de signos, onde produtos da relação com o meio se encontram cristalizados e negociados pelas gerações anteriores. Dessa forma, pode-se dizer que os "mundos representados" foram constituídos bem antes do falante fazer uso da língua e os textos e signos trazem traços dessa "constituição histórica permanente".

Com isso, o locutor, ao construir o conhecimento dos mundos², confronta as representações veiculadas por gerações anteriores com as representações veiculadas por sua geração. Bronckart argumenta que as produções lingüísticas de uma pessoa se realizam necessariamente numa **intertextualidade**, em uma interação contínua entre o presente e o passado, onde as dimensões sincrônico-sociais agem mutuamente com as dimensões históricas das construções conceituais e "linguageiras"³ de grupos sociais precedentes.

De fato, quando passamos a integrar o mundo físico, ele já está arquitetado diante de nós e aos poucos, ao interagir com ele, vamos fazendo trocas, formulando e reformulando nossas representações. A língua que adquirimos auxilia essa troca e a construção das representações que são fundamentais para a constante aquisição de conhecimento e para o reconhecimento dos mundos.

A partir de nossas representações é que podemos "avaliar" o mundo também. O ser humano julga continuamente a pertinência da ação dos outros sobre seus valores nos mundos representados e os elege como agentes responsáveis das ações que praticam. Mas, ao mesmo tempo, ele também é um agente e avalia seu próprio comportamento e suas representações.

² Objetivo, social e subjetivo.

³ A palavra "langagier" que se refere, em francês, à forma de utilização da língua dentro do contexto comunicacional, não tem um equivalente específico em português e o termo "linguageiro" tem sido usado em seu lugar. No entanto, como ainda não consta com esse sentido no dicionário, prefiro utilizar as aspas.

Qualquer que seja a ação “linguageira” que o agente humano estabeleça, ele vai utilizar-se do conhecimento dos mundos representados dos quais se apropria na interação verbal e social. Embora suas representações sejam versões pessoais, elas estão imersas em coordenadas sociais. Dependem de signos utilizados pela sociedade. A língua oferece seus signos para que as representações sejam constituídas, ancorando a ação “linguageira” do sujeito (reflexo do mundo social e subjetivo) no mundo objetivo.⁴

Dentro de uma visão sócio-interacionista da linguagem, qualquer representação individual terá por base representações sociais.

Harré (1994:134) observa que as representações sociais existem tanto na organização semântica do léxico como em estruturas formais *sintáticas* seja na língua falada ou escrita. Ele sustenta que é necessário elaborar uma teoria do processo pelo qual as representações sociais tornam-se integrantes das crenças e das práticas compartilhadas pelos indivíduos. O princípio dessa teoria é simples: a aquisição de muitas representações sociais importantes ocorre quando se aprende uma língua, principalmente a língua materna, mas elas são entendidas como "crenças individuais". Se o princípio da teoria é simples, o exercício da mesma é complexo: é necessário voltar às origens de nossas próprias concepções do estatuto ontológico do espírito humano. Harré não encontra em nenhuma concepção prévia como o cartesianismo, o cognitivismo ou o behaviorismo uma sustentação para uma teoria que permita a representação social dentro das representações individuais do ser humano. Ele vê como única alternativa uma ontologia que se baseia no "construcionismo", aliando um processo cognitivo ou um estado afetivo a um aspecto público ou particular.

A representação social será manifestada não apenas no sentido que as *palavras* adquirem pelo seu uso dentro de uma determinada cultura, mas também pela *formulação sintática*.

Como as representações sociais são percebidas na gramática? Harré explica que os pensamentos serão compreendidos melhor se forem considerados como "momentos de uma

⁴ Isso nos faz pensar que é a representação com o mundo que leva o agente humano a criar novas palavras ou a se utilizar de metáforas para exprimir uma idéia. É muito constante, nas narrações de futebol, o locutor ao se referir à bola (mundo físico), chamá-la de "criança", de "redonda", "gorduchinha", etc. (mundo social e subjetivo). Mais adiante, ao discutirmos a questão do gênero, retomaremos o conceito de representação tal como é formulado por Bronckart.

narração cujo autor é o próprio sujeito". Os episódios da história que cada um conta para alguém ou para si mesmo "unem-se" no princípio de que todo sujeito tem um certo conceito de si mesmo. O "eu" não faz referência a um misterioso "foro íntimo" do ser, mas à marca dos episódios tomados nas narrações mentais do sujeito falante. Em outras palavras, "pensar conscientemente é contar histórias para si mesmo"⁵.

O "si mesmo" será manifesto através de uma gramática adaptada à cultura. Práticas de avaliação do "eu" serão realizadas conforme um modelo cultural que torna possível corresponder a unidade mental de uma cultura com as narrações reflexivas de si. Por exemplo, será pouco provável que uma cultura, onde os pensamentos e sentimentos pessoais não são bem aceitos no âmbito público, desenvolva ferramentas gramaticais próprias para facilitar o pensamento reflexivo. Tal cultura favoreceria um enunciado como "eu digo que" em detrimento de "eu penso que" como meio adequado para produzir trocas em uma conversação.

A questão do conceito de "pessoa" leva o autor a pensar na forma do emprego dos pronomes em uma frase. A forma de se representar o "eu" e a sua avaliação são facilitadas pela existência de algumas possibilidades gramaticais que permitem a construção de um discurso cujas asserções podem ser tratadas como descrições das pessoas.

Em relação às representações sociais no léxico, Harré toma por princípio o vocabulário concernente às emoções. A cultura irá determinar a validação do sentido das palavras que denotam a emoção, segundo suas crenças e práticas. Se, na cultura ocidental, a bravura é uma honra, em algumas culturas orientais, a bravura é ridicularizada, pois a virtude está na covardia e não na coragem. A emoção do "medo", como outras emoções, é conceituada de uma maneira bastante diversa de uma cultura para a outra.

A língua reflete uma experiência pessoal, compartilhada pelos valores inculcados em uma sociedade. St.Clair (2000:52-58), dentro da perspectiva da "sociologia do dia-a-dia", dá exemplos do "experienciar" da língua: como expressar as emoções, como colocar-se diante do mundo através dela, como analisá-la e descrevê-la no intuito de encontrar o âmago do ser humano. Baseando-se em um modelo que vê na língua um meio de *interação social*, ele faz

⁵ É como se o "eu", por fazer parte de um contexto social, só existisse na medida em que está inserido em um contexto gramatical (narrativo).

um estudo sobre como a língua é sentida e como coisas, eventos e conceitos são observados e descritos à medida que ocorrem e, como são analisados, depois de ocorrerem. Eis os vários aspectos, apontados por St.Clair, que explicam a maneira de “vivenciar a língua”:

- O sentido da língua reflete uma *experiência pessoal*: a mesma palavra será interpretada de forma diferente segundo as experiências pessoais de cada um ("você é o que você experiencia"). Por exemplo, a palavra "pão" tem um sentido para o padeiro, outro para um sacerdote religioso, outro para uma dona-de-casa e outro ainda para um mendigo.
- A língua pode ser observada enquanto *projetos individuais*: as pessoas projetam suas idéias, crenças e desejos na constituição de sua imagem para outros ("as pessoas são aquilo que projetam"). A língua é usada para observar os desejos do interlocutor. A linguagem não-verbal é co-autora da construção dessa representação do outro.
- A língua revela características da *personalidade* do falante: o temperamento de uma pessoa vai influenciar sua visão de mundo e conseqüentemente suas escolhas e seu estilo.
- A língua possibilita a *execução e a compreensão de papéis sociais*: o comportamento de um indivíduo é manifesto através dos papéis que desempenha na sociedade. Pela forma como ele usa a língua e se comporta, é possível observar e classificar a função (ou funções) que desempenha.
- A *descrição* pela língua: Cada sociedade valoriza certos aspectos em detrimento de outros, bem como cada grupo social, dentro de uma comunidade. Se alguém quer demonstrar que pertence a um determinado grupo, irá ser identificado através de certas características, inclusive pela sua forma de falar. A língua possibilita a descrição para a identificação das diferenças entre certos grupos sócio-culturais de outros.
- A *análise* pela língua: Vários estudiosos da linguagem se detêm em um aspecto da língua para compreender sua forma de utilização pela sociedade. Antropólogos observam como os itens lingüísticos são percebidos através de diferentes culturas.

Sociólogos e etnólogos observam o 'mundo social' através da língua e do comportamento para entenderem como se organiza o conhecimento e sua manifestação.

- A língua expõe a *condição do ser humano*: através da língua é possível perceber como o homem reage a crises, como se porta ante as "ironias da vida".
- A língua possibilita o estudo dos *sentimentos e das emoções*: Como os “sentimentos” e as “emoções” são expressos na língua? A questão da exposição dos sentimentos encontra-se também no âmbito da cultura, e através de traços lingüísticos, pode-se chegar à observação dos aspectos emocionais.
- A língua revela os *dilemas da vida*: Essa também é uma questão de âmbito cultural, mas específica dentro das opções e decisões de cada um. Muitas vezes os valores aprendidos em uma sociedade não são exatamente os que são adotados por um indivíduo diante de uma dada situação.
- A língua reflete o *sentido da vida*: a construção de significados explica as ações realizadas, as estratégias empregadas, o comportamento tomado. Através da língua, pode-se perceber algumas "receitas" para a vida. As pessoas interpretam eventos e situações que fazem sentido para suas vidas, inferem estratégias para resolver problemas, inferem resultados e expectativas, segundo seus objetivos.
- A língua reflete a *realidade social*: as "receitas" de viver são feitas segundo a realidade social. As pessoas definem sua realidade social tendo em conta situações concretas advindas do modo de viver em uma sociedade. Indivíduos constroem a imagem conversacional de outros, delimitam situações, tipificam e pré-conceituam os outros e negociam a realidade social.

Como bem se observa, o sentido de nossa comunicação e experiência na língua está essencialmente associado à nossa percepção do mundo e à prática cultural. É impossível conceber o uso da língua de outra forma.

É nessa direção que Blikstein (1995) assinala as relações entre linguagem, pensamento e realidade. Tendo por base a história verídica apresentada no filme “*O enigma de Kasper Hauser*”, o autor analisa a trajetória de *construção da realidade* pela qual passa

Kasper Hauser, um jovem que, isolado do mundo até os 18 anos, ao adquirir a linguagem tardiamente, passa a expressar seus significados, desprovido de qualquer esteriótipo cultural. Segundo Blikstein, por pertencermos a uma determinada condição cultural, iremos fabricar nossa realidade de acordo com uma *práxis* que será refletida e reproduzida pela linguagem, sem a qual a *significação* se perde.

Blikstein (op.cit.: 61) cita Schaff para quem “o indivíduo percebe o mundo e o capta intelectualmente através de “óculos sociais”. Estes óculos são os esteriótipos da percepção, e só conseguimos “perceber” a realidade através deles. Sem a *práxis* social, não há linguagem. As relações de linguagem, percepção e realidade devem ser observadas como “indissolúvelmente ligadas” à *práxis* social, sem a qual nenhuma comunidade poderia sequer existir.

Os “óculos sociais” *filtram* a realidade e com base neles construímos nosso discurso. As representações sobre o que dizer para alguém em um determinado momento ligam-se à nossa percepção da realidade.

São esses “óculos” que os locutores de futebol usam para narrar o jogo. Eles fazem suas escolhas “linguageiras”, conforme vêem e compreendem as circunstâncias ao redor de si, no campo de futebol, entre os jogadores, etc. Também é através desses “óculos” que franceses e brasileiros se vêem. É importante nos aproximarmos de ambas as culturas, de sua forma de imaginarem uma a outra e a si mesmas para que seja possível compreender os mecanismos de produção discursiva ocorrentes na locução dos jogos de futebol na Copa do Mundo.

2.b) Imaginário francês e brasileiro

Como já se discutiu no primeiro capítulo deste trabalho, o futebol tem uma história bem diferente nos dois países. O Brasil se consagrou o “país do futebol”, ao passo que a França, embora *fière* de suas conquistas (esportivas, econômicas, sociais) é um país que não tem o futebol como parte de sua tradição e identificação cultural. Tem obtido títulos significativos, como o campeonato da XVI Copa do Mundo em 1998 e a Eurocopa em 2000. Mas o Brasil não lhe passou seu título de “terra do futebol”. O futebol está arraigado à tradição e à cultura brasileira e não exatamente ao *savoir-vivre* do francês, embora a conquista desses títulos tenha despertado mais o país para esse esporte.

Mas, agora vem a questão do imaginário... Quando vemos um país jogando na Copa e sair-se dela campeão, as representações que fazemos desse país, bem como as imagens que ambos fazem um do outro, desempenham um papel importante. Torna-se mais fácil compreender as intenções e as formas da expressão verbal dos locutores de futebol em ambas as línguas, se conhecermos os valores de sua sociedade. Além disso, é importante observar como uma cultura olha para a outra, já que a comparação de suas locuções verbais é objeto de nossa análise.

O brasileiro tem uma imagem do francês e o francês do brasileiro em qualquer que seja a situação. Às vezes, é necessário um olhar de fora sobre si, para melhor compreender sua própria cultura, sua maneira de pensar e de agir. Fazemos imagens e considerações sobre nós mesmos, mas a perspectiva do outro modela e apura nossa reflexão.

É como a personagem Estelle, de *Huis-Clos*, de Sartre, que, na ausência de um espelho, encontra sua imagem refletida nos olhos de Inès, e seu sorriso, indo ao fundo da pupila da companheira, toma uma outra dimensão, modificando sua significação. A imagem refletida pela íris dos olhos de outrem é diferente da imagem refletida na superfície do espelho.

E dentro do olhar do outro é que nós estamos sempre. Por isso, somos quem somos. O outro é a maior referência para a existência do "eu" e do "nós". O Brasil é o que é porque outras nações são o que são, porque se posiciona face a outros países e encontra sua

identidade. A mesma coisa ocorre com a França. Sem a comparação, sem o parâmetro, perde-se a unidade.

A primeira vez que se falou do Brasil foi, evidentemente, à época do descobrimento. O olhar europeu sobre este país tão viçoso, retratado na Carta que Pero Vaz de Caminha escreveu para o Rei de Portugal, paira sobre a extensão da terra brasileira e sobre a alegria e a espontaneidade dos índios que aqui habitavam:⁶

"Esta terra, Senhor, parece-me que, da ponta que mais contra o sul vimos, até à outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto havemos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas de costa. Traz ao longo do mar em algumas partes grandes barreiras, umas vermelhas, e outras brancas; e a terra de cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta é toda praia... muito chã e muito formosa. Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande; porque a estender olhos, não podíamos ver senão terra e arvoredos -- terra que nos parecia muito extensa."

"Nesse dia, enquanto ali andavam, dançaram e bailaram sempre com os nossos, ao som de um tamboril nosso, como se fossem mais amigos nossos do que nós seus. Se lhes a gente acenava, se queriam vir às naus, aprontavam-se logo para isso, de modo tal, que se os convidáramos a todos, todos vieram."

Embora hoje o Brasil tenha quase perdido seus índios, e se transformado num país repleto de variações culturais, a alegria e a hospitalidade do povo, bem como suas dimensões e florestas continuam sendo características que cativam o europeu.

Vários relatos de viagem, inclusive de franceses, como é o caso do de Jean Léry ("Viagem à Terra do Brasil"), mostram, nos dizeres do Professor Mário Carelli⁷, que o "*novo Mundo funcionou para os franceses, bem como para os demais europeus, como um ponto de redescoberta da vida num momento de grande crise de valores.*"

⁶ Fonte: NUPILL - Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Lingüística. Referência na internet: <http://www.cce.ufsc.br/~nupill/>

⁷ Em artigo do jornal o Estado de S. Paulo. Cf.: www.estado.estadao.com.br/edicao/especial/literat/paris/sa5.html

Pierre Rivas, professor francês, no mesmo artigo onde figuram os dizeres do Professor Carelli e também em entrevista para o jornal O Estado de S. Paulo⁸ mostra o ‘desejo de Brasil’ por parte da França e o ‘desejo de França’ por parte do Brasil, na história desses dois países. Os franceses, à época do descobrimento, redescobrem-se na América numa tentativa de construir a incompletude européia, a insatisfação das “utopias socialistas”. E também vêem na América a possibilidade de fazer fortuna. No entanto, são expulsos logo após tentarem se estabelecer no país em meados do século XVI. Eles já consideravam o Rio de Janeiro a sua “França Antártica” e se sentiram frustrados por não poderem ficar. Dessa frustração brotou um encantamento, que até os dias de hoje é permeado de ilusões e estereótipos. O “paraíso” para os Europeus era imaginado no Brasil: um lugar vasto, habitado por um homem primitivo em meio à mata virgem e exuberante.

O Brasil ainda é visto como um lugar sedutor. Os estereótipos do país do futebol, das praias, do carnaval, onde tudo é festa e alegria, confirmam a imagem “edênica” do país.

Mas Rivas observa que os brasileiros se irritam ao serem vistos sempre assim, reduzidos a paisagens (e a “festividades”). Eles gostariam de saber o que realmente representam para as culturas, não apenas por seu lado “exótico”. Gostariam de ser convidados à “mesa da civilização”, como outros países⁹.

A França também está mergulhada em estereótipos, que vão do vinho à Torre Eiffel. Por ser um país mais conhecido, os estereótipos franceses são mais variados. A França é vista por brasileiros como um lugar de férias, mas ao mesmo tempo, como um lugar de cultura e das origens da civilização. Uma explicação que Pierre Rivas dá sobre os estereótipos de um país está no fato de não se conhecer sua língua pátria. Quando não se conhece a língua do país são as imagens (que não são escravas da língua) vistas pela televisão, pelo cinema¹⁰, ou pelas ruas, o que permanece e divulga seus costumes. Por isso, as imagens *estereotipadas*

⁸Cf.: <http://www.estadao.com.br/ext/frances/dossiep5.htm>

⁹ Com efeito, o fato do brasileiro ser visto como um “habitante da floresta” ou “descendente de índio” reduz sua imagem, impede-o de exibir sua intelectualidade, sua criação artística, sua potencialidade.

¹⁰ O cinema brasileiro que mais faz sucesso no exterior é o que mostra justamente os estereótipos, com os quais o estrangeiro identifica o país. Dois belos filmes que ganharam projeção internacional merecem aqui nossa atenção: “Orfeu Negro” de Marcel Camus, ganhador do Oscar de melhor filme de língua estrangeira em 1960, mostra o belo Rio de Janeiro durante a “triste alegria” do Carnaval. E o filme “Central do Brasil” de Walter Salles que, se retrata um Rio de Janeiro desconhecido, desumano e cinza, expõe uma população brasileira iletrada e apegada a ícones religiosos.

são as que mais povoam o imaginário do francês e do brasileiro quando se referem a um desses dois países.

A História nos conta que, em detrimento da herança lusa, o Brasil escolheu a França como pátria cultural e passou a imitar a corte francesa, importando idéias, moda e estilo de vida no século XIX. A França exerceu enorme fascínio sobre o Brasil. Ao se ver independente de Portugal, a ex-colônia adotou um outro pai, parecido pela cultura católica, pela latinidade, mas mais prestigioso do que seu pai original, tido até hoje como o “primo pobre” da Europa.

Rivas argumenta que, para a formação do Estado brasileiro, a inspiração da liberdade só poderia fazer-se mesmo através da França, por causa de sua intensa produção intelectual e por ser considerada, na época, o berço da modernidade.

A influência francesa era evidente em todas as rodas artísticas do país. Muitos liam os clássicos franceses em seu original e falavam francês. Famílias abonadas enviavam seus filhos para estudarem em Paris.

Interessante notar que, nesse período, época do *Romantismo*, se por um lado havia, no Brasil, a exaltação da terra e do índio, como bem retratam os romances de José de Alencar, havia também uma enorme inclinação pela sociedade francesa. Gilberto Passos¹¹, estudioso da influência francesa em Machado de Assis, nota a ironia do autor ao representar em seus romances o desvario da corte brasileira afrancesada que “se julgava melhor em Paris do que nos trópicos”¹². O sonho de se espelhar na França, de viver com luxo europeu, é uma imagem bastante forte que o brasileiro faz mesmo hoje em dia.

O antropólogo francês François Laplantine (2001), profundo conhecedor da sociedade brasileira, aponta muitas peculiaridades do olhar francês sobre o modo de viver do brasileiro, como também do olhar do brasileiro sobre o francês. É curioso notar as diferenças, nuances

¹¹ Em entrevista para o jornal O Estado de S. Paulo. Cf.: <http://www.estadao.com.br/ext/frances/dossiep6.htm>

¹² Interessante notar que Machado de Assis, que tanto retratou a corte francesa, é menos conhecido e apreciado na França do que Jorge Amado. A predileção por Amado está justamente no fato de que ele retrata o Brasil em sua cor local, desprovido de influências européias: a umbanda, o candomblé, a sensualidade feminina, os cheiros e sabores da Bahia atíçam ainda mais a curiosidade do francês sobre esse país tropical.

de nossos costumes e formas de nos expressarmos que não escaparam de seu registro, o que contrasta ainda mais com a maneira do francês de se ver e de nos ver.

A primeira observação que o autor faz é que Brasil e França formam uma parêntese desconhecida: são duas sociedades que não compartilham a mesma história, não têm a mesma dimensão e não avançam no mesmo ritmo. No entanto, a ligação entre o Brasil e a França desfruta da falsa ilusão de uma complementaridade “sem riscos”. Para o autor, o Brasil e a França nem se encaixam e nem se sobrepõem. Ele afirma que as relações entre esses dois países se encontram em perpétuo desequilíbrio. São necessárias gradações, transições e traduções constantes para a compreensão de uma e de outra.

Nessa tentativa, Laplantine vai do geral para o particular, abandonando grandes vínculos para rever os pequenos. Não é o choque de contrastes, causa da grande admiração de um país pelo outro, que o interessa, mas justamente o contrário, aquilo que produz “irritação”, de uma forma secreta, leve, discreta, as “ínfimas diferenças de tonalidade”.

A relação entre o tempo e o espaço é, para o autor, uma das primeiras dificuldades de compreensão entre brasileiros e franceses. A “falta de história” do Brasil e a imensidão de seu espaço físico são duas coisas que causam mais estranheza nos franceses.

Mesmo sendo uma espécie de preconceito, a história do Brasil é extremamente curta se comparada à história da França. E o espaço é infinitamente maior e variado: florestas, rios, cidades (inclusive metrópolis), caatinga. Em contrapartida, duas coisas que mais chamam a atenção dos brasileiros que vão para a Europa pela primeira vez são: a verdadeira viagem que fazem no tempo e o tamanho minúsculo dos países. Em poucos instantes está-se em outro país, fala-se uma outra língua, saboreia-se outra cozinha, contempla-se um outro estilo arquitetônico. Isso dá a impressão de que o maior número de coisas está concentrado no menor espaço possível.

Dois pólos opostos: países pequeninos da Europa e gigantismo do Brasil e de tudo o que nele há. Até os fenômenos da natureza acontecem em exagero: chove torrencialmente no Norte ou no Sul do país, enquanto o Nordeste padece com a seca, cabal. O sol é ofuscante. A chuva é forte. A natureza vibra em todas as cores.

Mas, não é apenas a natureza que se apresenta em exagero. Laplantine observa os detalhes: os arranha-céus são maiores, o tráfego de automóveis é muito mais denso, os jornais, mais espessos, os canais de televisão funcionam sem descanso. E o comportamento do brasileiro? Espampanante. O abraço, ao se cumprimentarem, é bem mais vigoroso, acompanhado de um tapinha nas costas para exprimir amizade. Conversam, geralmente em grupo, com gestos expressivos e acentuando a emotividade, (o que parece bem patético aos olhos europeus). No Brasil, Laplantine nota, as pessoas são alegres, festivas, sensuais, barulhentas, exuberantes... ou totalmente desesperadas!

Ele também observa que nesse espaço “sem fim”, quando alguém é rico, é rico “sem fim”, e quando alguém é pobre, é pobre “sem fim”. As relações entre homens e mulheres são muito mais intensas. E os dramas de ciúme são vividos com muito mais ardor. Tudo o que se faz, brincar, cantar, dar-se ou abandonar-se, é feito de corpo e alma. Quando bebem, fazem-no até ficarem bêbados. Quando se grita, é para perder a voz. O grito é, aliás, uma marca registrada do Brasil. Laplantine lembra que o dia do “Grito do Ipiranga” proclamado por Dom Pedro I, tornou-se o “Dia Nacional” do Brasil¹³.

Ele observa que o brasileiro vive intensamente suas paixões e suas crenças, e que é também um eterno nômade, movendo-se para cima e para baixo no país, desde suas origens. As raças que constituíram o Brasil não “nasceram no país”, mas vieram de algum lugar: desde os índios, originários da Ásia, bem como os europeus, que o colonizaram, e os imigrantes que chegaram depois. Todos chegam e continuam deslocando-se, de norte a sul. O mesmo, afirma Laplantine, não ocorre na França, onde as pessoas são bem mais sedentárias.

No Brasil, o sentimento de grandeza supera o das outras nações latino-americanas. Este é um país repleto de superlativos. O *maior país* em extensão da América Latina acolhe os *melhores jogadores* de futebol, os *melhores pilotos* de Fórmula 1, as *mulheres mais lindas* do mundo, o *maior carnaval* do mundo. Além disso: a música é mais ritmada, mais

¹³ Quando o autor menciona o "grito", noto que outros gritos se associam à cultura brasileira: o "grito do Carnaval" e o "grito do Gol" são, com certeza, gritos que mostram o vigor da voz e a energia brasileira.

barulhenta, mais alegre. (De fato, é difícil para o francês, que considera o silêncio uma forma de felicidade¹⁴, entender que o brasileiro ama a “felicidade do barulho”).

Se, no Brasil, tudo é exagerado, maior, gigante, na França, ao contrário, tudo é comedido, estabelecido, calculado. Isso se deve, argumenta Laplantine, ao peso da tradição, à maturidade do país, levado pelo seu lado racional e coerente.

A França necessita de pontos de referência, de comprovação, de exatidão. Existe uma tendência ao cartesianismo, a um raciocínio acerbo, o que leva o francês a desconfiar da “juventude”, dos arroubos do espírito, do sonho. É por isso que não se pode ser ambivalente, como os brasileiros, que passam de um estado inerte para uma total euforia sem complexo algum.

“A França é o tempo, a história, a memória”, insiste Laplantine. Evidentemente, por ser um dos países mais desenvolvidos do mundo, há muito avanço, como os TGV¹⁵, e uma grande tecnologia de ponta, mas não é isso o que conta para o francês, o *importante* mesmo é a tradição e não a novidade. A mudança sempre suscita pontos controversos, às vezes até protestos¹⁶. O francês é um grande “bairrista” e valoriza o que tem de mais caro: seu patrimônio¹⁷.

No Brasil, tudo muda o tempo todo. Até as paisagens nunca são as mesmas: montanhas e praias, florestas e sertão, rios e mar, frio e calor, chuva e sol, campo e cidade, tudo embaixo da mesma bandeira. A Europa, a África e o Japão residem em nosso país e seus hábitos e contrastes convivem harmoniosamente miscigenados. Laplantine argumenta que, na França, valoriza-se muito mais as próprias raízes, a própria casa, o quintal. O francês delimita seu espaço e nele permanece, concentrado. Por exemplo, cidades francesas, a começar por Paris, eram fechadas. Entrava-se ou saía-se delas pelas “portas” da cidade.

¹⁴Nelly Mauchamp (1997:39) traz uma enquête realizada com escritores franceses pelo Jornal Libération sobre o sentido da felicidade. Em muitas respostas, vê-se que a manutenção do silêncio, em detrimento do barulho das cidades, é um anseio de felicidade.

¹⁵ “Trains à Grande Vitesse”, trens de alta velocidade que chegam aproximadamente a 300 km/h.

¹⁶ Quem não se lembra da grande controvérsia entre os parisienses quando, em 1986, o prefeito de Paris aceitou construir, na entrada do Museu do Louvre, uma grande Pirâmide de aço e vidro.

¹⁷ O “culto do patrimônio” é peculiar ao francês. Mauchamp (1997:44) afirma que o francês venera não apenas seus monumentos, suas obras artísticas e literárias, mas também os grandes eventos e momentos da História da França e até as paisagens e as instituições. De seu patrimônio fazem parte a “genealogia”, paixão que motiva os franceses a buscar nas suas origens, sua própria identidade e a “língua francesa”, portadora da Literatura e da arte da conversação.

O imprevisto nunca é bem aceito pelos franceses. É necessário sempre debater, rever, estudar as implicações. Se o ‘inesperado’ for recebido, deverá ser integrado às categorias pré-existentes, senão não é possível sua assimilação. Isso não ocorre com o brasileiro, como bem sabemos, tão acostumado às mudanças repentinas em sua sociedade¹⁸.

O brasileiro é dado aos improvisos¹⁹, à espontaneidade, à liberdade de ação e de criação. A espontaneidade, traço tão característico da personalidade brasileira, é considerada um “defeito” na França que, como reiteram Laplantine e Mauchamp, privilegia a distinção e a discrição. E ele, visto como “excessivo” pelo francês, considera “arrogante” e “insensível” sua postura rija. O brasileiro expõe suas emoções, vivendo-as à flor da pele, ao passo que o francês as contém. Chorar ou rir em demasia, por mais espirituoso que um francês possa ser, faz com que se pareça “banal”, como sugere Mauchamp (op.cit: 35).

Mas, Laplantine lembra, essa “rijeza” do francês em delimitar seu espaço, seu tempo e suas emoções não o impede de revelar as paixões de sua alma. E o brasileiro por mais festivo que seja, guarda uma angústia, uma tristeza, uma ausência, que justamente, se opõe à “alegria da festa”²⁰.

O brasileiro parece ser muito mais exuberante que o francês, mas também tem seu lado circunspeto, intenso e revela isso ao cultivar o sentimento da *saudade*. O francês, dentro do seu racionalismo, não consegue compreender o que é a saudade, esse “prazer” no sofrimento que liga o presente ao passado, e é muito mais sutil do que aquilo que eles compreendem por “melancolia”.

O brasileiro também demonstra-se mais *sentimental* do que o francês, mas o sentimentalismo, tão denunciado por melosas (e famosas) canções de amor, muitas vezes é originário de uma perspicácia, de uma sagacidade, difícil de ser percebida pelo francês.

O Brasil, retratado na Europa ou na América, é galhardo, gentil, alegre e festivo, onde o céu é sempre azul e a euforia é garantida, mas Laplantine, conhecedor da nossa sociedade, sabe que não é sempre assim. Existe o Brasil taciturno, fechado, amargo, cujas cores são

¹⁸ Quantos planos econômicos nos colocaram de sobreaviso: cruzado, cruzado novo, cruzeiro, cruzeiro novo, URV, real. Quantas medidas e leis mudam a cada ano, já que tudo é flexível, e a flexibilidade é própria do caráter de nosso povo.

¹⁹ Os repentistas nordestinos são uma marca desse improviso em nossa cultura.

²⁰ Tom Jobim bem expressou essa alegria ambígua. A música que compôs, intitulada “Felicidade”,

muito mais escuras ou desmaiadas. A literatura brasileira comprova esse contraste. Ao ler nossos escritores, ele observa os contornos da ironia e da precisão (em Carlos Drummond), da realidade nuançada (em Guimarães Rosa), da desolação e do desencantamento (em Machado de Assis), da angústia e da dor (em Graciliano Ramos), o questionamento de um espírito sério (em Jorge Amado), o prazer e o sofrimento amoroso (em Cecília Meireles).

A realidade fraternal da sociedade brasileira mascara uma injustiça e ele apuradamente percebe no Brasil “a revolta e a resignação, a frivolidade e o recolhimento, uma mistura de perfume e de querosene, um cheiro de goiaba e de podridão”²¹.

Outro dado muito interessante que Laplantine destaca no brasileiro é sua atitude em relação ao estrangeiro, a quem o brasileiro sempre enxerga com muito mais simpatia, partindo de uma aceitabilidade²². Logo no início, deposita nele sua confiança, só que é necessário que o estrangeiro continue dando provas de que merece tal confiança para não cair no descrédito após. Para o francês, ocorre exatamente o contrário: ao primeiro encontro, o estrangeiro sempre é visto com neutralidade, ou mesmo desconfiança e, com o tempo, seu interlocutor deverá dar provas de que merece sua fé²³. Laplantine, ao observar essa inversão, percebe a importância que tal orientação tem nas cooperações franco-brasileiras. E considera

em lenta melodia lembra a “tristeza” do Carnaval. O refrão diz: “Tristeza não tem fim, felicidade sim”.

²¹ Por mais ufanistas que sejamos, é desencorajador observarmos, no Brasil, um fecundo desequilíbrio social e econômico entre o povo. Há quem diga que é por isso que o Carnaval acontece: para, pelo menos, atenuar as diferenças entre os brasileiros. Mas, Machado da Silva (1999:93) discorda dessa posição, argumentando que, durante o Carnaval, todo tipo de opressão e de violência acompanha a festa. O desequilíbrio talvez se acentue ainda mais na época. A festa do brasileiro não ameniza as diferenças, tão profundas.

²² Sérgio Buarque de Holanda, em seu clássico livro “Raízes do Brasil” (1982:106-7) ressalta a cordialidade do homem brasileiro, que se explica por sua ‘emotividade’. Assim, ele enuncia: “*Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade - daremos ao mundo o “homem cordial”. A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar “boas maneiras”, civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante*”.

²³ Uma observação importante a se fazer: a França, que possui cerca de 60 milhões de habitantes, é o país que mais recebe turistas no mundo. Em geral, outros 60 milhões, estrangeiros vindos de toda a parte, visitam esse país a cada ano. O mesmo não ocorre no Brasil. A França se sente “invasa” e os franceses muitas vezes se irritam ou são indiferentes aos estrangeiros. Para que eles recebessem os visitantes da melhor forma possível durante a realização da Copa do Mundo, o Ministère des Affaires Etrangères elaborou um manual (“Bonjour la France”) a ser distribuído entre os franceses. Creio que tal procedimento não seria necessário se a Copa ocorresse no Brasil que recebe menos visitantes e que se orgulha quando eles visitam o país.

que a “complexidade” das relações interculturais entre brasileiros e franceses vai bem além. A *interação* em si sofre de mal entendidos. Não apenas porque o brasileiro considera mais polido chegar com um certo atrasado a um encontro do que ser pontual, mas porque a própria comunicação se faz de forma mais ambígua. Laplantine observa que o brasileiro começa a responder a uma pergunta sempre com um “sim” até que mais tarde chega ao “não”. Mas o “não” não é abrupto, severo, sempre vem temperado, amenizado. Muitas vezes, o francês se fixa no “sim” inicial e o interpreta como definitivo, não compreende o “mais ou menos” com que o brasileiro recheia seu discurso. A impressão que se tem é de que o brasileiro tem dificuldade em enunciar explicitamente a afirmação ou a negação, como se a rigidez do “sim” ou do “não”, fosse algo impolido ou agressivo. Há sempre uma forma melíflua, branda, curvilínea. Laplantine percebe que se utilizam muitos diminutivos, principalmente no nome das pessoas e das coisas, adocicando a relação²⁴. A sutileza e a maleabilidade estão sempre na base das interações.

Mas a maleabilidade do brasileiro vai mais longe. Laplantine a encontra em diferentes contextos: na arquitetura curvilínea de edifícios em São Paulo ou em Brasília; na ginha do samba, da capoeira, no drible do futebol; nas modalidades fonéticas do português falado no Brasil e na sinuosidade da voz, encarregada, culturalmente, de exprimir as mais diversas formas de sentimentos e emoções.

Por causa dessa sinuosidade, existe uma impressão de aproximação entre brasileiro e francês, mas à medida que o intercâmbio entre os dois se intensifica, permanece uma ambigüidade no ar.

A que se deve essa ambigüidade? Talvez a uma sensação de desconforto até que ambos se ajustem, descobrindo e redescobrando suas diferenças²⁵. / Mas, é essa comunicação

²⁴ Buarque de Holanda (op.cit:108) atribui o uso exacerbado de diminutivos entre os brasileiros a uma vontade de estabelecer intimidade. Diz ele: “A *terminação ‘inho’*, oposta às palavras, serve para nos familiarizar mais com as pessoas ou os objetos e, ao mesmo tempo, para lhes dar mais relevo. É a maneira de fazê-los mais acessíveis aos sentidos e também de aproximá-los do coração”.

²⁵ Uma delas, logo no início da relação entre um brasileiro e um francês é o pronome de tratamento. Quando se conhece um francês, existe um protocolo em tratá-lo por “vous”, uma maneira mais formal de se dirigir a alguém, que equivaleria em português a “o senhor, a senhora”. Apenas depois de uma certa intimidade na relação, é que se usa o “tu”, o que corresponde ao nosso “você”. O brasileiro que logo busca familiaridade, trata seu interlocutor por “você” praticamente no primeiro encontro, o que causa uma certa estranheza por parte do francês. A relação fica ambígua, pois ambos precisam se ajustar a essas (e a tantas outras) diferenças sócio-lingüístico-culturais.

ligeiramente ambígua que, segundo o autor, provoca tanto o desejo que um país tem pelo outro.

Para finalizar a discussão sobre o imaginário francês e brasileiro e seus confrontos, será interessante observar a representação que um francês e uma brasileira fizeram sobre o futebol nesses dois países na época da XVI Copa do Mundo.

O francês Francis Huster, marido da atriz e modelo brasileira Cristiana Real, ator de teatro e aficionado por futebol, foi entrevistado pelo Universo on Line²⁶, que lhe perguntou:

Uol : O senhor acha que um brasileiro e um francês têm a mesma visão a respeito do futebol?

Ao que ele respondeu:

Francis H: “Não, claro que não !!! O brasileiro tem o futebol no sangue como os italianos têm o belcanto, a ópera. O brasileiro nasceu com uma bola de futebol no coração, enquanto os franceses o tem na cabeça, gostam do futebol por tudo o que o rodeia: o encontro, a festa, as brigas, o entusiasmo coletivo e apaixonante, as p.26 26 reclamações e os resmungos... Para o brasileiro, o futebol é um esporte, para nós... é um espetáculo. O francês, principalmente o do sul, tem o rugby no sangue. O futebol pode até ser uma paixão, mas não é uma razão de existir...de ser...”

Ele implica que para o brasileiro o futebol é como se fosse “uma razão de ser”. O francês tem outros esportes com que se preocupar e vibrar, o brasileiro, tem sumariamente, o futebol, o principal esporte do país. O francês vê no futebol, uma arte, um espetáculo, talvez uma forma de se divertir e não uma forma de se “identificar”. Por isso, o futebol está no sangue, está no peito, no coração do brasileiro... e não na cabeça, no racionalismo, na forma lógica de compreendê-lo e de assisti-lo (que envolve necessariamente o entusiasmo apaixonante, as brigas e os resmungos), como o francês parece fazer.

A brasileira Aline Fonseca, articulista da revista “A bordo”, esteve pessoalmente em Paris durante a Copa do Mundo de 1998 e escreveu um artigo, publicado no *site* da revista²⁷. Ela enfatiza as diferenças no que dizem respeito à expressão das emoções entre franceses e

²⁶ Referência na internet: <http://uol.com.br/copa98>

²⁷ Referência na Internet: <http://www.abordo.com.br/não/artigos/art18.html>

brasileiros. Para ela, atrás de seus *óculos sociais brasileiros*, os franceses não vibram com nada, parecem não ter sensações, principalmente em se tratando da Copa do Mundo, da qual saíram vencedores. Assim, ela escreve:

“...é quase verão e a Copa do Mundo acontece. Sem alma, os pobres franceses não saem às ruas, não pintam a calçada de azul-branco-vermelho e nem cantam musiquinhas de apoio a sua seleção. A equipe francesa goleou o adversário em 3 x 0. Mas os rostos anônimos no metrô ignoram. Continuam lendo e lendo, enfiando-se nas páginas de qualquer livro de bolso. Aliás, o francês é uma das únicas línguas em que não se grita "GOOOOOOLLLLL!!!!". No momento supremo do futebol, quando a adrenalina envolve o corpo em alguns instantes de êxtase, os pobres franceses falam: "but", sem qualquer alteração de voz. Um "but" é como um espirro, uma tosse. Acontece. Não que eles não gostem do futebol, o esporte é bastante popular por aqui, mas isso não é o suficiente para fazê-los acender a chama da emoção, sentir o corpo tremer, arrepiar-se dos pés a cabeça.”

Ela observou, dentro de sua visão verde-amarela, um desligamento, uma falta de interesse por parte dos franceses em vibrarem mais pelo momento da Copa e pela vitória obtida. O Brasil perdeu, a França venceu, mas isso não influenciou o dia-a-dia dos franceses, como teria ocorrido se o campeão fosse o Brasil. O país inteiro viria abaixo. É certo que muito se festejou por toda a França, mas a festa não atingiu a “alma” do francês, pois o futebol, como bem disse Huster, faz parte de sua “cabeça”, do seu “raciocínio”, não do seu “coração”, da sua identidade enquanto povo ou nação, como é no Brasil.

O seco “but” francês soa mal aos ouvidos brasileiros que querem tanto ouvir um gol sonoro, musical, vibrante. Isso não quer dizer que o francês não vibre, mas simplesmente que o faz de forma diferente, de acordo com sua própria visão sócio-cultural.

Fonseca não se desfaz de seus óculos. “Frustrada” pelo “racionalismo” francês, e “feliz” por ser brasileira e “ter alma”, assim termina seu artigo:

“Confesso que, todos os dias, quando me levanto (os dias franceses de verão começam muito cedo), sinto um alívio enorme de ter nascido brasileira:

verde-amarela-cheia-de-alma. É tudo e basta. Nem tudo pra nós é samba e futebol (bem que eles pensam assim), mas tudo que é Brasil tem alma. Mas ainda há tempo pra eles: nunca é tarde para se fazer uma boa terapia, esconder-se na razão é uma grave obsessão”.

É como se a “alegria” do brasileiro fosse uma revanche para o vitorioso, porém “frio” francês. Mas, tudo isso, a articulista vê porque não consegue tirar seus óculos de cor verde-amarela para melhor enxergar as reações da sociedade francesa. Não é uma questão de “terapia”. É uma questão de “visão”, de “experiência”, de “cultura”. O francês também, ao ver o brasileiro através de lentes *bleu-blanc-rouge*, não irá compreendê-lo, achando que tudo é sim, “samba e futebol”.

Essa diferença da visão da realidade cultural, é o que vai modular o discurso dos locutores. Transpondo a forma de representar a realidade para aquilo que um locutor vê acontecer em um campo de futebol, como tal realidade será refletida na língua? Individualmente, existem formas ou fórmulas específicas de “recriar” essa realidade para o ouvinte (ou telespectador), mas também existem formas de observar e recriar tal realidade de acordo com uma práxis sócio-cultural. Nesse sentido, é que um locutor francês poderá divergir essencialmente de um locutor brasileiro, pois seus “óculos sociais” têm características diferentes.

Mas, tudo será diferente? Ou haverá aspectos semelhantes na locução de ambos?

Como já comentamos no quarto capítulo, o brasileiro quer festa, alegria, animação na narração dos jogos de futebol da Copa do Mundo. Ele quer vibração total do locutor, quer uma explosão de emoções. O francês, por sua vez quer uma narração objetiva, lógica, comedida, exata. Não tem sentido derramar-se em emoção para narrar um jogo de futebol. Não faz parte do imaginário francês uma alegria incontida para celebrar um gol. O gol é um fato esperado, e não inesperado. O gol faz parte do jogo e deve ser entendido como tal. O brasileiro explode em euforia, pois justamente o fato “esperado” ocorreu... poderia não ter ocorrido. No entanto, outros atributos dos discursos de ambos podem ser semelhantes, as expectativas, as avaliações, as características do gênero discursivo. Haverá pontos em comum e pontos divergentes, como se supõe. E aí está, conforme menciona Laplantine, uma

“parelha desencontrada”, uma sensação de ambigüidade, onde as diferenças convivem com igualdades possíveis.

Duas sociedades, uma européia, outra tropical, com visões e experiências de mundo bem diversas se encontram no mesmo estádio, conectadas, através do rádio e da televisão, participando do mesmo momento enunciativo, para ouvir o seu locutor de futebol. Como este deve agir? De acordo com o público ouvinte. Tanto ele como seu público encontram-se no mesmo cenário enunciativo, num mesmo contexto interacional, mesmo que estejam distantes, pois o meio de comunicação os une. Nesse contexto, as crenças e os valores dos interlocutores desempenham um papel essencial. E o locutor espera alcançar seus objetivos: narrar o futebol como o seu *interlocutor* gosta de ouvir.

A relação entre o locutor e seu auditório, dentro do *cenário enunciativo* em que acontecem os *gêneros de discurso* é o que passaremos a examinar na próxima parte deste capítulo.

*“There are three things that ought
to be considered before some things are spoken:
the manner, the place and the time”
Southey (Poeta Inglês, séc.XVIII)*

3. Realização Discursiva

Toda manifestação discursiva se realiza segundo um determinado cenário. Esse cenário, que é o *contexto*¹ de produção do discurso, perfila-o e condiciona as circunstâncias de sua realização. Os gêneros de discurso só podem vir a existir dentro de um cenário. Cenário onde as *representações* do locutor e do ouvinte desempenham um papel fundamental para a constituição do gênero.

3.a) O cenário enunciativo

Dado o que inferimos sobre as representações e crenças do ouvinte da locução de futebol na Copa do Mundo e sobre a situação em que se realiza seu discurso, é possível traçar as características e as condições do “cenário” em que a produção verbal acontece. Se o locutor está adequadamente inserido no quadro enunciativo (i.e. conhece bem as circunstâncias, o contexto onde seu discurso será produzido), procurará ressaltar os valores argumentativos que fazem seu discurso fluir de forma dinâmica e coerente para conquistar o ouvinte. Seu discurso fará parte intrinsecamente de um determinado gênero. Cada gênero tem uma função, um público e determinados tipos de efeito. O gênero do discurso e o cenário enunciativo precisam sempre andar de “mãos dadas”, em perfeita sintonia, senão a produção verbal do locutor perderá seu objetivo.

Como já discutido anteriormente, a linguagem, dentro de uma visão pragmática, *é uma forma de ação*. Ação que, através de atos de fala, estabelece relações sociais, fazendo os interlocutores desempenharem papéis de acordo com gêneros discursivos. O ato de dirigir a palavra a alguém vem sempre acompanhado de uma certa intenção, de um desejo implícito ou explícito, de uma vontade (ou necessidade) de interagir com o próximo. Nesse sentido, ao enunciar, um sujeito estabelece parâmetros que enfatizam a relação sócio-afetiva entre os interlocutores. O sujeito assume posições ao mesmo tempo em que coloca seu interlocutor em outras posições também.

¹ Em suma: onde, como, porque, quem, quando e com qual fim o discurso se realiza.

Kerbrat-Orecchioni (1990: 36-37), ao referir-se à relação interpessoal do discurso, atribui ao *cenário* a forma como essa relação se desenvolve. Ela dependerá de fatores contextuais, como:

- as propriedades intrínsecas e relativas a cada um dos participantes (sua idade, sexo, posição social, etc.);
- a natureza da relação pré-existente entre eles: grau de conhecimento, tipo de ligação (familiar, profissional, de amizade, hierárquica) e eventual participação em um mesmo grupo (clã, clube, partido, sindicato, religião...);
- o tipo particular de contrato que os liga durante a troca comunicativa (tendo em conta o cenário enunciativo, a autora se refere, aqui, principalmente ao nível de linguagem advindo de restrições estilístico-temáticas, como ela estuda em outra obra, 1980: 17)²;
- e o tipo da situação: o número de participantes, a “formalidade” ou “informalidade” do evento comunicativo, etc.

A autora observa que, se esses fatores são determinados pelas características específicas do contexto de produção, os eventos conversacionais remodelarão incessantemente tais características. Em outras palavras, o contexto, fixado a partir do início da *interação*, é construído e re-construído na medida em que ela mesma se desenvolve³.

Ao cercarmos questões sobre o funcionamento discursivo da “fala comum”, não podemos nos esquecer que seus alicerces estão na *Argumentação* e na *Retórica*. Portanto, é em *Aristóteles* e, pelo viés de autores contemporâneos como Plantin, Perelman, Declercq e outros, que queremos apontar características da *cenografia discursiva* e sua relação à *adaptação ao auditório* e aos *valores argumentativos*.

Em primeiro lugar, retomemos com mais profundidade a cenografia discursiva.

² Mais adiante, mencionamos a questão do “contrato” na relação interdiscursiva e, no capítulo 2 desta parte, abordamos o “contrato de comunicação na mídia”.

³ Kerbrat-Orecchioni denomina os “marcadores” (verbais ou não-verbais) que estabelecem as relações interpessoais - horizontais e verticais - de “relacionemas”. Para se aprofundar na questão, ver 1992: capítulos 1 e 2.

A cenografia diz respeito às condições de produção do discurso. Mais apropriadamente, é o cenário enunciativo em que o discurso é realizado. A interação entre o orador e o auditório, realizada pela linguagem, faz parte dessa cenografia. A cenografia ou a “encenação” discursiva não é, como se pode pensar, uma “máscara” do *real*, mas como Maingueneau (1989:34) afirma, é “uma de suas formas”, uma vez que o *real* é investido pelo discurso.

Ao compor o texto, o sujeito constrói a cenografia a partir de sua autoridade enunciativa. Delimita tempo e espaço e insere o auditório em lugares determinados pelo seu discurso. Maingueneau estabelece uma relação entre a cenografia e a dêixis discursiva. Nessa dêixis, inserem-se o locutor e o destinatário discursivos, a cronografia e a topografia, elementos essenciais para legitimar o discurso do orador (quando ele profere sua mensagem, em que circunstâncias, para quem, onde, etc.)

O quadro cênico do discurso é o espaço dentro do qual o enunciado toma um sentido, bem especificado pelo gênero do discurso. Os gêneros do discurso (ao contrário dos três gêneros oratórios de Aristóteles que apontaremos abaixo) são muito variáveis: de que tipo de texto se trata? Publicidade, editorial, carta comercial, anúncio? É oral ou escrito? Onde é difundido? É para ser lido, recitado, cantado? O texto, que se transforma em discurso ao pertencer a um cenário enunciativo, permite validar a *cena* através dos conteúdos que expõe. Ao contrário de um texto do gênero ‘lista telefônica’, um discurso publicitário ou político, por exemplo, permite cenografias variadas, pois para conquistar o interlocutor é necessário captar seu imaginário, e dar-lhe uma identidade.

Nesse sentido, pode-se afirmar que um discurso oral produz “mais efeitos” do que um discurso escrito? Perelman (1996:21) afirma que a argumentação é melhor percebida quando desenvolvida por um orador que se dirige verbalmente a seu auditório, do que quando está contida num livro. Ora, isso se deve ao fato de que há elementos do discurso oral que não se encontram no discurso escrito (como a entonação, os gestos, etc.) que facilitam o processo interativo, a “conexão” entre o orador e os ouvintes. Mas um discurso, mesmo escrito, possui

marcas do envolvimento com o leitor, seja qual for seu gênero. E, embora não possua as características efetivas da fala, a mensagem escrita pode ser tão ou mais eficaz⁴.

O envolvimento do autor com o destinatário de sua mensagem é necessário para que o próprio texto, oral ou escrito, possa ser *validado*, caracterizado por um gênero discursivo, tornando-se “verdadeiro”, “real”.

Maingueneau (1989:37) nota que um discurso só é “autorizado”, e conseqüentemente eficaz, se for reconhecido como tal: a situação é legítima, o orador é legitimado para fazê-lo, os destinatários são legítimos.

Um mesmo discurso proferido ou divulgado em momentos distintos, terá uma cena enunciativa diferente, pois o contexto não será o mesmo, nem o público⁵. Diferentes efeitos se instauram, reforçando, de forma bem ampla, o “conjunto do cenário enunciativo”. Esse conjunto tem por base *a adaptação ao auditório* e os *valores do discurso*.

3.a.1) A adaptação ao auditório

A Retórica, para Aristóteles (Capítulo II, livro 1), é uma arte que possui uma função: “descobrir o que é próprio para persuadir”. Com base no verdadeiro e no justo, a Retórica é um instrumento de defesa, que possibilita ao homem usar as palavras ao invés do corpo. Não há sentido em *persuadir* se não se conhecer bem o auditório. Aristóteles afirma que se obtém a persuasão nos ouvintes quando o discurso os leva a sentir uma **paixão**, segundo sentimentos de aflição ou alegria, amizade ou ódio. Ele distingue três espécies de provas fornecidas pelo discurso: as que comprovam o caráter moral do orador (primeira prova subjetiva), as que criam disposições no ouvinte (segunda prova subjetiva) e as que se fundamentam naquilo que o próprio discurso demonstra ou parece demonstrar (prova lógica).

⁴ Isso me faz pensar em alguns gêneros do discurso que só existem na modalidade escrita. Por exemplo, um relatório, um memorando, um convite, uma ata, uma carta comercial ou mesmo uma tese são discursos escritos por excelência e, para produzir o efeito desejado, o enunciador deve ter habilidade com a língua escrita. É evidente que tais textos podem ser trazidos para a modalidade oral, se forem lidos em voz alta, e com isso, ganharem traços prosódicos e uma “exposição interpretativa” de quem lê, mas *existem* porque são um documento escrito e devem ser eficientes como tal. (Exporemos as diferenças da língua falada e da língua escrita ainda neste capítulo).

⁵ A narração de um jogo de futebol assistido em video-tape tem um cenário enunciativo bem diferente do momento em que foi produzida, concomitantemente com o acontecimento do jogo.

Convencer o ouvinte da verdade é a razão primeira do discurso e, para isso, é necessário conhecer seu auditório e adaptar-se a ele.

A primeira prova subjetiva tem por base o próprio orador, o *ethos*, a forma dele se apresentar perante o público para influenciá-lo. A segunda prova baseia-se no *pathos* (por isso também chamada de *prova patética*) e é a que se concentra nas paixões do público, nas suas predisposições emocionais, na arte de tocar a *alma* dos ouvintes. E a terceira prova, baseada no *logos*, concentra-se no próprio discurso.

É necessário, portanto, ao orador, conhecer bem as paixões de seu auditório e sua personalidade, a fim de obter uma apreciação favorável daqueles que o ouvem. Percebe-se, aqui, o caráter interativo da linguagem, tão preconizado pela Pragmática da atualidade, mas essencialmente presente na Arte Retórica de Aristóteles.

Perelman (1996), na primeira parte do Tratado da Argumentação (§ 1 em diante), é bem específico ao afirmar que “todo orador que quer persuadir um auditório particular tem que se adaptar a ele”. Aristóteles, ao definir os *gêneros oratórios*, o deliberativo, o judiciário e o epidítico, tinha em mente os diferentes tipos de auditório que se pretendia persuadir: auditórios que deliberavam, que julgavam ou simplesmente usufruíam do discurso sem precisar tomar nenhuma decisão a respeito.

O enfoque no auditório, segundo Perelman, é fundamental no discurso. Se o orador se inflama-se em suas próprias paixões, esquecendo-se dos ouvintes, acabará por não atingir seu objetivo: convencer o público. A mensagem tem que ser dirigida ao ouvinte, que, afinal de contas, é quem determina a qualidade da argumentação e o comportamento dos oradores.

Isso nos retorna a Bakhtin (1992: cap.5), para quem o outro é fundamental na realização do discurso. A *palavra dirige-se a um interlocutor*, ela é função da pessoa desse interlocutor e variará segundo seu grupo social. O discurso não tem sentido se não for a quem ele se destina.

O discurso do locutor de futebol, transmitido a milhões de pessoas pelo rádio e pela televisão, pode ter um auditório bastante vasto e muito diversificado. Por isso, o locutor deve saber quais são os pontos em comum desse auditório e fazer o possível para obter sua

aprovação geral⁶. Perelman (1996:38), ao discorrer sobre o *auditório universal*, explicita que o orador, embora não tendo total ciência dos componentes que formam seu auditório, espera o acordo dele a respeito de sua argumentação.

Não é à toa que o locutor futebolístico possui uma linguagem bastante popular. Não se concebe um locutor narrando futebol, como se estivesse falando a uma "assembléia legislativa". Ele se dirige a um público extremamente variado, e sobretudo amante do futebol, principalmente durante a realização de uma Copa do Mundo. No Brasil, esse público é vastíssimo e bastante diferenciado: doutores e iletrados ouvem o mesmo orador. Mas, ao ouvirem a locução de futebol, todos são apenas um: o “povão”, aquele que não se preocupa com o falar preciso, “retórico”. É um público que quer ouvir e entender sem ter que pensar muito nas palavras. É um público ansioso por ouvir o grito de gol, a favor do seu time ou da seleção brasileira e vibrar, intensamente. Para o locutor de futebol atingir a alma do ouvinte brasileiro, é necessário que ele use uma linguagem simples, direta, objetiva, e sobretudo emotiva.

É por isso que a articulista Aline Fonseca, que citamos anteriormente, não aprova a narração do locutor francês. Para ela, representante do público brasileiro, o locutor francês não tem “alma”, é seco, frio e distante. Em contrapartida, o locutor brasileiro não agrada os ouvidos dos franceses. Eles acham nossos locutores exagerados, exageradamente emotivos, patéticos, como se a emoção ultrapassasse a razão

Há uma diferença essencial entre locutores brasileiros e franceses, que tem a ver com os valores de toda uma nação. O futebol é um símbolo, uma referência para o Brasil. Esse mesmo valor não existe para o povo francês, que o encara, como bem disse Francis Huster, tão simplesmente como um “esporte”. A França tem-se destacado muito nos esportes. Do rugby à patinação artística. É um dos países que mais obteve medalhas nos Jogos Olímpicos de Sidney e também obteve uma excelente colocação nos Jogos Olímpicos de Inverno, realizados recentemente em Salt Lake City, Estados Unidos. O futebol é um dos esportes mais populares na França, mas, “mais um” entre tantos esportes praticados por atletas desse país. Apesar do Brasil ter-se destacado em outros esportes, como o automobilismo, o vôlei de

⁶ A questão do “auditório” ou público-receptor do discurso da mídia será discutida no capítulo 2, ao abordarmos a “linguagem dos meios de comunicação em massa”.

quadra ou de praia, o judô, o surfe ou o iatismo, o futebol, diferentemente do que é na França, permanece “o esporte” do país⁷.

A noção de “valor” do futebol é, portanto, diferente nos dois países. E o locutor baseia seu discurso justamente nessa noção, somada a outras que definem o que é aceitável, próprio, agradável e o que não o é para a sociedade. Os valores ressaltados fazem parte do cenário enunciativo. Aquilo que o locutor põe em relevo, concentra sua atenção, dá mais importância, colocando-o em sintonia com seu público é uma estratégia para conquistá-lo.

3.a.2) Os topoï e os valores argumentativos

Quando se fala em *topos*, faz-se referência aos *lugares* da enunciação. Tais lugares são marcados, no discurso, segundo um acordo entre o orador e seu auditório, bem como pelos valores que fundamentam a argumentação.

Mainueneau (1989:30) denomina esse acordo de *contrato*, onde o sujeito e seu ouvinte concordam a propósito das representações de linguagem nas práticas sociais. O contrato relaciona-se a uma *topografia social* dos interlocutores no momento de realização do discurso, onde cada um terá uma identidade a partir de um sistema de lugares. Existe uma instância de subjetividade enunciativa, no discurso, que atribui uma autoridade ao enunciador, ao mesmo tempo que o submete a regras discursivas, concedendo lugares ao enunciador e ao seu co-enunciador, que é o ouvinte.

Segundo Plantin (1996:67), os *topoï* são muito importantes para que se compreenda o sentido do discurso. Ele define o *topos* como um instrumento lingüístico que irá organizar o discurso e defini-lo como aceitável e coerente para uma dada comunidade.

Perelman (1996, §15) sustenta que “não há argumentação possível sem acordo prévio entre o orador e seu auditório”. Para que haja este acordo, são necessárias premissas comuns, explícitas ou não. São tais premissas que constituem os lugares e os valores do discurso.

⁷ E o fato de não termos ainda ganho o “ouro olímpico” é um desapontamento para o brasileiro. A cada olimpíada, espera-se que isso aconteça, para que essa vitória se some às outras, honrando as conquistas obtidas nas Copas do Mundo.

Os lugares, que são as posições que ocupam os interlocutores no discurso, estarão relacionados aos valores do auditório, sobre os quais o orador fundamentará sua argumentação. Para Aristóteles, *lugar comum* são as premissas aplicáveis aos três gêneros oratórios (por isso, são banais, quase invariáveis), e *lugar específico* são as premissas próprias a cada um dos gêneros (que variam, inclusive, historicamente).

Os lugares preferíveis na argumentação são aqueles que se baseiam nos valores preferíveis. Perelman distingue dois tipos de valores: os abstratos (como a justiça, a verdade, a razão) e os concretos (como o País, a Igreja). Os lugares podem ser definidos pela quantidade (“é o que todos fazem”), pela qualidade (“aquilo que é original, diferente, anômalo”) e pela unidade (sintetiza os dois anteriores: “o único é o valorizado”).

Quando se fala em persuadir o auditório, adaptando-se a ele, é porque seus valores são conhecidos do orador. Este irá invocá-los na medida em que apresenta premissas que mobilizam a paixão desejada nos ouvintes.

Declercq (1992:55) aponta uma tripla interrogação para distinguir a paixão no auditório: que disposição emocional anterior é favorável ao aparecimento da paixão? A quem se dirige essa paixão? E a quais objetos? A resposta está nas premissas levantadas na argumentação que ressalta as crenças e os papéis desempenhados pelos interlocutores.

O cenário enunciativo, definido em função da adaptação ao auditório e dos valores argumentativos, vão estabelecer a utilização de um gênero de discurso. Já mencionamos em várias ocasiões, neste trabalho, a questão do gênero, mas vamos agora cercá-la mais de perto, para podermos explorar, ao fim deste capítulo, o gênero discursivo “locação de futebol”.

3.b) Os gêneros do discurso

Reconhecer um gênero de discurso, ao interagirmos pela linguagem, é uma condição essencial para que haja troca de significados, relevância na comunicação. Tal importância é especialmente acentuada por Bakhtin (1984:285):

“Aprendemos a modelar nossa fala nas formas do gênero, e ao ouvirmos a fala do outro, podemos logo de início, nas primeiras palavras, pressentir o gênero, adivinhar seu volume, sua estrutura composicional e prever seu fim, dito de outro modo, desde o começo somos sensíveis a todo discursivo (...) Se os gêneros do discurso não existissem e se nós não tivéssemos domínio sobre eles e se nos fosse necessário criá-los pela primeira vez no

processo da fala, como também nos fosse preciso construir cada um dos enunciados, a troca verbal seria impossível”.

De fato, porque conhecemos e utilizamos diferentes gêneros discursivos nas nossas comunicações diárias, temos totais condições de saber de qual gênero se compõe a interação verbal assim que somos submetidos a ela.

Os gêneros de discurso são constitutivos de toda uma sociedade. E são tão variáveis quanto os tipos de atividades humanas. Bakhtin (1987:60) salienta que as falas de um discurso (oral ou escrito) refletem as condições específicas e os objetivos de cada área da atividade humana. Isso se verifica não apenas por seu conteúdo temático ou estilo lingüístico (i.e a seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais), mas principalmente através de sua estrutura composicional. Esses três aspectos: o conteúdo temático, o estilo e a estrutura composicional são inseparavelmente ligados ao conjunto da fala e determinados pela natureza específica da esfera da comunicação.

É evidente que cada fala é um ato individual, mas a linguagem usada pertence a uma esfera que desenvolve “tipos de fala” relativamente estáveis. Esses são os gêneros do discurso.

Mainueneau (1998:47) afirma que uma sociedade pode ser caracterizada pelos gêneros de discurso que ela torna possíveis e que a tornam possível. O discurso traça o perfil de uma sociedade e a sociedade traça o perfil de um discurso.

A noção de “gênero do discurso” foi tomada de uma reflexão sobre a literatura. É evidente que gêneros literários como a “tragédia”, o “romance”, a “poesia”, a “epopéia” não têm a mesma significação que um gênero do tipo “anúncio publicitário”, “carta pessoal”, “narração de futebol”. Esses últimos têm por base as formas de interação realizadas nas comunicações do dia-a-dia da sociedade. Por isso, é possível, como Mainueneau o fez, caracterizar uma sociedade segundo os gêneros de discurso veiculados por ela.

Todo gênero de discurso tem uma finalidade específica que é a de preencher um certo vazio, uma necessidade de convivência, de troca entre os membros de uma comunidade (seja ela qual for).

Mainueneau faz a distinção entre “tipos” e “gêneros” de discurso. O “tipo” de discurso diz respeito à produção discursiva realizada num âmbito de grande extensão na

sociedade, por exemplo, o discurso do tipo “radiofônico”. Tal tipo de discurso encerra vários “gêneros de discurso”, como o “noticiário”, as “radionovelas”, a “locução esportiva”. Os gêneros de discurso sempre pertencem a determinados tipos de discurso. Um discurso do “tipo” científico dirige-se a um público pertencente a uma comunidade científica, um discurso do “tipo” político, dirige-se a um público mais variado, a deputados e senadores, ou mesmo a metalúrgicos, depende do gênero, intrinsecamente vinculado à cenografia discursiva.

O autor se utiliza de três metáforas que servem para caracterizar os gêneros discursivos: o contrato, o papel e o jogo. E assim podemos relacioná-los: o *contrato* diz respeito à disposição dos interlocutores em assumir determinados *papéis*, impostos pela cena enunciativa, para participarem do *jogo* interacional.

Charaudeau (1996:23-25) explica a noção de contrato de comunicação e seu papel no jogo interacional da seguinte forma: Toda vez que um ouvinte fizer menção de negar o seu papel de interlocutor face a um locutor, ele está ao mesmo tempo negando a própria *existência* do locutor: se não há TU (interlocutor) não há EU (locutor). Para o locutor, é preferível que seu ouvinte *discorde* dele (e não o *ignore*), pois mesmo na discordância, este é seu “parceiro” no ato comunicacional. Daí vem a condição mínima para que exista um “contrato”: o reconhecimento, um do outro, enquanto parceiros interlocutantes. No entanto, esse reconhecimento não é um dado de partida, é necessário *construí-lo socialmente*. Essa construção é realizada pela legitimidade da situação interativa, em que cada um dos interlocutantes representa um papel social.

Um dos gêneros muito comuns, tanto da cultura brasileira como da francesa, é o gênero esportivo-narrativo pelo rádio ou pela TV. E o orador desse gênero de discurso, não só assume um contrato com a emissora que representa, mas também, toda vez que está a postos, assume um “contrato” com seu interlocutor. Ele se dispõe a representar um papel de locutor naquele momento de sua locução, naquela cena enunciativa. E seu interlocutor também se dispõe a representar o papel de ouvinte ou telespectador. Cada um reconhecendo sua função, nesse contexto interacional. Às vezes, o ouvinte ou o telespectador podem achar que o locutor “quebrou seu contrato”, pois ao invés de narrar o jogo, preferiu, por exemplo, “contar uma piada”. E os mesmos podem efetivamente “quebrarem o contrato” no momento

em que desligam o rádio ou a televisão. Dentro dessa perspectiva interacional é que o texto, na voz do locutor esportivo, será construído.

Todo gênero de discurso necessita de um suporte material que, conforme Maingueneau (1998:53), é a forma de “externalização” ou “divulgação” do discurso. Um discurso oral, veiculado pelo rádio, tal como a narração de futebol, necessita de aparelhos que transmitam e recebam as ondas sonoras, senão não há como ser efetivo. Um discurso escrito, por sua vez, irá necessitar de outros meios que o tornem possível, variando de uma folha de papel à tela do computador. Se o suporte é modificado, o gênero também sofre modificações. Por exemplo, o anúncio do falecimento de uma pessoa pode ser comunicado por telefone, por carta, através de jornal, por telegrama, por um cartaz, ou mesmo pelo rádio ou televisão. Cada um desses meios trás em si um “gênero de discurso específico”, envolvendo cenários enunciativos diversos, embora o conteúdo da mensagem seja o mesmo.

E esses gêneros, além da diferença do suporte, têm uma diferença básica, que é o canal de uso da língua: a audição, quando se faz uso da língua falada, ou a visão, quando se faz uso da língua escrita. Apresentar similaridades e diferenças da língua falada em relação à língua escrita nos convém na medida em que lidamos, em nossa análise, com aspectos próprios da *oralidade*.

A oralidade, conforme salienta Urbano (2000a:159), diz respeito “não só ao aspecto verbal ou vocal da língua falada, mas também a todo o contorno necessário à produção da fala na conversa face a face”. Isso quer dizer, a oralidade não apenas se refere à gramaticalidade da fala, mas a risos, à entonação da voz, à intensidade, ao murmúrio, à velocidade da fala, a aspectos da personalidade dos interlocutores e seus estados emocionais e, também, aos gestos e à mímica. Trata-se de qualquer ato válido para que o sentido da expressão oral seja o mais preciso possível dentro do contexto interacional.

Se temos como propósito a análise de aspectos da oralidade de locutores esportivos, dentro de um gênero assegurado pela língua falada, é necessário rever peculiaridades da fala em relação à escrita, bem como ressaltar os diversos níveis da fala. Isso nos levará a compreender melhor a locução verbal dos narradores de futebol.

*“Repete palavras esquivas,
sublinha, pergunta, responde,
e apresenta, claras e vivas,
as intenções que o mundo esconde”.*
Cecília Meireles,
Retrato Falante, in Vaga Música

4. Aspectos da língua falada

A língua falada tem sido objeto de estudo entre os mais diversos gêneros, nas mais diferentes circunstâncias e segundo procedimentos metodológicos distintos. Bronckart (1996:72) observa que a filosofia e as ciências da linguagem ora se ocupam do sistema da língua, no sentido mais genérico, ora da estrutura e do funcionamento da língua em função de seu uso em determinado gênero.

No presente estudo, nossa preocupação principal é justamente observar o funcionamento da língua portuguesa e da francesa conforme um gênero específico do discurso oral. Para esse fazer, torna-se necessário considerar tanto o sistema lingüístico do português e do francês oral, bem como o contraste entre a língua “falada” e a língua “escrita”.

4.a) Língua falada em oposição à língua escrita e níveis de fala

Língua falada/língua escrita

Língua falada e língua escrita se opõem na medida em que são formas distintas de interagir por meio de uma mesma língua, consoante o tipo de situação comunicativa. É certo que essas formas podem misturar-se e o oral influenciar o escrito, ou o escrito influenciar o oral: Dias (1996) verifica a influência do oral no escrito ao analisar textos jornalísticos do Jornal Notícias Populares; e Urbano (2000b) revela os traços da oralidade até mesmo na literatura¹. O escrito influencia o oral, conforme explica Vanoye (1981:43),

1

Ao estudar contos de Rubem Fonseca, ele observa como este autor buscou, em recursos da língua falada, principalmente da fala popular e espontânea, a inspiração para compor sua obra literária.

quando se procura elaborar a expressão oral, observando-se a pronúncia, a fluência, a clareza, a correção e a propriedade. A língua escrita formal, aprendida na escola, passa a ser um modelo para a fala.

É sabido que o domínio da língua escrita acompanha-se de uma situação social esclarecida. A fala aprende-se em casa, a escrita, aprende-se na escola. Quem não tem condições de frequentar a escola, raramente aprende a escrever, a desenvolver seu pensamento através das formas gráficas e coesivas da língua. E quem sabe escrever domina o iletrado.

O premiado filme “Central do Brasil”, de Walter Salles, gira em torno de uma escrevedora de cartas, a personagem Dora, que instalada em uma barraquinha na estação Central, transcrevia, a seu modo, as cartas ditadas por pessoas que não sabiam escrever. Ao transformar o código oral em código escrito, acentuava o poder a ela conferido sobre quem sabia apenas ‘dizer’.

Escrever exige aprendizagem, treino. A fala, por sua vez, é adquirida de forma espontânea, através da interação verbal. Mas, é claro, falar em determinadas situações também demanda treino e prática. É o caso de profissionais de jornalismo, locutores, professores ou políticos que precisam saber falar pronunciando devidamente as palavras, e com um vocabulário adequado à sua atividade profissional.

McLuhan (1964) observa a riqueza emotiva da língua falada ao ter em conta que os diferentes matizes de sentimentos, expressos pela palavra oral, não podem ser expressos por escrito. Realmente, como representar a dor ou a alegria pela escrita? Há que se utilizar muitas palavras, criar imagens que descrevam tal sentimento, ou então, servir-se de sinais gráficos, como exclamações, interrogações e reticências. Mesmo assim, como diferenciar um grito áspero de um sussurro ofegante? É por isso que o autor afirma que a “palavra escrita desafia o que é imediato e implícito na palavra falada”. E, porque a voz é carregada de expressividade, conferida pela entonação, não é tarefa fácil tentar transportá-la para o código escrito.

Maingueneau (1998: 60) salienta o *caráter estável* da palavra escrita e o *caráter instável* da palavra falada. A fala tem um caráter instável porque tudo o que é falado, se não for gravado, não pode ser recuperado tal como foi dito. A escrita, por sua vez,

perpetua a comunicação, transformando-a em um documento. Por ter um caráter estável, a escrita pode ser lida e relida em diferentes momentos e por diferentes pessoas que não o interlocutor a quem se destina originalmente o texto escrito, ao passo que a fala pertence ao momento presente da enunciação. Com base nisso, ele destaca outra oposição entre as duas formas de comunicação: a *dependência* e a *independência* do meio.

A fala implica um interlocutor *presente, dependente* do mesmo meio em que está o locutor, e a interação constante entre eles provoca elipses, interrupções, digressões, repetições e, inclusive, marcas de pessoa, espaço e tempo referentes especificamente aos interlocutores, local e momento do encontro. A escrita não implica que os interlocutores compartilham o mesmo ambiente. E porque o locutor (autor) não poderá auxiliar a compreensão de seu interlocutor (leitor) no momento em que este estiver lendo, interagindo com o texto, sua sintaxe deverá ser mais elaborada, a coesão e a coerência devem ser tão precisas ao ponto de se evitarem mal-entendidos, seja o texto um artigo científico ou um bilhete para a secretária.

De toda a forma, sempre que se produz um texto, seja oral ou escrito, deve-se ter em mente a quem ele se destina. O modo de produção é bastante diferente, pois, na escrita, o destinatário do texto não está fisicamente presente para considerarmos suas reações e, assim, transformarmos nosso discurso. Mas ele está no pensamento e é por isso que uma determinada pessoa pode refazer o que escreve toda vez que não está satisfeita com os efeitos que crê produzir no seu interlocutor. Neste momento em que escrevo este trabalho, percebo bem o sentido da produção escrita, pois, à medida que escolho determinadas palavras e formo frases com elas, releio meus enunciados na expectativa de estarem claros para meu interlocutor; senão, eu os reformulo. Seja como for, meu interlocutor terá apenas a produção final, o texto pronto, acabado, não terá consciência da interação ‘virtual’ que eu tive com ele para compor este texto.

Os efeitos de uma conversa *tête-à-tête* não são os mesmos, pois tudo o que se diz é ao mesmo tempo ouvido e, quando ocorrem reformulações, estas são aparentes. Por causa da interação presencial com o interlocutor, o texto oral é cheio de recortes, digressões, idas e vindas, interrupções, repetições, etc.

Com o advento da Internet, as fronteiras entre textos orais e escritos passaram a ser facilmente atravessadas. As pessoas conversam pela Internet, usando o teclado do

computador, então ‘escrevem para falar’. E como estão conectadas ao mesmo tempo, a interação é constante e imediata: há interrupções, excesso de repetições, abreviações de palavras, além de sinais gráficos convencionais² para exprimir alegria, tristeza, grito, risada, etc. Evidentemente, este é um exemplo de texto escrito oralizado, não apenas uma característica da Internet, mas uma estratégia de marketing muito conhecida, basta observarmos cartazes de rua, e outras propagandas ao nosso redor.

Às vezes, mesmo em um texto mais formal, encontramos marcas da oralidade, através do uso de um termo popular ou de constantes repetições. E também, na fala, não raro fazemos alusões a determinadas marcas gráficas para destacarmos uma palavra ou expressão ou incluirmos alguma observação anexa ao assunto principal³.

Há também falas que não são propriamente “falas”, mas “leituras”. Como por exemplo, discursos solenes, sermões e mesmo o “jornal falado” no rádio e na televisão. Como o próprio nome subentende, é como se o jornal, feito para ser lido, estivesse sendo “falado”, lido em voz alta. Os apresentadores de jornais na televisão ou no rádio lêem as notícias, com uma entonação como se estivessem ‘anunciando’ o fato naquele momento, mas trata-se de um texto escrito por um redator antes do início da emissão.

A fala e a escrita se relacionam. McLuhan menciona que a escrita é “um olho por um ouvido”, mas também podemos afirmar que o escrito lido é “um ouvido por um olho”. E dessa forma, lemos, ouvimos, falamos e escrevemos, usamos todos os canais com o grande intuito de interagir com o outro.

Se contrapomos os aspectos gerais das duas formas de expressão em uma língua, temos a seguinte dicotomia, como destaca Koch (1997:62-63):

² Os conhecidos ‘émoticons’ lidos ao se inclinar a cabeça para a esquerda, como por exemplo, o sinal “:)” indica ‘feliz’, o sinal “:(” indica ‘triste’, letras maiúsculas indicam ‘voz alta’, etc.

³ É o caso do conhecido “entre aspas”, representado, na conversação oral, quase sempre pelo gesto com as mãos e do “abre parênteses” quando se inicia uma digressão e, ao fim desta, o “fecha parênteses”.

A fala é:**A escrita é:**

contextualizada
 implícita
 redundante
 não-planejada
 predominância do “modus pragmático”
 fragmentada
 incompleta
 pouco elaborada
 pouca densidade informacional
 predominância de frases curtas, simples
 ou coordenadas
 pequena frequência de passivas
 poucas nominalizações
 menor densidade lexical

descontextualizada
 explícita
 condensada
 planejada
 predominância do “modus sintático”
 não-fragmentada
 completa
 elaborada
 densidade informacional
 predominância de frases complexas,
 com subordinação abundante
 emprego freqüente de passivas
 abundância de nominalizações
 maior densidade lexical

Examinando essas características em que fala e escrita se opõem, nota-se que, pelo alto grau de interatividade e dinamismo da troca entre interlocutores, a fala não pode ser “planejada”, ela acontece praticamente à medida que os pensamentos vêm à mente e, com isso, é “fragmentada”, “pouco elaborada”, “redundante”, “repleta de frases curtas e simples”, etc. No entanto, essas peculiaridades da fala não podem ser interpretadas como “defeitos”. Pode-se dizer que elas não condizem com um texto formal escrito, onde deve transparecer um trabalho de reflexão e de amadurecimento, tanto sobre o uso da língua quanto sobre o tema tratado. Neste caso, por mais dinâmica que a língua seja, segue padrões menos flexíveis, correlatos da norma “cultura” ou “explícita”, como explica Quadros Leite (1998).

No entanto, o uso “rígido” ou “menos flexível” da língua não condiz com determinados gêneros da língua falada, principalmente quando se trata de realçar um de seus traços mais característicos: a espontaneidade. Por isso, enquanto é totalmente normal um apresentador de um documentário histórico ou de um programa científico falar, na televisão, ou no rádio, com todo o cuidado para não cometer deslizos fonológico-gramaticais (não cortar frases, não usar gírias ou excesso de repetições, evitar hesitações, observar a pronúncia dos “s” e “r” finais, etc.), seria extremamente estranho se o mesmo ocorresse com um apresentador de um programa de brincadeiras infanto-juvenis... ou um locutor de futebol! Se eles falassem de uma forma, digamos “retórica”,

o ouvinte perderia totalmente o interesse, pois nesses casos, o dinamismo das ações, das atividades realizadas ou vivenciadas pelo falante, determinam também o dinamismo da fala, o que não condiz com um esquema pré-determinado, planejado, não-espontâneo.

O mais importante para o falante, ao fazer uso da linguagem no dia-a-dia, não é a “demonstração” de seu conhecimento do sistema lingüístico. O que de fato importa é a *interação* com o ouvinte. A língua, enquanto “sistema” não deixa de existir⁴. E com base nele, nas regras de funcionamento e de uso de uma língua, pode-se empregá-la expansivamente nas interações verbais mais corriqueiras.

É a interação, vinculada à necessidade de intercompreensão, que concede à língua falada a *liberdade* de expressão. É como se, apesar de estar sujeita a um sistema lingüístico, ela não vestisse a “camisa de força” a que se obriga a língua escrita, subordinada à “imperialização” das normas, do uso correto ou “puro” da expressão verbal⁵. A língua falada usufrui de uma certa liberdade de criação, e tem uma coesão e uma coerência que não seguem as regras lógico-lingüísticas da língua escrita. Ela se ampara não apenas em aspectos semântico-sintáticos, mas também em aspectos prosódicos (como a entonação, as pausas e o ritmo), dos quais carece a língua escrita, para exercer sua função maior: cativar a atenção do ouvinte e com ele interagir eficazmente. Enquanto houver “atenção”, “interesse” da parte do ouvinte, haverá diálogo, interação e conseqüentemente a progressão *livre* do discurso.

O ouvinte, co-produtor do discurso oral, influencia a todo instante as escolhas lingüísticas do falante, resultantes de uma interação intensa que assegura o prosseguimento do ato comunicativo. Essas escolhas fruindo da “pragmaticidade”, “pouca elaboração”, “simplicidade” e “expressividade” da língua falada sacrificam, como bem indica Urbano (2000b:104), a concordância, a regência, a ordem, os sons, as sílabas, as palavras, as frases. Mas esse “relaxamento” da língua falada, por assim dizer, é plenamente justificado pela situação comunicacional.

Níveis de fala

⁴ Senão, como se comunicar?

⁵ Tendo como parâmetro um texto acadêmico, como menciona Urbano (2000b:106)

O contexto social em que se dá a comunicação vai estabelecer o *nível de fala* empregado. Por exemplo, o nível de fala de um locutor futebolístico, quando este narra um jogo, é totalmente diferente de quando o mesmo faz uma entrevista com o presidente da Federação Internacional de Futebol. O nível de fala varia de acordo com o gênero discursivo desenvolvido num cenário enunciativo, com as relações sociais impostas por esse cenário e com o grau de instrução do falante, refletido na sua “flexibilidade lingüístico-comunicativa”.

Dino Preti (1982:33), ao argumentar sobre as variedades da fala segundo os fatores situacionais (i.e. segundo as circunstâncias de lugar e tempo em que os atos de fala se realizam, unindo o falante a seu ouvinte), faz a distinção entre três níveis de fala: o formal, o coloquial e o comum:

- O *nível formal* reflete um comportamento lingüístico mais tenso. É utilizado em situações mais formais por falantes cultos, é influenciado pela literatura e pela linguagem escrita, possui uma sintaxe mais complexa e um vocabulário mais amplo e técnico.
- O *nível comum* encontra-se no meio termo entre o culto e o coloquial. Ele tem uma aceitação bem ampla em diversos meios sociais e nos meios de comunicação em geral.
- O *nível coloquial*, por sua vez, reflete um comportamento lingüístico mais distenso, é utilizado em situações familiares ou menos formais por falantes comuns, tem o predomínio da linguagem popular, possui uma sintaxe mais simples, um vocabulário mais restrito, linguagem afetiva, com gírias e mesmo expressões obscenas e não segue os padrões da gramática tradicional.

O nível de linguagem da locução esportiva, pelo rádio ou televisão, tão cheia de recortes e idas e vindas, até mesmo com a participação de interlocutores-comentaristas, oscilaria entre o nível comum e o coloquial, com predominância do nível coloquial.

G. Mauger (1984:V-VI), em sua *Grammaire pratique du français d'aujourd'hui*, distingue quatro níveis de linguagem, um para a escrita e três outros para a fala:

- O primeiro nível é o que se refere apenas à *língua escrita*, essencialmente literária, sem influência da língua falada. Toda a vez que ele menciona “F. E.” (français écrit), refere-se a escritores anteriores a 1940, numa tentativa de preservar, assim, o francês mais “culto” possível.

- O segundo nível, é o da *língua comum ou corrente*, que se encontra entre o francês escrito literário e o francês falado familiar. A língua comum é a que o parisiense de cultura média utiliza em uma conversa com um interlocutor que ele não conhece muito bem, ou com algum de seus superiores. Não traz traços específicos da fala ou da escrita, podendo ser usada tanto de uma forma como de outra.

- O terceiro nível diz respeito ao *francês falado familiar* (“français parlé familier”). Esse nível de língua é utilizado em situações onde se conhece muito bem o interlocutor ou se quer manter intimidade com ele. A *língua comum* freqüentemente é nutrida pela *língua falada popular*.

- Um quarto nível refere-se ao *francês falado popular* (français parlé populaire). Este nível é praticado por trabalhadores em geral, sem muita cultura.

Palavras obscenas, expressões vulgares pertenceriam, segundo Mauger, a um outro nível que ele classifica de *francês vulgar* (“français vulgaire”).

O nível de linguagem da locução esportiva se encontraria, sobretudo, no francês familiar, com flutuações para a língua comum ou para o francês popular.

A seguir, iremos apontar alguns aspectos gerais do português e do francês no que se refere à língua falada.

4.b) Características do português falado no Brasil e do francês falado na França

Para analisarmos os mecanismos de uso da língua falada espontânea, como faz o locutor futebolístico, convém apontar algumas características do português falado no Brasil e do francês falado na França. Fazendo oposição com a “língua escrita” e com o nível de língua “culto” (Preti) ou “corrente” (Mauger), iremos nos basear, principalmente, em pesquisas, gramáticas e literatura lingüística do português e do

francês. Os aspectos a serem considerados, a título de exemplificação, referem-se sobretudo ao *léxico*, à *sintaxe*, à *morfologia* e à *fonologia*.

Não nos preocupam, aqui, as particularidades do uso da língua, regionalismos ou tendências de estilo. Nosso objetivo é, simplesmente, abordar contornos da expressão da língua falada coloquial nesses dois países, sem entrar nos detalhes de suas complexidades, para depois nos aprofundarmos na linguagem do locutor futebolístico tanto no Brasil quanto na França.

Aspectos léxico-semânticos

Ao discutir o efeito das palavras e seu poder avaliativo, Bakhtin (1987:85) afirma:

As palavras não pertencem a ninguém e em si mesmas não avaliam nada. Mas podem servir a qualquer falante e ser usadas nos contextos e nas avaliações mais variadas e diretamente contraditórias.

A palavra fora de contexto não tem valor algum. É necessário que a palavra esteja inserida em uma situação específica e, na língua falada, a entonação é um fator muito importante para que seja possível compreender o significado de um termo ou expressão.

Alves (1993), em uma análise sobre o léxico na língua falada, observa que as escolhas do vocabulário do locutor, suas paráfrases e definições, correspondem a uma “busca de explicação e de clareza, por parte do falante, em vista de seus interlocutores”.

Falante e ouvinte interagem e buscam, por meio das palavras enunciadas, uma conexão entre si. Essa conexão pode ocorrer de diversas formas, conforme o cenário enunciativo e o registro de língua utilizado. O léxico, no nível coloquial da linguagem, é menos variado, mais restrito, mas é muito mais amplo, atingindo maior camada da população.

Fazendo referência à língua portuguesa falada no Brasil e à língua francesa falada na França, citaremos *elementos dêiticos, palavras de ligação interacional, interjeições, gírias, expressões metafóricas e diferentes sentidos que adquirem alguns verbos na fala*.

- Elementos dêiticos

Como a situação de fala ocorre no momento presente da enunciação, os elementos dêiticos, com função pronominal, são muito frequentes. Vanoye (1981:40) se refere a eles como “elementos constitutivos da situação”, ou seja, o *aqui*, o *agora*, o *assunto*, a *identidade dos personagens* (principalmente a primeira e a segunda pessoa do discurso e o que cada uma representa no momento enunciativo) são categorias imprescindíveis da língua falada. Vejamos algumas características dos pronomes na expressão oral:

- Em português, os pronomes demonstrativos de 1^a. pessoa (este, esta, estes, estas, isto) e os de 2^a. pessoa (esse, essa, esses, essas, isso) são muitas vezes empregados um pelo outro (na língua falada como também na escrita), sem que se faça a menor distinção entre eles. O pronome de tratamento “você”, na fala, é constantemente abreviado para “cê”.
- Em francês, os pronomes demonstrativos⁶ podem ser compostos das partículas adverbiais “-ci” ou “-là” para indicar, respectivamente, a proximidade ou a distância de um ser, no espaço ou no tempo, em relação ao interlocutor. No entanto, na língua falada, nem sempre se faz essa distinção, havendo predominância do emprego do “-là”⁷. O pronome demonstrativo “ceci” equivale ao pronome “isto”, e o pronome “cela”, a “isso ou aquilo”. Mas é o pronome “ça”, corruptela de “cela”, que substitui muito frequentemente o “cela” e mesmo o “ceci” na língua falada.

⁶ Ou adjetivos demonstrativos. Na nomenclatura francesa, o “pronome demonstrativo” equivale ao “pronome substantivo demonstrativo” do português, e o “adjetivo demonstrativo”, ao “pronome adjetivo demonstrativo”.

⁷ É tão constante e curioso o uso do “là” que, por exemplo, à pergunta “où tu es?” (“onde você está?”), comumente se responde, em francês, “je suis là” (literalmente: “eu estou lá”). O “là” tem um valor de “ici” (“aqui”), quando o locutor se refere ao lugar onde ele se encontra.

- Palavras de ligação interacional Consideramos “palavras de ligação interacional” os *marcadores conversacionais verbais*⁸ e as *expressões de situação*.

Os *marcadores conversacionais*, como bem explica Marcuschi (1986:62), são recursos da fala que servem para organizar o tópico da conversação e estruturar o diálogo entre os participantes de uma conversa. André-Larochebouvry (1984:145) os denomina de “sinais de encadeamento”, pois satisfazem à regra de continuidade do tópico discursivo e fazem parte dos sinais de cooperação.

Expressões de situação, no dizer de Said Ali⁹, referem-se ora ao ambiente constituído pelo ouvinte, ora à situação estabelecida pelos acontecimentos, ora à disposição do espírito do ouvinte ou do falante. Como tanto os marcadores conversacionais, como as expressões de situação têm a função essencial de enfatizar a interação entre os interlocutores, preferimos reuni-los neste único grupo: o das palavras de ligação interacional¹⁰.

- Em português, temos os seguintes exemplos: “então”, “é, né”, “bem”, “bom”, “por exemplo”, “ah, é”, “ai”, “agora”, “aliás”, “mas”, “olha”, “como assim”, “sabe”, “veja bem”, “daí”, “finalmente”, “enfim”, “felizmente”, “infelizmente”, “quer dizer”, “sei, sei”, “viu?”, “claro”, “isso aí”, “não é?”, etc.
- Em francês, usam-se termos como: “mais”, “et pourtant”, “enfin”, “quoi”, “voilà”, “ben”, “et pis”, “bon”, “c’est vrai”, “alors”, “finalement”, “alors là”, “ça”, “n’est-ce pas”, “oh là là”, “tu vois”, “tu comprends”, “ben oui”, “ah, non”, “comment”, “c’est possible”, “c’est à dire”, “c’est ça”, etc.

⁸ Em oposição aos recursos não-verbais (gestos, olhar, riso) e supra-segmentais (efeitos prosódicos), cf. Marcuschi (1986:63).

⁹ (1971) Apud Urbano (2000b:125).

¹⁰ Ou os “conectivos de interação”, conforme estudo de Roulet et al. (1987:111).

- Interjeições

A expressividade da língua falada é constantemente traduzida por interjeições ou expressões exclamativas. As interjeições traduzem emoções súbitas, podendo ser representadas por uma só palavra ou por uma locução interjetiva¹¹.

Alguns exemplos em português e em francês são:

Advertência: Port.: Cuidado! Atenção! Calma! Olha!

Fran: Attention! Regarde! Gare! Halte!

Admiração: Port.: Oh! Ah! Que lindo! Jóia! Uau!

Fran: Ah! Que c'est beau! Oh, là là!

Alegria: Port.: Viva! Ôba!

Fran: Youpi! Ha!

Alívio: Port.: Ufa! Que alívio! Ainda bem!

Fran.: Ouf! Enfin! Ah, enfin!

Aprovação: Port.: Muito bem! Parabéns! Ótimo! Super!

Fran.: Super! Extra! Bravo! Chapeau!

Chamamento: Port.: Olá! Oi! Ô! Você aí! Psiu!

Fran.: Hé! Hé là-bas! Hep! Psst!

Desagrado: Port.: Chi! Ora, bolas! Droga!

Fran.: Hélas! Tant pis! Décidément!

Encorajamento: Port.: Vai! Força! Isso!

Fran.: Va! Allez! Courage!

Espanto: Port.: Oh! Puxa! Viche! Nossa! Deus do Céu!

Fran.: Oh! Mon Dieu! Ça, alors!

Frustração: Port.: Irra! Diabo! Caramba! Eta-ferro!

Fran.: Zut! Bof! Diable!

Medo: Port. Credo! Cruz! Ai, que medo! Arre!

Fran.: Aïe! Sacrebleu!

¹¹ Na fala coloquial, palavras vulgares ou blasfêmias são comumente usadas para indicar dor, espanto, frustração, raiva, ódio, indignação. Locutores futebolísticos evitam seu uso (mas às vezes não conseguem!)

Onomatopéias também têm valor de interjeição nas exclamações expressivas. Alguns exemplos que denotam queda, explosão ou choque são:

- Em português: Pof! Bum! Pá! Pimba! Cabum! Pum!
- Em francês: Patatras! Vlan! Pif! Paf! Boum! Badaboum! Pan!
- Gírias

Antes de darmos exemplos de gírias em português e em francês, será de todo proveitoso observar a relação entre “gírias” e “termos técnicos”.

Termos técnicos fazem alusão à “língua de especialidades” e são relativos à linguagem culta do meio técnico, científico ou profissional, com grande incisão na língua escrita, ao passo que a gíria, oriunda de classes mais baixas da população, pertence a linguagem oral. Galisson (1979:125) cita que apenas uma pequena parcela da população utiliza a linguagem técnica ou especializada, para a qual sempre é necessário um conhecimento teórico. Mas, a linguagem de gíria, sendo um “código”, também é, em princípio, empregada apenas por uma minoria. Ambas figuram no topo da pirâmide idealizada por Galisson. A gíria, todavia, por ser de natureza oral, acaba se expandindo mais rapidamente e, segundo François-Gerger¹², se não é usada ativamente por toda a população, é bem conhecida pela maioria e, de uma forma geral, bastante tolerada. Ele afirma que a gíria comum é representativa da “osmose” que sempre existiu entre “gírias” e a “linguagem popular”.

- O “verlan” na França

Uma das formas de gíria bastante comum da língua falada na França é o “verlan”. Trata-se de inverter os sons ou as sílabas de uma palavra ou expressão¹³. O *verlan* é essencialmente oral, sua forma escrita não tem sempre uma regra específica,

¹² In: “Panorama des argots contemporains”, Langue Française, no. 90, apud Mortureux 1997:114.

¹³ O próprio nome “verlan” é a inversão dos sons da palavra “(à) l’envers”, que significa em português “ao contrário”.

podendo ser encontrados vários exemplos de grafia de uma mesma palavra¹⁴. Alguns exemplos já foram dicionarizados, outros continuam fazendo parte apenas da linguagem oral, como mostramos na pequena lista a seguir:

Laisse Béton = verlan de “laisser tomber” (“abandonar”, “não se preocupar”) uma das primeiras expressões do verlan que passou para a língua comum.

Meuf = verlan de “femme” (“mulher”). Encontra-se no Petit Robert, com o sentido de “femme”, francês familiar. Mas *meuf* refere-se à mulher jovem (menos de 35 anos), namorada, noiva, podendo ter uma certa conotação pejorativa.

Zarbi = verlan de “bizarre” (“estranho”, “esquisito”, “bizarro”). Palavra não dicionarizada, apesar de ter um uso bastante comum.

Gol = ao contrário do que se pode imaginar, essa palavra não faz nenhuma alusão ao momento máximo do futebol. É apócope de *golmon*, verlan de “mongol” e significa uma “pessoa extremamente estúpida”, servindo, às vezes, como insulto.

Goleri = também não faz referência ao futebol. *Goleri* é verlan de “rigoler”, significando “rir”, mas também “caçoar”.

Tanto na língua francesa quanto na língua portuguesa, as gírias ocupam um espaço bastante significativo na língua falada popular, principalmente por sua expressividade e criatividade. Elas tramitam facilmente de uma esfera de uso para outra e facilmente participam do linguajar do locutor esportivo.

- Gíria de futebol no Brasil

No Brasil, muitas vezes ocorre o contrário, termos específicos do futebol passam a fazer parte de outros tipos de interação, sendo caracterizados como “gíria de futebol”. Vejamos os exemplos:

“Driblar” significa, segundo o Aurélio: “De posse da bola, ultrapassar o adversário, ludibriando-o por meio de movimentos corporais”. Mas esse verbo ganha um

¹⁴David Mesch explica que as origens do verlan são relativamente imprecisas, datando do final do século XIX ou mesmo do início do século XX. No entanto, foi sobretudo a partir do final dos anos 60 que o verlan passou a ser largamente usado por jovens da periferia (principalmente da periferia parisiense) e, sob a influência do rap francês, ganhou divulgação na indústria musical francesa. Dos guetos, esse linguajar passou para as grandes cidades, recebendo adesão até da indústria publicitária. Seu texto sobre o verlan, bem como um pequeno léxico encontram-se na internet: <http://peace.is.cs.cmu.edu/HyperNews/get/archives/112.html>

novo sentido na frase: “Eu driblei muito para arcar com todas as despesas”. “Driblar”, aqui, é um verbo intransitivo e equivale a “suar, trabalhar”. Na frase: “Os candidatos driblam o povo e quando são eleitos nunca cumprem com o prometido”, “driblar” é transitivo direto e tem o sentido de “enganar, iludir”.

Também “goleada” que quer dizer: “Vitória por larga margem de gois¹⁵ ou tentos”, recebe uma nova significação no exemplo: “Acertei todas as respostas do teste: uma goleada.” Nesse enunciado, “goleada” significa “sucesso”.

Gíria por sufixação e por apócope

A gíria pode ser formada de diversas maneiras. Cria-se uma palavra ou dá-se um novo sentido a ela ou, ainda, submete-se a palavra a uma transformação (como acontece no *verlan*). Há certos tipos de gírias que são formados por sufixação ou por apócope. Os mesmos fenômenos ocorrem tanto em português quanto em francês.

a) Por sufixação

Em português, os sufixos para a formação do aumentativo ou do diminutivo comumente incorporam uma idéia afetiva ou pejorativa ao sentido original da palavra. É o que ocorre com palavras formadas por sufixos como: -ão, -ona, -aço, -inho (a), -eco.

O futebol está permeado de exemplos: Timão ou Coringão (em referência ao Corinthians, time de São Paulo), Verdão (em referência ao Palmeiras, time de São Paulo), timeco (time fraco), Brasileirão (Campeonato Brasileiro), golaço (um gol bem marcado), bolinha, bolão (o time está jogando uma “bolinha” ou um “bolão”, se está jogando mal ou bem).

Em francês, os sufixos como -oche, -uche, -aille, -ingue, -ard, -if, -aga também podem trazer à palavra uma idéia pejorativa ou afetiva. É o caso de termos como: fastoche (de “facile”, significa “fácil”), mochar, tocard, ringard (as três palavras têm um sentido semelhante que é “muito feio, ridículo, medíocre, ultrapassado”), nunuche (variante de “nul”, significa “simples, ordinário”), sourdingue (palavra pejorativa para “surdo”, “sourd” em francês), magouille, etc.

¹⁵ O plural correto de “gol”, segundo o Aurélio é “gois”, mas o autor confirma que “gols” está tão arraigado na língua portuguesa do Brasil, que é impossível evadir-se dele.

b) Por apócope (ou truncamento)

É muito simples e também econômico “diminuir” o tamanho de uma palavra. Eliminam-se algumas sílabas, pequenas modificações são realizadas e a palavra torna-se menor, mais fácil para ser articulada.

Em geral, os nomes das pessoas são transformados, assim, pela fala (como Manu por Manuel, Bel por Izabel, Ceci ou Ciça, por Cecília, etc.¹⁶).

Em português, temos exemplos como: “flagra” (de flagrante), “Sampa” (de São Paulo), “japa” (de japonês), “portuga” (de português), “apê” (de apartamento).

Alguns exemplos do francês são: “sympa” (de “sympatique”, “simpático” em port.), “impec” (de “impeccable”, “impecável”, em port.), “beauf” (de “beau-frère”, “cunhado”, em port.).

- Expressões metafóricas

Quanto às expressões metafóricas ou figurativas, Mortureux (1997:103) as identifica em todo tipo de discurso, até no científico. A criação de uma imagem, quando bem aceita, torna-se uma expressão ‘fixa’, incorporando-se ao vernáculo e o autor da expressão e seu momento de criação podem não mais ser lembrados.

Não se pode negar que a metáfora está ligada à cultura, à forma de um povo compreender o mundo e nele interagir. Lakoff e Johnson (1980) observam como as estruturas metafóricas espelham os valores de uma cultura, sendo coerentes com ela. Nem toda metáfora, no entanto, restringe-se a um determinado povo ou país, podendo ser usada para a construção de imagens em múltiplas culturas.

¹⁶ Dois jogadores da Seleção Francesa, cujos nomes sofreram truncamento: Emmanuel Petit, conhecido como “Manu Petit” e Zidane, como “Zizou”. Em português, além de truncamento (como temos em “Zico” e “Cafu”), para reforçar a afetividade, muitas vezes, usa-se o diminutivo ou o aumentativo. É o caso de “Ronaldinho”, “Juninho”, “Carlão”, etc. Muitas vezes é a mídia que transforma os nomes dos jogadores.

A exemplo do que ocorre com algumas palavras específicas do futebol, há também expressões inteiras que, retiradas da linguagem futebolística, adquirem um sentido metafórico ao serem empregadas no falar comum. Alguns exemplos são:

“Tirar o time de campo”(equivale a “abandonar algo que se estava fazendo”)

“Pendurar as chuteiras” (significa “aposentar-se”)

“Pisar na bola” (tem o sentido de “fazer algo errado”)

“Ficar de escanteio” (quer dizer “ser posto de lado, em posição secundária”)

Examinemos algumas expressões metafóricas praticadas no Brasil e na França. Já que estamos lidando com o futebol, consideremos a palavra “pé”, “pied” em francês.

Há expressões em que o sentido de “pé” ou “pied” é o mesmo, em uma língua como na outra:

“avoir un pied dans la tombe” = “ter um pé na cova” (estar a ponto de morrer)

“avoir les pieds sur terre” = “ter os pés no chão” (ser objetivo, realista)

“se lever du pied gauche” = “levantar com o pé esquerdo” (ter um dia ruim)

Porém, há outras expressões cujo sentido é totalmente diferente, embora pareçam semelhantes entre si. É o que se percebe na proposição “faire des pieds et des mains”. Essa frase não equivale à conhecida expressão de nossa língua “meter os pés pelas mãos”. Entende-se por “empregar todos os recursos possíveis”, enquanto a frase em português é interpretada como “atrapalhar-se, cometer disparates ou inconveniências”, que é o sentido da expressão “mettre les pieds dans les plats” (literalmente: “colocar os pés nos pratos”).

A propósito de “pé” e “mão”, para exprimir o sentido de “ceder”, diz-se em francês “lâcher pied” (literalmente: “largar pé”), ao passo que, em português, dizemos “largar mão”. E, se em francês “pied plat” traz o sentido figurado de “tolo, sem inteligência”, sua tradução literal em português, “pé chato”, não equivale a nenhum sentido metafórico, significando, de fato, “deformidade oriunda do achatamento de um ou mais arcos do pé”.

Existem também figuras cujas imagens têm um referente em uma cultura e outro, em outra. Por exemplo, a expressão “trouver chaussure à son

pied” (literalmente: “encontrar um sapato para seu pé”) equivale, em português, a “encontrar a metade de sua laranja”, ou, como se diz, “a tampa de sua panela”. A idéia de “encontrar o par ideal” remete, em ambas as línguas, a imagens distintas, embora a concepção de “paridade” se faça presente.

Dentro do campo lexical do futebol, “pé” e “pied” também são usados em expressões metafóricas. Em francês, diz-se que um jogador “a les pieds carrés” (“tem os pés quadrados”) quando ele joga mal. Em português, ele “é um perna-de-pau”.

“Encher o pé” (“chutar a bola com força, com violência”) equivale em francês a “décocher une frappe”, o que significa “desferir um chute como uma flecha”. São expressões sinônimas, ainda que sejam feitas a partir de representações diferentes.

Vale notar que o futebol é um esporte bastante violento. Chutes, arremessos, ataques, pancadas, quedas e atropelos de toda a sorte integram a “razão de ser” de uma partida composta por dois times que tentam o máximo para vencer um ao outro. A competição passa a ser encarada, hiperbolicamente, uma “verdadeira guerra”, como se nota em expressões muito freqüentes na linguagem de franceses ou brasileiros.

Alguns exemplos são:

- Em francês: “Leurs meilleurs joueurs *ont été mitraillés* par l’équipe adverse” (os melhores jogadores deles *foram metralhados* pelo time adversário); “son tir *a fusillé* le gardien de but” (seu chute *fuzilou* o goleiro. Obs: “tir” é “chute” dentro do léxico do futebol, mas pode também significar “tiro”. De “tir”, temos o verbo “tirer” (“atirar”) e daí a palavra “tireur” (“atirador”). Na linguagem do futebol, “tireur” é, em português, “artilheiro”, cujo sentido original, lembremos, é “soldado de artilharia”).
- Em português: “Roberto Carlos lançou uma *bomba que explodiu* bem na trave”; “O Brasil *massacrou* mais uma vez seu adversário”; “A bola, *disparada* pelo nosso *canhão*, *arrasou* o goleiro”, etc.

- Verbos que adquirem diferentes sentidos na língua falada¹⁷

- Em português:

Verbo “ter”:

- 1) Uso do verbo *ter* por *haver*: “Ih, *tem* jogador que vai levar cartão amarelo”.
- 2) Uso de “ter que” ao invés de “ser necessário” ou “dever”: “Não *tinha* nada *que* dar tapa na bola”. “Ele *tem que* jogar pra frente”.
- 3) Uso do verbo *ter* para fazer uma ameaça: “Senão jogar direito, vai *ter*”.

Verbo “dar”:

- 1) *dar* por *ter* (ou *sentir*): “Não te *dá* desânimo ver a seleção jogar assim?”
- 2) *dar* com sentido de *resultar*: “O jogo *deu* no quê?”
- 3) *dar* com sentido de *acontecer com*: “Credo, o que *deu* nele?”
- 4) Verbo *dar* usado para fazer suposições: “*Dá* que ele aparece”.

- Em francês

Verbo “faire” (“fazer”):

- 1) Com sentido de “durar”, “permanecer”, “ficar”: Ce joueur il *nous a fait* presque cinq ans”. (“Esse jogador ficou com a gente quase cinco anos”).
- 2) A expressão “*ça fait que*”, indicando uma consequência: “il a mal joué avant, *ça fait qu’il* est resté dehors cette fois”. (“Ele jogou mal antes, então, ficou fora dessa vez”).
- 3) Com o sentido de “ter” um problema físico ou doença: “Il ne vient pas, il *fait* une dépression”. (“Ele não vem, está com depressão”).

Verbo “avoir” (“ter”):

17

- 1) O verbo “avoir” na expressão “*avoir quelqu’un*” adquire o sentido de “enganar” ou “vencer”: “Tu m’as eu! J’ai pensé que c’était un voleur”. (“Você me enganou, pensei que fosse um ladrão”). “Notre équipe les *aura*”. (“Nosso time vai vencê-los”).
- 2) “En avoir” sem complemento significa “ter audácia, coragem”: “Ce garçon, il *en a*, uh?” (“Esse rapaz, que audácia, hein?”), “Il n’*en a* pas, ce type-là”. (“Esse cara aí não tem a coragem”).

Aspectos Morfossintáticos

A língua falada tem características morfossintáticas próprias, distinguindo-se em muitos aspectos da língua prescrita nas gramáticas. Bally (1951:309-310) explica que essas diferenças sintáticas devem-se ao caráter subjetivo e afetivo da fala e que as mesmas devem ser estudadas à luz de fatores psicológicos. Não importa o grau de instrução do falante, vários aspectos morfossintáticos da fala são “pequenas subversões” às normas constitutivas da língua.

Moraes (1993), Marcuschi (1986) Roulet (1997), Blanche-Benveniste (1997) e tantos outros autores estudiosos da língua falada notam que as frases nem sempre se completam, sua sintaxe é diferente em relação à língua escrita. Às vezes, as frases são desenvolvidas expansivamente, mas podem ser abortadas tão logo se iniciam. Também podem ser entremeadas por marcadores interacionais, por pausas, por falas de outros interlocutores, por ruídos ambientais, etc. Apesar dessa aparente confusão em que são produzidas, as frases, em uma conversa, seguem uma estrutura coerente e funcionam adequadamente dentro dos padrões de uma língua. É por isso que os participantes de um diálogo podem se entender.

O nível coloquial da linguagem se caracteriza por muitas reduções, falta de concordância nominal e verbal, ausência de correlação verbal entre tempos, sucessivas repetições, uso simplificado da regência de verbos, etc. Citaremos exemplos nas duas línguas:

Em português:

Preti (1982), Urbano (2000b), Dias (1996) e Kock (1997) fazem menção a várias características morfossintáticas do português falado no Brasil¹⁸. A título de exemplificação, escolhemos frases retiradas de pesquisas sobre a língua falada, bem como observadas em interações do cotidiano. Lembramos também de algumas canções populares que espelham a linguagem do povo.

- Economia nas marcas de gênero, número e pessoa

Um exemplo muito comum é a redução do plural para o singular, como no exemplo: “Volta pra casa mais cedo, os menino do Zagallo”, ao invés de “Voltam para casa mais cedo, os meninos do Zagallo”.

- Redução das pessoas gramaticais do verbo

A mistura da 2^a. com a 3^a. pessoa do singular e o uso demasiado da expressão de tratamento “a gente” no lugar de “eu” ou “nós” ocorrem continuamente no Brasil.

Ex.1: “*Vai* que é *sua*, Taffarel!”¹⁹

Ex.2: “... agora de uniforme de escola era saia azul marinho, blusa branca, sapato preto, costume *a gente* andava de costume, não é?” (cf. Leite 1998:188).

“*A gente* vai levando, *a gente* vai levando, *a gente* vai levando essa fama” (letra de música de Chico Buarque de Holanda).

Ex.3: “olha, mesmo com as especializações, tem as boas espe/especializações as que dão dinheiro, então por exemplo posso *te* citar se *você* diz que otorrino é uma coisa que dá muito dinheiro” (cf. Hilgert, 1997:106).

Ex.4: “*Vamos se* ver mais vezes”.

“Eh, *vamos se* ver, sim!” (Diálogo entre duas amigas)

- Redução dos tempos da conjugação verbal e de certas pessoas

¹⁸ Sem contar as publicações do Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo (Projeto NURC/SP - Núcleo da Universidade de São Paulo). Os exemplos citados por Hilgert, Galembeck, Leite, Moraes e Preti, que aqui inserimos, pertencem a gravações realizadas em inquéritos do referido projeto.

¹⁹ Expressão muito comum usada pelo locutor Galvão Bueno, em referência ao goleiro da seleção brasileira, Cláudio Taffarel.

Perda quase total do futuro do presente (prefere-se o futuro próximo: o verbo *ir* seguido de verbo no infinitivo), do futuro do pretérito (prefere-se o imperfeito), do mais-que-perfeito no indicativo (prefere-se a forma composta com o verbo *ter*), do presente do subjuntivo (prefere-se o presente do indicativo) e do infinitivo pessoal (prefere-se o infinitivo impessoal). Para exemplificar o uso desses verbos todos, formulamos o seguinte texto, cuja estrutura é bastante comum na linguagem coloquial:

“Meu marido *vai tentá* vender o carro, ele *precisava* anunciar no jornal ... ele já *tinha tentado* vender antes, com uma placa no carro de “vende-se”, mas não deu certo, agora a gente quer que *dá*... ele *vai falá* com o Zé que manja de carro, sabe... pra *vender* bem, eles têm que se empenhar”.

Galembeck (1993:69) faz referência a uma interação onde se vê claramente o uso do imperfeito no lugar do futuro do pretérito:

“(...) analogamente em vez de fazer isso, *podia* ter tido uma guerra entre dois países muito forte, então *soltava* a bomba, fa/ “está soltando eu também solto”, então *era* simultâneo, então *havia* um colapso grande”.

- Falta de correlação verbal entre os tempos

É comum um tempo composto ser reduzido a tempo simples em orações subordinadas, como se vê na ocorrência abaixo:

“Com essa recessão, se eu *tivesse ficado* na empresa, *seria* dispensado de todo o jeito” (“*seria*” ao invés de “*teria sido*”). (Comentário de um engenheiro em São Paulo).

Um outro exemplo, facilmente expresso na fala é:

“Eu *ia* correndo te buscar, se você *tivesse me telefonado*” (“*ia*” ao invés de “*teria ido*”).

Também observa-se a correlação do subjuntivo com o imperfeito, e não com o futuro do pretérito, como temos na conhecida canção infantil:

“Se esta rua, se esta rua *fosse* minha, eu *mandava*, eu *mandava* ladrilhar” (“*mandava*” ao invés de “*mandaria*”).

- Redução do processo subordinativo, em benefício de frases simples, da coordenação e da justaposição²⁰

Veja-se o exemplo citado por Leite (1998: 189):

“eu normalmente em fim de semana ah, vou para o clube... nós temos aí um Clube Pinheiros aqui em São Paulo que nós somos sócios, entende? então eu geralmente jogo voleibol, no sábado de manhã”.

Percebe-se a abundância de períodos coordenados e de frases justapostas. Se reformulássemos esse texto, dando maior ênfase à subordinação, talvez ele tivesse a seguinte roupagem: “Normalmente, nos fins de semana, eu vou para um clube aqui em São Paulo do qual somos sócios. É o Clube Pinheiros onde, geralmente, eu jogo voleibol no sábado de manhã”.

No Brasil é mais comum ouvirmos um locutor esportivo dizer um texto repleto de frases coordenadas e justapostas como: “Já falei isso antes, esse time não tá jogando nada bem hoje, na minha opinião, troca tudo aí, esse zagueiro é o fim da picada”, do que um texto formulado com orações subordinadas (o que muda, inclusive o “tom” do texto): “Como já mencionei, esse time não está se desempenhando como convém hoje. Eu acredito que seria melhor fazer substituições, porque esse zagueiro é extremamente incapaz”.

- Excesso de bordões na sintaxe da língua falada, como “aí”, “então”, “né”, “daí”, etc.

Esses “bordões” são os conhecidos marcadores conversacionais, usados de forma tão repetitiva, na língua falada que podem até se tornar um vício da linguagem.

Observem-se os exemplos:

Ex.1: “Eu não tinha muito dinheiro, *né*, *então* resolvi voltar pra casa a pé, *né*, *daí* depois de andar meia hora, *aí*, eu percebi que tinha 10 reais no bolso. Dava até pra pegar táxi, *né*” (Comentário de uma dona-de-casa).

²⁰ Moraes (1993), Blanche-Benveniste (1997) entre outros autores têm observado, entretanto, subordinações muito mais freqüentes na fala espontânea do que se supõe.

Ex.2: O mesmo texto que retiramos de Galembeck (1998:69) para explicar o uso de tempos verbais, está carregado do marcador “então”.

“(...) analogamente em vez de fazer isso, podia ter tido uma guerra entre dois países muito forte, *então* soltava a bomba, fa/ “está soltando eu também solto”, *então* era simultâneo, *então* havia um colapso grande”.

- Desvio de regências verbais

Alguns verbos, cuja regência deturpa-se na língua falada, são: “Ir em” ou invés de “ir a”; “assistir” e “perdoar” como verbos transitivos diretos, ao invés de “assistir a” e “perdoar a”; “gostar” e “precisar” também como verbos transitivos diretos, no lugar de “gostar de” e “precisar de”. Formulamos um exemplo, típico do mundo do futebol, para mostrar o desvio de regência em todos esses verbos:

“Ontem fui *no* Maracanã para *assistir um* jogo maravilhoso: Mengão contra Boca Juniors. Eu *gostei que* o Mengão não *perdoou os* argentinos, foi uma goleada de quatro a zero. Os gringos *precisam* muita energia para continuar no campeonato”.

Leite (op.cit:195) estuda frases onde se vê o desvio da regência do verbo ir, como:

“(...) quer dizer eu não vou *na* cidade de carro”

- Emprego dos pronomes pessoais retos como objetos:

Exemplo típico de fala coloquial:

“Eu chamei *ela* três vezes, mas ela não respondeu”.

Leite (op.cit:205) cita outros exemplos:

“Nós temos uma linha... coitadinha... não sei se dá para chamar *ela* de metrô”

“(...) dar um exemplo de um mecanismo que vão tentar não deixar *ele* se repetir”.

- Próclise do pronome em início de frase:

É muito comum sua ocorrência na linguagem coloquial.

Galembeck (op.cit:68) menciona o exemplo:

“*me* preocupo com o humano... *se* embananando ele sozinho com as coisas que cria, sabe?”

A música popular está repleta deles:

“Chorei toda noite e pensei
No beijo de amor que lhe dei
Ioiô, meu benzinho do meu coração,
Me leva pra casa *me* deixa mais não”.
(Linda Flor, de Luiz Peixoto e Marques Porto)

- Uso do pronome átono para expressar aproximação

Os pronomes átonos da primeira ou da segunda pessoa expressam aproximação da ação de uma terceira pessoa com o falante “eu” ou demonstram uma empatia com o interlocutor, ao serem inseridos em frases do tipo:

Ex.1: “E não é que ele *me* sai do jogo?”

Ex.2: “Como é que ele *te* faz uma dessas?”

- Uso da expressão enfática “é que”:

Bastante freqüente na linguagem coloquial, como se vê nos enunciados citados acima, bem como nesses exemplos:

Em interrogação indireta: “Não sei o que *é que* ele tem”.

Em interrogação direta: “O *que é* que a Baiana tem?” (frase da conhecida canção popular “O tabuleiro da Baiana”).

Em frase afirmativa: “Aquilo sim *é que* era mulher” (frase da conhecida canção “Amélia”).

- Algumas repetições típicas do português falado no Brasil são²¹:

- a) Dupla negação: - Em respostas negativas (“Você quer um cafezinho? *Não* quero *não*”). - Com outras partículas negativas (“*Não* tinha *ninguém* perto da bola”, “*Não* foi *nada*, só um pequeno entorse, ele já voltou ao campo”).
- b) Repetição do verbo em respostas afirmativas: “*Querem* ganhar o jogo? *Queremos*.”
- c) Repetição de um quantificador, advérbio de frequência ou intensificador em respostas afirmativas: Eles jogaram *bem* hoje? *Bem*”. Os jogadores ganham *muito*? *Muito*.
- d) Repetição pleonástica do objeto indireto: “Ele foi expulso, eu não te falei pra você? ”, “Me faz um favor pra mim?”
- e) Repetição de palavras para dar ênfase ao sentido da frase (equivale a: mesmo, de verdade, realmente, etc.) “*Bom, bom, bom* ele não é, é um treinador médio”.
- f) Repetição pleonástica do pronome possessivo: “Eu tenho um amigo *meu* que joga no Santos”.

- Uso de diminutivos

A língua portuguesa falada no Brasil é entremeada de diminutivos, que exprimem, sobretudo, afetividade.

Moraes (op.cit:177 e 185) traz exemplos, tais como:

- “Segundo, o que já passa em muito lugar de trânsito ele sabe o *caminhozinho*, *saidazinhas* especiais, ou não vai de carro até lá, vai de metrô”. (pág. 177)
- “Mas você está pegando uma *coisinha* assim”. (pág. 185)

²¹ Ver Koch (1997:105-109).

Exemplo de cliente, em loja de brinquedos, conversando com vendedor:

- “Olha o *pequeninho*, você não acha o *carrinho pequenininho* mais *bonitinho*?”
- Uso de superlativos

Os superlativos sempre acentuam a imagem que uma palavra evoca. É comum o uso de superlativos na língua falada, principalmente o superlativo analítico com “muito”. Os sufixos que marcam o superlativo sintético em português podem ser: “-íssimo (a)”, (como em “notabilíssimo”), em “-lmo” (como em “difícilmo”) ou “-rimo” ou “-érrimo” (como em paupérrimo). Um exemplo citado por Preti (1998:79), que demonstra bem a intensidade da imagem que o superlativo provoca, é:

“(...) outro dia aí, então, o Fábio contando umas histórias de um, de um, de um boy barato aí, né?... carro *envenenadíssimo*”.

Ao invés do sufixo -íssimo, alguns falantes, optam pelo sufixo - érrimo. Isso talvez ocorra pela maior abertura da vogal “é”, na sílaba tônica, em relação à vogal “í”. O exemplo abaixo foi citado por uma jovem que estava assistindo a uma prorrogação de jogo de futebol na TV:

“Nossa, os jogadores estão *cansadérrimos*!”

- A palavra “super”

“Super” que, originalmente, é um prefixo significando “excesso”, “aumento”, “superioridade” ou “posição sobre” (como em: superfície, superdotado, supermercado, super-homem, etc.), transforma-se em adjetivo ou advérbio, com o sentido de “excelente”, “extraordinário”, “extremamente”. Exemplos:

- “Ele é *super* competente”.
- “Esse técnico é *super*”.
- “Eles jogaram *super* bem”, ou simplesmente, “eles jogaram *super*”.

Em francês:

Autores como Blanche-Benveniste (1997), Yaguello (1998), Kerbrat-Orecchioni (1980, 1990), Roulet et al (1987) e Mauger (1984) têm pesquisado a língua francesa falada, em especial, no que diz respeito ao seu uso interacional e também às características da morfossintaxe. Seus trabalhos apontam várias formas que a língua adquire quando praticada oralmente. Mencionaremos algumas delas, entre outros aspectos observados em interações habituais.

- Uso do *passé composé*, na fala, em detrimento do *passé simple*, que pertence especialmente à língua escrita.

Uma das primeiras coisas que se aprende a respeito da língua francesa é que o passado simples não é usado na fala (cf. Dubois e Ragane, 1995:104). Seu emprego cabe à Literatura, a textos jornalísticos ou científicos sempre na 3a. pessoa do singular ou do plural (Mauger 1984:241). Na língua falada, o *passé simple* pertence apenas a emissões radiofônicas de caráter formal (e não raro o falante comum do francês tem dificuldades ao empregá-lo²²). O tempo utilizado para as conversações é sempre o *passé composé*.

Formado pelos verbos auxiliares “avoir” ou “être”, seguidos do particípio passado do verbo principal, o *passé composé*, no entanto, também coloca problemas ao falante, principalmente no que se refere à concordância do particípio com o objeto. Vejam-se os exemplos:

- “(...) il n’aurait pas fait la carrière qu’il a fait” (fala de um político), (“ele não teria feito a carreira que fez”). O correto seria dizer: “qu’il a faite”, porque o “*que*”, objeto do verbo “*faire*”, substituto do substantivo feminino “*carrière*” está precedido do verbo, obrigando o particípio a concordar em gênero.

Uma ocorrência habitual da fala comum é:

²² Mauger insiste no fato de que, embora o *passé composé* não seja utilizado informalmente, é sempre necessário ao falante do francês conhecê-lo.

- “Mes chaussures de foot? Je les ai mis là, par terre”. (“Minhas chuteiras? eu coloquei elas aí, no chão”). Da mesma forma que no exemplo anterior, o pronome “*les*”, que representa o substantivo feminino plural “*chaussures*” e que tem a função de objeto direto de “*mettre*”, antepõe o verbo. Por isso, o particípio deveria estar em concordância com o objeto em gênero e número. O correto seria: “Je les ai mises”.

Blanche-Benveniste observa que todos os franceses são suscetíveis de realizar a “falta de concordância” do objeto com o particípio passado na língua falada, não importando seu grau de instrução, de políticos a homens do povo.

- Ausência da partícula negativa “ne”

Em francês, a negação mais usual é realizada através de duas partículas negativas o “ne” e o “pas”. O verbo, conjugado, coloca-se entre elas: “elle *ne* travaille *pas*” (“ela não trabalha”). No entanto, Blanche-Benveniste nota que há cerca de 95% de ausência do “ne” nas conversações, quaisquer que sejam os locutores. Eis alguns exemplos:

- “*C’est pas* le cas de faire un scandal sur ce sujet” (fala de um locutor de rádio). (“Não é o caso de se fazer um escândalo sobre o assunto”). *C’est pas*” ao invés de “*ce n’est pas*”.
- “Je vous dis *pas* que j’ai raison” (fala de homem político em entrevista). (“Eu não lhe digo que tenho razão”). “Je vous dis *pas*” ao invés de “je *ne* vous dis *pas*”.
- “Tu veux *pas* sortir ce soir?” (conversa entre jovens). (“Você não quer sair hoje à noite?”) “Tu veux *pas*” ao invés de “tu *ne* veux *pas*”.

Segundo observa Blanche-Benveniste, as crianças utilizam o “ne” da negação como um dos primeiros traços para imitar a fala culta.

- A interrogação “est-ce que”

Há dois tipos de interrogação direta em francês.

Para perguntar se “você vem”, por exemplo, pode-se fazê-lo, com inversão do sujeito (pertencente a uma linguagem mais formal): “Viens-tu?”; ou sem a inversão do sujeito (utilizada principalmente no francês comum): “Tu viens?” geralmente quando se espera um “sim” como resposta, ou “*Est-ce que* tu viens?”, com a locução “est-ce que” antepondo-se ao sujeito.

O “est-ce que” favorece a expressão da interrogação e passou a ser usado largamente na língua falada²³, até com palavras interrogativas (*que, pourquoi, comment, qui, où*, etc.). Exemplos: “Qu’*est-ce que* tu as?” (equivaleria em português a: “o que é que você tem?”), “Pourquoi *est-ce qu’il* n’est pas venu?” (“por que é que ele não veio?”), “Où *est-ce qu’elle* habite?” (“onde é que ela mora?”).

A partir disso, um outro fenômeno passou a ocorrer: a fórmula “est-ce que” passou a servir de ênfase à expressão da “exclamação”. Como se vê em frases como:

“Qu’*est-ce qu’elle* belle cette jeune fille!” (“Como ela é bonita, essa moça!”)
ou

“Qu’*est-ce qu’ils* sont bêtes ces joueurs!” (“Como são tontos, esses jogadores!”).

- Emprego do pronome “on”

Há uma tendência bem maior hoje em dia de se usar o pronome “on” no lugar de “nous”. “On” equivale, em português, a “a gente”. Blanche-Benveniste observa que até em discurso de políticos na televisão o “on” é bastante usado com o sentido de “nous” (“nós”). Ela cita uma frase do Presidente Mitterrand (op.cit.:40):

- “*on* (n’) est pas encore au mois de janvier” (“a gente ainda não está no mês de janeiro”).

E a de um ministro:

- “enfin vraiment *on* (n’) est vraiment pas du même monde donc je ne partage pas du tout les visions de monsieur Delors”. (“enfim, na verdade, a gente, na

²³ Como relatam Blanche-Benveniste (op.cit: 39) e Mauger (op.cit: 379).

verdade, não é do mesmo mundo, por isso, eu não compartilho de forma alguma com as visões do senhor Delors”).

- “c’est” no lugar de “ce sont”

O emprego da forma do singular “c’est” substituindo o plural “ce sont” é cada vez mais comum na língua francesa falada. Mesmo no rádio, encontram-se exemplos. Este é um deles:

- “*C’est* tous les pays du continent qui devraient aujourd’hui être associés”. (Equivaleria, em português a: “*É* todos os países do continente que deveriam hoje ser associados”).

Outro exemplo comum é: - “*C’est* les étudiants du soir qui vont participer de la manifestation” (“*É* os estudantes da noite que vão participar dessa manifestação”).

- Falta de correlação verbal (subjuntivo)

O uso do passado, do imperfeito e do mais que perfeito do subjuntivo é cada vez mais raro na língua francesa falada.

No francês culto, diz-se, por exemplo: “Attendez qu’il *ait fini* de parler”. (“Espere que ele *tenha terminado* de falar”), mas na língua falada popular prefere-se dizer: “Attendez qu’il *finisse* de parler” (“Espere que ele *termine* de falar”).

No francês falado, quando o verbo da oração principal está no passado, o imperfeito e o mais que perfeito do subjuntivo são sempre substituídos pelo presente ou pelo passado do subjuntivo. Então, as frases: “On souhaitait qu’il *vînt*”, no imperfeito do subjuntivo, (“Desejávamos que ele viesse”) ou “On souhaitait qu’il *fût venu*” (“Desejávamos que ele tivesse vindo”) no mais que perfeito do subjuntivo”, são expressas assim: “On souhaitait qu’il *viene*” e “On souhaitait qu’il *soit venu*”, respectivamente no presente e no passado do subjuntivo, sem que isso constitua uma “infração” ao código.

Mas, também ocorre o caso de franceses menos escolarizados usarem o presente do subjuntivo quando necessário²⁴. Blanche-Benveniste colheu os seguintes exemplos (op.cit.:41):

- “Je suis heureux *qu’il y a* une pièce de plus”, ao invés de “*qu’il y ait*” (em português seria: “fico feliz que *há* um cômodo a mais”).
- “tu fais des longues études (...) pour que tu *as* un bon métier”, ao invés de “tu aies” (em português: “você faz longos estudos para que você *tem* uma boa profissão”).
- “pour pas que” ao invés de “pour que... ne... pas”

A forma culta “pour que... ne... pas”, como na frase, “je lui ai prêté mon guide *pour qu’elle ne soit pas* perdue dans la ville” (“eu lhe emprestei meu guia para que ela não fique perdida na cidade”) tem sido substituída, na língua falada, por “pour pas que”. A frase acima se realizaria como: “Je lui ai prêté mon guide *pour pas qu’elle soit* perdue dans la ville”).

- “qu’est-ce que” no lugar de “ce que”

Tem sido comum o emprego de “qu’est-ce que”, fórmula da interrogação **direta** em frases com interrogação **indireta**. Vejam-se os exemplos:

- “Je sais pas *qu’est-ce que* tu veux dire par là” (“Eu não sei o que você quer dizer com isso”), ao invés de “je sais pas *ce que* tu veux dire par là”.
- “On sait exactement *qu’est-ce qu’il* faut faire” (“A gente sabe exatamente o que é preciso fazer”), ao invés de “on sait exactement *ce qu’il* faut faire”.
- “substantivo+que” no lugar de “quel(s) quelle(s) + substantivo”

Outra forma de influência da interrogação direta sobre a indireta é a que neutraliza os adjetivos interrogativos “quel” e “quelle”, em benefício do relativo “que”.

Sendo assim, há, na língua falada, expressões como:

²⁴ Como indicado anteriormente, o mesmo nota-se no português falado no Brasil (e, como na França, ocorre principalmente em faixas da população menos instruídas).

- “oh, si tu voyais les femmes qu’elle fréquente!” (oh, se você visse as mulheres que ela visita), no lugar de “si tu voyais quelles femmes elles fréquente! (se você visse que mulheres ela visita)”.
- “je vois pas la discussion qu’il peut y avoir” (“não vejo a discussão que pode ocorrer”) ao invés de “je vois pas quelle discussion peut y avoir (“não vejo que discussão pode ocorrer”).
- Predominância do “futuro próximo” (aller + verbo no infinitivo)

Da mesma forma como ocorre com o português falado no Brasil, no francês das conversações, é mais usual utilizar o futuro construído com o verbo “aller” (“ir”) seguido de infinitivo do verbo principal do que o futuro simples no indicativo²⁵.

Prefere-se a forma “il va prendre”, na frase “il va prendre l’avion demain à sept heures”(“ele vai tomar o avião amanhã às sete horas”) à forma “il prendra” (“ele tomará”).

Mas Blanche-Benveniste explica que o futuro simples também é usado nas conversações, principalmente quando se refere a projetos a serem realizados num futuro mais longínquo. Por exemplo, as frases “nous allons avoir un enfant” (“nós vamos ter um filho”) e a frase “nous aurons un enfant” (“nós teremos um filho”), não são substituíveis uma pela outra. A primeira implica que o filho já está a caminho, ao passo que na segunda, o filho é apenas um ‘projeto para o futuro’.

- Uso da voz passiva

Nota-se que a voz passiva é bastante usada na língua falada, mas não a voz passiva tal e qual é realizada em exercícios gramaticais do tipo: “les feuilles ont été ramassées par la fille” (“as folhas foram recolhidas pela menina”). A voz passiva tem dinamicidade na língua falada, integrando-se bem em seu contexto de comunicação. Completa e bem definida por seu ‘agente’, é encontrada principalmente em noticiário policial e em reportagens esportivas, como se vê nos exemplos:

²⁵ É freqüente o uso da expressão “il va aller”, nas interações comuns, o que soa bastante redundante em português (“ele vai ir”).

“en ce moment la maison *est entourée par* les gendarmes” (neste momento a casa está rodeada de policiais”).

“la balle *est reçue* par Robert, elle *est renvoyée* par lui” (“a bola é recebida por Robert, ela é relançada por ele”).

Mas também ocorre, de forma completa, quando o verbo produz um efeito “emotivo” ou de “ocupação” ou de “frequência”:

“Les effets de son échec *ont été durement ressentis par* toute sa famille” (“os efeitos de seu fracasso foram duramente sentidos por toda a família”)

“Toute la région *a été occupée par* cette peste” (“toda a região está ameaçada por essa peste”).

“Son restaurant *était souvent fréquenté par* des étrangers” (“seu restaurante era muitas vezes freqüentado por estrangeiros”).

O agente da passiva é, não raro, omitido das conversações²⁶, como nas frases:

“Votre lettre *a été envoyée*” (“Sua carta foi enviada”).

“Si ça *a pas été fait* c’est pour embêter le monde” (“Se isso não foi feito, é para irritar as pessoas”).

“Les offres d’emploi *sont offertes* régulièrement” (“as ofertas de trabalho são oferecidas regularmente”).

- Il y en a qui/ il y a ... qui

Para ‘emoldurar’ o sujeito de uma frase, na língua falada utiliza-se regularmente a forma “il y a qui” ou “il y en a qui” no lugar de “certains” seguido de verbo:

“*il y a* peu de gens *qui* font quelque chose” (“há poucas pessoas que fazem alguma coisa”) ao invés de “peu de gens font quelque chose” (“poucas pessoas fazem alguma coisa”).

“*il y en a qui* se plaignent” (“há os que se queixam”), ao invés de “certains se plaignent” (“alguns se queixam”).

- Deslocamento de elementos na frase:

²⁶ O mesmo ocorre no português contemporâneo (cf. Leite, 2000:147).

Em francês, é comum “deslocar” elementos da frase, principalmente o sujeito, como no exemplo:

“Mon fils, il travaille dans une banque” (equivaleria em português a “meu filho, ele trabalha num banco”).

Praticamente não se fala mais, no uso coloquial da língua: “mon fils travaille dans une banque” (“meu filho trabalho num banco”). Sempre se retoma o sujeito, ‘deslocando-o’ por meio do pronome.

O deslocamento consiste em colocar à esquerda da frase um de seus constituintes, deixando em seu lugar um pronome que indicará a função exercida por esse elemento em relação ao verbo. Não apenas o sujeito, mas também objeto direto ou indireto podem ser deslocados. Se tomarmos por base uma frase como: “Pierre a donné son livre au professeur” (“Pierre deu seu livro ao professor”), essas são as possibilidades de deslocamento:

Sujeito: “Pierre, il a donné son livre au professeur” (Pierre, ele deu o livro ao professor”).

Objeto direto: “Son livre, Pierre l’a donné au professeur” (Seu livro, Pierre o deu ao professor”).

Objeto indireto: “Au professeur, Pierre lui a donné son livre”. (“Ao professor, Pierre lhe deu o livro”).

Nesse mesmo sentido é que acontece a repetição do pronome na frase. O pronome tônico (moi, toi, lui, etc.) precede o pronome sujeito correspondente (je, tu, il, etc.), reforçando sua expressão:

“*Moi, j’adore voyager*” (“Eu, eu adoro viajar”).

“*Lui, il n’est pas sérieux*” (“Ele, ele não é sério”).

A canção *Mon mec à moi*²⁷ (de Patrícia Kaas) traz um exemplo de repetição do pronome na frase quando diz “c’est pas vrai ces histoires mais *moi j’y crois*” (“não são verdade essas histórias, mas *eu, eu* creio nelas”).

²⁷ O título da canção enfatiza a idéia de “posse” verificada na repetição dos adjuntos adnominais, o que é bastante comum também na língua falada: “Mon mec à moi” significa: “Meu namorado que é meu” ou “meu namorado que eu tenho”.

Essa duplicação não apenas dá mais relevo ao pronome na frase, como também facilita a exposição/compreensão do tema que vem a seguir (cf. texto sobre o assunto no site da CIEP²⁸).

Entretanto, a mesma correspondência não ocorre, na língua falada, com o pronome “nous”. Por uma questão de simplificação tanto da pronúncia como das oposições das formas, e sobretudo, quando o verbo é pronominal, prefere-se o pronome sujeito “on” depois do pronome tônico “nous”:

“Nous, on s’informe” (equivaleria em português a: “nós, a gente se informa”).

“Nous, on (n’) est pas d’ici” (“nós, a gente não é daqui”).

“Nous, on se marie en avril” (“nós, a gente se casa em abril”).

- A preposição “sur”

A preposição “sur” (“sobre”) tem sido empregada, hoje em dia, no lugar de preposições como “à” (“a”, “em”) ou “dans” (“em”), dando uma nova significação ao contexto da frase. “Sur” no enunciado: “il va s’installer sur Paris”, (“ele vai se instalar em Paris”) refere-se não especificamente à cidade, ao “limite administrativo de Paris”, mas a qualquer lugar da “aglomeração parisiense”, ou seja, qualquer ponto da cidade ou de suas redondezas.

Um dos significados de “sur”, que é justamente “para cima e para fora”, passa a fazer referência a uma localização espacial mais abrangente do que preposições como “à” ou “dans”. Por isso, em enunciados como: “ce magasin a trois adresses *sur* Paris” (“essa loja tem três endereços em Paris”), compreende-se bem que os endereços podem estar circunscritos não apenas no centro da cidade, mas também em seus arredores.

O verso “il pleut sur Nantes” (“chove sobre/em Nantes”) com o qual se inicia a conhecida canção “Barbara” (de Renaud) revela o uso abrangente dessa preposição, muito comum para se falar do clima. Frequentemente, ouve-se em noticiários sobre o

²⁸ Alguns textos explicativos sobre usos atuais da língua francesa (sem autoria) encontram-se no site do CIEP (“Centre International d’Études Pédagogiques”): <http://www.ciep.fr>

tempo na TV: “il va neiger *sur* Paris tout l’après-midi” (“vai nevar em Paris por toda a tarde”), il fait beau *sur* Nice (“faz tempo bom em Nice”), etc.

- Super!

Para concluir nossa explanação sobre aspectos morfossintáticos da língua francesa falada, queremos exemplificar o emprego da palavra “super”. Como em português, essa palavra tem tomado novos usos que não apenas o de “prefixo intensificador”. Na fala, ganha outro sentido, funcionando como adjetivo, advérbio ou mesmo interjeição, mas sempre no campo semântico da admiração, da extravagância, da superioridade.

Algumas ocorrências bastante freqüentes, com exemplos de suas possíveis realizações em português, são:

“Il est un *super* mec!” (“Ele é “*super*”, “ele é um cara “*muito legal*”).

“C’était une *super* fête” (“Foi uma “*super*” festa, “uma festa “*dez*”, uma festa “*da hora*”).

“J’étais *super* bien” (“Eu estava “*super*” bem, “eu estava “*demais*”).

“Ça, c’est *super*!” (“Isso é “*super*”, isso é “*supimpa*”, “*bárbaro*”, “*massa*”)

Aspectos fonológicos

A manifestação fonêmica dos vocábulos na frase nos será útil, nesta pesquisa, na medida em que a pronúncia de um determinado som, a tonicidade de uma sílaba e a entonação demonstram a expressividade de um locutor futebolístico no *âmbito de seu discurso*. Nesse sentido é que nosso interesse recai especialmente sobre a *prosódia* ou a *estilística*. No entanto, como estamos lidando com a expressão oral de duas línguas distintas, será de todo proveitoso apontar algumas *características fonéticas* da fala comum, em português e em francês.

Características fonéticas

A linguagem coloquial de qualquer idioma é sempre carregada de fenômenos fonéticos, como bem atesta Lyons (1982:266). Vários autores têm se dedicado à expressão fonética da fala. Urbano (2000b:106-111) aponta algumas realizações fonéticas

do português a partir da transcrição de um trecho de uma gravação. Blanche-Benveniste (1997), em várias partes de seu livro, menciona realizações fonéticas do francês no falar comum.

Fudge (1976:79-80) cita três diferentes tipos de variações da pronúncia: 1) a variação tolerável de uma para outra repetição da emissão; 2) a variação de pronúncia de acordo com a posição em que ocorre na frase e 3) a variação de pronúncia de um para outro falante. Nosso interesse, neste momento, é apenas salientar a pronúncia de fonemas (principalmente em função do todo fraseológico), ao apresentarmos alguns traços corriqueiros da fala comum em francês e em português.

Vejamos algumas variações fonéticas realizadas habitualmente em ambas as línguas.

- Em português:

O “r” final de verbos no infinitivo muito comumente não é pronunciado. A forma “cult” da língua falada prescreve sua realização, mas mesmo assim nem sempre se concretiza. O “r” final de substantivos, na língua falada mais popular, também pode ser omitido.

Tomemos a frase: “Se puder fazer o favor de fechar a porta ao sair, vou ficar bem feliz”. Se todos os “r” finais forem pronunciados, essa *tensão* denotará uma situação formal em seu contexto de realização. Por outro lado, se nenhum deles for proferido, esse *relaxamento*, em seu contexto de realização, denotará uma situação coloquial de fala (exceto, talvez, pela oração reduzida de infinitivo “ao sair”). Teríamos uma expressão oral do tipo: “Se pudé fazê o favô de fechá a porta (ao saí), vou ficá bem feliz”. Numa expressão da fala comum desse enunciado, a escolha da pronúncia dos “r” é arbitrária. Não é possível prever, pois cada falante fará escolhas na medida em que profere a frase. No entanto, parece mais provável que o erre do substantivo “favor” seja emitido, e o erre da locução verbal (“vou fazer”) seja ignorado: “Se pudé faze(r) o favor de fecha(r) a porta ao sair, vou ficá bem feliz”.

O “s” em posição final ou em posição mediana na palavra pode também não ser pronunciado na linguagem popular. Tomemos essa longa frase: “Tinha uns caras meio

estranhos no hotel, mas nós fizemos uma viagem muito boa e queremos voltar outra vez, mesmo com esses caras aí”. A pronúncia *relaxada* irá economizar a articulação de alguns “s”, como indicamos pela barra “/”: “Tinha uns cara/ meio estranho/ no hotel, mas nós fizemo/ uma viagem muito boa e quero/ voltar outra vez, me/mo que esses cara/ aí voltem”. Os “s” do artigo indefinido “uns” e do pronome demonstrativo “esses” marcam o plural do substantivo “cara”, por isso a economia do plural desse substantivo na fala. O “e” final do verbo da primeira pessoa do plural também pode ser dispensado, já que o pronome “nós” e a terminação “-emo” não deixa dúvidas sobre a sua conjugação. O “s” de “mesmo” está em posição mediana fraca e a palavra, embora perdendo o “s”, não perde sua significação.

Duas apócopas bastante conhecidas ocorrem no português falado do Brasil: o pronome “você” (como já mencionamos no item sobre o aspecto lexical) pode perder a primeira sílaba, transformando-se em “cê” (ou em “ocê”, sem o primeiro fonema, em uma linguagem mais regionalista), e o verbo “estar”, em suas formas do presente do indicativo, também perde a primeira sílaba. Então, é comum ouvirmos “Cê tá bem hoje?” ao invés de “Você está bem hoje?” e a resposta: “Eu *tô*, *tá* tudo bem”.

Outra transformação, justamente, é a que ocorre nas palavras terminadas com sílaba tônica em ditongo “ou”. Estas são pronunciadas como se terminassem em “ô” (“o” fechado). Isso ocorre principalmente em alguns verbos irregulares na primeira pessoa do indicativo, tais como “estar”, “dar”, “ir”. Então diz-se “eu *tô*” ao invés de “eu estou”; “eu *dô*”, ao invés de “eu dou”; “eu *vô*”, ao invés de “eu vou”.

Algumas vogais são também eliminadas na língua falada, principalmente em palavras de ligação, como preposições. A preposição “para” torna-se “pra”. A mesma preposição seguida de artigo definido ou indefinido sofre transformações na fala: “para o” torna-se “pro”; “para um”, “prum”; “para uma”, “pruma”. A preposição “de” também pode submeter-se a assimilações com o artigo indefinido e “de um” tornar-se “dum”; “de uma”, “duma”. A preposição “em”, assimilou-se ao artigo “um” e já encontramos a palavra “num” (em+num) dicionarizada (“numa”, “nuns”, “numas”).

A pronúncia do “l” em fim de sílaba equivale à pronúncia da vogal “u”. Isso pode levar o falante e/ou o ouvinte a algumas ambigüidades, confundindo “alto” com “auto”, “mal” com “mau”, “abriu” com “abril”, etc.

O som da vogal “e” e o som da vogal “o”, em sílaba átona, sobretudo no final da palavra, têm respectivamente o som das vogais “i” e “u”. Então, “técnico”, pronuncia-se “técnicu”; “jogo”, “jogu”; “lance”, “lanci”; “chute”, “chuti”, etc.

Ligam-se, na maior parte das vezes, os “s” e “r” finais com vogais de palavras subseqüentes. A frase “os amigos assistem juntos aos espetáculos de futebol, eles insistem em comemorar os gols e festejar a vitória”, com essas ligações, será pronunciada assim: “ozamigozassistem juntozaozespetáculos de futebol, elezinsistem em comemoraros gols e festejara vitória”.

- Em francês:

É comum haver uma transformação fonética em frases freqüentes como “je ne sais pas” (“eu não sei”) e “je ne suis pas” (“eu não sou/ não estou”). A primeira, muitas vezes, é pronunciada “xepá” e a segunda, “xuijá”, principalmente no francês popular.

A segunda pessoa do singular “tu” também pode sofrer uma transformação, uma apócope da vogal “u” na ligação entre o pronome sujeito e verbos que comecem com vogal. “Tu as” (“você tem”) habitualmente é pronunciado “tá” (o “s” final não é pronunciado).

Diferentemente do português, regras de ligação, de elisão e de encadeamento formam o embasamento da morfologia francesa. Não iremos explicar sobre as questões fonético-morfológicas aqui, apenas daremos alguns exemplos que influenciam a pronúncia na língua falada comum.

O plural dos artigos é grafado com “s”, o de substantivos e adjetivos é grafado por “s” ou por “x”, mas só são pronunciados em ligações com vogais e terão o som de “z”. Tomemos a frase “les joueurs ont eu de belles occasions” (“os jogadores tiveram belas ocasiões”). Há quatro palavras no plural: “les”, “joueurs”, “belles” e “occasions”, mas

apenas pronunciavam-se os “s” de “joueurs”²⁹ e de “belles” por causa da vogal com que se inicia a palavra subsequente. Indicando a “não-pronúncia” dos “s” por uma barra “/” e as ligações com o “z”, assim seria a pronúncia dessa frase: ‘le/ joueurzont eu de/ bellezocation/’.

Por causa da ligação entre as palavras, onde o “s” tem a sonoridade do “z”, é muito comum ocorrer um uso abusivo dessa regra e os franceses começam a colocar a ligação em “z”, onde não há a menor possibilidade de ocorrer. É o caso de frases como “des machines à laver-z-italiennes sont à vendre” (máquinas de lavar italianas estão à venda”) ou “je me suis acheté des super-z-outils” (“eu comprei umas super ferramentas para mim”).

Blanche-Benveniste nota que nas conversações, os plurais audíveis ocupam cerca de menos de um terço do que os audíveis pelas ligações. Por isso, há ambigüidades em relação ao plural e ao singular, inclusive no que diz respeito à conjugação dos verbos.

Sabe-se que, em francês, a primeira, a segunda e a terceira pessoa do singular bem como a terceira pessoa do plural dos verbos do primeiro grupo têm a mesma pronúncia. Por isso, frases como: “il chante” (“ele canta”) e “ils chantent” (“eles cantam”) podem ser ambíguas para o ouvinte do francês. Se, usando esse mesmo exemplo, ao invés dos pronomes sujeitos “il”/“ils” (“ele”/ “eles”), tivéssemos um artigo definido masculino no singular ou no plural seguido de substantivo iniciando por consoante, também dificilmente poderíamos identificar a diferença de número. O plural do artigo definido “le” é “les”, o “s” não é pronunciado, mas a diferença estaria na pronúncia da vogal. Em “les”, a vogal “e” deveria ser pronunciada em uma altura maior, com maior intensidade, lábios esticados e entreabertos, foneticamente representada por [e]. A pronúncia de “le”, por sua vez, tem menor intensidade e menor altura, os lábios ligeiramente arredondados, foneticamente representada por [Ø], mas isso nem sempre se observa e a frase “le garçon chante” e “les garçons chantent” pode deixar o ouvinte confuso em relação ao número.

²⁹ A ligação aqui é facultativa, já que se trata de um substantivo e não de um pronome sujeito. (Ver Léon, 1966: 131)

Há outras ambigüidades que a pronúncia produz³⁰. É o caso, por exemplo, do condicional e do imperfeito dos verbos “courir” (“correr”) ou “mourir” (“morrer”) (courrait/courait, mourrait/mourait). O condicional, por estar grafado com dois “r” deveria ter essa pronúncia mais acentuada, justamente para diferenciar um tempo do outro, mas isso não ocorre.

O condicional presente e o futuro do indicativo (chanterais/ chanterai) bem como o final de palavras do tipo (valets/vallées) também trazem incerteza na produção oral. Para diferenciar, a última sílaba da primeira palavra desses pares deveria ter seu som vocálico pronunciado de forma aberta: [ɛ]. E a última sílaba da segunda palavra deveria ter seu som vocálico pronunciado de forma fechada: [e]. No entanto, essa diferença não se faz sentir.

Para concluir, gostaríamos de salientar a omissão do som da consoante “l” em algumas circunstâncias. Muitas vezes a pronúncia do pronome sujeito “il/ils” [il] é reduzida para [i]. E a expressão “il y a” [iljɑ] cujo sentido é “há, faz, existe” (marcando a impessoalidade do sujeito) passa a ser pronunciada, familiarmente, como [ja].

Características prosódicas:

A prosódia lida com os traços supra-segmentais da fala, ou seja, a entonação, a tonicidade e o ritmo e os traços co-segmentais, entre os quais, as pausas e as hesitações. Bally (1941:178) denomina os elementos prosódicos de “elementos musicais”, o “canto” por meio do qual a fala recebe uma significação. O reforço da voz (i.e. o acento de intensidade), a melodia (i.e. e acento da altura) e a duração das notas (i.e. a quantidade de sílabas, o ritmo) são os responsáveis pela expressividade da fala. A linguagem sem expressividade não tem vida. A prosódia, poderíamos dizer, é a “alma” da fala.

Yaguello (1997:55-7) nota que a expressividade do locutor, interessado nos efeitos emotivos gerados na situação do discurso, caracteriza-se de diversas formas, sempre com um “algo mais” em relação ao material fônico: mais apoio vocálico, como no alongamento de vogais ou restituição de vogais pouco pronunciadas, mais apoio consonantal em aliterações, tonicidade de palavras e ritmo. Ela cita a diérese (divisão do ditongo) como forma do locutor também se expressar melhor junto a seu público. A autora sublinha que a pronúncia expressiva beneficia a clareza da língua falada, opondo-

³⁰ Para maiores detalhes, ver Blanche-Benveniste (op.cit: 137-146).

se a constantes perdas provocadas por rompimentos ou interferências sonoras diversas, particulares das conversações em geral.

Observemos aspectos prosódicos da fala comum e algumas de suas realizações no português e no francês.

- A entonação

Em várias partes deste capítulo, já salientamos a importância da situação enunciativa para a realização de um gênero discursivo. A relação falante-ouvinte propicia a criação de diferentes efeitos na mensagem produzida. A escolha das palavras, bem como sua situação fraseológica, desempenham uma função bastante relevante no ato comunicativo, mas sem a entonação, que valor teriam? A entonação atualiza cada enunciado da produção oral, definindo da melhor forma possível as posições ocupadas pelo locutor e seu ouvinte.

Bakhtin (1987:84) afirma que cada sentença é caracterizada por dois aspectos básicos: seu conteúdo semântico e sua expressão. Sem o *aspecto expressivo* uma sentença, como unidade lingüística, é totalmente neutra. A entonação demarca tanto o fim de uma sentença como demonstra a avaliação emotiva do enunciador. Não há como a emoção tomar corpo em um enunciado se não for pela entonação. Uma palavra, mesmo que evoque emoção (como “alegria”, “tristeza”, “vibração”, “desânimo”, etc.), só irá adquirir *expressividade* ao participar de um ato de fala *vivificado* pela entonação.

Bakhtin também menciona dois tipos “básicos” de entonação: a puramente gramatical e a expressiva. A entonação gramatical, que simplesmente delimita as divisões de uma frase, não é emotiva. É pela entonação gramatical que se reconhece o sujeito e o predicado, o verbo e seu complemento. Uma entonação emotiva engloba todo o enunciado, não o divide como faz a entonação gramatical, pois o que interessa é sua significação como um todo.

Blanche-Benveniste (op.cit.112) afirma que a análise da entonação dá sentido aos efeitos de reagrupamentos e isso a sintaxe não explica. De fato, as palavras se agrupam para direcionar a significação. Apenas pela gramática, sem o apoio entonativo, torna-se difícil explicar a função gramatical de certos agrupamentos. Veja-se o exemplo: “Mais um pio, e você apanha”. O sintagma nominal “mais um pio” possui uma função macro-

sintática, podendo ser compreendido como uma oração subordinada condicional (“se você der mais um pio, você apanha”). Sem a entonação, a função desse sintagma não poderia ser compreendida.

Guimbretière (1994:41) assinala o papel de *reforço* da entonação: reforço da congruência com a sintaxe e reforço do ‘semantismo’ de um enunciado. Um mesmo enunciado pode ser “contraditório” se for proferido com uma entonação irônica, por exemplo. A autora insiste no fato de que a variação de altura (a entonação) relaciona-se diretamente à subjetividade do locutor, que utilizará os índices acústicos segundo sua sensibilidade. Sem entonação, pode-se interpretar um enunciado de múltiplas formas.

Bally (1951:276) lembra que a importância da entonação aumenta, tornando-se mais perceptível, à medida que os movimentos afetivos se misturam ao enunciado do pensamento. Uma entonação intensa evidencia os elementos afetivos do pensamento e, conforme afirma, é por isso que expressões espontâneas de alegria, dor, raiva ou reprovação, onde as pessoas se lançam verbalmente de forma mais rude sobre as outras, são *mais instrutivas* do que toda uma conferência literária ou científica³¹.

Em função das marcas prosódicas de um enunciado, Blanche-Benveniste (op.cit.: 69), tomando por base análises funcionalistas aplicadas à língua inglesa por Halliday nos anos 60, constata que a informação nova, o **rema**, é mais proeminente em uma frase do que o **tema**, informação preliminarmente conhecida. Em um enunciado como “Pedro quebrou o vaso”, o sujeito supostamente já conhecido “Pedro” virá no início da frase e será pronunciado sem proeminência³². Mas em “Foi Pedro que quebrou o vaso”, onde se considera o sujeito “Pedro” o elemento novo, este teria um efeito prosódico *mais saliente* do que a informação antiga, “quebrou o vaso”. Numa construção simetricamente oposta, como “Foi o vaso que Pedro quebrou”, a informação nova, “vaso”, sobressai-se prosodicamente ao resto da frase.

Cruttenden (1997:163), em um estudo comparativo sobre a entonação, percebe que há índices praticamente universais em relação à queda ou à ascensão da tonalidade.

³¹ Bally sugere ao estudante de língua estrangeira que este, depois de ler e reler uma peça que represente a vida real, vá ao teatro para perceber a entoação dos atores. Nada mais útil para compreender os matizes entoativos de uma nova língua.

³² Grosso modo, num sentido “normativo”, o tema corresponderia, ao sujeito, e o rema ao predicado.

Conforme demonstra, frases que apresentam entonação *em queda* são: declarações neutras, sentenças completas, questões neutras com pronomes interrogativos, frases que expressam uma ordem. Em contrapartida, as frases que apresentam entonação *em ascensão* são: declarações implicatórias, sentenças incompletas, questões com pronomes interrogativos manifestando cumplicidade ou aprovação, frases que expressam um pedido.

O autor observa muitos pontos de conexão em diferentes línguas, entre as quais o português e o francês. As *semelhanças* observadas no português e no francês são³³:

- Perguntas fechadas (i.e. resposta “sim” ou “não”): a entonação é ascendente. Cruttenden nota que em português não há nenhuma partícula gramatical que indica esse tipo de questão. O único meio de se formular uma questão fechada em português é pelo recurso da ascensão entonativa (em francês a fórmula “est-ce que” propicia a articulação de questões fechadas também, mas por constituir justamente uma “expressão interrogativa”, sua entonação é descendente, como indicamos abaixo).
- A ascensão também é observada em marcadores “tags” ao final de questões fechadas, como o “não é?”³⁴ em português ou o “n’est-ce pas?” em francês.
- Perguntas com palavras ou expressões interrogativas: a entonação é descendente. As palavras ou expressões interrogativas, em português e em francês (pronomes ou advérbios), figuram geralmente no início da sentença, que começa num nível melódico elevado e chega, no fim da frase, a um nível melódico baixo.

33

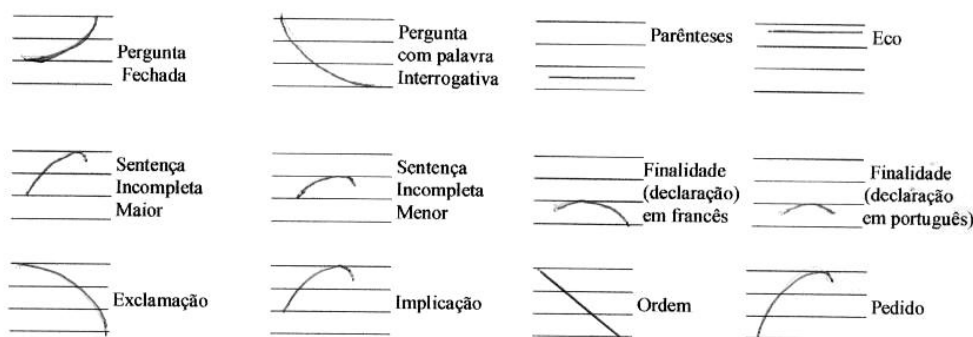
Os aspectos entoativos do português e do francês expostos por Cruttenden são corroborados pelos autores que temos examinado: Cunha e Lindley (1985), Vilanova (1977), Guimbretière (1997), Malmberg (1970), Callaman (1973) e Champagne-Muzar e Bourdages (1998).

³⁴ A respeito da estrutura e entoação dos marcadores “tags” em português, é válida a leitura do artigo de Duque Estrada (1997), em que a autora aponta as motivações de natureza pragmático-discursiva para se determinar a função dos diferentes tipos de “tags”.

- Frases declarativas: a entonação é descendente, mas ele nota que o português tem uma queda final menos acentuada que o francês.
- Frases exclamativas ou imperativas: a tendência é seguir o esquema das frases declarativas, mas é preciso levar em conta o caráter emocional das frases expressivas³⁵.

A respeito das curvas entoativas de uma língua, Guimbretière (op.cit.:27) traz um modelo proposto por Pierre Delattre que propõe dez “entonações de base”, qualificadas e designadas segundo os contornos e níveis de partida e de chegada do esquema melódico representado.

Considerando que as linhas melódicas são em número de quatro, sendo a inferior a mais grave e a superior a mais aguda, essas realizações, com uma certa adaptação, (acrescentamos mais duas³⁶), são representadas assim:



Visualizando as diferentes curvas melódicas, torna-se mais claro perceber as nuances de tom que podem ter um enunciado. Uma mesma palavra ou frase terá significados diversos dependendo da linha melódica em que é entoada. Essas linhas melódicas se combinam de acordo com a frase pronunciada, gerando uma pluralidade de significações³⁷.

³⁵ Apesar de sugerir a tonalidade descendente, Cruttenden afirma que as frases declarativas trazem informação, ao passo que as imperativas, mas sobretudo as exclamativas, trazem expressividade, o que pode influenciar a tonalidade.

³⁶ Inserimos duas entonações ao modelo de Delattre, segundo o levantamento feito por Cruttenden: a diferença, entre o português e o francês, na frase declarativa (indicada como “finalidade” por Delattre) e a entonação do “pedido”.

³⁷ Champagne-Mouzar e Bourdages (1998:47), com base na lista de Delattre, elaboraram uma lista de contornos interrogativos ou declarativos, casando diferentes tipos de entonações. Gomes de Matos e Ellison (1971:511-514) exemplificam a entonação de frases do português do Brasil por meio de curvas entonativas semelhantes ao modelo proposto por Delattre.

Como se percebe, há muitas semelhanças entoativas entre o português e o francês, As *diferenças prosódicas*, no entanto, existem e concentram-se, basicamente, no âmbito da tonicidade e do ritmo, conforme abordaremos a seguir.

- *A tonicidade e o ritmo*

Meschonicki (1996:121) concede ao ritmo grande valor no que tange o sentido de um enunciado. Diz ele: “*o ritmo é consubstancial com o discurso. A qualquer discurso, não apenas aos versos. O ritmo é consubstancial com o discurso porque ele é consubstancial com o ser vivo e com toda atividade. Trata-se de saber se há uma especificidade do ritmo no discurso e do discurso pelo ritmo*”.

De fato, o ritmo faz parte da vida e dos mecanismos de ação de um ser. O ritmo é parte integrante da fala e também revela estados d’alma, por isso, como bem atesta Meschonick, o ritmo faz parte do sentido no discurso.

E para o autor, é tão marcante a presença do ritmo na fala, que ele ainda afirma (op.cit.: 147) “*se o ritmo e o sentido são consubstanciais no discurso, a **entonação** e todos os **aspectos prosódicos** fazem parte do ritmo*”³⁸.

De fato, uma frase é marcada por curvas melódicas que se conectam com o ritmo. Uma frase pronunciada com muita rapidez não tem grandes variações melódicas. Blanche-Benveniste (op.cit: 77), em um gráfico de análise prosódica, mostra que o ritmo rápido de uma frase acrescentada a uma oração principal não demonstra variações na curva melódica. Mas uma frase pronunciada lentamente possui altos e baixos que variam não somente segundo a entonação, mas também conforme a intensidade e a duração do som.

Ambas as línguas portuguesa e a francesa são identificadas como línguas “medidas por sílabas”, isto é, a sílaba é a unidade de tempo ou a unidade rítmica de uma palavra³⁹. E a diferença está na tonicidade conferida a essas sílabas. As palavras do português podem ser *proparoxítonas*, se a sílaba mais forte for a antepenúltima,

³⁸ Grifos do autor.

³⁹ O mesmo não ocorre com o inglês, por exemplo, pois sua unidade rítmica é o “stress”, a tonalidade da palavra e não a tonalidade da sílaba (Cruttenden op.cit:21-22 faz uma análise a respeito).

paroxítonas, se for a penúltima ou *oxítonas*, se for a última. Mas em francês, os vocábulo são sempre *oxítonos*⁴⁰.

Vilanova (1977:15), ao fazer considerações sobre a entonação frasal do português, observa uma certa “tonalidade do ritmo”. Comparando o ritmo frásico do português com o do francês, ele percebe que no português (e no espanhol) os vocábulo, apesar de terem variações oxítonas e proparoxítonas, são de preferência paroxítonos, enquanto no francês, as palavras são sempre oxítonas. Assim, o português tem um ritmo frásico *trocaico*, isto é, constituído de uma sílaba longa e outra breve (“— —”), dando-lhe uma característica descendente, e o francês, um ritmo frásico *iâmbico*, ou seja, constituído de uma sílaba breve e outra longa (“— —”), tendo um aspecto ascendente.

No entanto, não é a estrutura do vocábulo que define o ritmo de uma frase, mas sim, os grupos de intensidade (ou acentuais) e os grupos fônicos, ou seja, a forma de se agruparem para formarem um sentido. Esse agrupamento ocorre tanto em português quanto em francês, e a tonicidade (ou a acentuação) de certas sílabas de palavras no grupo regulam a intensidade, a duração e a altura atribuídas ao grupo rítmico.

Segundo o que Cunha e Cintra (1985: 163) explicam, um *grupo acentual* é todo segmento de frase que tem por base um acento tônico principal. O *grupo fônico*, por sua vez, compreende um ou vários grupos acentuais separados por pausas (lógicas, expressivas ou respiratórias).

Se tomarmos a frase, retirada de um exemplo do dicionário Aurélio no verbete “futebol”:

“O futebol do Brasil tem renome internacional, o futebol de Garrincha era divino”.

Numa elocução lenta, teríamos sete grupos acentuais, cuja tonicidade varia conforme sublinhado:

⁴⁰ Essa lei fonética é tão forte que, como atesta Malmberg (1970:92), o francês sempre vai pronunciar palavras estrangeiras como se fossem oxítonas. É por isso que o jogador Ronaldo, na França é conhecido como “Ronaldô”!

*O fute**bol** / do Bras**il** / tem ren**ome** / internac**ional**, // o fute**bol** / de Garr**in**cha / era div**ino**.*

A mesma elocução, entretanto, compreende apenas quatro grupos fônicos, que podem ser constituídos de um ou mais grupos intensivos⁴¹, com sílabas tônicas (i.e. mais fortes) e subtônicas (i.e. mais fracas):

*O fute**bol** do Bras**il** ⁴²// tem ren**ome** internac**ional**, // o fute**bol** de Garr**in**cha // era div**ino**.*

Numa elocução rápida, o mesmo período passaria a ter apenas dois grupos fônicos:

*O fute**bol** do Bras**il** tem ren**ome** internac**ional**, // o fute**bol** de Garr**in**cha era div**ino**.*

O ritmo produzido pela fala é o que determina a quantidade de grupos fônicos e, em português, as sílabas tônicas não apenas são pronunciadas com mais intensidade, mas também são entoadas de forma mais elevada e têm maior duração do que as sílabas átonas.

Para exemplificar, tomemos orações exclamativas que são as mais emotivas da fala. Cunha e Cintra (op.cit: 168) observam três tipos de curvas melódicas para a entonação de frases exclamativas em português:

- Quando a sílaba tônica encontra-se no fim da seqüência, o grupo fônico é ascendente, e a frase exclamativa assemelha-se à frase interrogativa fechada: ascendente. É o que ocorre em frases exclamativas com palavras oxítonas, tais como: **Amém!** **Jesus!** **Adeus!** **Atenção!**
- Em frases com mais palavras, a curva melódica dependerá sempre da posição da palavra de maior conteúdo expressivo, visto que é sobre sua sílaba tônica que irão incidir o tom agudo, a intensidade mais forte e a maior duração. Essa

⁴¹ Cf. Vilanova (op.cit: 16) e Cunha e Cintra (op.cit: 59-60).

⁴² Se o locutor quiser fazer uma oposição, ressaltando o futebol em relação a outros esportes, a sílaba mais forte estará na palavra “fute**BOL**”, e não na palavra “Bra**SIL**”. Essa deslocação tônica demonstra mais expressividade, atribuindo um outro sentido para a frase.

sílaba tônica pode ocupar a posição inicial, medial ou final da frase. Frases exclamativas realizadas com palavras paroxítonas ou proparoxítonas também seguem essa mesma regra tonal.

- Se a sílaba ocupar a posição inicial, o restante do enunciado terá entonação descendente. Ex.: **Minha** Nossa Senhora! **Deus** da minha vida! **Meu** amor!
- Se ocupar a posição final, toda a frase terá entonação ascendente, como:
Meu **amor!** Que **dor!** Vai pra **lá!**
- Se ocupar a posição medial, a entonação será ascendente até a referida sílaba e a partir dela, será descendente até a sílaba final.

Todo **mundo!** **Esplêndido!** Que **perigo!**

Ainda sobre a tonicidade das palavras e sua expressividade, é importante destacarmos os acentos de insistência. Cunha e Cintra (op.cit: 61-62) distinguem dois tipos: o acento afetivo e o acento intelectual.

O acento afetivo é uma segunda tonicidade dada à palavra, em caráter emocional, sobre a primeira sílaba. O realce conferido à essa sílaba faz com que esta se iguale à sílaba tônica tanto em intensidade, quanto em altura, podendo até superá-la quanto à duração da vogal ou da consoante que a precede. É o que ocorre, por exemplo, em frases exclamativas do tipo: **Sensacional!** **Formidável!** **Esplêndido!** **Pindamonhangaba!** **Miserável!** É útil frisar, no entanto, que como o primeiro acento não tem valor rítmico, o acento normal é que será o ápice da curva melódica. A entonação frasal decairá bruscamente após a sílaba tônica normal.

O acento intelectual também é um segundo acento conferido à primeira sílaba da palavra, mas não para expressar uma emoção, mas sim, valorizar uma noção, definindo-a em oposição a uma outra. É o que se verifica em orações, como: “Ele chegou no **domingo** e não na **segunda**”. “O autor se refere ao valor **subjetivo** e não **objetivo** da língua”.

Em francês, o mesmo fenômeno é observado, e ao invés da sílaba tônica se localizar tão somente na parte final da palavra, pode-se aplicar o ‘acento de insistência’ e valorizar uma outra sílaba anterior (não necessariamente a primeira)⁴³. É o que temos na frase: “C’est épouvantable!” onde a consoante /p/ é também alongada para evidenciar um efeito emocional, ou na frase “je parle d’exportation et non d’importation!”, onde pela dupla tonalidade, produz-se um efeito de “intelectualidade”.

O aspecto rítmico da língua francesa diferencia-se do da língua portuguesa. Guimbretière (op.cit: 34) explica bem que os grupos rítmicos do francês são compostos, geralmente de 3 a 5 sílabas⁴⁴ na língua falada espontânea. As primeiras sílabas são “átonas” e a última sempre será a “tônica”, ou a mais proeminente. Essa sílaba marcará o limite entre os grupos rítmicos e, ao contrário do português (onde a sílaba mais saliente sempre eleva o tom da voz), torna-se difícil perceber qual sílaba tônica pertence à melodia e qual pertence à tonicidade propriamente dita. Isso porque cada sílaba tônica demarca uma *fronteira de grupo rítmico*, que vai terminar em queda ou ascensão melódica, no interior do enunciado, ou em queda, no fim do enunciado (será em ascensão, conforme o ato de fala).

É interessante notar a diferença entre “quantidade de sílabas” e “quantidade de grupo rítmico” num enunciado. Wenk e Wioland (1984:72) explicam essa diferença, ao compararem as frases abaixo:

“/car/ Pierre/ aime toujours/ l’art/” = 6 sílabas; 4 grupos.

* * * * *

“/Il a sollicité/ ma collaboration/ = 12 sílabas; 2 grupos.

* * * * *

⁴³ Cf. Malmberg (op.cit.: 94)

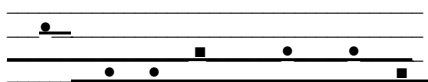
⁴⁴ O número de sílabas depende da pronúncia da frase. Um grupo rítmico pode ter menos ou mais sílabas. Deve-se lembrar que, em francês o “e caduco” muitas vezes não é proferido. Palavras equivalentes entre o francês e o português do Brasil nem sempre têm o mesmo número de sílabas (ex.: se-ma-na: 3 sílabas/ se-maine:2 sílabas). Outro detalhe é a grande ligação entre os fonemas de um grupo rítmico que irá separar as sílabas “juntando” as palavras próximas (ex: “mes amis”: me/sa/mi). (cf. Pág. 139).

Quanto mais grupos rítmicos um enunciado tiver, mais longo será. A duração de um enunciado depende da *constituição* dos grupos rítmicos e não do *número* de sílabas.

Agora, observemos a questão dos *grupos rítmicos* e sua *melodia* num enunciado. Como ilustração, tomemos o título do livro de Jean-Claude Trotel: “*Football je t’aime.. moi non plus*”⁴⁵.

Podemos dividi-lo em dois grupos rítmicos, delimitados pela sílaba tônica. Visualizando a frase em uma linha melódica, (onde “■” é a sílaba mais forte), teremos:

“*Football je t’aime/ moi non plus*”



Observando a linha melódica desse enunciado, constatamos que a sílaba acentuada do primeiro grupo não é a mais aguda da frase, mas a tonalidade final do grupo é ascendente. A sílaba tônica do segundo grupo está na posição tonal mais grave, encerrando a frase de forma descendente (como é peculiar de frases declarativas).

Um aspecto bastante peculiar do francês é que o principal fator da proeminência silábica é a *duração*. Em português, sempre nos referimos à sílaba tônica como a “mais forte”, “a mais intensa”, em francês, ao contrário, é a mais “longa”⁴⁶. Mesmo que a intensidade ou a altura venham reforçar a duração da sílaba, esses são elementos secundários. Guimbretièrre, Callamand e tantos outros autores por elas mencionados apontam pesquisas que corroboram essa peculiaridade da sílaba tônica em francês. Diz-se que, em média, a sílaba tônica ou “acentuada” é duas vezes mais longa do que a sílaba átona, ou “não-acentuada”.

Outra particularidade da pronúncia da língua francesa é a energia articulatória, desprendida pelo acento rítmico. François Wioland (1991: 44) define o acento rítmico como o elemento motor e final do grupo rítmico, representado por: falta de energia acústica, mas presença de energia muscular; glissando vocálico; e alongamento da energia articulatória.

⁴⁵ “Futebol eu te amo... eu também não”.

⁴⁶ Por isso, prefere-se chamar a “sílabas tônica” de “sílabas acentuada” em francês.

Callamand (op.cit:49) sustenta que os gestos articulatórios do francês, não somente marcam a unidade rítmica em cada fim de frase, mas favorecem a clareza silábica. Wioland (op.cit.: 41), a seu turno, vai mais longe e propõe que o final da frase é sempre mais importante, por isso mais articulado. Assim ele afirma: “*No francês falado, o importante sempre está por vir; e isto explica a forma tensa que caracteriza os gestos articulatórios do francês*”.

- Pausas e hesitações

As pausas e as hesitações fazem parte dos traços co-segmentais da fala. Marcuschi (1986:27-28) considera tais elementos como organizadores muito importantes dentro de uma conversação. Pausas, silêncios e hesitações (ou pausas preenchidas) exercem diferentes funções dentro do ato interacional: servem para organizar o discurso, dar a palavra para outro falante, planejar turnos, garantir um tempo de preparo para ordenar o pensamento, etc.

Guimbretière (op.cit.: 40) observa que a hesitação e as pausas podem acontecer em decorrência da desaceleração do ritmo de uma frase. A rapidez ou a lentidão parecem ser um dos fenômenos prosódicos mais relacionados à *subjetividade* do locutor, já que uma fala pausada ou extremamente rápida produzem efeitos diferentes no ouvinte.

É curiosa a observação de Kerbrat-Orecchioni (1998: 25) que, ao fazer uma comparação sobre as variações culturais do discurso, constata que, entre os turnos de uma conversação de franceses, ocorre, às vezes, uma pausa de alguns segundos. Essa pausa pode ser um pouco perturbadora e então é necessário rapidamente ‘saneá-la’. Se ninguém se manifesta, a pausa é “mascarada” pela expressão “un ange passe”, “um anjo está passando”, como se a pausa fosse devida à “ação do anjo”. Por outro lado, a autora também constata que os franceses têm a reputação de cortar a fala do outro incessantemente e falarem todos ao mesmo tempo.

Essas reações de pausa e preenchimento, ou “falta de pausa” e encavalamento de falas são comuns no português do Brasil também, mas não há dados disponíveis para estabelecer uma comparação específica.

Depois de verificarmos características da linguagem, das representações, do discurso e comparações do sistema lingüístico-comunicacional do português e do

francês, resta-nos observarmos de perto as peculiaridades do gênero discursivo: a locução de futebol nos meios de comunicação.

Capítulo 8:

***A linguagem dos meios de comunicação
e a arquitetura do gênero discursivo “locução de
futebol”.***

O LOCUTOR ESPORTIVO

O LOCUTOR ESPORTIVO mais festejado em 1929 foi Anselmo Fioravanti,
 que não entendia de futebol e por isso inventava.
 Sua estréia ao microfone gerou uma tempestade de protestos.
 Os ouvintes exigiam sua dispensa, mas o diretor da estação considerou
 que muitos outros se pronunciaram encantados com Anselmo,
 classificado como humorista de primeira água.
 Foi mantido, e sua atuação despertou sempre o maior sucesso.
 Jogo narrado por ele era muito mais fascinante
 do que a verdadeira partida.
 Anselmo creditava o gol ao time cujo arco fora vazado.
 Trocava os nomes dos jogadores, invertia posições e fazia com que o clube derrotado empatasse ou
 ganhasse, conforme a inspiração do momento.
 Na verdade, ele não mentia.
 Apenas, ignorava as regras mais comezinhas do esporte
 e contava o que lhe parecia estar certo.
 Torcedores e agremiações o tinham em alta conta, porque
 ele mantinha aceso o interesse pelo futebol.
 Os vencedores de fato não se magoavam com a informação contrária,
 pois a vitória era inquestionável.
 E os derrotados consolavam-se com o triunfo imaginário que
 ele generosamente lhes concedia.
 De tanto assistir a jogos, um dia ele narrou corretamente um lance.
 Houve pênalti e Anselmo anunciou pênalti.
 Foi a sua desgraça. Nunca mais ninguém lhe prestou ouvidos, e
 Anselmo terminou os dias como gari em Vila Isabel.

Carlos Drummond de Andrade, in Contos Plausíveis

Seja no Brasil ou na França, ou em outros países onde o futebol figura entre os esportes mais populares, é sabido que o locutor esportivo, encarregado de transmitir aquilo que Bromberger (1998) chama de “a bagatela mais séria do mundo”, exerce bastante fascínio sobre as massas. A crônica de Drummond, embora com ironia, desvela a sedução do público por esse mago da voz, transformador da realidade do jogo em deleite para os ouvidos, ansiosos do espetáculo e porque não, da vitória.

O que leva o locutor a essa relação tão próxima com o ouvinte? Como compreender a interação entre locutor e público, como se caracterizam os efeitos de sua fala por um discurso tão peculiar? O locutor esportivo é produto da mídia e esta valoriza sua voz e imagem ao expô-lo. Sua linguagem faz parte da gama de gêneros veiculados pela mídia.

Cabe-nos, primeiramente, considerar a linguagem dos meios de comunicação para, assim, distinguirmos o gênero discursivo “locução de futebol”.

1) **A linguagem dos meios de comunicação**

Como é a *situação de comunicação* na mídia? É importante sabermos como se dá a interação entre locutor e público para podermos abordar aspectos da linguagem dos meios de comunicação em massa e nos aproximarmos da linguagem do locutor futebolístico.

Patrick Charaudeau (1994) define a mídia como um “maravilhoso instrumento da *visibilidade social*¹” que, conforme um espelho de “dupla face”, reflete o espaço social ao mesmo tempo que é refletido por ele. Assim sendo, o mundo da “comunicação em massa” também é levado a se observar, a se analisar, a se autojustificar. Em um contexto bastante complexo, o ato comunicacional se realiza por meio de *regras e estratégias discursivas*. Vejamos como Charaudeau as define.

As *regras discursivas* compõem-se de três tipos de dados: aqueles que determinam a *identidade* dos participantes do ato comunicacional (quem se comunica com quem e que papéis desempenha); aqueles que constituem a *finalidade* do ato comunicacional (o locutor

¹ Grifo do autor.

se propõe a fazer o quê e porquê); e os que caracterizam suas *circunstâncias materiais* (em que meio, através de que canais a comunicação ocorre²).

As *estratégias discursivas* respondem não tanto à questão de “por que dizer”, mas sobretudo à do “como dizer”. As estratégias têm por base os comportamentos discursivos que trazem em si as escolhas de efeito de sentido, segundo as circunstâncias de comunicação na mídia.

O conjunto das regras e das estratégias discursivas formam o que Charaudeau denomina de “contrato de comunicação”. Esse “contrato” tem similaridades com o “contrato” que discutimos no capítulo anterior, mas possui características bem específicas em torno da identidade dos parceiros comunicacionais, da finalidade do ato comunicativo e das circunstâncias de sua realização.

A identidade dos parceiros:

Em primeiro lugar, é necessário esclarecer que a comunicação em massa não coloca em relação exatamente dois “indivíduos”, mas duas “instâncias”: a de *produção* e a de *recepção*. Na instância de produção, a figura mais importante é a do “jornalista” encarregado de transmitir a informação³. Tal informação veicula acontecimentos novos, bem como conhecimentos já existentes. Essa instância não é a “criadora” dos acontecimentos ou dos conhecimentos, ela os passa adiante, baseada em uma “fonte de verdade”. Para cumprir sua função, a “instância de produção” enfrenta também algumas dificuldades, como a *seleção* dos fatos e da informação a veicular, a *credibilidade* dos mesmos e a *concorrência* com outras “instâncias de produção” do mundo mediático⁴.

² É o que Maingueneau define de “suporte”, cf. Parte 3 do capítulo 7.

³ A infra-estrutura por trás do jornalista (redatores, editores, produção geral de um programa, etc.) se utiliza da ‘voz’ do jornalista, comunicador ou locutor para se dirigir ao público. Há vários componentes da “instância de produção”, mas o principal é quem se conecta diretamente ao público.

⁴ Clopeau e Renouard (1984:22), ao tratarem da instância de produção, fazem alusão ao “Homo Vox” radiofônico. Este utiliza sua voz como forma de identificação de sua função profissional pelo público ouvinte. Sua produção oral existe para estabelecer um equilíbrio harmonioso entre a Instituição que representa, o Indivíduo e os Índices de escuta. O ouvinte de rádio, idealmente atraído por uma emissão radiofônica, deverá poder reconhecer os vários “Homo Vox” e identificá-los com uma estação de rádio e um estilo definido.

A instância de recepção é representada pelo “ouvinte” ou “leitor” ou “telespectador”. Ela tem a função de tomar conhecimento das informações apresentadas e interpretá-las segundo suas necessidades de saber e de agir. A real ‘identidade social’ dessa instância é desconhecida pela instância de produção. Muitas pesquisas procuram definir o receptor ‘ideal’ para determinado tipo de mídia de acordo com sua idade, profissão, sexo, partido político, etc., mas suas conclusões não são absolutas, visto que o receptor “alvo” é heterogêneo e instável⁵. O único traço de identidade que realmente pode ser levado em consideração é que se trata de um ‘ator participante da vida pública da sociedade. As duas instâncias se engajam num processo de transação onde, por meio de imaginários interpostos⁶, a produção *interpela* a recepção e esta, *espelha* a primeira.

A finalidade:

Tendo em conta a relação entre as instâncias de produção e de recepção, a finalidade da comunicação mediática se posiciona em função de dois pontos de vista: o da *informação* e o da *captação*.

Do ponto de vista da informação, é necessário observar o tempo e o espaço da comunicação. O tempo diz respeito à co-temporalidade enunciativa que liga as duas instâncias. A notícia é sempre uma *novidade*, ocorrida, portanto, na atualidade presente, momento “primordial”, por assim dizer, da mídia. Os meios de comunicação em massa, como o jornal, a televisão e o rádio⁷ são os que notificam, conduzem os acontecimentos da ‘realidade atual’ para o receptor da mensagem. Mas o espaço das instâncias não é o mesmo. A instância de produção traz atualidades realizadas em espaços muitas vezes bem distantes de onde a instância de recepção se encontra. Há uma série de agentes que facilitam o “encontro” dos dois espaços (meios técnicos, fontes de informação, etc.). E o receptor,

⁵ Segundo Mouillaud (1984:69), os programas de rádio (ou televisão) devem ser preparados em função dessa instabilidade e flutuação. É necessário que cada ouvinte receba uma parte significativa do programa enquanto seu aparelho estiver sintonizado na estação emissora.

⁶ Guy Lochard (1996) ao analisar a comunicação pela televisão, observa que o jornalista passa a desempenhar papéis segundo imaginários: o da verdade, o da sedução e o da influência. O *imaginário da verdade*, requisito fundamental para a autenticação da mensagem, vem associado a um imaginário que o complementa, o *da sedução*, que transforma a informação em um ‘espetáculo’ para atrair o destinatário. A este imaginário, outro se sobrepõe: o *imaginário da influência*, em que a televisão transforma-se em um instrumento capaz de resolver problemas do telespectador.

⁷ E também a internet, mas por causa das inúmeras possibilidades interacionais, bem como pelo tratamento diversificado (e por isso complexo) da informação, preferimos não abordar no momento, apenas classificá-la como uma espécie de “simbiose” dos outros três meios mencionados.

colocado “ilusoriamente” no mesmo local da notícia, onde quer que seja no mundo, tem a impressão de receber, da mídia, o “dom da onipresença”.

Do ponto de vista da captação, observa-se o ‘despertar’ do interesse da instância de recepção. A instância de produção, para sobreviver enquanto sistema de mídia, deve saber provocar o “desejo” do receptor em função das informações que veicula. Para isso, lança mão de estratégias de captação que procuram seduzir o receptor, fazendo-o experimentar uma emoção, inconscientemente ou não.

O “contrato de informação mediática” se caracteriza pelas finalidades de informar e de seduzir. Nesse contrato, *valores de verdade e de autenticidade* são compartilhados com *estratégias de sedução*. Analisando a fundo, percebe-se uma relação “paradoxal” entre tais finalidades, já que o “fazer saber” e o “fazer sentir” se opõem no tratamento lógico da informação. Mas, mesmo que tenha um aspecto contraditório, essa relação é uma das características do funcionamento discursivo da mídia⁸.

Tudesq (1984:18) nota que a mídia tem se interessado cada vez mais pelo ouvinte, adaptando a fala ao público para o qual se dirige: um público vasto, heterogêneo ou uma parcela específica da população mais homogênea. Analisando o discurso radiofônico, ele afirma que, na tentativa de criar uma ‘relação de intimidade’ com o ouvinte, os programas impõem aos ouvintes seu ritmo de participação, de percepção de assimilação. Essa relação, porém, é ilusória, fundada no fugidio, no efêmero, no invisível, na emoção imaginária. O ouvinte ‘fabrica’ uma imagem conforme suas idéias e pressupostos.

As circunstâncias:

Cada meio de comunicação molda a veiculação da informação segundo suas circunstâncias de realização e tipo de programa veiculado. Por exemplo, quando se trata de *jornal falado*, geralmente a “atualidade” pertence a um outro tempo, anterior ao da enunciação, podendo ser editada antes da emissão. Para o receptor, no entanto, deve haver um efeito de co-temporalidade⁹. Se for o caso de uma notícia ao “vivo”, como a cobertura de um evento quando este está se desenrolando, um programa de entrevista, ou a exibição de uma atividade esportiva, as circunstâncias de sua veiculação serão diferentes, com um outro

⁸ Algumas formas discursivas de “informar” e “seduzir” o receptor serão exemplificadas adiante.

⁹ Mouillaud (op.cit: 62) acredita que o efeito de “ao vivo” é sempre vivenciado pelo ouvinte ou

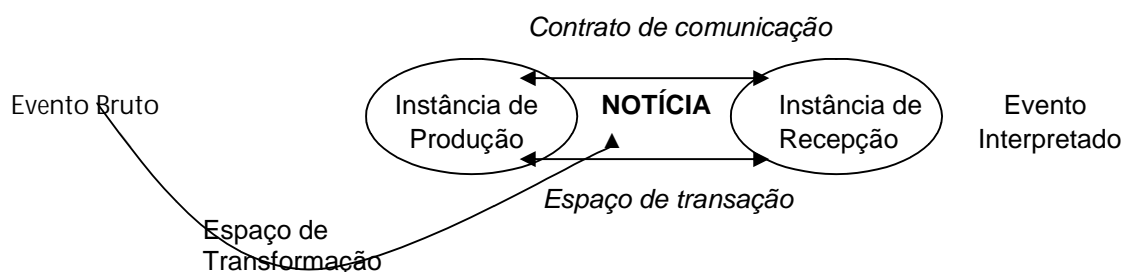
tipo de tratamento. Cada suporte tem uma forma de trazer a notícia. O rádio é o que sempre aproxima mais o tempo de realização de um evento da instância de recepção. A televisão, por depender de mais aparatos técnicos, não é tão ágil quanto o rádio. O jornal, por sua vez, é o que apresenta maior distância entre um acontecimento e a veiculação da notícia por causa de seu processo de fabricação e de distribuição.

A televisão traz a *imagem* para o receptor, tornando-lhe acessível um espaço que está distante dele. O rádio e o jornal não compartilham da força da imagem em movimento, por isso se apóiam em outros efeitos de aproximação. O rádio pode trazer mais detalhes nas entrevistas, testemunhas da ação, etc. O jornal tem que contar com os recursos da língua escrita, mas pode trazer fotografias, gráficos, tabelas, diversificando o espaço visual do leitor.

Sobre essa questão do ‘espaço’ na mídia e a relação com o receptor, Mouillaud (1984: 64) observa que tanto o rádio como a TV são janelas abertas para o mundo exterior. Mas, quando uma voz diferente da normal é ouvida no estúdio ou um convidado estranho a um programa é trazido diante das câmeras de TV, a situação torna-se reversa: o mundo exterior penetra no interior do estúdio. E o ouvinte, acostumado com a emissão, também sente a estranheza de uma certa “invasão” do espaço em seu programa.

Em relação ao canal de transmissão, cada meio de comunicação irá usufruir dos efeitos dos próprios códigos semiológicos que transporta. O jornal aproveita-se de recursos gráficos, enquanto o rádio trabalha com a oralidade e o som, e a televisão usufrui da composição da imagem e do som. Todos os recursos são válidos para a *autenticação* do acontecimento e para a *fascinação* do sujeito-alvo.

Para Charaudeau (1994:14), a comunicação mediática ocorre segundo o esquema:



telespectador, mesmo se o programa radiofônico ou televisivo for emitido após o acontecido.

No “espaço de transformação”, o “evento bruto” é transformado em “notícia” através de diferentes canais, segundo o meio de comunicação. No “espaço de transação”, as duas instâncias se encontram, fazendo trocas estabelecidas por um contrato. Esse contrato se caracteriza pela “informação” e pela “captação”. Ao articular a “informação”, a instância de produção se baseia em hipóteses sobre as categorias sócio-discursivas referentes ao sujeito-alvo. E, para “atrair” a instância de recepção, ao mesmo tempo que transmite a notícia, a instância mediática (ou de produção) irá dispor de seus recursos materiais, apoiados em recursos da linguagem. Como resultado, a instância de recepção irá interpretar o evento de acordo com suas “necessidades de saber e de agir”.

Não está explícita nesse modelo, entretanto, a idéia de que o “evento bruto” existe independente das instâncias. O “tratamento” do evento bruto, sua transformação em notícia, esse sim, já é de responsabilidade da instância mediática. Colocaríamos um círculo maior ao redor dessa instância para que englobasse o espaço de transformação, pois aparece isolado, embora com uma certa distância, pois existe um espaço de tempo entre o acontecimento do “evento bruto” e a sua transformação em notícia¹⁰.

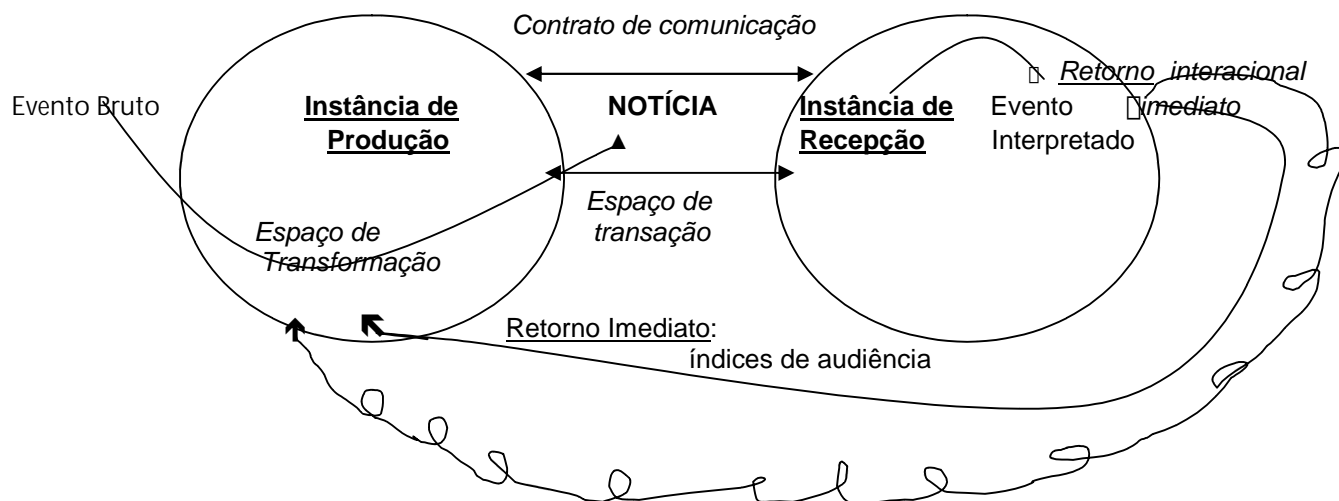
A veiculação da notícia une as duas instâncias, como bem está esquematizado, através do contrato de comunicação. No entanto, o “espaço de transação” apenas “ilusoriamente” é o mesmo, ele acontece pela “janela” proporcionada pela mídia. O “tempo” de troca de significados é real, mas não o retorno interacional. A interação ocorre na medida em que a comunicação da instância produtora está aberta para a instância receptora, mas o *retorno interacional* por parte da instância receptora não é necessariamente imediato¹¹. Dá-se em um prazo maior, através de pesquisas, ou por reações positivas ou negativas dos ouvintes/telespectadores/leitores que se dirigem à instância produtora por meio de diferentes suportes (cartas, e-mails, telefonemas, etc). Esse deslocamento “espácio-temporal” não se percebe no modelo do Charaudeau.

¹⁰ Na locução esportiva, no entanto, esse espaço seria bem menor, pois há, diríamos, uma “simultaneidade” entre o “evento bruto” e sua transformação em *relato* para o ouvinte. Depois do acontecimento do jogo, esse “relato” se transforma em “notícia” (como o que ocorre no rádio principalmente logo após os jogos, quando jornalistas informam o que ocorreu).

¹¹ O que é imediato são os índices de audiência. Com base neles, tem-se uma idéia se o ouvinte/telespectador está “aprovar” o programa. O retorno interacional pode ocorrer durante uma emissão se isso fizer parte do programa.

A instância-alvo interpreta a notícia assim que a recebe. No gráfico, o “evento interpretado” aparece também isolado, desconectado. Uma flecha indicando sua relação com a instância receptora dentro do mesmo círculo maior para conglomerar a interpretação do evento, seria mais apropriado para compreender a finalização do processo comunicativo pela mídia.

Sob nossa perspectiva, o modelo de Charaudeau tomaria esta forma:



Retorno Interacional (em um tempo indeterminado, pode ser durante a programação ou bem depois): feito por alguns representantes da instância de recepção através de pesquisas, painel do leitor, cartas, e-mails, telefonemas, etc. É um retorno “pessoal”, subjetivo.

A informação mediática precisa sempre interessar o sujeito-alvo. Por isso, são criadas estratégias discursivas de *credibilidade* e de *captação*, que expomos brevemente a seguir:

Estratégias de credibilidade:

É necessário ao sujeito-informador ter ou mostrar “provas” da veracidade dos fatos que veicula. Para isso, ele empregará estratégias discursivas que produzam efeitos de *autenticidade* ou de *veracidade*. Charaudeau aponta entre elas:

- o detalhe, a precisão, a descrição dos fatos pela identificação dos lugares, das datas, dos protagonistas, dos documentos que provam a veracidade do evento: a língua é usada para identificar, descrever, localizar no tempo e no espaço;

- entrevistas e debates, com personagens diretamente envolvidos como actantes ou solucionadores de um problema, que são gêneros de discurso que servem para apoiar a autenticidade de uma dada situação;
- questionamentos e confrontação de opiniões, que são recursos discursivos inseridos nas entrevistas e debates;
- o discurso indireto, em uma contextualização da situação veiculada, usado para evitar a manipulação dos fatos.

Estratégias de captação:

A informação veiculada deve tornar-se um *espetáculo* para o sujeito-alvo. O sujeito-informador procura tocar a *sensibilidade* do seu receptor. Para isso, é necessário entrar no ‘universo das crenças’ e em seus ‘estados emocionais’, caracterizados, segundo o que indica Charaudeau, como “imaginários discursivos”, ou seja as representações coletivas que circulam na comunidade sócio-cultural do sujeito-alvo em forma de discurso. Dois efeitos discursivos de captação são levados em conta por Charaudeau (p.18): a dramatização e o ludismo.

Discursivamente, os efeitos de *dramatização* são obtidos não através de exposição de “práticas sociais”, mas por categorias de “ordem emocional”, como por exemplo:

- o tratamento de temas que tratam de eventos trágicos (morte, catástrofes, miséria);
- temas resultantes de forças negativas (malfeitores e suas vítimas, pânico, medo);
- exploração de eventos insólitos (o inacreditável, o inesperado).

Modos especiais de *descrever* e *narrar* são aplicados a esses tipos de eventos, pelo uso de expressões metafóricas e verbos e adjetivos que marcam a intensidade da ação¹². Esses recursos discursivos proporcionam: a transformação de cidadãos comuns em personagens de aventuras, a apresentação de fatos, cuja origem é impossível explicar, e a mitificação de uma história.

¹² E, claro, na mídia oral, uma entonação mais expressiva.

Os efeitos de *ludismo*, muito relacionados a uma atitude metadiscursiva, desencadeiam prazer pela descoberta de jogos de intertextualidade. Tais efeitos se concretizam pela “espetacularização” da informação. Para obtê-los, são utilizados, principalmente, *jogos de palavras* onde fonemas (na mídia oral) e letras (na mídia escrita), como também expressões da fala comum e figuras de linguagem recriam a significação de palavras ou frases, provocando um efeito cômico ou burlesco.

Sobre a linguagem da mídia e sua influência sobre o receptor, ainda temos algumas considerações a fazer.

Tudesq (1984:14), ao discutir as condições de produção e de escuta no discurso na mídia radiofônica, nota que os progressos tecnológicos (sobretudo após a Segunda Guerra Mundial) incentivaram o estilo falado espontâneo. A evolução de um estilo do tipo “escrito lido” para o “oral espontâneo” deve-se à gama de programas que começaram a ser produzidos e veiculados, como também pela categorização de seus profissionais: atores cantores, jornalistas ou escritores tornaram-se profissionais do rádio, trazendo a ele seu estilo peculiar de interagir com as massas.

Beltrão e Quirino (1986) ressaltam a função *intencional* de todo comunicador da mídia: levar o receptor da mensagem a uma ação de interesse próprio e coletivo. Os autores constatarem que os meios de comunicação em massa não se confrontam, antes se complementam. Sendo assim, todos os níveis sociais, do mais ao menos intelectualizado, têm à sua disposição, através dos recursos técnicos de que se utilizam a imprensa, o rádio, o cinema, o disco e principalmente a televisão (e mais recentemente a Internet), tudo o que precisam para “preencher o vazio que resta no espírito do homem do nosso tempo”.

Vivendo a sua realidade e a realidade veiculada pela mídia, o homem participa de outra dimensão e se sente mais completo e mais preparado diante do mundo e, muitas vezes, não se conscientiza do controle que a mídia exerce sobre ele mesmo e sobre toda a sociedade.

Tendo sempre em vista o interlocutor e a melhor forma de atingi-lo, cada um dos meios varia seu estilo de linguagem, mas nem sempre o efeito desejado é obtido: filtragens sócio-culturais e outros fatores de diversas origens por parte do *receptor* (psicológicos ou mesmo de ordem técnica) podem distorcer o objetivo do *comunicador* da mídia. No entanto,

é necessário que ele se esforce ao máximo para ir ao encontro dos desejos e das necessidades de seu receptor.

Beltrão e Quirino (op.cit) observam que é bastante complexa a atividade do comunicador, pois este responde não apenas por si mesmo, por ter características que o tornam um ‘comunicador massivo’, mas também pela *instituição* que representa. Essa instituição orienta o seu desempenho, impondo-lhe regras¹³ e controlando o processo criativo. O comunicador massivo é um dos integrantes do grupo de profissionais da mídia e sua liberdade de ação pode ser tolhida em detrimento de decisões, objetivos e interesses da emissora ou do jornal. Sua produção oral pertence às instituições proprietárias dos meios de difusão que as tornam públicas e acessíveis. Isso transforma a linguagem em uma matéria amplamente comercializável.

Fraga Rocco (1999), ao analisar especificamente a linguagem da televisão, observa que a imagem não existe sem o verbal, pois este ancora o visual, desfazendo ambigüidades e completando-o. Segundo o que expõe, o verbal na TV manifesta-se através de textos simples, baixa taxa de subordinação, inventário lexical redundante e formas diretas de interlocução. Sempre há um diálogo entre o emissor e o telespectador, construído não pela interação face a face, mas pela mediação do veículo.

A autora (op.cit: 246) cita Gillian Dyer que, em sua obra “Advertising as communication” (1982), elencou as funções mais específicas e mais gerais do apoio lingüístico das imagens na TV.

Para ele, as funções mais específicas, principalmente dos comerciais na TV, são:

- ancorar a variedade de significações;
- resolver ou manter contradições e ambigüidades das imagens;
- ligar imagens móveis entre si e adiantar a ação narrativa;
- comentar a ação final, dada pelo fecho em off, semelhantemente ao que fazia o coro grego no final das tragédias.

E, as funções mais gerais, dentro da realização discursiva do verbal na TV, são:

¹³ Haja vista os manuais de redação e de comunicação no rádio e na televisão.

- o verbal quase sempre indica a relação antes-depois;
- mostra-se por meio de entrevistas e depoimentos, seja com pessoas comuns, seja com celebridades e *experts*;
- aparece como discurso definitivo e verdadeiro, não passível de desmentidos ou invalidações;
- calca-se em imperativos, adjetivos superlativizados, palavras usualmente bem curtas, a fim de facilitar as repetições;
- utiliza-se de rima, ritmo, aliteraões e figuras de linguagem bem como de jogos verbais;
- ocorre por meio de monólogos ou diálogos montados.

Fraga Rocco demonstra que as palavras na televisão, por causa do prestígio do próprio veículo e, conseqüentemente, do prestígio de quem dela participa, trazem em si um aspecto autoritário. Sendo assim, atores, apresentadores, jornalistas e repórteres utilizam um tipo de linguagem permeada de repetições e de um tom “doutoral”, que tem o poder de influenciar e dirigir o telespectador.

Dino Preti (1999a) considera a linguagem da TV um impasse entre o falado e o escrito. Mas, como não podia deixar de ser, as marcas mais ou menos formais do discurso televisivo relacionam-se às peculiaridades do programa emitido. Ele observa que o texto escrito para a televisão não objetiva um *leitor*, mas um *ouvinte*: o telespectador. Por isso, o apresentador de jornais televisivos, entrevistas ou programas de auditório deverá saber transmitir o texto ‘escrito’, de forma falada, quase espontânea.

É latente a diferença do uso da linguagem entre um documentário e um programa humorístico, um telejornal e uma novela. Percebemos que, em muitos tipos de emissões, a gíria ganhou a televisão e a televisão ganhou a gíria. E muitas vezes, não só a gíria, mas termos mais grotescos que, se antes chocavam o ouvinte, hoje não chocam mais. Mas o vocabulário popular tem um lugar específico na tela, tanto quanto o discurso formal.

A tonalidade da fala também varia. Não se admitem risos e uma tonalidade muito expressiva em programas científicos, em documentários, e em determinados tipos de

entrevistas, mas esse tipo de tonalidade é altamente peculiar de narrações esportivas (sobretudo futebolísticas) e em programas de auditório ou de humor.

Preti observa que a linguagem na televisão é muitas vezes nivelada ‘por baixo’, para que se atinja qualquer tipo de telespectador. Sendo assim, existe uma tendência para um estilo popular de comunicação. Esse fato, segundo nota, também é encontrado no rádio e nos jornais¹⁴. No entanto, cremos que os meios de comunicação, sobretudo o rádio e a TV, têm um propósito muito claro quando “nivelam a linguagem por baixo”: a conquista do público. O público menos privilegiado identifica-se com programas que “falam a sua língua” e que expõem situações que ele vive no dia-a-dia.

Os meios de comunicação têm procurado envolver cada vez mais seus receptores. Com a concessão de novos canais, com o estabelecimento de televisões por assinatura, com as múltiplas escolhas de jornais e de emissoras de rádio, é necessário, de fato, conquistar o receptor, pois a concorrência tornou-se um fator de decisão. Assim sendo, existem ‘transformações’ no discurso empregado. Não é por acaso que os meios de comunicação tornaram-se tão interativos. Os telespectadores podem ‘interferir’ em programas ao vivo, e até escolher filmes para serem exibidos no dia seguinte. Os ouvintes de rádio participam de concursos, elegem canções para serem tocadas, fazem reclamações, reivindicações, telefonam e conversam “no ar” com os emissores. Os jornais e revistas ampliam seus espaços destinados ao leitor que, além de solicitar informações e auxílios, também pode expor suas opiniões e observações, contrárias ou não a esse meio específico da imprensa.

A comunidade toda está convidada a participar dos meios de comunicação, fundamentais para a percepção da própria realidade e identidade dos seus destinatários. Tal “convite” tem transformado muitos programas televisivos. O povo se vê, de fato, na TV. Nos dias atuais, os programas de televisão em que o cidadão comum se torna “astro” ou “estrela” têm-se multiplicado significativamente. No Brasil, sem contar os inúmeros programas de auditório levados ao ar nos fins de semana há décadas, existem programas mais recentes que aguçam e realizam a vontade do cidadão comum em “aparecer na TV”¹⁵.

¹⁴ Ele argumenta que isso se deve, possivelmente, ao fato de o Brasil ser ainda um país voltado para a comunicação oral em detrimento da escrita. Mas, percebemos a mesma tendência em países como a França e os EUA.

¹⁵ Só para citar alguns, o “No limite”, da Rede Globo (programa caricaturado do americano

Essa tendência de popularização da TV, muito comum nos Estados Unidos, com programas quase diários de competições (entre famílias, jovens, donas-de-casa e artistas), bem como a exibição de programas do estilo “os mais engraçados vídeos da família americana”, ou “o milagre que aconteceu na sua vida”, tem se difundido por todo o mundo. Na França, o mesmo ocorre em uma variedade de gêneros televisivos cuja finalidade principal é “exibir” representantes do povo¹⁶.

Em outro artigo, Dino Preti (1999b) ressalta que a linguagem da mídia é bastante alternada: o coloquial convive com o culto e o erudito. A televisão busca modelos na realidade mais atual e os reproduz, mesclando tantos estilos e gêneros que chega a ser impossível estabelecer um parâmetro para a linguagem televisiva. O rádio, por sua vez, como prima pelas notícias do momento presente e, dado que o ouvinte não tem outro recurso a não ser o auditivo, difunde uma linguagem que se caracteriza pelo emprego de frases breves, sem muitos adjetivos e advérbios e o predomínio de orações coordenadas, centradas no verbo, sem que haja abuso dos dêiticos.

Guy Lochard (1994) nota que a “espetacularização” da informação pela TV é um traço muito comum nos dias de hoje. Por causa de uma demanda da autenticidade dos showstelevisivos, jornalistas e produtores elaboram programas que se situam na fronteira do entretenimento e da informação. Mas isso dá uma característica ambígua, até mesmo ao contrato de comunicação entre os “locutores” e o telespectador. Essa ambigüidade traduz-se por uma linguagem do estilo “patchwork”, cheia de colagens, de recortes, mesclada entre o nível culto e o popular, repleta de ingredientes sincréticos até então considerados incompatíveis com a televisão.

E, como se caracteriza a linguagem da “narração de futebol”? Que diferenças existem entre a narração no rádio e a da TV, do ponto de vista lingüístico-comunicacional? Iremos nos deter em aspectos exclusivos desse gênero da mídia. Veremos a seguir.

“Survivors”), o “Show do Milhão”, do SBT (também baseado no americano “Who wants to be a millionaire”), o notório “Ratinho”, que se iniciou na Rede Record e foi se propagando para outras redes de televisão, etc.

¹⁶ É o caso de programas “C’est mon histoire” ou o “À toi, l’actu” da FR3, “Sacrée Soirée” ou “Supernana” da TF1 ou um gênero mais hostil em que as pessoas mostram o lado obscuro de suas vidas como o “Mea Culpa”.

2) Aspectos da locução futebolística na mídia

O discurso do locutor de futebol é bastante conhecido. Ele possui traços bem específicos que o diferenciam dos demais discursos divulgados pela mídia oral, principalmente da narração de outros esportes¹⁷. Como o futebol é um esporte de muitos lances rápidos, a fala do locutor futebolístico, conduzida pelos lances, também possui um ritmo rápido, principalmente no rádio. É fácil distinguir a locução de uma partida de tênis, cujo ritmo é lento, da locução de uma partida de futebol: a voz do locutor sempre tende a obedecer aos movimentos na quadra ou no campo.

Muitos se referem ao futebol como um jogo “emocionante”. Isso nos faz pensar que, com o objetivo de envolver o receptor emocionalmente, ao máximo, as “estratégias de credibilidade” dão bastante vazão às “estratégias de captação”.

Retomando a crônica de Drummond citada no início deste capítulo, vemos que se acentua, de forma paradoxal, a importância da verbalização do jogo de futebol. Percebe-se que as “estratégias de captação” anularam as “estratégias de credibilidade”. O locutor não traz a verdade, pois não domina o assunto, mas mexe com o sentimento dos seus ouvintes, fazendo-os crer em sua “verdade” transformadora da realidade. Ele entretém, distrai, faz parte do cenário, do espetáculo, do sonho. Enquanto tudo for sonho, magia, sedução, ele será sempre ouvido, mas se trouxer a verdade crua e doída, ninguém quer mais escutar.

E, de fato, se o time está perdendo, sofreu uma série de gols, e depois um pênalti, quem “sofre” mesmo é o torcedor que não raro desliga o rádio ou a televisão, tirando-o da realidade em que a mídia o colocou e da possibilidade de ouvir, pelas palavras de seu locutor, aquilo que não “pode ser”.

¹⁷ Morando nos EUA, fui assistir a um dos esportes mais populares nesse país: o beisebol. Com meus “óculos sociais” de brasileira, transpondo-me, inconscientemente, de um estádio de beisebol a um estádio de futebol, senti um grande desconforto: primeiro porque, mesmo que os torcedores vistam a camisa de seu time, não se vêem bandeiras, aquela agitação mais intensa antes da partida começar. Depois, diferentemente do futebol, o beisebol é um jogo bem lento, os jogadores só correm no campo, trocando de bases, quando a bola foi rebatida. Senão, permanecem quietos, parados, atentos. Para animar a torcida, durante aproximadamente as 3 horas de jogo, há telões no estádio que anunciam: “clap your hands” (bata palmas), “stomp your foot” (bata os pés), “say hurray!” (diga urra!) e em alguns intervalos, disparam-se camisetas para os espectadores. Há piques de entusiasmo quando a batida é boa, mas aos meus olhos, reinava uma profunda calma no ar. Senti saudade da vibração dos jogos de futebol no Brasil.

Na época em que não havia televisão e o futebol só era transmitido pelo rádio, a imaginação do locutor poderia ter mais asas: ele não era ‘avaliado’ por seus ouvintes, alguns exageros poderiam até ser cometidos¹⁸, no intuito de emocionar mais, atrair mais a atenção dos que estavam sintonizados.

O rádio sempre deu mais oportunidade de criação. Na televisão, a palavra é confrontada pela imagem, o locutor tem testemunhas que não vê, e que podem não concordar com o que diz. Mas, de toda a forma, tanto o rádio como a TV exercem um efeito terapêutico, uma fuga da realidade que deve ser conhecida e dosada na voz do locutor.

Eduardo Subirats (1989) acentua bem dois poderes da TV: o **poder social** – na medida em que é uma janela para o mundo, permitindo que diversos tipos de locutores, programas, etc. participem do seu dia-a-dia, do seu jantar em família, das suas atividades mais corriqueiras, e o **poder terapêutico** – a realidade furtiva “real ou imaginária” da televisão que é capaz de modificar o comportamento de todo um povo.

O futebol é um dos programas que acentua muito bem o **papel social** e o **papel terapêutico** da TV. Mesmo que o time do coração perca no final, valeu a torcida, o entretenimento e se o time vencer, foi também de fato, por causa dessa torcida, em uma interação imensa do telespectador com os locutores, comentaristas, jogadores, técnicos, torcedores no estádio.... todo mundo que ele ouviu ou viu pela TV. O torcedor-telespectador também participou do espetáculo do futebol, também esteve presente. E quando se trata de Copa do Mundo, tanto melhor será, pois não apenas suas angústias, mas as de toda uma nação, serão “amenizadas”, senão “curadas”, se a seleção vencer¹⁹.

¹⁸ Por causa dessa virtude do rádio, conta-se que por volta dos anos 50 um fato curioso aconteceu: o São Paulo Futebol Clube estava jogando em Estocolmo, na Suécia contra um time europeu e a narração pelo rádio, que estava “cada vez com mais interferências”, foi interrompida em um momento drástico: o narrador contava 5 a zero para o time estrangeiro. O torcedor, no Brasil, desesperado e angustiado, não conseguia fazer o rádio funcionar, a estação saíra do ar. Minutos mais tarde, volta o locutor todo feliz, anunciando a fantástica vitória do time paulista, por 10 a 5. E, antes que o torcedor do Brasil jorrasse toda a sua indignação contra a malfadada técnica radiofônica que o impedira de ouvir os 10 gols que derrotaram milagrosamente o time europeu, o locutor lembrou a data: “Feliz Primeiro de Abril”.

¹⁹ Foi esse efeito que se produziu nos franceses quando venceram a Copa de 98. Há quem diga que houve mais estabilidade na economia européia, facilitando até a implantação do Euro. O mesmo é dito em relação ao Real, no Brasil, que se tornou rapidamente estável após seu lançamento, pois o povo confiou mais no país, já que a seleção brasileira venceu a Copa em 1994.

A função interacional com o telespectador é o mais importante enfoque de sua fala. Mesmo os diálogos com os comentaristas, tudo ocorre em função do seu “interlocutor ideal”, aquele que está em casa. E tal interação pela voz é tão marcante que, assistir a um jogo pela televisão sem a presença do locutor, transforma os jogadores em bailarinos, como se seu objetivo não fosse o de marcar gols, mas sim, o de exibir sua performance física, um prazer aos olhos tão simplesmente.

No conhecido filme “Um estranho no ninho” de Milos Forman (1975), Jack Nicholson faz o papel de um prisioneiro em tratamento em uma clínica psiquiátrica. Em um determinado dia, solicita que a televisão seja ligada para que ele e outros pacientes possam assistir a um jogo de beisebol. No entanto, este direito lhe é negado. No momento do jogo, diante da TV desligada, ele passa a imaginar uma narração perfeita, como se, de fato, estivesse vendo o jogo. Os outros doentes da clínica começam a vibrar com sua narração e a frustração por não poder assistir ao jogo é, desta forma, amenizada. Uma narração imaginada, mas completamente interacional, com picos de emoção pelo volume e ritmo da fala permitiu a ele e ao grupo viver uma realidade da qual, na verdade, não estavam participando. Mais uma vez é o papel sócio-terapêutico da TV, exercido pela narração dos jogos, e causando impacto no telespectador.

Ao aproximar-se da linguagem televisiva do futebol, Armando Nogueira, um dos maiores jornalistas e cronistas esportivos do país, é bastante crítico. Em uma entrevista concedida em junho de 1999 à Gazeta Mercantil²⁰, ele afirma que a locução futebolística pela televisão empobreceu muito com o decorrer dos anos. Para ele, o texto deve ter tanta ou mais importância do que a imagem e não desviar-se dela. São estas as suas palavras:

“...o esporte repousa muito no épico, na emoção, no lúdico. E tudo o que é lúdico é poético. Então, você pode introduzir na locução metáforas de lirismo, de sabor poético, porque o esporte não se resume à vitória e à derrota, é a expressão de um estado de espírito, é um gesto que é esculpido por uma luz que vem da palavra. A palavra ajuda a esculpir o gesto, recria o gesto do atleta.”

²⁰ (cf. <http://www.brasilnews.com.br/brasilnews/jornalismo/noticias/06089914.htm>).

O locutor que domina bem a palavra, leva ao seu ouvinte esse lado poético. A “recriação do gesto do atleta” pela palavra faz do esporte uma “arte” e não simplesmente um “jogo”. No entanto, não é preciso apenas saber lidar com a arte da “recriação pela fala”, mas também com os veículos de comunicação. Para Armando Nogueira, há uma overdose de emoção na televisão, como se o telespectador também não estivesse vendo o que está ocorrendo em campo. Ele crê que o tom da voz do locutor tem que ser mais baixo, sem a necessidade de ser tão enfático quanto no rádio. E também aponta que, na televisão, freqüentemente o comentarista desvia a atenção da partida para uma informação longínqua sobre temas que não se relacionam ao que está ocorrendo em campo. Nogueira vê o futebol como um filme cujo script está em aberto e o desfecho é desconhecido. E é por isso que as informações devem estar concentradas no “suspense que o lance inspira”.

Rocha Filho (1989, 1997), estudioso da linguagem do futebol no Brasil, analisou o estilo de narradores de futebol quando se desempenhavam em narrações futebolísticas no rádio ou na televisão. Os narradores (no mesmo jogo, no Brasil, geralmente são três: o locutor, que tem o domínio da palavra, o comentarista e o repórter de campo), ao mesmo tempo que narram a partida, dialogam entre si e também com um interlocutor imaginário: o torcedor anônimo. Rocha Filho observa que existem momentos ideais para a troca de turnos, feita sempre sob o comando do locutor, de acordo com o rolar da bola em campo.

Traçando um paralelo entre a narração feita no rádio e a narração feita na televisão²¹, Rocha Filho, em sua pesquisa de mestrado (1989) observa que os tempos verbais são diferentes: na televisão, a narração é quase sempre posterior à ação, ocorrendo o predomínio do tempo passado, enquanto no rádio, o tempo predominante é o presente.

Ele analisou o estilo individual do locutor de futebol, marcado por contornos de sua voz e pelo seu discurso, e observou que o estilo entre os narradores de rádio não é muito variável. Existe um ritmo e características fonoestilísticas que determinam e diferenciam a narração futebolística de outros tipos de narração.

Sua pesquisa de doutorado (1997) deu continuidade ao trabalho desenvolvido em seu mestrado. Vários textos futebolísticos do rádio e da televisão no Brasil serviram de base para

²¹ O autor resume desta forma a atuação do locutor nos dois veículos de comunicação (1989:21 e 22): “O rádio informa e a televisão confirma”.

sua investigação. Ele considera a narração futebolística como uma “narrativa oral do gênero épico”, visto que é a “polaridade latente entre narrador e mundo objetivo”. Tal narração manifesta-se em um duplo sincronismo²² entre a ação a ser narrada e a interpretação da mesma pelo locutor. Ele analisa os vários processos que compõem a narração futebolística e conclui que:

1) existe uma prosódia, inerente a esse gênero oral, que se estende sobre uma sintaxe subordinada aos parâmetros da fala que acompanha o jogo;

2) o narrador épico também desempenha um outro papel quando deixa de narrar a trama e dialoga com outros interlocutores, presentes ou não (o torcedor imaginário);

3) uma relação metafórica entre o conceito do jogo e o conceito da guerra²³ são aceitos intersubjetivamente dentro do universo do futebol que se associa a um mundo viril interpretado por movimentos de tensão e relaxamento, velocidade e inércia, força e sutileza tanto no campo como na voz do locutor²⁴;

Finalmente, o autor conclui que existem dois padrões narrativos distintos, embora interdependentes: um padrão geral, característico das narrações futebolísticas como um todo, principalmente as de rádio e outro específico, focalizando um determinado locutor, de acordo com seu caráter próprio e estilo único. Esse narrador, muitas vezes, revela, por intermédio de traços de sua narração, o time da sua preferência e narra o jogo estimulado pelo seu lado “torcedor”.

A narração futebolística acontece no tempo e no espaço em que se encontra o locutor. O receptor compartilha realmente do *tempo*, ao marcar os mesmos minutos de jogo

²² O autor considera o fenômeno de ‘duplo sincronismo’ o fato de haver duas relações sincrônicas durante a narrativa: 1) a sincronia entre narrador, narrativa e platéia e 2) a sincronia resultante das circunstâncias que envolvem um espetáculo narrado à viva voz.

²³ Tal relação metafórica faz pensar que a guerra, como o futebol, é muito mais feita de homens do que de mulheres, se bem que estas vêm ganhando cada vez mais espaço nessa “batalha”, participando dos Jogos Olímpicos e outros torneios de destaque mundial. Nos Estados Unidos, o futebol feminino tem sido bem mais difundido nas escolas do que o masculino.

²⁴ Por falar em “voz” do locutor, este é um universo também bastante masculino, pois dificilmente, a locução do futebol será feita por uma voz feminina.

em seu relógio, mas compartilha “ilusoriamente”²⁵ do *espaço*, ao qual só tem acesso pela “janela comunicacional” proporcionada pelo rádio (janela ‘auditiva’) ou proporcionada pela televisão (janela ‘auditivo-visual’).

Por essa “janela”, a mídia radiofônica e televisiva possibilita que o *evento narrado* seja presenciado, vivenciado pelo ouvinte/telespectador no momento em que acontece. E, assim, contrasta com o que Bakhtin afirmou sobre o problema essencial da narração²⁶:

“Se narro (ou relato por escrito) um fato que acaba de me acontecer, já estou, enquanto narrador (ou escritor), fora do tempo e do espaço onde ocorreu o evento. Por mais verídico e realista que seja o mundo representado, não poderá jamais ser idêntico, do ponto de vista espaço-temporal, ao mundo real, que representa aquele onde se encontra o autor que criou essa imagem”.

O locutor de futebol quebrou essa ‘regra’ da narração em que o narrador não se localiza no tempo/espaço da ação. Ele acompanha tudo o que se passa e simultaneamente transmite a seu ouvinte.

Um discurso do gênero “locução de futebol” é, em primeiro lugar, identificado por causa da oralidade, dos traços prosódicos de ritmo, volume e tonicidade e intensidade. A narração de futebol, mesmo que possa ter atualmente variantes na língua escrita²⁷, é por excelência “língua falada”, com todas as características desse tipo de comunicação.

Ao contrário do que se possa imaginar, o texto falado não apresenta uma falta de organização ou uma estrutura confusa. Justamente por fazer sentido, por estar sujeito a uma organização que prima pelo bom entendimento entre parceiros conversacionais (mesmo que sejam “imaginários”, como é o caso da interação pela mídia), é que fazem parte de sua composição as atividades relativas à sua dinâmica, à sua construção. O texto falado é coerente e dinâmico e, por isso, é composto de estratégias que dizem respeito à essa

²⁵ Mesmo que o ouvinte esteja presencialmente no campo, acompanhando a narração por seu radinho de pilha, não está na cabine junto com o locutor e seu ângulo de visão pode ser diametralmente oposto, podendo não compartilhar das coisas que seu locutor vê.

²⁶ In: “*Esthétique et théorie du Roman*”, 1978. Apud J-M Adam, “Le texte narratif”, 1985.

²⁷ No Brasil, já existe narração de futebol por escrito, em tempo real na Internet (<http://www2.futebolao vivo.com.br>). Os locutores narram e comentam o jogo, ao interagirem com os “internautas” (em uma “sala de conversação”). Símbolos da escrita que sintetizam voz alta (como maiúsculas), exclamações e ícones específicos ajudam a marcar a prosódia desse gênero discursivo. É língua escrita com “acentuações” da língua falada.

“coerência” e a essa “dinâmica”. Ele é continuamente reestruturado. E dessa reestruturação constante, fazem parte inúmeras “estratégias” de construção ou de comunicação, todo um elenco de atividades cognitivas e interacionais que desempenham um papel importante dentro de um determinado gênero.

O discurso do locutor de futebol é bastante diversificado, tal como a imagem de “patchwork” proposta por Lochard. Isso se dá porque as vozes do locutor, da emissora e de torcedores se misturam em uma narração espontânea que acontece **no mesmo momento** em que o evento narrado se realiza. O locutor, ao incorporar 'diferentes vozes', desempenha múltiplas funções, como: comentarista, debatedor, torcedor, propagandista²⁸. A locução futebolística encontra-se, assim, em uma tipologia discursiva mesclada de acordo com os vários posicionamentos do locutor. Como ele divide, muitas vezes, seu papel com outros “atores”, profissionais do futebol que compartilham do mesmo cenário enunciativo e a quem também é dado o microfone da locução (como o comentarista ou repórter de campo), o mosaico desse gênero passa a ser ainda mais diversificado. Vários subgêneros (ou ainda ‘seqüências discursivas’, como discutiremos adiante) compõem essa tipologia, pertencente a uma “narração interativa”, conforme explicamos no tópico a seguir.

2.a) Subgêneros do discurso “locução de futebol” e as seqüências discursivas dos eventos de uma “narração interativa”

- A locução de futebol é uma “narração interativa”:

Todo texto possui uma arquitetura interna, a maneira pela qual ele é construído. Um texto oral espontâneo se constrói na medida em que *interações* e *situações* vão ocorrendo. A diversificação de subgêneros e de subseqüências de que se constitui a *locução de futebol* deve-se justamente a esses dois fatores, não segue um plano rígido, dependendo, principalmente, do que ocorre em campo.

²⁸ Dependendo do locutor, ele é humorista, colonista social... há várias outras funções que ele pode exercer.

Bronckart (1996: cap. 4) procura traçar a arquitetura interna dos textos. Ele concebe um texto constituído de três camadas sobrepostas: a *infraestrutura geral do texto*, os *mecanismos de atualização* e os *mecanismos de responsabilidade enunciativa*. A infraestrutura de um texto * relaciona-se a um plano geral, ao seu conteúdo temático (no caso, o “futebol”), aos diversos segmentos que compõem os tipos de discurso dentro de um texto (e na narração de futebol, tais segmentos estão prioritariamente ligados aos acontecimentos em campo) e às articulações entre os tipos de discurso (no futebol, a articulação entre seus subgêneros e as seqüências da “narrativa”). Os mecanismos de atualização estão articulados à linearidade do texto. São eles os de conexão, de coesão nominal e de coesão verbal. Os mecanismos de responsabilidade enunciativa referem-se à coerência pragmática que se dispõe em diferentes “vozes” e em modalizações que traduzem diversas formas de avaliação (modalizações lógicas, apreciativas, pragmáticas, etc.)

Bronckart reporta-se aos “mundos discursivos” e para isso baseia-se em Weinrich. Segundo Weinrich (1991:cap.2), há dois mundos discursivos em gêneros literários: o *comentado* e o *narrado*. O *mundo comentado* pertence a “descrições”, resumos, explicações e dele fazem parte os seguintes tempos verbais: o presente, o passado composto (*passé composé*), o futuro do presente e as locuções verbais formadas com esses tempos. O *mundo narrado* é observado em contos e histórias narrativas e dele fazem parte os tempos verbais: pretérito imperfeito, mais que perfeito, o passado simples (*passé simple*), o futuro do pretérito e as locuções verbais formadas por esses tempos.

Ao analisar dois gêneros literários diferentes, Weinrich (op.cit:36-37) constatou que, em um texto de exposição teórica (ele analisou o primeiro capítulo do livro *Introduction à l'étude de la médecine expérimentale*, de Claude Bernard), há cerca de 91% de tempos comentativos e apenas 9% de tempos narrativos, enquanto em um texto do gênero conto (ele analisou o conto *La femme adultère*, de Albert Camus), há cerca de 95% de tempos narrativos e apenas 5% de tempos comentativos.

Para Weinrich, os tempos narrativos fazem parte do passado, um momento distante da enunciação. O mesmo não acontece com a locução futebolística, por causa do sincronismo entre a existência dos fatos e a sua transformação em discurso. No entanto, temos no gênero “locução de futebol”, a mesma contraposição entre o mundo narrado e o mundo comentado.

Em geral, é função do “narrador” do jogo, “narrar” os eventos em campo e função de um “comentarista” (ou mais de um, dependendo do jogo e da emissora), “comentar” as ações. O interessante é que tanto o ‘narrador’ como o ‘comentarista’ irão utilizar verbos no presente ou no passado ou mesmo no futuro se estiverem fazendo previsões, por exemplo, para outras jogadas. Cremos não haver uma ‘regra’, nesse aspecto, em se tratando de locução esportiva.

Bronckart (op.cit:155) faz uma nova leitura de Weinrick, trazendo a distinção entre o “contar” e o “expor”. Em sua releitura, o “contar” sempre se relaciona a um lugar, a um mundo semelhante, podendo ser avaliado ou interpretado por aqueles que serão os receptores do texto. O “expor” se relaciona a fatos demonstrados e, por isso, será o objeto de uma avaliação baseada em critérios que possam validar os conhecimentos do mundo ordinário. Transpondo para a locução futebolística, o “contar” fica por conta do “narrador” e o “expor”, por conta do “comentarista”.

Bronckart ainda traz outra oposição: entre a “implicação” e a “autonomia” de um discurso. Um discurso “implicado” traduz-se por uma intensa interrelação deste com a situação enunciativa (por isso os dêiticos estarão sempre presentes nesse discurso). É o que se tem em “diálogos”, “propagandas”, “contos”, “palestra”, “sermão” e qualquer outro gênero que interpela o leitor ou o ouvinte. O discurso “autônomo”, por sua vez, não depende de uma determinada situação, ele existe e pode ser enunciado a qualquer momento. É o que ocorre em “leis”, “textos científicos”, “narrações teóricas”, etc.

Cruzando esses dois tipos de oposição, Bronckart define quatro mundos discursivos: o mundo do “expor implicado”, o mundo do “expor autônomo”, o mundo do “contar implicado” e o mundo do “contar autônomo”. Assim, um *discurso interativo* é peculiar ao mundo do “expor implicado”, ao passo que uma *narração interativa* faz parte do mundo do “contar implicado”; um *discurso teórico* pertence ao mundo do “expor autônomo” e uma *narração (policia ou científica, por exemplo)* concerne ao mundo do “contar autônomo”. Pela interatividade característica da locução esportiva e pelo relato dos fatos que ocorrem no jogo, o discurso do locutor futebolístico insere-se no mundo do “contar implicado”, sendo, portanto, uma **narração interativa**.

A narração interativa, conforme o autor explica (op.cit.:175-178), é definida como um tipo de discurso em princípio monologal, desencadeado a partir de uma situação “real” de

interação (originalmente oral), ou pela “encenação” de um gênero escrito (como uma peça de teatro). Ela comporta organizadores temporais (advérbios, sintagmas preposicionais, coordenativos, subordinativos, etc.) para dar base ao “contar”. Os tempos mais usuais são o passado (*em francês, especificamente o “passé composé”*) e o imperfeito²⁹, aos quais são associados o pretérito mais que perfeito, o futuro simples e futuro do pretérito.

Há grande presença dos pronomes e adjetivos relativos à primeira e à segunda pessoa do singular e do plural, o que remete diretamente aos protagonistas da interação verbal. Anáforas pronominais ou nominais (repetições da mesma palavra) também são bastante freqüentes. A narração interativa tem uma densidade verbal bem intensa (aproximadamente 0,162 verbo por palavra), mas uma densidade sintagmática fraca (muitas sentenças são interrompidas, justapostas ou inseridas).

Em se tratando de futebol, no Brasil, sempre nos referimos à locução futebolística como “narração”. Os franceses, por sua vez, referem-se à mesma como “comentário”³⁰. Nossa análise irá apontar algumas características que ressaltam a *narração* e o *comentário* dentro do universo desse gênero do discurso nos dois países (e aqui valem as perguntas: de acordo com o que foi discutido sobre o *mundo comentado* e o *mundo narrado*, e a ordem do “expor” e do “contar”, o locutor francês “comentaria” mais, por isso é “commentateur” e o brasileiro “narraria” mais, por isso é “narrador”? Ou essa escolha é totalmente arbitrária? Ou, ainda, estaria relacionada a um outro fator de ordem cultural?). Mesmo que os franceses prefiram chamar seus locutores de “commentateurs”, a locução futebolística se realiza no mundo do “contar”, do “narrar” uma série de eventos, numa interação bastante intensa com ouvintes ou telespectadores. Os “comentários” desse gênero ocorrem em função do evento narrado, dando até mais vigor para a interação, aproximando a “instância receptora” dos fatos e da lógica do jogo. E a “conversação” entre locutores também participa dessa “narração interativa”.

²⁹ Por ter por base em Weinrich, Bronckart considera a *narração interativa* como integrante de um evento narrativo ocorrido em um tempo anterior ao da locução, por isso, o *passado* predomina em detrimento do *presente*, momento em que ocorrem ambos o jogo e sua narração. Em nossa análise, observaremos as variantes temporais da locução de futebol, segundo o suporte (rádio ou TV), o estilo do locutor e, principalmente, a sua utilização na mídia brasileira ou na francesa.

³⁰ Como já observamos anteriormente, os locutores brasileiros são comumente chamados de “narradores”, mas os franceses, de “commentateurs”.

Antes de destacar as seqüências discursivas dos eventos de uma “narração interativa”, será propício contemplar os três subgêneros ou *movimentos discursivos* da “locução do futebol”.

Subgênero da locução de futebol

São três os ingredientes básicos de uma locução futebolística: a narração, o comentário e a conversação:

➤ A narração

Narrar é uma ação bem corriqueira das nossas atividades discursivas. Weinrich (op.cit.:33) afirma que “narrar é manifestamente um comportamento humano, é uma de nossas atitudes face ao mundo”. O futebol é sobretudo “narração”. E por quê? Já verificamos que ele pertence ao “contar implicado”, classificando-se, portanto, como uma “narração interativa”, mas vejamos alguns modelos de análise que dão conta do que seja uma “narração”.

Se tomarmos a estrutura semiótica da narrativa de Greimas (1966)³¹, observamos nitidamente todos os componentes de realização de um jogo: um *sujeito* (nosso time/nossos “heróis em campo”) deseja um *objeto* (o título de vencedor). Ele é assistido por um *coadjuvante* (o técnico que os treina), mas tem de lutar contra um *opositor* (o time adversário). O *destinador* é quem promove a ação (como as Federações de Futebol) e o *destinatário* é quem finaliza a ação (o time que marcou os gols e venceu a partida).

Charaudeau (1992: 3ª. Parte, cap.4) indica que, em uma *narrativa*, é necessário haver o *princípio de intencionalidade*, ou seja, de um estado inicial, onde existe um problema a ser resolvido, o sujeito da ação fará uma busca para atualizar o seu estado, no sentido de ‘resolver o problema’. O resultado da busca será: sucesso ou falha.

No futebol, existe este princípio, podendo, também por isso, ser *narrado*. Observemos um jogo em função desse princípio. No estado inicial, os dois times têm um “problema a ser resolvido”: vencer a partida. No estado de atualização, os dois times

³¹ O modelo de Greimas pode ser aplicado a qualquer discurso, pois tem por base a idéia de que uma estrutura narrativa se manifesta em qualquer tipo de texto.

procuram marcar gols contra o adversário. E, no estado final, haverá um resultado obtido: vitória ou derrota de um dos times (ou empate, no caso de partidas intermediárias, pois em decisões de campeonato, havendo o empate, haverá outras estratégias, como prorrogação da partida ou disputa por pênaltis até que haja um vencedor).

Bres (1994:74) reforça o fator “temporalidade” como critério para a narratividade. Ele cita Labov (1972 e 1977)³² que define a narratividade como “qualquer seqüência de frases contendo pelo menos uma junção temporal”. Essa junção temporal, para constituir uma “narração”, deve respeitar a “sucessão” de eventos: uma ação deve ser reportada como anterior ou posterior a uma outra ação dada. Vários fatores lingüístico-gramaticais marcam essa ‘junção’ de ações. Desde a simples justaposição de frases, como frases ligadas por conjunções coordenativas ou subordinativas.

O futebol é marcado pelo relógio, ou melhor, pelo cronômetro do juiz, o qual rege dois períodos com 45 minutos cada um (ou um pouco mais se assim determinar). O fator tempo é, então, fundamental para o desenvolvimento de uma partida e constantemente é lembrado pelos locutores³³. Dentro do tempo em que ocorre a partida, observa-se que uma ação desencadeia outra. Há uma sucessão de ações, dependentes entre si: se um jogador chuta a bola a gol (ação 1), o goleiro e os jogadores da defesa irão tentar impedir que o gol ocorra (ação 2); se um jogador comete uma falta (ação 1), o juiz decidirá o tipo de penalidade (ação 2), e assim por diante.

Como a locução de futebol se coaduna com esses modelos apresentados, percebe-se que esta é, de fato, uma “narração por excelência” e, por isso, permeada de seqüências narrativas. Entretanto, nem tudo no futebol é “pura” narração. Bres (op.cit: 78) refere-se a uma estrutura narrativa (ainda com base em Labov) que decompõe a narração em duas partes centrais: *a parte narrativa*, constituída da “complicação” e da “resolução”³⁴ e a *parte avaliativa*, constituída do “resumo” (uma proposição que resume o que foi dito ou está por

³² Cf. Referências citadas por Bres: LABOV, W. (1972) “La transformation du vécu à travers la syntaxe narrative”, trad. p/ francês do cap. 9 de *Language in the inner city* e LABOV W. e FANSHEL D. (1977) *Therapeutic discourse*, Academic Press.

³³ No Brasil, o cronômetro do locutor é zerado no intervalo entre os tempos e a contagem dos minutos recomeça novamente a partir do segundo tempo. Na França, ao contrário, o cronômetro é apenas “suspendido” e acionado novamente a partir do segundo tempo. Assim, o “10º minuto do segundo tempo”, na linguagem do locutor brasileiro, equivale ao “55º minuto de jogo” para o locutor francês (ou mais, dependendo de quantos minutos foram jogados no primeiro tempo).

³⁴ Como no modelo de Charaudeau, a “complicação” traz o evento e a “conclusão”, sua resolução.

vir “do que se trata?”), da “orientação” (que fornece indicações de tempo, lugar, atores e seu comportamento “quem, onde, quando, o quê?”), da “avaliação” (que justifica a continuação da narração, reforçando principalmente a interatividade “e então?”, “viva!”) e da “coda” (que assinala o fim da narração, levando o narrador e o ouvinte ao ponto que estavam antes da narração começar: em português, os contos infantis geralmente terminam por uma coda como “acabou-se o que era doce”, “acabou a história, morreu a vitória”; em francês, geralmente é a fórmula “tout est bien qui finit bien”).

De certo modo, podemos afirmar que facções dessa “parte avaliativa” referem-se aos “comentários” sobre a partida enquanto está sendo narrada.

➤ O comentário:

O “comentário” que, como define o dicionário Aurélio, é a “apreciação ou a análise de um fato”, ocorre em função da narração dos eventos ocorridos em campo. Por vir ‘inserido’ no discurso “narrativo”, pode ser compreendido como “inserções no discurso”.

A inserção, que é a introdução de um pensamento, uma idéia, ou qualquer material lingüístico ao fluxo normal da fala do locutor no processo interacional, possui diversas funções. Koch (1997:66) considera a ‘inserção’ uma estratégia que serve para:

1. facilitar a compreensão do interlocutor. E nesse caso, pode ser útil para: a) introduzir explicações ou justificativas; b) recuperar um conhecimento prévio para o pleno entendimento de um assunto a ser discutido; c) apresentar exemplificações; d) introduzir comentários metaformativos.
2. despertar ou manter o interesse do parceiro e/ou criar um ambiente de cumplicidade. Nesse caso, auxilia a formulação de questões teóricas ou introdução de comentários jocosos.

Observamos essas mesmas funções nos comentários realizados no curso de uma narração de futebol. O comentário tem suas complexidades, pois sai do plano da “narração”, para o plano da “explicação”, da “compreensão”, do “raciocínio”, ou da “argumentação” propriamente dita.

Às vezes, o “comentário” é exercido pelo locutor principal ou “narrador” do jogo, mas nem sempre isso ocorre e, como já nos referimos, outro “locutor”, um locutor secundário

(“comentarista” ou “repórter de campo”) toma posse do microfone, a convite ou não do locutor principal, para dar sua opinião, uma nova informação (concernente ou não aos acontecimentos no campo), fazer uma explicação ou reformular um ponto de vista. Ocorre, então, um diálogo, uma espécie de “conversação” entre ambos. Vejamos como ela se manifesta.

➤ A conversação:

Marcuschi (1986:15) indica que, para haver uma “conversação”, são necessários vários elementos básicos. Ao citá-los, faremos uma contraposição com a “conversação” na locução de futebol.

São eles: 1) interação entre pelo menos dois falantes (em qualquer narração futebolística há necessariamente um ou dois comentaristas, na cabine, com o locutor, e mais um ou dois repórteres de campo - sobretudo na locução pelo rádio - que são sempre interpelados pelo locutor para ‘conversarem’ a respeito da ação em jogo, ou de outros assuntos relativos à situação em campo); 2) ocorrência de pelo menos uma troca de falantes (é normal, haver várias trocas entre os falantes durante o tempo da narração); 3) presença de uma seqüência de ações coordenadas (a conversa futebolística, em uma narração de futebol, é reflexo de ações no campo - o jogo - e obedece a uma estrutura lógica de raciocínio); 4) execução em uma identidade temporal (todos os interlocutores interagem durante o espaço de tempo em que ocorre a partida); 5) envolvimento em uma “interação centrada” (o envolvimento com o jogo e o comentário a respeito do que se passa durante sua extensão).

Além dessas características essenciais, há também uma assimetria no diálogo, característica de debates, “talk shows”, entrevistas muito comuns na mídia³⁵ e as outras organizações do turno conversacional (toda a sorte de marcadores conversacionais, falas simultâneas, sobreposições, pausas, silêncios, hesitações, correções, repetições, etc.).

- Seqüências discursivas dos eventos da “narração interativa na locução de futebol”

Retomando a arquitetura interna dos textos, Bronckart (op.cit.: 219) observa sua organização “seqüencial” ou “linear”, dando-lhe uma característica de *heterogeneidade*. Os

³⁵ No Brasil, o locutor-narrador é o detentor do “rumo da conversa”, tem o poder de interromper e trocar turnos, mas na locução francesa, especialmente na televisiva, predomina uma “simetria” - sempre há dois “commentateurs” que trocam de turnos, muito mais freqüentemente, sem que um

- Transformação (o ator-sujeito experiencia um acontecimento que o transforma, dá-lhe um novo atributo)
- Resolução (conclusão final do processo transformacional)

Acentuando o caráter dialógico dessa seqüência, Bronckart (op.cit.:237) insiste que sendo breve ou longa, a seqüência narrativa dispõe os eventos evocados de maneira a criar uma *tensão* e depois resolvê-la, mantendo a atenção do interlocutor. Os eventos se encontram organizados de forma coerente, o que permite ao interlocutor compreender os desafios da atividade humana.

➤ Seqüência descritiva

O protótipo descritivo se caracteriza não por uma linearidade, mas é composto de fases que se encaixam *hierarquicamente*. Essa seqüência, que permite ao interlocutor “criar a imagem” de um objeto e ser guiado pelo locutor de acordo com uma progressão espacial, temporal ou hierárquica, possui três fases principais:

- A ancoragem - trata-se da nominalização de um “tema-título” (o que se está descrevendo, que pode aparecer no início ou no fim da seqüência, ou no meio se houver uma *reformulação*)
- A aspectualização - onde se enumeram os diversos aspectos do “tema-título”, suas partes, suas propriedades (inclusive aspectos da “topografia”, o lugar onde se desenrola um acontecimento, e da “cronografia”, a descrição do tempo de um evento pelas circunstâncias de sua realização)
- A vinculação - a assimilação dos elementos descritos a outros elementos, por meio de operações comparativas ou metafóricas

Bronckart (op.cit. 247) nota bem que a seqüência descritiva é suscetível de suceder-se em qualquer tipo de discurso, particularmente, no discurso da ordem do “contar”. A articulação de elementos narrativos e descritivos conferem a *coesão verbal* a um texto: de um lado, os enunciados exprimem a *progressão cronológica* dos eventos e, de outro, apresentam as *características* onde se inscreve essa progressão.

➤ Seqüência argumentativa

O protótipo de uma seqüência argumentativa, cujo objetivo é “convencer” o interlocutor, apresenta-se através das seguintes fases:

- Apresentação de premissas (dados de partida)
- Apresentação de argumentos (elementos que apontam uma provável conclusão: regras, lugares-comuns, exemplos, etc.)
- Apresentação de contra-argumentos (que se opõem aos argumentos anteriormente apresentados, através de exceções à regra, outros exemplos, etc.)
- Conclusão: (“tese” que integra os efeitos dos argumentos e contra-argumentos)
- Seqüência explicativa

O protótipo da seqüência explicativa, que tem por função “explicar” como se resolve um problema, é caracterizado pelas seguintes fases:

- Uma constatação inicial (introduz um objeto, uma situação ou um evento concreto, incontestável)
- Problematização (o desenvolvimento de uma questão a respeito da causa de uma contradição aparente)
- Resolução (a “explicação” do problema, por meio de informações)
- Conclusão-avaliação (reformulação da constatação inicial)

Devemos ressaltar que, por causa do caráter dialógico das seqüências argumentativa e explicativa, muitas vezes ocorre uma miscigenação entre elas, como bem nota Bronckart (op.cit: 237-238). Se o locutor nota que um fato é difícil de ser compreendido, ou seja, “problemático”, ele procura elaborar uma “explicação” para seu interlocutor mas, se um fato lhe parece “contestável”, tende a organizar uma “argumentação”. No entanto, é muito comum que um fato pareça “problemático” e “contestável” ao mesmo tempo. Por isso, faz-se uso de uma “explicação argumentativa” ou de uma “argumentação explicativa”. No futebol, por causa da análise das ações dos jogadores, é muito freqüente esse tipo de seqüência ‘miscigenada’ quando dos “comentários”. Buscando a facilidade de comunicação com o interlocutor, são inúmeros os exemplos de “argumentos explicativos” ou de “explicações argumentativas”. Apesar da separação específica sugerida por Adam, preferimos englobar ambas as seqüências em uma única, que chamaremos de “seqüência argumentativo-explicativa”.

- Seqüência dialogal

A seqüência dialogal é apresentada em segmentos de discurso interativos ‘dialogados’. Basicamente, é composta por turnos de fala (característica essencial de uma “conversação”) que tomam a forma de:

- Discurso interativo primário: falas assumidas diretamente pelos locutores engajados numa interação verbal
- Discurso interativo secundário: falas atribuídas a outros personagens colocados na cena do discurso.

Outras seqüências:

➤ Seqüência injuntiva

Por meio da “injunção” o locutor impõe uma ação a ser realizada pelo interlocutor. Versões anteriores da obra de Adam³⁷ concebem a “seqüência injuntiva”, bem como a “expositiva”, como autônomas. Atualmente, ele subordina tais seqüências a outras. A injuntiva, por distinguir-se em textos do tipo “procedimental” e entendida como “descrição de ações” (por ex. uma “receita culinária”), torna-se parte da “seqüência descritiva”. Bronckart, no entanto, não a compreende assim. Ele não vê na injunção uma “descrição”, mas sim, uma “ação”, já que o interlocutor é induzido a “fazer” algo.

³⁷ Cf. Adam 2002:33

A seqüência injuntiva ocorre com freqüência na locução futebolística. Devido à interatividade, é muito comum o locutor estimular jogadores, torcedores no estádio ou ouvintes pelo rádio ou TV a se manifestarem de alguma forma, a praticarem algum tipo de ação (ex.: “vamos”, “joga essa bola pra frente”, “é isso aí, torcida brasileira”, “attention”, “allez les Bleus”, etc.).

Dentro da seqüência injuntiva, observamos grande ocorrência de “interpelações”. A “interpelação”, segundo Charaudeau (1992:579), caracteriza-se por distinguir, em um enunciado, uma pessoa a quem se dirige a palavra. Frequentemente, a interpelação adianta-se a uma seqüência injuntiva ou a segue (“allez les Bleus”, “Bebeto, olha o que você está fazendo”, etc.)

➤ Seqüência declarativa

Para anunciar um fato, faz-se uso de uma “declaração”. Charaudeau (1992: 616) afirma que o locutor que “declara” possui um saber que seu interlocutor não possui ou duvida da verdade de uma informação. Em uma seqüência declarativa, podem existir variações como a confissão, a revelação, a afirmação ou a confirmação. No futebol, “declara-se”, “anuncia-se” o início ou o fim do jogo, mas durante o partida também pode-se observar o emprego de uma seqüência desse tipo, conforme a situação que ocorrer em campo.

➤ Seqüência exclamativa

Se um fato, uma ação, um objeto qualquer desperta emoção por parte do locutor, este demonstra sentimentos de apreciação, depreciação, alegria, raiva, dor, espanto, frustração, etc., fazendo uso de uma ou várias frases exclamativas. Tais frases têm traços prosódicos bem característicos (entoação mais elevada, acentuação de sílabas tônicas, prolongamento de vogais) aplicados em menor ou maior escala, dependendo da dramaticidade envolvida.

Essa seqüência é a maior responsável pelo efeito emotivo dos jogos de futebol. Como o apelo emocional é a base da seqüência exclamativa, nela podem estar inseridos todos os

tipos de palavras e construções das mais variadas formas, mas normalmente frases exclamativas são introduzidas por pronomes ou advérbios de sentido intenso (Bechara, 1970). Ela pode vir autonomamente (como no ex.: “Nossa! Minha mãe do céu!”) ou em conjunto com outras seqüências (geralmente uma seqüência narrativa e/ou descritiva e/ou injuntiva, por ex.: “Olha a bola! Passando por entre as pernas do goleiro! Que bela jogada!! IN-crí-vel!”).

➤ Seqüência digressiva

Essa seqüência, que possui características da seqüência descritiva ou narrativa, pode ser inserida a qualquer momento no discurso futebolístico (principalmente em momentos de lentidão do jogo). O locutor desvia o foco das ações no jogo para incluir uma observação a respeito de algum elemento do quadro enunciativo. Ao se ausentar do “evento do jogo”, o locutor faz uso de digressões para “descrever”, por exemplo, o uniforme colorido de um jogador, ou “contar” um fato estranho ao jogo, como um episódio da vida profissional ou particular de um jogador, etc. Dessa forma, o locutor, aproveitando de uma monotonia em campo, “informa” ao mesmo tempo que “entretém” seus ouvintes.

As seqüências indicadas acima são as que mais caracterizam a locução de futebol. Em relação à forma como elas se ligam umas às outras, Adam (2001:44) indica três bases combináveis:

- Por coordenação (sucessão das seqüências)
- Por alternância (montagem em paralelo das seqüências)
- Por encadeamento (seqüências inseridas uma na outra)

A observação de seqüências na narração esportiva já foi sugerida anteriormente. Peytard e Moirand (1992:187-191), ao fazerem uma breve análise de um início de partida entre a França e a Itália, na Copa realizada em 1978 na Argentina, observam três tipos de seqüências na abertura do jogo. Como um gol ocorrera aos 40 segundos da partida, puderam perceber três eixos: o da “narração” propriamente dita, o da “metanarração do evento” e do da “metanarração da situação”. Tomando como apoio a classificação das seqüências de

Adam, observamos que o eixo da *narração* refere-se à “seqüência narrativa” (o locutor ‘conta’ o que está acontecendo no jogo); o eixo da *metanarração do evento* relaciona-se à “seqüência argumentativo-explicativa”, (o locutor, com base num lance ocorrido, interpreta-o, explicando a jogada, dando detalhes da ação e traçando conclusões sobre o desencadeamento dessa ação) e o eixo da *metanarração da situação* diz respeito à “seqüência digressivo-descritiva” (o locutor cessa de narrar o jogo, passando a “descrever” o estádio da cidade de Mar del Plata e relacioná-lo com a colônia italiana ali residente).

Em um jogo de futebol, observamos vários eventos, uns de menor outros de maior importância. Os eventos mais significativos, que exploraremos em nossa análise, são o “início do encontro”, os “chutes a gol”, entre eles os “pênaltis”, os “gols” e o “encerramento da partida”. Cada um desses eventos é narrado por meio de seqüências discursivas. Observaremos os tipos de seqüências usados na narração do mesmo evento no discurso de locutores brasileiros e franceses.

O cenário enunciativo (a relevância do jogo, as equipes e o local do encontro), bem como características sócio-culturais, sem dúvida influenciarão o todo discursivo. Mas é necessário lembrar que cada locutor também possui uma marca, um estilo e será importante atentarmos-nos aos traços de sua verbalização.

2.b) Questões de estilo

Já vimos no capítulo precedente que a língua falada é sempre muito marcada pela expressividade. Bally (1951:1) explica que os traços estilísticos estão sempre ligados ao valor afetivo de um pensamento. Esse pensamento afetivo, manifestado pelo uso das palavras e sua entonação, revela a subjetividade do falante e daí entende-se que “o *estilo* de um usuário da língua refere-se à sua *subjetividade* e também aos *efeitos* que quer provocar em seu interlocutor”.

Bally (op.cit.:293) observa a importância da entonação para emocionar o interlocutor. A entonação permite reconhecer o sentimento do falante (entusiasmo, admiração, frustração, raiva, etc.), mas não é a única que se encarrega de traduzir a emoção: o uso de palavras exclamativas, de uma sintaxe afetiva e também a criação de imagens trazem muitos valores estilísticos.

Na narração futebolística, observa-se o “estilo” do locutor principalmente pelo efeito prosódico³⁸ e pelo uso de figuras de linguagem. Com o tempo e pelo hábito, um determinado estilo acaba caindo no gosto popular e perde-se a noção de seu “inventor”. Por exemplo, é muito comum o locutor brasileiro gritar a palavra “gol” de forma bem prolongada (goooooooooooool), mas poucos sabem que o pioneiro desse estilo foi o locutor Rebello Júnior, conhecido como o *Homem do Gol Inconfundível*, em meados da década de 40³⁹.

Da mesma forma, algumas expressões do futebol como “arquibaldo” (torcedor que frequenta o jogo na arquibancada), “geraldino” (torcedor que assistia ao jogo “em pé” na ala geral, mais barata⁴⁰) criadas pelo locutor Washington Rodrigues são de domínio público atualmente. A expressão “ripa na chulipa” (“chute na bola”) usada por Osmar Santos, há quem diga, também ser criação de Rodrigues, mas divulgada por Osmar, que a ela acrescentou o “pimba na gorduchinha” (que também significa “chute na bola”). A “zona do agrião” (“a grande área, onde as partidas são decididas”) e a “vaca foi pro brejo” (“atuação desastrosa de uma equipe que termina em derrota”), tão comumente usadas não apenas no contexto do futebol, são de autoria de João Saldanha. O uso frequente de todas essas expressões fazem com que se expandam cada vez mais, participando do vocabulário do cidadão comum e perdendo, com isso, sua “origem estilística”.

A estilística relaciona-se diretamente à ‘criatividade’ do falante. Fairclough (1989:169-70), ao referir-se a essa criatividade do sujeito-falante, diz ser muito importante considerar as conexões entre a produção do texto e a determinação social do indivíduo. Ele focaliza a motivação que leva um locutor a produzir determinados textos, qual seja, para a “resolução de problemas” em seu relacionamento com o mundo e com os outros. Fairclough apresenta a ‘criatividade’ como uma possibilidade para o falante resolver um problema social, que poderia estar relacionado ao conteúdo do discurso (falante e ouvinte podem ter diferentes representações, experiências, em função do assunto), às relações sociais entre o falante e seus ouvintes e ao indivíduo, seu posicionamento, sua identidade social.

³⁸ Rocha Filho (1989) insiste no fato de que, por se apoiar na oralidade, uma análise da narração futebolística, seja qual for, deve levar em grande consideração a realização sonora do narrador. Tal realização sonora, tão significativa na mensagem do locutor, traduz-se também pelas variações de ritmo e de intensidade.

³⁹ Cf. artigo da jornalista Gisela Swetlana Ortrivano, professora de radiojornalismo na Escola de Comunicação e Artes da USP na seguinte página da internet: www.reescrita.jor.br.

⁴⁰ Hoje em dia a FIFA não permite mais torcedores em pé nos estádios.

O locutor futebolístico ao ‘criar’ uma linguagem especial, subjetiva, para narrar um evento tão concreto quanto a bola correndo de pé em pé num campo de futebol, estaria, de certa forma estreitando suas relações com quem o ouve. Seu “grande desafio” ou “problema” é saber interagir da forma mais direta possível com seu interlocutor, é fazer o ouvinte ter prazer em ouvi-lo, é querer cair no gosto público e, assim, atrair o maior número de ouvintes à sua emissora⁴¹.

Blakemore (1992:173) argumenta que, para ter ‘estilo’, o falante ou o escritor ‘trabalham’ em sua mensagem, formulando-a de modo especial. No entanto, tal ‘trabalho’ não tem por objetivo complicar a compreensão do receptor da mensagem mas, sim, adequá-la dentro de um contexto em que ela seja bastante compreensível. Para tanto, o emissor da mensagem deve conhecer muito bem o seu receptor, para que não o frustre nem se frustre, caso a mensagem não surta o efeito desejado. Sabendo quem é esse receptor, ele adotará um estilo específico para sua comunicação. A escolha desse estilo implica, necessariamente, aquilo que se quer deixar explícito ou implícito.

A interpretação do ouvinte das metáforas, ironias, jogos de palavras realizados pelo locutor relaciona-se diretamente à identificação social entre ambos. Esse envolvimento é fundamental para que o estilo do narrador seja aceito (e até incorporado) por seu ouvinte.

O envolvimento, segundo Tannen (1991), é criado por duas forças da palavra: as forças musicais (o som e o ritmo) e a força do significado, através de uma participação mútua entre os interlocutores. No futebol, quando se fala em “passar emoção”, fala-se justamente da procura do “envolvimento” que só pode ser estabelecido através dessa sonoridade e das imagens que o locutor cria para cativar o seu ouvinte. Em outras palavras, essa emoção, segundo Tannen, é a *musicalidade* da voz do locutor e suas *palavras expressivas*⁴².

O poder das imagens inferidas nas palavras revitaliza o significado da comunicação. O locutor narra o que vê e o que sente, não o que lhe foi contado, nem algo que leu, mas o que seus olhos vêem. E por causa desse olhar, filtrado por aspectos sócio-lingüístico-culturais, mas também pela subjetividade, é que teremos textos diversos.

⁴¹ Não se deve esquecer do caráter “comercial” específico das criações na mídia, como já salientamos a “voz do locutor” é também a “voz da emissora”.

⁴² É impossível imaginar uma narração futebolística, onde reina a objetividade e de onde se suprime qualquer traço de emoção.

Para concluir estas considerações sobre o estilo pessoal do locutor futebolístico, é necessário nos determos sobre alguns aspectos do léxico futebolístico.

Galisson (1979:78) observa três “línguas paralelas” no reino do futebol. A *língua especializada*, que é a utilizada oralmente ou por escrito pelos “especialistas”, como treinadores ou técnicos de um clube, jogadores, dirigentes; a *língua gíriesca*, que também é empregada pelos mesmos “especialistas”, mas apenas na forma oral, e a *língua banalizada*, utilizada pelos “banalizadores” ou “vulgarizadores” da língua especializada, que é o que fazem os jornalistas esportistas, seja pelo rádio, televisão ou na imprensa escrita. Os jornalistas estão na interface entre o profissional do esporte e o público. Para traduzir a língua técnica do esporte para o falar comum, eles “vulgarizam” seus termos, criam expressões de cunho popular que facilitam a compreensão do jogo pelo povo⁴³.

Fernández (1974: 73), em pesquisa sobre a linguagem do futebol no jornal, observa que em função do receptor, a narrativa esportiva apresenta um vocabulário reduzido e o mais corrente possível. A autora nota que, como o futebol foi trazido da Inglaterra, a predominância de um vocabulário baseado no inglês era muito corrente no início do século. Mas, com o tempo foram traduzidos ou aportuguesados⁴⁴. O mesmo fenômeno ocorreu na França. Galisson (op.cit: 120-121) menciona que termos como “ground” (campo), “linesman” (juiz auxiliar ou “bandeirinha”) e “referee” (juiz) usados freqüentemente na linguagem do futebol, passaram a ser substituídos por termos da língua francesa (respectivamente “terrain”, “juge de touche” e “arbitre”). Mas, alguns deles não encontrando um equivalente economicamente razoável, permaneceram em inglês, afrancesados, apenas, pela pronúncia⁴⁵.

A linguagem do futebol é entendida, por Capinussú (1988:21), como “desviante”. Ele explica que o comunicador esportivo do rádio, porque sempre fabrica expressões para imprimir seu estilo, é considerado um “desviante puro”. Ele desvia o sentido original de um

⁴³ Ao analisar mais de 200 artigos de jornais e revistas esportivas, Galisson fez uma lista do vocabulário especializado mais ‘vulgarizado’ pelos jornalistas. Entre os 22 itens mais freqüentes, os 5 nomes específicos mais vulgarizados são, nessa ordem: “équipe” (time), “match” (jogo), “but” (gol), “minute” (minuto) e “joueur” (jogador).

⁴⁴ Por exemplo, o “goalkeeper”, era usado como “golquíper” ou “golquipa” até a adaptação para “goleiro”; o “center-forward” passou a ser “centerfór” e depois “centro-avante”.

⁴⁵ É o caso de “corner” (escanteio) e “penalty” (pênalti). O equivalente a “corner” é “coup de coin” e “penalty”, “coup de réparation”, expressões longas, muito onerosas para a boa fluidez do texto.

termo, criando outro mais leve. E o autor considera que isso agrada ao público. A aceitação popular serve de mola propulsora para que o locutor esportivo continue engajado nessa “atividade desviante”.

De fato, a linguagem do futebol é muito dinâmica e novos termos e expressões são constantemente criados, em função dos jogadores, de sua atuação, dos torcedores, enfim de todo o universo relativo ao futebol. Vários léxicos ou dicionários especializados em futebol têm sido compostos⁴⁶, exatamente para explicar as “línguas” (da especializada à vulgar) que circulam em torno do “reino da bola”.

Com base em tudo o que discutimos é que, focalizando os momentos mais importantes de um jogo de futebol, como mencionamos (“o início do encontro”, os “chutes a gol”, os “pênaltis”, os “gols” e o “encerramento da partida”), iremos observar os comportamentos discursivos de locutores do Brasil e da França, no rádio e na televisão.

⁴⁶ Só para citar alguns: “Le Dico du foot” de Christine de Montvalon, “Dicionário popular futebol” de Leonam Penna, o extensivo léxico organizado por Capinussú para explicar a ‘linguagem popular do futebol’, e outros encontrados inclusive na Internet, como o “Décodfoot” (cf: <http://perso.wanadoo.fr/acheofoot/Projet/DecodPageA.html>)

Capítulo 9:

***A voz pelos trilhos da emoção (e do raciocínio):
aspectos da narrativa futebolística no Brasil e na França***

“Quem, como eu, se criou ouvindo aqueles artistas da emoção que irradiavam os jogos, nunca pôde aceitar outro estilo de narrar que não fosse o dramático latino. Lembro que na primeira vez em que fui ver um jogo até me decepcionei um pouco. Futebol no campo era emocionante, mas não era tanto como no rádio. Mas nunca perdi a impressão de que quem não transmitisse o futebol como um locutor brasileiro, de certa forma o estava traindo. Era inadmissível, por exemplo, que o grito de ‘gol’ tivesse um só ‘ó’.”

*Luís Fernando Veríssimo
(O Estado de S. Paulo, 24.06.1998)*

“Les récits construits par les médias sont évidemment en relation de construction mutuelle avec le spectacle sportif et ils proposent des ‘formes de rationalisation du réel où la cohérence interne contient des capacités de restitution, de simplification et de persuasion’ ”.

*Gérard Derèze
(Sports & Médias, maio 2000).*

“Le sport constitue une source inépuisable des grands moyens d’information. Il se produit sans cesse du nouveau, du neuf. Et dans le sport le neuf est au superlatif. Il dépasse toujours les exploits précédents. C’est une chance pour les moyens de communication de masse d’avoir trouvé une activité qui ne cesse de produire des exploits de plus en plus “sensationnels”. Il n’est pas étonnant d’ailleurs de constater que c’est dans la presse sportive que l’on retrouve les outrances de langage et de style: lyrisme de boulevard, exagérations, métaphores douteuses, comparaisons boiteuses, etc. Tout est bon pour magnifier les exploits”.

*Jean-Marie Brohm
(Sociologie Politique du Sport, 1992)*

A narração esportiva, em especial a futebolística, não é um misto de emoção e de raciocínio? Se não houver *lógica* em uma narrativa, perde-se a coerência das idéias, a coesão do discurso, a objetividade dos fatos, mas se não houver *emoção*, perde-se a afetividade do encontro, o porquê da torcida, o prazer do envolvimento. Sem emoção, sem expressividade, não há “narração interativa”. Na locução esportiva, a emoção faz parte de “sua lógica”, e a expressividade vigora. E vigora dentro de um esquema de composição determinado, “pré-arranjado” pela participação de comentaristas, pelo uso habitual de certas palavras, por figuras de linguagem, entonação, tudo o que caracteriza esse gênero discursivo.

Existe o novo a cada momento, a surpresa, a incerteza. No entanto, o “novo” é sempre esperado e faz parte do esquema pré-determinado e do cenário “emotivo”, “hiperbólico” dos jogos de futebol. O ‘exagero’ que se renova a cada lance, conforme aponta Brohm, traz o ‘fervor emotivo’, como lembra Veríssimo, mas concatenado a uma forma de ‘racionalização do real’, segundo indica Derèze.

Em nossa análise, iremos observar a “lógica da organização de um discurso narrativo de fundo emocional”¹, que é a locução esportiva de futebol, em seqüências discursivas de locutores franceses e brasileiros. Para isso, e com base nas gravações colhidas, escolhemos momentos específicos da narração futebolística dos jogos da XVI Copa do Mundo. Em maior ou menor grau, esses momentos revelam uma tensão emocional: o início do jogo coloca o ouvinte em contato com a esperada partida; os lances a gol preparam-no para a possível vantagem de seu time, de um time adversário ou de outro; os gols, a ocasião mais aguardada, são comemorados, com alegria, alívio ou frustração; o encerramento da partida faz um resumo, revelando aspectos importantes do jogo e conclui a transmissão.

Sem desconsiderar os estilos individuais dos locutores, evidenciados nos jogos selecionados para esta pesquisa², nosso maior objetivo é observar as tendências gerais desse gênero discursivo em português e em francês³.

¹ Para um resumo de cada jogo aqui comentado, reportar-se ao capítulo 6.

² As normas para a transcrição das narrações encontram-se em anexo.

³ Para cada trecho em francês, há uma tradução em português.

1) O início do jogo

O início do jogo acontece assim que o juiz apita, autorizando os jogadores a darem o primeiro pontapé na bola. Os momentos imediatos ao apito do juiz são sempre anunciados pelo locutor que, a partir desse sinal, passa a transmitir a partida. Vejamos algumas ocorrências dessa fase introdutória da narração, em exemplos do português e do francês.

Início oficial da Copa do Mundo de 1998, Brasil contra a Escócia.

Português:

Ex.1.1)

“aCERrte o som aí que eu vou aRREdondar aQUI’ coMEça a COpa do MUNdo:: VAmos em BUSca do PEN:ta::” (*Sílvia Luís - TV*)

Ex.1.2)

“- está TU:do pronto’ dirceu maravilha’ vai começar a DÉcima SEXta COpa’ a DÉcima SEXta Copa e a ÚLtima deste SÉculo ALÔ::’ ALÔ:: DIR:CEU MARAVILHA::: - ALÔ ALÔ BRASIL ALÔ ALÔ BOLA ROLOU ROLOU LIGOU:: (Brasil Brasil Brasil – ouvido ao fundo em vinheta) ME CHAMA QUE EU VOU:: COMEÇA O GRANDE MUNDIAL DE MIL NOVECENTOS E NOVENTA E OITO” (*Ricardo Capriocci e Dirceu Maravilha - Rádio*)

Francês:

Ex.1.3)

“ET COUP D’ENVOI DE LA SIXIÈME COUPE DU MONDE:: C’EST PARTI (*Pierre Sled - TV*)”
(Tradução: e ponta-pé inicial da décima sexta copa do mundo, começou o jogo)

Jogo da França contra a Itália (Quartas de Final, jogo decisivo para a permanência da equipe na Copa)

Português:

Ex.1.4)

“AU:toriza o ÁRbitro’ coMEça: (2) iTÁlia e FRAN:ça pra você QUARtas de fiNAL da copa do MUNdo (*Prieto - TV*)

Francês:

Ex. 1.5)

“- Avec le coup d’envoi stéphane à l’instant

- C'EST PARTI' gérard' effectivement au stade de france l'arbitre écossais du match monsieur hugo dallas vient donc' de libérer les vingt deux acteurs pour ce quart de final bien sûr'qui attend TOUte la france entière et l'italie bien entendu" (*Gérard e Stéphane - Rádio*)

(Tradução: "- com o pontapé inicial Stéphane, agora.

- Começou o jogo, Gérard, realmente no Stade de France, o juiz escocês do jogo, senhor Hugo Dallas, acaba, então, de liberar os vinte e dois atores para essa quarta de final, claro, que espera toda a França inteira e a Itália evidentemente")

Ex.1.6)

"C'est parTI pour ce match (2) avec les italiens donc en bleu' et les français en blanc" (*Pierre Sled - TV*)

(Tradução: Começou o jogo, com os italianos, então, de azul e os franceses, de branco)

Jogo Final da Copa do Mundo, Brasil contra França

Português:

Ex. 1.7)

" - Atenção José Silvério atenção público brasileIRO' vai começar a decisão do campeoNato mundial de mil noveCENTos e noventa e oito' decisão para dezessete milhões (sic) de brasileiros a partir de AGORA::: **ALÔ JOSÉ SILVÉRIO**

- Não sei meu caro Wanderley se seria exagero de minha parte mas acho que o mundo agora vai parar e depois de noventa minutos ele explodirá no Brasil **APITA O ÁRBITRO:: ESTÁ VALENDO A DECISÃO DA COPA** (*Wanderley Nogueira e José Silvério - Rádio*)

Ex.1.8)

Vamos lá' vai autorizar o senhor Said Belqola' vai mexer na bola a França' vai começar a GRANde decisão da Copa do Mundo em noventa e oito' a França tentando o seu primeiro título um título inédito' o Brasil atrás do penta' é o Brasil rumo ao penta: **AUTORIZA O ÁRBITRO' MEXEU NA BOLA'** começa o jogo' mexe na bola o time francês' (*Galvão Bueno - TV*)

Francês

Ex.1.9)

J - (...)juste une petite attente et voilà les deux équipes viennent de donner le coup d'envoi<
T - oui c'est parti avec les français qui ont donné le coup d'envoi et un premier ballon en renvoyant en direction de Ronaldo (Jean-Michel e Thierry Roland - TV)

(Tradução: J - apenas uma pequena espera e aí está, as duas equipes acabam de dar o pontapé inicial

T - sim, começou o jogo com os franceses que deram o chute inicial e uma primeira bola sendo enviada na direção de Ronaldo)

Comentário:

i) A construção geral do texto (subseqüências):

As seqüências acima são um “anúncio” de que o jogo vai começar ou acabou de começar. Não constituem ainda a “narração da partida”, mas têm a função de alertar o ouvinte sobre seu início. Vejamos que tipos de subseqüências há nas duas línguas para anunciar essa primeira fase do jogo.

Em português, dá-se bastante ênfase à seqüência injuntiva, tanto no rádio como na televisão: “acerte o som aí”, “vamos em busca do penta”, “me chama”, “vamos lá”. Muitas interpelações estão associadas à injunção: “alô, alô, Brasil”, “atenção, público brasileiro”. Como também outras formas de inserir o público no discurso: “Itália e França *pra você*”, “decisão para *dezessete milhões de brasileiros*”.

Aspectos descritivos são muito comuns nessa fase inicial. Em relação ao primeiro jogo, vemos a importância de nomear o evento “a Copa do Mundo” ou, mais precisamente, a “XVI Copa do Mundo”. Os locutores do rádio são mais detalhistas, evidenciando ainda mais o seu valor (“a última (Copa) deste século”, o “grande mundial de mil novecentos e noventa e oito”). O locutor brasileiro, na TV, ao anunciar o início do jogo da Itália contra a França, também ressalta a importância dessa disputa, especificando a fase eliminatória em questão (“quartas de final”). No último jogo da Copa, os locutores, tanto do rádio como da TV, ressaltam a relevância da partida, nomeando-a de “a decisão”. O locutor da TV expande bem, acrescentando: “a grande decisão da copa do Mundo em noventa e oito” e as expectativas de vitória da equipe: “título inédito da França” e o “penta do Brasil”.

Por ser um “anúncio”, observa-se uma seqüência declarativa em cada um desses exemplos onde, invariavelmente, o verbo antecipa o sujeito: “começa a copa do mundo”, “começa o grande mundial”, “autoriza o árbitro, começa”, “apita o árbitro”, “começa o jogo”, “mexe na bola o time francês”. O verbo vindo anteposto ao sujeito, e sempre no presente, dá mais ênfase à ação que se realiza.

No rádio, notamos que a seqüência dialogal é bem comum para anunciar o início do jogo. Os locutores chamam-se pelo nome, talvez para ressaltar ao ouvinte quem será o transmissor da partida: “alô, Dirceu Maravilha”, “alô José Silvério”, “não sei, meu caro Wanderley”. O primeiro locutor da seqüência, um comentarista, apresenta o locutor-chefe, o narrador da partida.⁴

Em francês, não encontramos seqüências injuntivas, como há em português, para se dar início ao jogo. Em geral, é usada uma fórmula declarativa: “c’est parti!” Montvalon (1998:75) explica que essa expressão é “mítica” como se desse “sorte” quando falada pelos locutores no momento do pontapé inicial. Talvez, por isso, ela seja encontrada em todos os exemplos, dispensando outros tipos de seqüência.

Há vários aspectos descritivos nos exemplos em francês. Eles caracterizam o cenário onde ocorre a partida, trazendo maiores detalhes, informações sobre o que está em vias de acontecer, como a competição ou o jogo em si (“la sixième coupe du monde”, “quart de final entre la France et l’Italie”), ou as características dos participantes desse cenário, como a cor dos uniformes dos jogadores (“Italiens en bleu, les Français en blanc”), o juiz da partida (l’arbitre écossais du match monsieur Hugo Dallas”), os países representados (la France toute entière et l’Italie”), etc.

A seqüência dialogal faz-se presente. No rádio, os locutores chamam-se pelo nome (“Stéphane”, “Gérard”), talvez para se aproximar mais do público. Na TV os nomes de Jean-Michel e Thierry são omitidos, mas esses dois locutores são bem conhecidos do público.

ii) Extensão das seqüências e como se conectam entre si

O marco do início do jogo é, em geral, bastante breve. Nota-se que, em português, há muitas vezes uma introdução ao “início” do jogo para aumentar a expectativa do ouvinte e apresentar o narrador principal. Essa introdução alongada, que ocorre alguns segundos antes do apito do juiz, não se percebe em francês. Em geral, o locutor está falando sobre qualquer outro assunto e, quando o juiz apita, ele se atira para a *fórmula mágica* “c’est parti”. Nos dois diálogos em francês, tanto no rádio, como na TV, não existe esse ‘preparo’ do espectador.

⁴ Capriocci apresenta Dirceu. Wanderley apresenta Silvério.

As seqüências que representam o início do jogo conectam-se, basicamente, de forma *alternada*, justapondo-se às seqüências a seu redor (“autoriza o árbitro/começa/Itália e França pra você”, “c’est parti pour ce match/ avec les Italiens donc en bleu et les français en blanc”).

iii) Aspectos prosódicos

Percebemos grande diferença entre o francês e o português em relação aos aspectos prosódicos no início da partida. O brasileiro, porque cria uma expectativa maior em relação ao apito inicial, fala mais alto e mais pausadamente, tanto no rádio como na TV. O francês prefere um tom médio de voz. Se o volume de voz for mais alto, é apenas para enunciar a expressão de início “c’est parti”, ou alguma outra característica que ressalta a importância do jogo.

O locutor francês do exemplo 1.3 é o mesmo do exemplo 1.6. Os jogos são diferentes, o primeiro jogo é o de abertura da Copa, em que a França não participou, mas ele deu mais força à sua voz nesse início de jogo, do que no do jogo decisivo entre a França e Itália. Não há, portanto, uma elaboração prosódica maior, por parte do francês, para introduzir o jogo ao seu ouvinte.

iv) Gírias e expressões metafóricas

Nesses trechos iniciais não se notam expressões metafóricas por parte dos locutores franceses, mas sim, pelos brasileiros. No exemplo 1.1, temos a expressão “acerte o som aí que eu vou arredondar aqui”, utilizada pelo locutor Sílvio Luís. Ele é locutor de TV nessa Copa, mas não se refere à imagem, refere-se ao “som”. O som do aparelho receptor do ouvinte em conexão com o som da sua voz, com o jogo cuja transmissão ele vai “arredondar” para o ouvinte. Compreende-se o “arredondar” como “harmonizar a sonoridade” para o ouvinte, mas, em se tratando de jogo de futebol, onde quem manda é a “bola”, tudo que é “redondo” se conecta ao espírito do jogo. Dirceu Maravilha, no exemplo 1.2, também tem sua maneira peculiar de iniciar o jogo. Ele diz “bola rolou rolou ligou”, onde alerta o ouvinte a “ligar” o rádio, porque a bola “já está rolando”, e a “ligar-se ao rádio” (isto é, prestar atenção). Ele usa os verbos no passado, dando a impressão de uma ação que se passa bem rapidamente e o ouvinte tem que ligar logo o rádio para não perder o que acontece. Um outro exemplo é o

utilizado por José Silvério, em 1.7, quando numa sequência dialogal com Wanderley Nogueira, ele diz que o “mundo vai parar e depois de noventa minutos, explodirá no Brasil”. Ele se refere à importância da disputa do título para o mundo todo no geral (já que o futebol é o esporte mais popular do planeta), e antecipa a festa de comemoração no Brasil ao final do jogo, crendo que este venceria.

v) Envolvimento do locutor com seu ouvinte/telespectador

Por causa das interpelações, injunções, expressões metafóricas e efeitos prosódicos realizados pelos locutores brasileiros, observa-se, desde o início do jogo, uma predisposição muito maior do envolvimento deles com o ouvinte. Algumas incursões da primeira pessoa do singular, quando o locutor se dirige a seu público, criam uma certa “intimidade” com ele. É o caso, do exemplo 1.2 em que Dirceu Maravilha se dispõe a narrar a partida e seus momentos empolgantes quando diz “me chama que eu vou”. Ou quando Sílvio Luís, no primeiro exemplo, diz “eu vou arrendondar aqui”. O dêitico “aqui” coloca o ouvinte mais próximo ao lugar onde o locutor está.

O locutor francês, por sua vez, limita-se a “anunciar” o início do jogo, trazendo alguns aspectos descritivos do cenário, para informar o ouvinte, mas não o interpela. Existe o diálogo entre os franceses (como também entre os brasileiros) e essa “conversação”, em microfone aberto ao público, serve para aproximar quem ouve, para colocá-lo “na prosa”, mas o público francês é simplesmente um “ouvinte”, uma testemunha do diálogo e não um participante.

Fazendo o cruzamento da fase de “início de jogo”, entre os locutores brasileiros e franceses, teríamos a seguinte tabela:

INÍCIO DO JOGO

i) **Construção geral do texto - subseqüências**

	Em Português	Em Francês
<i>Seqüência Injuntiva</i>	Com verbos e interpelações	Não há
<i>Aspectos Descritivos</i>	Descrição do cenário do jogo e do tipo do jogo	Descrição do cenário do jogo e do tipo do jogo
<i>Seqüência Declarativa</i>	Frases que variam entre locutores: verbos sempre se antepõem ao sujeito	Uso da mesma fórmula pelos locutores: “c’est parti”
<i>Seqüência Dialogal</i>	Bastante comum nessa fase	Bastante comum nessa fase
<i>Seqüência Narrativa</i>	Não há	Não há

ii) **Extensão das seqüências e como se conectam**

Em Português	Em Francês
Extensão: Mais longas	Extensão: Curtas
Conexão: Alternadamente	Conexão: Alternadamente

iii) **Aspectos prosódicos**

Em Português	Em Francês
Volume: mais alto	Volume: mais alto basicamente para a fórmula “c’est parti”
Ritmo: mais pausado	Ritmo: fala normal

iv) **Gírias e expressões metafóricas**

Em Português	Em Francês
Sim	Não encontrado

v) **Envolvimento com o ouvinte**

Em Português	Em Francês
Intenso, pelas seqüências injuntivas, diálogos, uso de pronomes na primeira pessoa e metáforas	Mínimo, apenas pelo diálogo com outros locutores

2) Lances a gol

Os “lances a gol”, que exporemos aqui, são os que não se converteram em gol. Essas chances perdidas de marcar um gol podem ter saído de uma cobrança de escanteio ou de falta, de um passe para outro jogador, de um drible, de um cabeceio, enfim, de qualquer tentativa de fazer a bola entrar no gol. Tal jogada sempre vem carregada de muito suspense, porque não se sabe, exatamente, o destino da bola. Vejamos as formas dos locutores brasileiros e franceses transmitirem os lançamentos a gol do Brasil, da França e de seus adversários, durante a Copa do Mundo.

I) Lances que favorecem o Brasil

I.A) Jogo do Brasil contra a Escócia:

O Brasil tentou um ataque que partiu do centro do campo. Dunga passa a bola para Ronaldinho, que se situa entre dois defensores da Escócia. No lance, Colin Hendry defende em cheio com a testa, mas a bola quase parou dentro do gol escocês.

Português

Ex.2.1)

“Bebeto’toca pro Dunga Isso ali no meio tem o Giovani’ no meio tem o Giovani tem o Ronaldo do lado aberto’ do lado direito’ Ronaldo se meteu nas costas do becker vamo lá’ olho no LANce **MINHA NOSSA SENHO::RA PELAS BARBAS DO PROFETA MAIS UMA VEZ** o capitão do time escocês Hendry:: SALva:: a PÁtria do WHISky:: e ela passou a dois dedo do PAU” (*Sílvia Luís, TV*).

Francês

Ex.2.2)

“- Dunga’ appel de balle de RONALDO:::À TRAVERS/ FRONT CENTRAL ÇA VA ÊTRE UN BUT ah c’est à côté’ colin hendry qui a failli trompé son propre gardien<

- oui' selon mes ententes entre:: colin hendry et' jim leighon (2) qui sont quand même traumatisés par ronaldo hein? c'est vrai que l'attaquant brésilien soit dans un coup pour que tout de suite les défenseurs seraient un petit peu paniqués" (*Pierre Sled e Paul Leguen, TV*).

(Tradução: Dunga, pedido de bola de Ronaldo, através/ no meio da testa, vai ser um gol! Ah, é ao lado, Colin Hendry quase enganou seu próprio goleiro.

- sim, segundo meu entendimento, entre Colin Hendry e Jim Leighton, que de toda a forma ficam traumatizados por Ronaldo, hein? é verdade que o atacante brasileiro basta estar num ataque, que imediatamente os jogadores da defesa ficam um pouco afobados).

I.B) Jogo do Brasil contra a Holanda

O Brasil já tinha marcado seu gol, com Ronaldinho, logo no início do segundo tempo. Poucos segundos após, Bebeto passa outra bola para Ronaldinho que tenta marcar novamente.

Português

Ex.2.3)

- ELE VAI ENFIÁ A BOLA PRO RONALDINHO' VAI PINTAR O GOL DA CLASSIFICAÇÃO ' SE FOR PRO GOL ME CHAMA QUE EU VOU' SAIU DO GOLEIRO TIROU DO GOLEIRO A BOLA VAI ENTRANDO' VAI ENTRANDO' VAI ENTRANDO NÃO ENTROU:::: A BOLA FOI ROLANDO E INCRÍVEL QUE PAREÇA E NÃO EN:: TRA:: VAI PRA FORA LINHA DE FUNDO CAPRIOCCI

- INcrível o gol que perdeu o RonalDInho' e ele não costuma perder esse tipo de gol' CARa a CARa com o van der sar e ele tocou' a bola caprichosamente raspou o poste esquerdo e foi à linha de fundo'(Dirceu Maravilha e Ricardo Capriocci - Rádio)

Francês

Ex. 2.4)

- (...)peut-être avec BEBETO OH LE REBOND DE RONALDO qui est face à l'avant-centre brésilien qui la voyait bien venir' c'est la deuxième fois qu'il est en bonne position placé entre deux défenseurs néerlandais' tout à l'heure c'était de la tête et là il frappe' mais il a failli marquer du bout du pied et:: pour l'instant ben'les brésiliens continuent comme ça par un coup de se montrer uh: dangereux à ce but de van der sar (*Jean-François - Rádio*)

(Tradução: talvez com Bebeto oh o rebote de Ronaldo que está diante do centroavante brasileiro que via bem (a bola) vir. É a segunda vez que ele se encontra bem posicionado entre dois defensores holandeses, um pouco antes, foi com a cabeça e agora, ele chuta, mas não conseguiu marcar com a ponta do pé, e, por enquanto, bem, os brasileiros continuam assim, falta pouco para se mostrarem uh perigosos a esse gol de Van der Sar).

I.C) Jogo do Brasil contra a França

Antes da França fazer seu primeiro gol, Leonardo cobra um escanteio para o Brasil. Rivaldo cabeceia e o goleiro da França, Barthez, pega a bola quase dentro do gol.

Português

Ex.2.5)

“- vai cafu tem leonardo por ali recebe Leonardo LIN:da volta pra cafu LIN::do LANce’ VAI cafu’linha de fundo’ tenta o cruzamento CERto pra ficá com o escanteio’ cafu agora olhou para o bandeira e disse “agora foi né? agora cê deu” também a meio metro dele ali não tinha como dá ((replay do lance no vídeo, comentário que segue de GB é sobre esse replay)) olha o barthez ó’ olha o barthez’ ó ele tá louquinho pra entregá’ o pé do jogador tava dentro da linha arnaldo’ mas a mão pra fora, né?

A - a bola tem que ultrapassá totalmente a linha’ pra ser gol”. (*Gavão Bueno e Arnaldo Cesar Coelho - TV*)

Ex.2.6)

(Ricardo Capriocci , comentou o lance de escanteio antes da narração de Dirceu)

- Leonardo levanta na direita é o primeiro escanteio brasileiro no jogo

- vem vem pra defesa’ vem pra defesa dele sampaio vem pro ataque sampaio vem pro ataque sampaio’ leonardo vem pra bola faz o cruzado subiu rivaldo’ o GOLEIRÃO VAI LÁ DEFENDE A BOLA FICA PRATICAMENTE EM CIMA DA **RIS:CA** capriocci não entra::

- Fan-TÁS-ti-ca a cabeçada do Rivaldo’pena que foi no MEIO do gol’ onde estava Barthez’ele ainda fez uma pose para os fotógrafos’ mas o Brasil chegou’ Barthez defendeu’ garantiu por enquanto o empate zero a zero (*Dirceu Maravilha e Ricardo Capriocci - Rádio*)

Francês

Ex. 2.7)

(Obs. Os locutores cometem um pequeno erro de observação, quem cabeceou foi Rivaldo e não César Sampaio. Lesigni Osoir la Ferrière é a cidade, nos arredores de Paris, onde a seleção brasileira estava instalada.)

“T - cafu (4) premier corner

JM - il a cherché il a bien obtenu ce corner et forcément attention jeu de tête d'aldair mais celui surtout de cesar sampaio

T - ça a dû être travaillé travaillé travaillé du côté de lesigni osoir la ferrière ce corner vous vous souvenez le premier but de la coupe du monde a été marqué par cesar sampaio

((Leonardo chuta)) leonardo

JM - il a bien frappé' il a très bien frappé' ballon stoppé

T - il a été stoppé par fabien barthez heureusement

JM - QUEL BEAU COUP DE TÊTE sur ce corner de leonardo

T - et c'est bien cesar sampaio qui a frappé

JM - encore une fois

T - oui” (Thierry Roland e Jean-Michel Larqué - TV)

(Tradução: T- Cafu (4) primeiro escanteio

JM- Ele procurou ele obteve bem esse escanteio e fatalmente atenção jogo de cabeça de Aldair mas principalmente o de César Sampaio

T - isso deve ter sido trabalhado, trabalhado, trabalhado lá dos lados de Lesigni Osoir la Ferrière esse escanteio. Você se lembra, o primeiro gol da Copa do Mundo foi marcado por César Sampaio. ((Leonardo chuta)) Leonardo.

JM - Ele chutou bem, ele chutou muito bem. Bola agarrada.

T - Ela foi agarrada por Fabien Barthez’ felizmente

JM - Que bela cabeceada nesse escanteio de Leonardo!

T - E foi mesmo o César Sampaio que lançou

JM - Ainda essa vez

T - é

Ex. 2.8)

“PS- les brésiliens sont en train de se mettre du rythme ils en tiennent un corner avec cafu le premier corner de la partie pour les brésiliens

PL- leonardo qui va travailler ce ballon junior baiano n'est pas sorti de sa défense il est dans le rond central LA TÊTE BRESILIENNE ET LA PARADE DE FABIEN BARTHEZ SUR SA LIGNE

PS- il va rassurer tout le monde’ barthez prend véritablement ce ballon” (Pierre Sled e Paul Leguen - TV)

(Tradução: PS - Os brasileiros começam a impor ritmo, eles obtêm um escanteio com Cafu. O primeiro escanteio da partida para os brasileiros.

PL - Leonardo que vai trabalhar essa bola. Júnior Baiano não saiu de sua defesa, ele está no círculo central. A cabeça brasileira e a pegada de Fabien Barthez em cima da linha.

PS - ele vai tranquilizar todo mundo. Barthez segura, de fato, essa bola.

II) Lances que favorecem adversários do Brasil

II.A) Jogo do Brasil contra a Holanda

No início do segundo tempo, depois de alguns minutos do gol brasileiro, o time da Holanda se prepara para um contra-ataque: Frank de Boer cruza uma bola de escanteio, Kluivert, capitão holandês, corta e lança para Jonk que tenta cabecear contra o gol do Brasil.

Português

Ex. 2. 9)

“- Olha a bola cruzada é perigosa vai na área do Kluivert subiu BergKAMP tá saindo o

JONK A BOLA IA ENTRANDO' RIVALDO TÁ SALVANDO BOTÁ PRA FORA DE CABEÇA' ESCANTEIO PRO TIME HOLANDÊS CAPRIOCCI'

- Tudo errado na marcação da defesa brasileira o Kluivert tocou para o Jonk' Taffarel fez uma GRANde defesa" (*Dirceu Maravilha e Ricardo Capriocci - Rádio*)

Francês

Ex. 2.10)

“OH LE BALLON:: LE BALLON DE FRANK DE BOER DE BIEN SÛR DE LA TÊTE ET PLAT DU PIED DE FRANK DE BOER AU DEUXIÈME POTEAU' ET LA BALLE QUI MONTE TOUT DOUCEMENT TOUT DOUCEMENT ET QUI FRÔLE LA TRANSVERSALE C'EST UNE ENCORE SUPERBE DÉVIATION UH' DE KLUIVERT DE LA TÊTE AU DEUXIÈME POTEAU ET LE CAPITAIN NEERLANDAIS QUI MANQUE DE DE/ MAIS LES FILETS BRÉSILIENS LÀ C'ÉTAIT UNE SUPERBE SITUATION D'ÉGALISER” (*Jean-François - Rádio*)

(Tradução: *Oh, a bola! A bola de Frank de Boer de, claro, de cabeça e o peito do pé de Frank de Boer, no segundo poste, e a bola que sobe devagarinho, devagarinho e que rala no travessão. E ainda um magnífico desvio uh/ de Kluivert de cabeça, no segundo poste e o capitão holandês que não tem, não tem/ mas a rede brasileira, essa foi uma magnífica situação para empatar*)

II.B) Jogo Brasil contra Escócia

O lance em questão ocorreu no primeiro tempo, logo após o Brasil ter marcado seu primeiro gol. Transcrevemos o trecho que retoma o ritmo normal da narração (após o gol) até o final do comentário desse lance, feito num passe de bola da equipe escocesa para o jogador Durie pela lateral direita do campo.

Português

Ex. 2.11)

“UM a ZERo o Brasil na FRENte:: ((jogadores brasileiros disputam a bola com escoceses no campo escocês, um escocês rouba a bola e passa adiante para seu companheiro, o locutor se distancia desse fato, até que ele percebe a tentativa do gol)) pode começá a soltá foguete DONa, maDAME a senhora que tá preparando aquele RANgo pro maRIdo' deixa tudo na panela e vem acompanhá essa vitória da seleção brasileira ba' O NEGÓ TAVA NA MESMA LINHA' NÃO TAVA IMPEDIDO NÃO' MAS DEMO UMA BOBEADA ALI ATRÁS MEU DEUS DO CÉU:: Ô MEU DEUS do céu DEMo uma cochiLada dos diAbo aí atrás Orlando::

- É foi um erro total de marcação e quase que o número nove' o Durie' fazia um gol de cobertura' (*Sílvio Luís e Orlando Duarte, TV*)

Francês

Ex.2.12)

“et le brésil qui mène un a zéro après trois minutes de jeu< voilà un match qui s’annonce un peu plus ouvert< et on devra avoir des buts aujourd’hui’ (3)giovanni’ dunga’ qui va devoir passer à roberto carlos de l’autre côté’ mais le brésil n’a pas mis longtemps à s’assurer< c’est vrai qu’on était inquiet pour eux surtout aux matchs amicaux’ mais la coupe du monde c’est une autre chose (4) dunga demande à son partenaire a fait l’appel ronaldo beбето eux ils voudraient que ça bouge devant’ ((jogador escossês tenta marcar contra o Brasil)) a- tten- TION::: IL EST PAS DU TOUT HORS JEU’ OH C’EST JUST AU DESSUS MAGNIFIQUE Collins lui

- oui il a bien profité de la’ du mauvais positionnement de la défense brésilienne il contre un petit peu louche à taffarel il touche le ballon du but du pied< mais ça passe légèrement au dessus (*Pierre Sled e Paul Le Guen TV*)

(Tradução: e o Brasil que ganha de um a zero três minutos de jogo, e aí está, um jogo que se apresenta um pouco mais aberto. E deveremos ter gols hoje, Giovanni. Dunga, que deverá passar para Roberto Carlos do outro lado, mas o Brasil não levou muito tempo para se garantir, é verdade que a gente estava preocupado com eles principalmente nos jogos amistosos, mas a Copa do Mundo é uma outra coisa. Dunga pede a seu parceiro, pediu Ronaldo, Bebeto, eles queriam que se mexesse pra frente. Atenção, ele não está nem um pouco impedido! oh, raspou por cima, magnífico Collins.

- Sim, ele aproveitou bem o mau posicionamento da defesa brasileira e contra-ataca um pouco por cima de Taffarel, ele toca a bola com a ponta do pé, mas ela passa ligeiramente por cima.)

III) Lances que favorecem a França

III.A) Jogo da França contra a Itália

Logo nos momentos iniciais do jogo, Djorkaeff cobra uma falta, passando a bola para Zidane que, desmarcado, bate direto para o gol. O goleiro italiano Pagliuca põe a bola pra fora. Um escanteio é cedido à equipe da França. O jogador Petit, num lance de bicicleta, tenta marcar novamente, mas a bola é defendida, ainda essa vez, pelo goleiro.

Português

Ex.2.13)

“aí o Djorkaeff pra cobrança METEU NA ÁREA A CHANCE’ ZIDANE BATEU PRO GOL A BOLA **PASSA MUITO PERTO** (2) SE PERDE NA LINHA DE FUNDO HOUVE O DESVIO É ESCANTEIO PARA A **FRANÇA** ((replay da jogada)) você acompanha de novo DEU PRA PERCEBÊ’ no domínio do zidane numa bola difícil veja aí ela ia

escaPANdo ainda tocou com o pé esquerdo o suficiENTE pro desvio ((bola continua em jogo, Petit chuta a gol, mas Pagliuca põe para fora, por cima da rede)) ainda **FRAN::ÇA PAGLIUCA ES-PE-TA-CU-LAR::: DUAS DEFESAS DE PAGLIUCA SALVANDO A ITÁLIA' QUE TOQUE DO PETIT** ((replay da jogada)) **VOCÊ ACOMPANHA MAIS UMA VEZ (2) começa pressioNANdo a FRANça"** (*Prieto, TV*)

Francês

Ex. 2.14)

PS - djorkaeff pour la balle il n'est pas du tout hors JEU' il n'est pas du tout hors JEU
ZIDANE FRAPPE C'EST JUSTE À CÔTÊ PAGLIUCA SORT CE BALLON:: ' QUELLE
 FAUTE D'INATTENTION ITALIENNE (sic)

PL - ((replay do lance)) un bon petit ballon piqué de djorkaeff pour zinedine zidane (2) qui après un contrôle frappe du droit' contrôle' le ballon est ramené du pied gauche il frappe du coup du pied (2) corner'

PS - on vient sur le corner au premier poteau de karembeau PETI::T QUELLE FRAPPE ASSEZ PASSEE PRESQUE PAR DESSUS LE GARDIEN

PL - Tentative de retourner d'emmanuel petit' saufetage de pagliuca (2) GROsse occasion française (*Pierre Sled e Paul Leguen, TV*)

(Tradução: PS - Djorkaeff para a bola, ele não está nem um pouco impedido, ele não está nenhum pouco impedido! Zidane chuta, é do lado!!! Pagliuca tira essa bola! Que falta de atenção italiana!!

PL - uma bola curta repicada de Djorkaeff para Zinedine Zidane que, depois de um controle chuta com o pé esquerdo. Controle, a bola é conduzida com o pé esquerdo e ele chuta com a ponta do pé. Escanteio.

PS - vem do escanteio, do primeiro pau, de Karembeau. Petit! Que chute que quase passou por cima do goleiro!

PL - Tentativa de marcar de bicicleta de Emanuel Petit. Salvamento de Pagliuca. Grande chance francesa).

Ex. 2.15)

“- un coup franc d'yuri djorkaeff pour zinedine zidane DANS LA SURFACE' un tir croisé et qui oblige uh Pagliuca à une intervention' première belle occasion alors que zidane était étrangement SEUL é-trangement seul il aura pu presque pu faire autre chose là contrôler' et bien une faute de marquage'uh de la part de la défense italienne' thierry' uh on joue quand même ce corner regarde au PREMIER POTEAU AVEC UN RETOURNE D'EMMANUEL PETIT' QUI OBLIGE PAGLIUCA À INTERVENIR DE NOUVEAU' une pression française fantastique à ce début de mat' oui juste un mot thierry sur cette faute de marquage italienne c'est c'est inhabituel ça'

- Non' tout à fait maldini a donné des orders très précis à pessoto le joueur de la juventus de ne pas lâcher d'une semelle zidane' et on a vu que sur les DEUX premières actions du match' déjà' zidane a réussi très rapidement à prendre un mètre un mètre cinquante" (*Stéphano Allegro e Thierry Claude, rádio*)

- *(Tradução: uma cobrança de falta de Yuri D'Jorkaeff para Zinedine Zidane na área' um chute cruzado e que obriga uh Pagliuca a uma intervenção. Primeira bela chance, no momento em que Zidane estava estranhamente sozinho, estranhamente sozinho. Ele poderia ter feito, ter quase feito, qualquer outra coisa lá, ter o controle. Bem, uma falta de marcação uh' da parte da defesa italiana. Thierry, uh eles estão cobrando mesmo assim esse escanteio, olha, no primeiro pau, com uma bicicleta de Emanuel Petit que obriga Pagliuca a intervir de novo. Uma pressão francesa fantástica nesse início de jog/ sim, só uma palavra, Thierry, sobre essa falta de marcação italiana, não é comum isso.*

- *Não, realmente Maldini deu ordens bem precisas a Pessoto, o jogador do Juventus, de não largar do pé do Zidane, e vimos que nas duas primeiras ações do jogo, já, Zidane conseguiu muito rapidamente tomar uma distância de um metro, um metro e cinquenta*

III.B) Jogo da França contra o Brasil

Final do primeiro tempo, a França vencida o Brasil por um a zero, Guivarc'h infiltrado no meio de campo brasileiro, chuta a bola na direção do gol. Taffarel faz a defesa.

Português

Ex.2.16)

“OLHA COMO FALHOU OLHA A CHANCE DE GUIVARCH TAFFAREL ((o locutor bate palmas)):: JUNIOR BAIANO entregou legal:: mas que que é isso? olha só' ondê ele que ele foi? sem tempo de bola' sem noção de posição' sem tempo de espaço deixou a bola passá entregou o ouro já não subiu junto com o jogador na cobrança do escanteio e agora ficou perDido completamente perdido **SÃO** TAFFAREL salvou o BraSIL” (*Galvão Bueno - TV*)

Ex. 2.17)

“- toca lá na frente buscando a penetração de guivarch falhou júnior baiano guivarch chegou livre bateu DE:FENDEU TaFFAREL:: Ê:: brasil vamo fazê uma estátua pro guivarch wanderley::

- verdade' pra mim' ele é brasileiro disfarçado' que beleza aí vem a França pra cima do Brasil' ótima defesa do taffarel' Brasil perde UM a ZERo silvério' ainda bem que o guivarch é a maior lata de lixo dessa copa do mundo viu? se ele não fosse esse cone' os dois gols que ele perdeu já tinha ido tudo pro brejo hein Silvério? (*José Silvério e Wanderley Nogueira - Rádio*)

Francês

Ex. 2.18)

“PS - stéphane guivarch pour le deuxième but CONFRONT ON N'ETAIT PAS LOIN DE CETTE OCCASION STEPHANE GUIVARCH

PL -IL FAUT PAS LA MANQUER STEPHANE C'EST PAS POSSIBLE

PS - et quelle occasion pour l'équipe de France qui aurait pu faire le deuxième juste avant la mi-temps" (*Pierre Sled e Paul Leguen - TV*)

(Tradução: PS - Stéphane Guivarc'h para o segundo gol. Confronto! A gente não estava longe dessa chance! Stéphane Guivarc'h!

PL - Não pode errar, Stéphane, não é possível!

PS - E que chance para a equipe da França que poderia ter feito seu segundo (gol) um pouco antes do intervalo.)

IV) Lances que favorecem adversários da França

IV.A) Jogo da França contra a Itália:

O lance começa a partir do jogador Di Biagio. Ele chuta a bola para o centro da grande área. Moriero disputa a bola com Lizarazu, controla e lança para Vieri. Este corta a bola e cabeceia direto para o gol. A bola passa bem perto, balançando a rede do lado de fora.

Português:

Ex.2.19)

- nós vamos chegando na marca dos oito minutos a Itália chega pela primeira VEZ' a chance para o cruzamento **OLHA O GOL' OLHA O GOL:::: PRA FORA::::'** DEL PIERO **CARA A CARA COM O BARTHEZ** ((replay da jogada)) VOCÊ ACOMPANHA MAIS UMA VEZ CHEGANDO COM O MORIERO' FEZ A FINTA NO LIZARAZU CRUZAMENTO **LÁ PRA SEGUNDA TRAVE E O TOQUE DE CABEÇA DO VIERI' DIRETO PRA LINHA DE FUNDO** ((replay da jogada)) VOCÊ ACOMPANHA **MAIS UMA VEZ'** o thuram' subia junto com o vieri pra atrapalhá o suficiente' pra fazer com que o vieri errasse o alvo

- foi a primeira grande jogada do time italiano a abertura aqui pelo lado direito pro moriero' a marcação não estava boa do lizarazu zu' eh:: e o cruzamento agora o goleiro não saiu hein? o goleiro o goleiro francês o bar/(4) ele tinha que sair na bola pra não deixar o zagueiro pulá sozinho não é o:: porque o vieri é um cobra/ um um cabeceador de primeira qualidade (*Prieto e Gérson, TV*)

Francês

Ex. 2.20)

- n'oublions pas moriero sur le côté moriero oh il est tombé< moriero deuxième poteau **LA TÊTE DE VIERI ET BUT**

- [attention aïe aïe aïe aïe uh

- non' oh c'est juste à coté' j'étais persuadé que le ballon était rentré à reréflexe' de fabien barthez

- ((replay do lance três vezes consecutivas de diferentes ângulos, enquanto o locutor fala))
BONne action italienne avec moriero qui crochette bien lizarazu< bon centre deuxième poteau pour la tête de vieri qui s'impose' et c'est fabien barthez qui a fait tremblé les' filets heureusement< (*Pierre Sled e Paul Leguen, TV*)

(Tradução: - não vamos esquecer do Moriero, ao lado, Moriero, oh, ele caiu, Moriero, segundo pau. A cabeça de Vieri e gol!!)

- atenção ai ai ai ai uh

- não, oh, foi apenas do lado, eu estava certo que a bola tinha entrado num reflexo de Fabien Barthez

- boa ação italiana com Moriero que se desvia bem de Lizarazu, bom cruzamento do segundo pau para a cabeça de Vieri que se impõe e é Fabien Barthez que fez tremer a rede, felizmente.)

Ex. 2.21)

- luigi di bagio maintenant au centre du terrain' les italiens n'arrivent pas à poser leur jeu' sur le milieu du terrain' attention di biagio'la longue ouverture maintenant pour francesco moriero sur la surface de réparation' la défense qui centre' et pre/PREMIER BUT oh popo c'est christian vieri' qui a inscrit ce but mais but refusé par l'arbitre écossais'monsieur hugo dallas sur un TRÈS bon travail de francesco moriero' qui prend vitesse de bixente lizarazu qui glisse sur la pelouse du stade de france allant au centre christian vieri qui fait faute' sur lilian thuram qui MARque une tête qui trompe fabien barthez' mais l'arbitre écossais monsieur hugo dallas qui ne' ne'n 'accorde pas ce but' donc fabien barthez n'était pas' en danger les français maintenant à la relance la neuvième minute de jeu au stade de france. (*Stéphano Allegro, radio*)

(Tradução: Luigi di Biagio agora no centro do campo, os italianos não conseguem colocar seu jogo, no meio do campo, atenção, Di Biagio. A grande abertura agora para Francesco Moriero na grande área. A defesa que cruza e primeiro gol, oh popo é Christian Vieri que marcou esse gol, mas gol recusado pelo juiz escocês, senhor Hugo Dallas, de um muito bom trabalho de Francesco Moriero, que toma velocidade, de Bixente Lizarazu que escorrega no gramado do Stade de France indo ao centro, Christian Vieri que comete uma falta em Lilian Thuram que marca de cabeça, que engana Fabien Barthez, mas o juiz escocês, senhor Hugo Dallas, que não não concede esse gol, então Fabien Barthez não estava em perigo. Os franceses agora na retomada do nono minuto de jogo no Stade de France).

IV.B) Jogo da França contra a Croácia

Português

Ex.2.22)

“- ((enquanto jogadores estão passando a bola no campo da França, o locutor está falando sobre a fórmula 1 do domingo seguinte, até que percebe a jogada de Azanovic para Suker, na boca do gol)) azanovic’ que bolão’SUKer tava na jogada’ tava valendo bandeira’ tava na condição’ele não((Suker aparece em close, sorridente fazendo um sinal de “pouquinho” com a mão))’ acreditou’ tá fazendo o sinal aí faltou muito pouQUInho’ pra ele conseguir o domínio’ orLANdo’

- mas tava impedido’foi um erro do auxiliar do árbitro’não tinha ninguém’ para sorte do árbitro não aconteceu nada” (Paulo Soares e Orlando Duarte - TV)

Ex.2.23)

“a bola fica solta no campo de ataque vem descendo lá vem stanic’ dominou vai tentar cruzar’olha Stanic dominou vai tentar cruzar soltou mais atrás com azanovic ele toca na frente um bolão na BOca DO GOL SUker não conseguiu domínio:: A BOLA FUGIU FOI EMBORA faltou um pouQUInho::ele faz um sinal’ faltou só um pouQUInho pra ele dominá’ aí ficaria na cara do Barthez para fazer a priMEIra fatura do jogo”(José Maia - Rádio)

Francês

Ex. 2.24)

“et pour le moment et bien les croates continuent à attaquer par Suker’ heureusement’ que ce ballon de::: d’azanovic était un petit peu fort car là Suker l’homme le plus dangereux de cette équipe de croatie eh bien a bien failli une nouvelle fois’ et bien il a joué un’un mauvais tour’ il est quand même l’un des attaquants les plus performants du championnat’ espagnol’ il a failli marquer de très près à trois minutes’ deux minutes de la fin de cette première mi-temps’ le score est toujours zéro à zéro” (Jean-François - Rádio)

(Tradução: e por enquanto, bem os croatas continuam a atacar por Suker, felizmente essa bola de... de Azanovic estava um pouco forte, pois aí, Suker, o homem mais perigoso dessa equipe da Croácia, bem ele tentou mais uma vez, bem, ele fez uma jogada ruim, mesmo assim, ele é um dos atacantes de melhor desempenho do campeonato espanhol. Ele quase marcou de muito perto, aos três minutos, dois minutos antes do final do primeiro tempo).

Comentário:

i) A construção geral do texto (subseqüências):

As seqüências de “lance a gol”, mais longas do que as de “introdução ao jogo”, permitem aos locutores revelarem melhor o seu estilo de transmitir a partida. O locutor percebe que um lance perigoso está para ser realizado e passa a dar uma ênfase maior às ações que possivelmente culminarão em um gol. Todas as seqüências, tanto em português,

como em francês, são especialmente constituídas de subseqüências narrativas, uma vez que cabe ao locutor “contar” como se passa esse momento de perigo: o início, a tensão e o desenlace.

Cada jogo tem um “cenário” diferente e o instante específico do lance vai desencadear um discurso baseado nessa situação enunciativa. Vejamos como se compõem, em ambas as línguas, tais seqüências, de acordo com os lances selecionados.

Em português, as seqüências narrativas ficam por conta do locutor principal, sendo retomadas, muitas vezes, pelo comentarista. Frequentemente, tanto no rádio⁵ como na TV, essa seqüência se inicia com verbos no presente, como em 2.1 “Bebeto *toca* pro Dunga” (TV), em 2.17 “*toca* lá na frente”(RD), em 2.19 “a Itália *chega* pela primeira vez” (TV), 2.23 “a bola *fica* solta no campo de ataque”(RD); mas também pode se iniciar com verbos no futuro próximo, como em 2.3 “Ele *vai enfiá* a bola pro Ronaldinho, vai *pintar* o gol da classificação” (RD); no passado como em 2.11 “o nego *tava* na mesma linha” (TV), ou em 2.13 “aí o Djorkaeff pra cobrança, *meteu* na área (TV)”; ou ainda, no imperativo, como em 2.5 “*Vai* Cafu” (TV), em 2.6 “*vem, vem* pra defesa, Sampaio” (RD), em 2.9 “*Olha* a bola cruzada” (RD), em 2.16, “*Olha* como falhou” (TV), onde a *injunção* (para o jogador que participa da jogada ou para o ouvinte, chamado para testemunhá-la), dá mais interatividade à *narração*. Algumas vezes, e principalmente na televisão, a seqüência não se inicia com verbos, apenas com o nome do jogador. Sua ação, retomada adiante pelo locutor, é subentendida pelo telespectador. É o que temos em 2.22 “Azanovic, que bolão”.

Depois da introdução à seqüência, dependendo da duração dos passes até chegar o momento mais tenso, quando a bola finalmente é lançada para o gol, ocorrem, mescladas à continuidade da narração, repetições (de cunho narrativo ou descritivo) e/ou clichês do locutor.

As repetições enfatizam a ação em campo, preparando o ouvinte para o momento de maior tensão. Em 2.1, o locutor de televisão se ampara em repetições, na tentativa de advertir o jogador de posse da bola sobre a posição favorável de seus companheiros que ele vê no campo (e que seu telespectador também vê): “ali no meio tem o Giovani, no meio tem o Giovani, tem o Ronaldo do lado aberto, do lado direito”). Em 2.3, o locutor de rádio cria

⁵ Abreviado aqui como “RD”.

suspense, deixando o ouvinte na expectativa de ouvir o grito de gol, principalmente em um jogo tão decisivo para o Brasil, como este que foi com a Holanda (“a bola vai entrando, vai entrando, vai entrando”). Em 2.5, o locutor de TV também cria essa expectativa quando ressalta a beleza de um lance, compartilhado por seu receptor: “linda volta pra Cafu, lindo lance”. No exemplo 2.6, o locutor de rádio chama os jogadores, repetidamente, como se pudesse incitá-los para o preparo do ataque contra o time da França (“vem, vem pra defesa, vem pra defesa dele, Sampaio, vem pro ataque, Sampaio, Leonardo vem pra bola”).

Os clichês, marca registrada de certos locutores, começam a se fazer presentes nos momentos que antecedem a tensão, e, não raro, ganham força total nos instantes mais tensos. É assim que Sílvio Luís, pela televisão, faz uso de seus bordões, como vemos em 2.1 “olho no lance”, “pelas barbas do profeta”. E Dirceu Maravilha, no rádio, em 2.3, prepara o ouvinte com o seu conhecido “se for pro gol, me chama que eu vou”.

A narração, entremeada ou não por clichês e repetições, continua até o momento do lançamento da bola. Pelo rádio, as ações são bem explícitas, a força da locução se encontra no verbo. É o que temos em 2.3: “saiu do goleiro, tirou do goleiro”; em 2.6: “Leonardo vem pra bola, faz o cruzado, subiu o Rivaldo”, em 2.9: “vai na área do Kluivert, subiu Bergkamp, tá saindo o Jonk”; em 2.17: “falhou Júnior Baiano, Guivarc’h chegou livre, bateu”.

Pela televisão, nem todas as ações são explícitas, já que locutor e telespectador se ancoram na imagem. A força da locução pode estar no verbo (como temos em 2.13: “meteu na área, a chance, Zidane bateu”), mas, encontra-se sobretudo no substantivo ou em expressões feitas, que resumem a ação e evitam redundâncias. É o que temos em 2.1, quando, após o locutor dizer: “Ronaldo se meteu nas costas do becker”, ele não menciona mais nada sobre a jogada em si, apenas complementa com “vamo lá, olho no lance”. O “olho no lance” resume a ação compartilhada pelo telespectador. Em 2.5, o locutor tanto se distancia da narração do jogo que, mesmo sendo uma jogada tensa, faz uma digressão dialogal. Ele começa narrando: “Vai Cafu, linha de fundo, tenta o cruzamento certo pra ficá com o escanteio”, mas, ao invés de continuar na narrativa, prefere inserir esta digressão: “Cafu agora olhou para o bandeira e disse “agora foi, né? Agora cê deu” também a meio metro dele ali não tinha como dá”. Enquanto isso o lance ocorre. Depois, não menciona o que aconteceu, apenas destaca o nome do jogador envolvido: “olha o Barthez ó... olha o Barthez”.

Logo após o lance da bola, há um descarregamento de toda a energia e tensão dos momentos antecedentes traduzido por uma certa “frustração” ou um “alívio”. A sequência narrativa termina com uma sequência argumentativo-explicativa, que serve de gancho para uma possível intervenção do comentarista.

Em 2.1, em lance que favorece o Brasil, o locutor de TV lança mão de interjeições de espanto, de seus clichês (“Minha Nossa Senhora, pelas barbas do profeta”) e, depois, finaliza explicando o porquê de suas exclamações: “o capitão do time escocês, Hendry, salva a pátria do whisky, e ela passou a dois dedo do pau”. A oração no presente (“o capitão salva a pátria”) traz a ação como se fosse uma “manchete”. A oração no passado enfatiza a quase “fatalidade do lance”.

Em 2.3, o locutor de rádio prepara a narração da jogada para o ouvinte com o verbo seguido de gerúndio: a ação acontece à medida em que ele vai narrando, o que gera uma grande expectativa em lance a favor do Brasil. No entanto, ao invés de gritar o gol, finaliza sua narração com visível frustração: “vai entrando, vai entrando, vai entrando, não entrou”, o verbo no passado encerra a possibilidade de gol. E continua, buscando uma razão para o fato: “a bola foi rolando e, incrível que pareça, e não entra, vai pra fora, linha de fundo, Capriocci”.

Em 2.11, na TV, o locutor faz uma narração-descritiva, com verbos no pretérito perfeito. E demonstra seu susto com essa bola em ataque contra o Brasil, através de interjeições: “ô meu Deus do céu”, e com um argumento-explicativo, com substantivos giriescos que exprimem sua frustração: “demo uma bobeada ali atrás (...) demo uma cochilada dos diabo ali atrás”.

Quando o Brasil não está envolvido no lance, em jogos de outros países, não há explicitamente, nem “frustração”, nem “alívio”, mas uma aparente “neutralidade”, que se observa apenas na “admiração” da jogada, já que o objetivo do futebol é, afinal de contas, realizar gols. Em 2.23, em jogo da Croácia contra a França, pelo rádio, temos um bom exemplo. O locutor narra assim o momento do lance: “ele toca na frente um bolão na boca do gol”. A frase “um bolão na boca do gol” já demonstra (pelo aumentativo do substantivo) que a bola foi bem tocada e numa distância bem próxima do gol (“na boca”). Para encerrar a narração do lance, o locutor acrescenta seu comentário argumentativo-explicativo: “faltou

um pouquinho para ele dominá, aí ficaria na cara do Barthez para fazer a primeira fatura do jogo”. O importante é fazer gols ou, como se diz na gíria do futebol, “faturar”.

As seqüências argumentativo-explicativas sempre seguem as seqüências narrativas, pois nelas se baseiam. Quando não são desenvolvidas pelo próprio locutor-narrador, este inicia um diálogo com seu parceiro, chamando-o pelo nome. Algumas vezes, havendo possibilidade de ingressar no turno do “narrador”, o “comentarista” toma a palavra sem ser chamado, mas em geral ele espera sua vez.

As seqüências argumentativo-explicativas, quando em um diálogo, irão comumente submeter-se à abertura dada pelo narrador, através da seqüência de finalização de seu turno, ou por uma pergunta que ele dirija ao comentarista, que não raro é especialista-profissional de futebol. Veja-se o exemplo 2.5, quando Galvão Bueno faz uma pergunta ao seu companheiro, Arnaldo C. Coelho, ex-juiz de futebol. Havendo simplesmente a abertura para o comentário, com freqüência observamos a predominância de verbos no passado. É o que temos nos exemplos 2.11 e 2.9. Dirceu, pelo rádio, termina sua fala observando que a má atuação da equipe brasileira concedeu escanteio para a equipe da Holanda: “(...) pra fora de cabeça, escanteio pro time holandês, Capriocci”. Seu parceiro ressalta a ação desordenada do Brasil usando verbos no passado, em uma breve seqüência narrativa de cunho explicatório: “tudo errado na marcação da defesa brasileira, o Kluivert tocou para o Jonk. Taffarel fez uma grande defesa”.

O mesmo ocorre em 2.11. Sílvio Luís dá a palavra ao Orlando Duarte para que comente a facilidade com que a Escócia penetrou no campo brasileiro para tentar marcar um gol. Assim, ele elabora sua argumentação-explicativa: “É, foi um erro total de marcação e quase que o número nove, o Durie, fazia um gol de cobertura”. Interessante notar o uso do tempo verbal “fazia”, no imperfeito, ao invés do pretérito perfeito “fez”. O locutor escolheu o imperfeito para “realçar a idéia de continuidade”, de “duração do processo verbal”, uma de suas funções, conforme expõem Cunha e Cintra (1985:439).

Em francês, como em português, as seqüências narrativas também ficam sob o encargo de um determinado locutor. Mas, o diálogo entre eles é mais constante e a função de “narrar” mescla-se, muitas vezes, à função de “comentar”. Em um pequeno trecho, “narração” e “comentário” se sobrepõem. É o que se vê no exemplo 2.7. Thierry Roland e

Jean-Michel Larqué narram e comentam, “conversando em turnos” sobre o lance de escanteio em favor do Brasil. Por causa da constância de seu diálogo eles não se chamam pelo nome, como fazem as duplas no Brasil. O mesmo acontece com outra dupla da TV, Pierre Sled e Paul Leguen, como se observa nos exemplos 2.8, 2.12, 2.14 e 2.18.

No rádio, em compensação, as seqüências são mais longas e o “comentarista” muitas vezes só tem a palavra quando o “narrador” lhe concede, como se nota no exemplo 2.15. Mas, o “comentarista” pode trocar de papéis com o “narrador” e vice-versa. Como a “narração” pelo rádio é muito mais rápida, e, portanto, mais cansativa do que o “comentário”, os locutores mudam de posição, assim o outro pode descansar um pouco⁶. Isso não ocorre nas narrações no Brasil. O locutor principal continua em sua posição até o fim da partida.

A seqüência narrativa específica do lance, tanto como em português, pode se iniciar por diferentes tempos verbais. Em 2.8, temos um futuro próximo “Leonardo qui *va travailler* ce ballon” (TV). Há muitas ocorrências com o presente simples. Em 2.12, “Dunga *demande* à son partenaire” (TV). Em 2.14, o segundo lance, narrado logo em seguida à primeira tentativa de gol, também se inicia pelo presente: “*on vient* sur le corner” (TV). O mesmo ocorre em 2.15 “*on joue* quand même ce corner” (RD) e em 2.24 “les croates *continuent* à attaquer”. Pela televisão, nota-se que, muitas vezes, a seqüência narrativa não se inicia por um verbo, mas por um substantivo, a ação está subentendida pela imagem. Em 2.2, temos o nome de um jogador (o que já faz o telespectador perceber que é ele que está com a bola), seguido por um substantivo que abarca a ação de um outro jogador que pede a bola: “Dunga, appel de balle de Ronaldo”.

É interessante perceber que em 2.4, como em 2.10, o mesmo locutor de rádio, Jean-François, inicia sua seqüência com um substantivo. Mas percebe-se que ele começou a narração quando a bola já havia sido lançada. Ele não apenas começa com substantivo (“Bebeto, oh, le rebond de Ronaldo”, em 2.4 e “Oh, le ballon, le ballon de Frank de Boer”, em 2.10) como também com uma entoação tensa, o que desperta a atenção do ouvinte, que não havia sido preparado anteriormente para esse lance de perigo.

Para aumentar a dramaticidade (e a interatividade) do lance, há mais variedade nas repetições em português (mais facilmente encontradas em nosso corpus) do que em francês,

⁶ É o que notei principalmente com Stéphane Allegro e Thierry Claude, locutores de rádio.

nas seqüências narrativas. Mas, em 2.12, temos um bom exemplo pela televisão. O locutor, em um lance que favorecia a França, insiste na boa posição do jogador francês “il n’est pas du tout hors jeu, il n’est pas du tout hors jeu”.

Não encontramos “bordões” específicos de um locutor francês em lances de perigo. Percebe-se uma linguagem bastante comum, simples, mas não há uma “marca registrada” de um locutor como temos no Brasil. No Brasil, essa “marca registrada”, esses clichês do futebol saem do rádio ou da TV direto para a boca do povo. Na França, isso não existe. Não se tem registro de ‘frases feitas’ do futebol que são empregadas em outras circunstâncias⁷.

Tal como também em português, também em francês, a narração do momento em que ocorre o lance a gol, é permeada de seqüências exclamativas. As que antecedem o acontecimento podem ter um verbo no futuro próximo, como o que vemos em 2.2: “ça va être un but” (TV), no presente, como em 2.14: “Zidane *frappe*, c’est juste à côté (TV)”, em 2.21: “la défense qui centre et premier but” (RD); ou podem não ter verbo, principalmente se forem narradas pela TV, como temos em 2.20: “la tête de Vieri et but”. O mesmo pode ocorrer no rádio, como vimos em 2.4 (e aí o locutor se sente na obrigação de relatar toda a narrativa, numa seqüência argumentativo-explicativa).

As seqüências subseqüentes ao lance revelam o lado “torcedor” do locutor, como não poderia deixar de ser, através do “alívio”, se o gol fosse contra a França, ou da “frustração”, se fosse a favor. Esses sentimentos são marcados por advérbios, como temos em 2.7 “il a été stoppé par Fabien Barthez, *heureusement*”, por verbos que exprimem alívio como em 2.8 “il va *rassurer* tout le monde”, por adjetivos, como em 2.15 “une pression française *fantastique*”; 2.10: “une *superbe* situation d’égaliser”; por diferentes frases exclamativas: em 2.18 “c’est pas possible!”, 2.14 “quelle faute d’inattention italienne!”, “quelle frappe assez passée presque par dessus le gardien!” e por interjeições, como no ex. 2.20 “attention, aïe, aïe, aïe, uh!”.

Da mesma forma que o locutor brasileiro, o locutor francês, evita “torcer” quando a França não joga, revelando sua habilidade profissional e exaltando todos os lances a gol, seja

⁷ Após a Copa, por terem vencido o Brasil por 3 a 0, os franceses têm usado muito a expressão “un, deux et trois, zéro” em contextos de esporte, que não necessariamente o futebol, e às vezes em outras situações. Mas, essa frase saiu da própria boca do povo, dos torcedores no estádio, e não de um locutor de futebol.

do lado que for, como por exemplo, no jogo entre Brasil e Holanda: o locutor exclama a plenos pulmões “oh le ballon!!! Le ballon de Frank de Boer!!”. Mas, apesar do seu lado torcedor francês, ele sabe reconhecer se um lance do adversário foi bem feito ou não. Veja-se a exclamação de Jean-Michel Larqué, no exemplo 2.7, no jogo do Brasil contra a França, depois de uma cabeceada a gol de um jogador brasileiro: “quel beau coup de tête sur ce corner de Leonardo!”

Depois da tensão do lance, existe a explicação do mesmo. Na televisão, o “replay” faz o telespectador vivenciá-lo novamente, através de diferentes ângulos. No rádio, o “replay” fica a cargo da voz do locutor. Este desenvolve uma sequência argumentativo-explicativa bastante detalhada, conforme se vê nos exemplos 2.4, 2.21 e 2.24. Ele também pode dar a palavra ao seu parceiro, como temos em 2.15, se tem alguma dúvida sobre o lance. Feita a pergunta, o parceiro deve respondê-la e depois adiciona um comentário se desejar. O parceiro, ao fazer o comentário, pode tornar-se o narrador, prosseguindo a narração do jogo sem devolver a palavra para o primeiro locutor.

Na televisão, o diálogo é constante durante todo o jogo, não há o “convite” do narrador para o outro tomar a palavra. Ele vai tomá-la de toda a forma para fazer seu comentário. Em 2.7, Thierry anuncia o escanteio (“premier corner”) e Jean-Michel já explica o ocorrido. Thierry menciona o nome de “Leonardo”, quando este cobra o escanteio, e Jean-Michel imediatamente avalia: “il a bien frappé” e assim por diante. O mesmo tipo de diálogo ocorre entre Paul Leguen e Pierre Sled nos exemplos transcritos.

ii) **Extensão das seqüências e como se conectam entre si**

Nesse tipo de fase, percebe-se, basicamente, o emprego de três seqüências: a dialogal, (constante tanto em português como em francês) que engloba a narrativa (introduz o lance até o momento de maior tensão) e a argumentativo-explicativa (conclui, explicando o lance).

Em português, tanto no rádio como na TV, existe um certo equilíbrio na distribuição das seqüências: narrativa do lance de gol e argumentativo-explicativa, no diálogo entre narrador e comentarista. Em geral, o narrador, depois de vibrar com o lance, passa a palavra ao comentarista. As frases compostas, tanto por um quanto por outro, são objetivas, rápidas, dinâmicas. O lance é rápido, por isso a narração do mesmo, apesar de diversificada entre os

locutores, também não é longa. A seqüência argumentativo-explicativa, que segue após, não é mais longa do que a seqüência narrativa do lance, podendo ser mais curta. A predominância clara é da justaposição, mesmo que existam frases encadeadas (por coordenação) ou encaixadas (por subordinação).

Este exemplo de rádio, traz apenas a justaposição (marcada pela barra):

2.9 “- Olha a bola cruzada/ é perigosa/ vai na área do Kluivert/ subiu BergKAMP/ tá saindo o JONK/ A BOLA IA ENTRANDO'/ RIVALDO TÁ SALVANDO/ BOTA PRA FORA DE CABEÇA'/ ESCANTEIO PRO TIME HOLANDÊS/ CAPRIOCCI '

- Tudo errado na marcação da defesa brasileira/ o Kluivert tocou para o Jonk/ Taffarel fez uma GRANde defesa” (*Dirceu Maravilha e Ricardo Capriocci - Rádio*)

O exemplo abaixo, uma seqüência narrativa na TV, traz também apenas justaposições:

2.13: “aí o Djorkaeff pra cobrança METEU NA ÁREA / A CHANCE / ZIDANE BATEU PRO GOL/ A BOLA PASSA MUITO PERTO /(2) SE PERDE NA LINHA DE FUNDO /HOUE O DESVIO /É ESCANTEIO PARA A FRANÇA.

Neste outro exemplo, observa-se o predomínio da justaposição (barra/) e a ocorrência de algumas conexões por subordinação (sublinhado grosso) ou coordenação (sublinhado com onda). Ex.2.3)

- ELE VAI ENFIÁ A BOLA PRO RONALDINHO'/ VAI PINTAR O GOL DA CLASSIFICAÇÃO ' / (SE FOR PRO GOL ME CHAMA QUE EU VOU)⁸ /SAIU DO GOLEIRO / TIROU DO GOLEIRO / A BOLA VAI ENTRANDO' /VAI ENTRANDO'/ VAI ENTRANDO / NÃO ENTROU:::: /A BOLA FOI ROLANDO / E INCRÍVEL QUE PAREÇA / E NÃO EN:: TRA:: / VAI PRA FORA / LINHA DE FUNDO / CAPRIOCCI
- INcrível o gol que perdeu o RonalDinho' e ele não costuma perder esse tipo de gol' /CARa a CARa com o Van Der Sar / e ele tocou' a bola caprichosamente / raspou o poste esquerdo e foi à linha de fundo'(*Dirceu Maravilha e Ricardo Capriocci - Rádio*)

Em francês, existe uma diferença entre a extensão das seqüências narrativa e argumentativo-explicativa, no rádio e na TV. No rádio, a primeira tende a ser mais curta e a segunda, mais longa. Entendemos que, por haver um diálogo bem dinâmico na televisão, o

⁸ O parêntese neste texto existe porque a seqüência é um bordão do narrador, e não uma narração do evento.

narrador logo permite a intervenção do comentarista. Este precisa “explicar” cada pequeno momento narrado por seu colega, tornando os diálogos curtos e constantes. Há apenas um comentarista e um narrador. O narrador às vezes se distancia, em digressões, durante a narrativa do jogo, e aí o comentarista pode cortá-lo e “narrar” um lance para, em seguida, devolver a palavra ao narrador. Este “ping-pong” é incessante.

No rádio, o comentarista precisa ser solicitado, senão o próprio locutor principal comenta o lance. E, enquanto nada acontece de extraordinário em campo, ele aproveita para recriar o lance, no “replay” da sua própria voz, encadeando as subsequências de sua explicação, em orações bastante longas. Mesmo que tenham características de “narração”, ele não está mais narrando o jogo. Está retomando as ações passadas, para dar uma explicação a respeito do lance que acabou de ocorrer. Vejamos o exemplo abaixo, correspondente à narração do evento de 2.3, que mencionamos acima para demonstrar as seqüências em português.

Linha sublinhada para a seqüência narrativa, linha pontilhada para a argumentativo-explicativa:

2.4- (...)peut-être avec BEBETO OH LE REBOND DE RONALDO qui est face à l'avant-centre brésilien qui la voyait bien venir c'est la deuxième fois qu'il est en bonne position placé entre deux défenseurs néerlandais tout à l'heure c'était de la tête et là il frappe mais il a failli marquer du bout du pied et:: pour l'instant ben les brésiliens continuent comme ça par un coup de se montrer uh: dangereux à ce but de van der sar (*Jean-François - Rádio*)

Um outro exemplo, no rádio, é:

2.21- luigi di bagio maintenant au centre du terrain les italiens n'arrivent pas à poser leur jeu sur le milieu du terrain attention di biagio la longue ouverture maintenant pour francesco moriero sur la surface de réparation la défense qui centre et pre/PREMIER BUT oh popo c'est christian vieri qui a inscrit ce but mais but refusé par l'arbitre écossais monsieur hugo dallas sur un TRÈS bon travail de francesco moriero qui prend vitesse de bixente lizarazu qui glisse sur la pelouse du stade de france allant au centre christian vieri qui fait faute sur lilian thuram qui MARque une tête qui trompe fabien barthez mais l'arbitre écossais monsieur hugo dallas qui ne ne n'accorde pas ce but donc fabien barthez n'était pas en danger les français maintenant à la relance la neuvième minute de jeu au stade de france. (*Stéphano Allegro, radio*)

Diferentemente do que acontece em português, existe uma predominância da conexão

das subsequências por encaixamento. Isso ocorre tanto no rádio quanto na TV, e tanto na sequência narrativa, quanto na argumentativo-explicativa. Observando esses últimos exemplos, do ponto de vista da conexão, teríamos uma proporção bem maior de sequências subordinadas.

Sequência alternada - justaposição (barra/), sequência encaixada - subordinação (sublinhado grosso), sequência encadeada - coordenação (sublinhado com onda):

2.4- (...)peut-être avec BEBETO OH LE REBOND DE RONALDO qui est face à l'avant-centre brésilien qui la voyait bien venir/ c'est la deuxième fois qu'il est en bonne position placé entre deux défenseurs néerlandais/ tout à l'heure c'était de la tête / et là il frappe/ mais il a failli marquer du bout du pied /et:: pour l'instant ben'les brésiliens continuent comme ça par un coup de se montrer uh: dangereux à ce but de van der sar (*Jean-François - Rádio*)

Comparando com o exemplo 2.3, vê-se a grande diferença entre o tipo de conexão usado pelo locutor brasileiro e pelo locutor francês.

O outro exemplo de rádio é ainda mais repleto de sequências encadeadas.

2.21- luigi di bagio maintenant au centre du terrain'/ les italiens n'arrivent pas à poser leur jeu' sur le milieu du terrain'/ attention di biagio'/la longue ouverture maintenant pour francesco moriero sur la surface de réparation'/ la défense qui centre' et pre/PREMIER BUT oh popo/ c'est christian vieri' qui a inscrit ce but mais but refusé par l'arbitre écossais'monsieur hugo dallas sur un TRÈS bon travail de francesco moriero' qui prend vitesse de bixente lizarazu qui glisse sur la pelouse du stade de france allant au centre/ christian vieri qui fait faute' sur lilian thuram qui MARque / une tête qui trompe fabien barthez' mais l'arbitre écossais monsieur hugo dallas qui ne' ne'n 'accorde pas ce but' donc fabien barthez n'était pas' en danger / les français maintenant à la relance la neuvième minute de jeu au stade de france. (*Stéphano Allegro, radio*)

A tendência de unir as subsequências através da conjunção subordinativa “qui”, é muito comum, em francês, na narração de eventos esportivos. Quando solicitei a Thierry

Roland que fizesse uma narração imaginária de um gol da França⁹, ele fez abundante uso dessa conjunção. Mas, já ouvi um jornalista falar sobre um jogador na televisão, encaixando também as seqüências de sua fala através da conjunção “qui”, pronome relativo-sujeito. É assim, subordinando uma ação à outra, que o francês parece sentir o processo de narração, como se estivesse “explicando” um evento.

Em quase todos os exemplos transcritos, observamos o uso da subordinação. Alguns exemplos, na televisão, são:

2.20. “Bonne action italienne avec moriero qui crochette bien lizarazu< bon centre deuxième poteau pour la tête de vieri qui s'impose’ et c’est fabien bartez qui a fait tremblé les’ filets heureusement

2. 7 “T - et c'est bien cesar sampaio qui a frappé”

O brasileiro prefere narrar de forma mais “solta”, mais espontânea, quase imprevista, com frases que não dependem uma das outras. O francês prefere “prender-se” a processos subordinativos para explicar, argumentar, elucidar a respeito do lance, dos jogadores, da situação.

iii) Aspectos prosódicos

Considerando a entoação e o ritmo, percebemos que, em primeiro lugar, existem prosódias diferentes no rádio e na televisão.

No Brasil, no rádio, o locutor fala mais depressa do que o francês durante a seqüência narrativa. Sua fala é bastante dinâmica, com tonalidades que variam muito durante todo o tempo da narração. O francês começa depressa, mas depois parece que vai perdendo o fôlego, e muitas vezes um outro colega o substitui. Percebe-se que sua narração não tem o mesmo vigor da narração de rádio do brasileiro. Quando um lance é perigoso, o francês vai

⁹ “Barthez... Barthez **qui** a degagé le ballon.. ballon **qui** parvient à Christophe Dugarry, Dugarry **qui** remonte le terrain, il arrive.. ah...il est pas loin de la ligne, de la ligne immédiate, attention y a Vieira **qui** demande le ballon Vieira **qui** ouvre sur ((a voz vai aumentando de volume)) Emmanuel Petit, Emanuel Petit **qui** se présente seul, Emmanuel Petit **qui** frappe, OH, LÀ, LÀ, LA, C’EST LE TROISIÈME BUT DE LA FRANCE, l’équipe de France **qui** vient de marquer à la toute dernière seconde le troisième but contre le Brésil, et bien là, je crois vraiment que c’est terminé, l’équipe de France va être vraiment sacrée championne du monde et c’est une très grande émotion pour tout le monde”.

com todo o pulmão e fala bem alto, bem forte (veja-se o ex. 2.10), mas depois esmorece.

Na televisão, o locutor francês e o brasileiro falam mais pausadamente. O locutor brasileiro evita as pausas. Em narração de eventos lentos, monótonos em campo, o locutor brasileiro preenche os espaços vazios mais rapidamente do que o locutor francês. O locutor francês chega a ficar até 14 segundos quieto¹⁰. O brasileiro, no máximo, 4: se o narrador não fala, o comentarista tem a palavra, ou uma propaganda é inserida pela produção. Também observamos que o francês quando narra pausadamente, em momentos distensos, termina sua fala em entonação ascendente (veja-se o ex. 2.12), mesmo que a frase seja declarativa, como se ele fosse continuar o pensamento. Mas ele não continua, quem toma a palavra é seu colega.

O brasileiro sempre dá bastante entonação a seus enunciados no momento de perigo. E fala mais depressa também (ex. 2.3). Esse ‘modelo entoativo’ é igualmente observado pelo francês, como se verifica nos exemplos 2.14 e 2.15.

Como as frases do brasileiro são mais soltas, justapostas, rápidas, há mais dinamicidade na fala e com isso, maior variação entonativa. O francês parece dar mais valor à estrutura de suas frases, interligadas por processos subordinativos, do que às variações de altura. Os exemplos 2.19, em português, 2.20 e 2.21 em francês demonstram bem isso.

iv) Emprego de gírias e de expressões metafóricas

É certo que o francês faz uso de gírias e também de metáforas quando narra futebol, pois a língua falada, sempre está cheia deles, mas é em bem menor escala do que o brasileiro. De toda a forma, o emprego de figuras de linguagem e de uma linguagem mais gíriesca relaciona-se diretamente ao estilo do locutor. E, nos exemplos escolhidos não se vê o uso de tais expressões por nenhum dos locutores franceses.

O mesmo já não ocorre com os locutores brasileiros. Nos exemplos assinalados, o locutor Sílvio Luís é quem mais usa uma linguagem figurativa. Chama a Escócia de “pátria do whisky” (2.1), apela a “Deus” e ao “diabo” (2.11), sem se esquecer de “Nossa Senhora” e das “barbas do profeta” (2.1). Esses são apenas alguns dos inúmeros exemplos de expressões

¹⁰ Esses dados não figuram no corpus selecionado aqui, pois não incluímos a narração de trechos narrativos distensos neste trabalho (a variação de aproveitamento do tempo é muito grande entre as emissoras e os locutores).

que ele usa. Parece que figuras da religiosidade se fazem presentes bem constantemente entre os locutores brasileiros (no “templo” em que o estádio se transforma). Galvão Bueno “canoniza” o goleiro Taffarel cada vez que ele faz uma boa defesa. É um de seus clichês dizer que “São Taffarel salvou o Brasil” (ex. 2.16). Wanderley Nogueira, ao referir-se a um jogador francês, chama-o de “lata de lixo”, de “cone”. Mas essa comparação negativa serve para desvalorizar o Brasil e não o jogador. Para Wanderley, se qualquer outro jogador tentasse marcar com o Brasil, que não esse, “tudo já tinha ido pro brejo”, como diz em 2.17.

Palavras gírias, como “bobeada” e “chochilada” (2.11) “bolão” (2.23), “goleirão” (2.6) (no aumentativo), “louquinho” (2.5) (no diminutivo) ou expressões como “entregar o ouro” (2.16), “fazer uma fatura” (2.23) são bastante comuns na fala popular do locutor no Brasil.

v) Envolvimento do locutor com seu ouvinte/telespectador

Aprendemos com Tannen (1989: cap.6) que o envolvimento com o interlocutor é advindo da criação de imagens e da sonoridade das palavras. Nos lances de perigo, o locutor francês se envolve mais com seu interlocutor (ouvinte/telespectador) do que em momentos de abertura do jogo. Mas esse envolvimento ocorre principalmente pela tonalidade, pelos traços da emoção que carrega na voz ao narrar/comentar os lances mais perigosos de um jogo. Sua linguagem também traz adjetivos, advérbios e interjeições emotivas, mas é menos “apelativa” e menos constante do que a do brasileiro.

Percebe-se que o francês dá mais ênfase à objetividade e à razão dos fatos, procurando analisá-los constantemente. Sua fala, permeada de seqüências encaixadas, não tem a mesma dinâmica da fala do locutor brasileiro.

O locutor brasileiro se envolve mais, vive mais de perto a “paixão do futebol” com o público. Cria imagens, dialoga, exagera no ritmo das frases e das palavras. O exemplo do que faz Sílvio Luís, em 2.11, ao dialogar com a “dona de casa” que prepara um “rango” (antes de narrar o lance a gol), é apenas a amostra de uma interação que se pretende bastante intensa, muito íntima, com o ouvinte/telespectador.

Colocando em uma tabela, o comportamento discursivo do francês e do brasileiro, durante essa fase, temos o seguinte:

LANCES A GOL

i) Construção geral do texto - subsequências

	Em Português	Em Francês
<i>Seqüência Dialogal</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Ocorre ao final da seqüência <u>narrativa</u> para introduzir a <u>argumentativo-explicativa</u>. • Na maior parte das vezes, no rádio, ou na TV, o narrador convida o comentarista para “dialogar”. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ocorre ao final da seqüência <u>narrativa</u> para introduzir a <u>argumentativo-explicativa</u>. • No rádio, o narrador convida o comentarista para dialogar. Na TV, o diálogo é constante, não há o convite.
<i>Seqüência Narrativa (TV)</i>	<p><u>Início</u>: Por verbos, inclusive no imperativo (subseqüência injutiva) ou por substantivos.</p> <p><u>Meio</u>: repetições e clichês, verbos ou apenas substantivos que indicam o preparo para o lance.</p> <p><u>Fim</u>: seqüências exclamativas e argumentativo-explicativas.</p>	<p><u>Início</u>: Por verbos (não há imperativo) ou substantivos.</p> <p><u>Meio</u>: repetições (não há clichês), verbos ou substantivos que indicam o preparo do lance.</p> <p><u>Fim</u>: seqüências exclamativas e argumentativo-explicativas.</p>
<i>Seqüência Narrativa (Rádio)</i>	<p><u>Início</u>: Em geral, frases-oração.</p> <p><u>Meio</u>: repetições e clichês, verbos que preparam para o lance.</p> <p><u>Fim</u>: seqüências exclamativas e argumentativo-explicativas.</p>	<p><u>Início</u>: Frases-oração ou substantivo (dando já abertura para a seqüência argumentativa.).</p> <p><u>Meio</u>: repetições (não há clichês), verbos que preparam para o lance.</p> <p><u>Fim</u>: seqüências exclamativas e argumentativo-explicativas.</p>
<i>Seqüência Argumentativo-Explicativa (TV)</i>	Iniciam-se após a seqüência narrativa, podendo ser introduzida por palavra exclamativa e ter subsequências narrativas de cunho explicatório	Iniciam-se após a seqüência narrativa, sem palavras exclamativas, possuem subsequências narrativas de cunho explicatório.
<i>Seqüência Argumentativo-Explicativa (Rádio)</i>	Iniciam-se após a seqüência narrativa, podendo ser introduzida por alguma palavra exclamativa e ter subsequências narrativas de cunho explicatório	Iniciam-se após a seqüência narrativa, podendo ter alguma palavra exclamativa e subsequências narrativas de cunho explicatório

ii) Extensão das seqüências e como se conectam

	Em Português	Em Francês
<i>Seqüência Narrativa (TV)</i>	Não é longa. Frases justapostas (mais comum) ou encadeadas.	Mais curta do que português. Frases justapostas, encadeadas ou encaixadas.
<i>Seqüência Narrativa (Rádio)</i>	Não é longa. Frases justapostas (mais comum) ou encadeadas.	Mais curta do que português.. Frases justapostas, encadeadas ou encaixadas.
<i>Seqüência Argumentativo-Explicativa (TV)</i>	Não é longa (em geral, tem a mesma extensão do que no rádio). Frases justapostas (mais comum), encadeadas ou encaixadas.	Extensão semelhante à da seqüência narrativa, pois há uma simetria no diálogo. Frases justapostas, encadeadas ou encaixadas.
<i>Seqüência Argumentativo-Explicativa (Rádio)</i>	Não é longa (em geral, tem a mesma extensão do que na TV). Frases justapostas (mais comum), encadeadas ou encaixadas	Extensão mais longa do que a narrativa, nem sempre, predomínio de frases encadeadas e encaixadas.

iii) Aspectos prosódicos

Em Português	Em Francês
<u>Volume</u> : alto nos momentos de tensão, tanto no rádio como na TV.	<u>Volume</u> : alto nos momentos de tensão, tanto no rádio como na TV.
<u>Ritmo no rádio</u> : mais rápido durante toda a extensão das seqüências narrativas. Ritmo normal da fala, nas seqüências argumentativo-explicativas. <u>Na TV</u> : Normal no início da seqüência narrativa, mais rápido nos momentos de tensão. Normal nas seqüências argumentativo-explicativas.	<u>Ritmo no rádio</u> : mais rápido principalmente nos momentos de tensão. Ritmo normal da fala, nas seqüências argumentativo-explicativas. <u>Na TV</u> : Normal no início da seqüência narrativa, mais rápido nos momentos de tensão. Normal nas seqüências argumentativo-explicativas.

iv) Gírias e expressões metafóricas

Em Português	Em Francês
Sim, em bastante profusão, no rádio, na TV, em ambas as seqüências, principalmente na narrativa.	Não são tão freqüentes como em português. Não encontradas nos exemplos selecionados.

v) Envolvimento com o ouvinte

Em Português	Em Francês
Intenso, pela variação constante de tonalidade, ritmo variado, criação de imagens e diálogo com o ouvinte/telespectador.	Menor, pelo uso de algumas palavras que evocam sentimento, mas, principalmente pela tonalidade e ritmo em momentos de tensão.

3) GOLS

O momento mais esperado em um jogo de futebol é, sem dúvida alguma, o gol. Toda a tensão do jogo é preparada para a hora do gol. Muitos gols foram realizados pelo Brasil e pela França nessa Copa. E foram comemorados ou lamentados por locutores brasileiros e franceses. Seleccionamos gols a favor e contra às equipes do Brasil e da França, de preferência no mesmo jogo, para observarmos como se realizam esses momentos discursivos na voz do mesmo narrador. A França foi o país que menos tomou gols na última Copa do Mundo. Em tempo regulamentar de jogo, (i.e. sem contar os pênaltis) , foram apenas um da Noruega, na primeira fase, e um da Croácia na semi-final. Não temos gravações comparativas do jogo com a Noruega, então, vamos comentar gols de pênaltis do jogo da França contra a Itália.

I) Jogo do Brasil contra a Dinamarca (3x2)

Narradores na televisão

I. A) Gol da Dinamarca

Primeiro gol da Dinamarca, aos 2 minutos do primeiro tempo, feito por Jorgensen.

Português

Ex. 3.1)

“Olha a Dinamarca chegando a bola tocada pra TRAS GOOOL (6) da dinaMARca:: joergensen:: com MENos de dois miNUTos’ aquela bobeira de deixá batê ali’ deixaram batê’ o brian laudrup tocou pra trás< o jorgensen entrou’ fez o toque bateu à direita do taffarel’ deu boBEIra a seleção brasileira” (*Galvão Bueno - TV*)

Ex. 3.2)

“Olho no LANCE:: azeDOU::: azeDOU::: azeDOU o molho aqui em nantes’ JORgensen’ quando eram apenas jogados dois minutos do primeiro tempo meteu a bala no arco brasileiro” (*Sílvia Luís - SBT*)

Francês

Ex. 3.3)

“PB - il va au côté gauche (2) entre pour le CENTre (3) une faute de dunga

DL - [... qui va provoquer junior baiano

PB - attention ça va très vite il a passé et BUT

DL [- IL FERME

PB [- MARQUÉ PAR JORGENSEN APRES (2)
QUELQUES MINUTES DE JEU”

(Dominique Le Glou e Patrick Battiston - TV)

(Tradução: PB - ele vai do lado esquerdo, entra para o cruzamento, uma falta de dunga

DL - que vai provocar Júnior Baiano

PB - atenção, vai muito depressa, ele passou e gol

DL - ele fecha

PB- marcado por Jorgensen depois de apenas alguns minutos de jogo

I.B) Gol do Brasil

Primeiro gol do Brasil aos 11 minutos do primeiro tempo, feito por Bebeto

Português

Ex.3.4)

“(...) todos os jogadores marcados’ finalmente ela chegou no ronaldinho’partiu roberto carlos LINdo TOque pra bebeto’ é batê pro gol’ bebeto’ é batê pro gol BATEU BEBETO BATEU BEBETO BATEU BEBETO OLHA O GOL OLHA O GOL’ GOOOOL (6) EEeeEE::: É do BRASIL ((música ao fundo)) BEBETO AOS DEZ MINUTOS E VINTE ‘ DESSE MEIO TEMPO A ENFIADA PRA ELE’ RONALDINHO NÃO TINHA TOCADO NA BOLA’ BEBETO NÃO TINHA TOCADO NA BOLA’ RONALDINHO PEGOU’ TOCOU PRA BEBETO’ BEBETO FEZ O GOL VOCE VAI ASSINÁ ((o gol passa em replay)) PODE BOTÁ AÍ BEBETO BATE DE NOVO BEBETO’ ajeita Isso’ Olha o Helveg atrás de voCÊ’ beBEto toCOU de pé direito na saída de schmeichel’ meteu na REde ele saiu pro aBRAço já deu o abraço agora bota seu nome bebeto’ seu terCEIRO gol na COpa do MUNdo aSSIna beBEto que o gol é seu::: UM para o brasil UM para dinaMARca”

(Galvão Bueno - TV)

Ex.3.5)

“vamo botá o pagode pra arrumá a cozinha dos dinamarqueses olho no LANCE’ É::: MAIS UM GOL BRASILEIRO MEU PO::VO:: EN::CHE O PEITO::: SOL:TA O

GRITO DA GARGANTA E CON:FIRA COMIGO NO REPLAY:: FOI FOI FOI FOI FOI FOI ELE BEBETO' O CRAQUE' DA CAMISA NÚMERO VINTE:: tamõ jogando redondo aqui em la beaujoire ONZE MINUTOS' O BRASIL EMPATA EM CIMA DA DINAMARCA::”

(Sílvia Luís - TV)

Francês

Ex. 3.6)

“DL -ronaldo RONALDO SUBERBE BALLON POUR BEBETO QUI FRAPPE ET QUI MARQUE

PB- [MAGNIFIQUE

DL- [EGALISATION BRESILIENNE' DE BEBETO BEBETO TRÈS
CONTESTÉ PAR LA PRESSE ET BEBETO QUI DÉMONTRE QUE
L'ESPOIR DE ZAGALLO EST SANS DOUTE LE BON

(Dominique Le Glou e Patrick Battiston - TV)

*(Tradução: DL - Ronaldo, Ronaldo, maravilhosa bola pra Bebeto que chuta e que marca
PB - Magnífica!*

DL - Empate brasileiro de Bebeto, Bebeto muito criticado pela imprensa e Bebeto que demonstra que a esperança de Zagallo é, sem dúvida, boa.)

II) Jogo do Brasil contra a Holanda (1x1) Pênaltis (4x2)

Narradores no rádio

II.A) Gol do Brasil

Gol do Brasil antes do primeiro minuto de jogo do segundo tempo, por Ronaldo.

Português

Ex. 3.7)

“Faz a passagem pra Rivaldo... Rivaldo vem ganhando... Ronaldinho vai marCÁ... saiu na cara do gol bateu GOOOLL (17) ((vinheta da Radio com musica festiva ao fundo durante toda a fala do locutor logo após o grito de gol)) **É DO BRASIL::.. RONALDI:NHO:: É DO RONALDINHO TA LÁ:::.. BRASIL:::.. TA LÁ::.. RONALDI:NHO::É O GOL DO MAIOR JOGADOR DO MUN:DO' RONALDI:NHO... RECEBEU NA ESQUERDA A BOLA DO RIVALDO... ENTROU NA CARA DO GOL::DOMINOU::TIROU DO GOLEIRO BOTA LÁ DEN:TRO E FAZ A PRIMEIRA FATURA BRASILEI:RA'RONALDINHO NÃO NÃO NÃO... NÃO TEM TALVEZ' ELE FOI PRA RREDE OUTRA VEZ' GOL GOL GOL NE:LES BRASIL:: ARRASA BRASIL::**

DETONA BRASIL::ESTAMOS A CAMINHO DO **PENTACAMPEONATO'** ESTAMOS NO CAMINHO **CERTO** NO MOMENTO **CERTO'** VINTE E CINCO SEGUNDOS COMO EU DISSE DO TEMPO TÁ LÁ RONALDINHO::BRASIL BRASIL BRASIL UM...HOLAN:DA **ZERO**:: **FESTA** BRASILEIRA EM MARSEILLE E A BOLA **VOLTA** A ROLÁ: O BRASIL TEM QUARENTA E QUATRO MINUTOS PRA CHEGÁ NA **GRANDE FINAL**::TA LÁ:: ARTILHEIRO É ARTILHEIRO... QUEM TEM TEM:: O BRASIL TEM RONALDINHO NA **MAR**::CA DO GOL NO **CHEIRO** DO GOL BRASIL **VENCE UM A ZE:RO**.. AGORA É **BOM** DEMAIS...(....) agora soltou pra Rivaldo eu quero é mais
(Dirceu Maravilha - Rádio)

Francês

Ex.3.8)

“JF - bonsoir rebonsoir c’est repartie depuis très exactement quinze secondes ici au stade de Vélodrome entre donc le Brésil et la Hollande apparemment le match est tourné À DEUX/ RONALDO

[

JG - (incomp)

JF - RONALDO ENTRE LES JAMBES DE VAN DER SAR... PREMIÈRE ATTAQUE AUX ATOUTS DU DEUXIÈME MI-TEMPS... RONALDO LANCE DANS LE TROU QUI SE PRÉSENTE TOUT SEUL.. DEVANT VAN DER SAR ET QUI MET CE BALLON ENTRE LES JAMBES... DU GARDIEN DE BUT HOLLANDAIS... OUVERTURE DU SCORE' POUR L'ÉQUIPE DU BRÉSIL:: ET BEN... QUEL.. DÉBUT ON PREND PART' DANS CETTE DEUXIÈME MI-TEMPS DES SUDAMÉRICAINS' QUI AVAIENT POURTANT JEAN CASPARELLA ÉTAIT PLUS QUE MAL MENÉE PENDANT QUARANTE ET CINQ MINUTES”.

(Jean-François e Jean Gasparella - Rádio)

(Tradução JF - boa noite, boa noite novamente, a partida recomeçou há exatamente quinze segundos aqui no estádio do Vélodrome entre, portanto, o Brasil e a Holanda e parece que o jogo virou, a dois, Ronaldo!

JG (incomp)

JF - Ronaldo entre as pernas de Van Der Sar! Primeiro ataque na chance do segundo tempo! Ronaldo lança no vazio que se encontra só diante de Van der Sar e que coloca essa bola entre as pernas do goleiro holandês! Abertura do placar para a equipe do Brasil e, bem, que início a gente presencia nesse segundo tempo dos sul americanos que tinham entretanto, Jean Gasparella, que foi mais do que mal jogado durante quarenta e cinco minutos!)

II.B) Gol da Holanda

Fim do segundo tempo, gol da Holanda, por Patrick Kluivert

Português

Ex.3.9)

“Ronaldo de Boer domina a bola pela direita a zaga já está pronta o cruzado está acontecendo Kluivert de cabeça **GOOLL** (9) INCRÍVEL QUE PAREÇA MAS ELE TAVA **LÁ::KLUIVERT** NA MARCA DE QUARENTA E UM E QUARENTA DO SEGUNDO TEMPO JÁ TAVA LIQUÍDADA A FATURA:: (2) NO TOQUE QUE FOI SAI ERRADO BRASIL VOLTOU **DEMAIS** O CRUZAMENTO VEM NA ÁREA NO MOMENTO QUE O DUNGA QUE TENTOU TIRÁ E NÃO TIROU E AÍ NÃO TINHA NINGUÉM NA DIREITA' O PASSE VEIO NA ÁREA E DEFESA DO BRASIL NÃO FOI ELE TAVA SOZINHO CABECEOU BOTA LA DENTRO E EMPATA O **JOGO** DALMO PESSOA' O BRASIL JÁ ESTAVA LÁ NÃO ESTÁ MAIS DALMO”

(Dirceu Maravilha - Rádio)

Francês

Ex.3.10)

- Attention c'est parti avec ronaldo::: de Boer à l'ailier droit qui va mettre dans le paquet' la tête de KluiVERT
- et but
- LA TETE DE KLUIVERT SUR LA LIGNE DE CINQ MÈTRES EGALISATION BRESILIENNE ' A QUATRE' EGALISATION HOLLANDAISE À QUATRE MINUTES DE LA FIN DE LA RENCONTRE SUPER' ON ATTENDAIT CE BUT LÀ PARCE QUE JEAN GASPARELLA IL ÉTAIT MÉRITÉ

(Jean-François e Jean Gasparella - Rádio)

(Tradução: - Atenção, começou com Ronaldo. De Boer para o ala direita que vai dar o máximo. A cabeça de Kluivert!

- e gol
- a cabeça de Kluivert na linha de cinco metros, empate brasileiro, aos quatro, empate holandês aos quatro minutos do fim do jogo! Super! A gente esperava esse gol aí porque Jean Gasparella, ele era merecido”).)

III) Jogo França contra Itália (0x0) Pênaltis (4x2)

Jogo empatado em zero a zero. A sessão de pênaltis resolveu o impasse e a França venceu. O trecho escolhido começa no segundo gol da sequência: Lizarazu perde o gol para a França, Albertini perde o gol para a Itália, Trezeguet marca e por fim, Costacurta marca também.

Narradores na televisão

Português

Ex. 3.11)

- lizarazu (2) é a segunda cobrança da França tudo igual' placar de um a um'toma distância lizarazu bate com o pé esquerdo (3) já autorizado (2) se concentra lá vai ele lizarazu PAGLIUUUCA:::: DEFENDEU PAGLIUCA **PERDE O PENALTI** LIZARRAZU:: ACOMPANHE MAIS UMA VEZ:: bateu mal gerson
- ele bateu fraco e bateu em cima praticamente do goleiro ele não olhou olha ali ele tá olhando pra baixo ó:: e ele é caNHoto hein e o canhoto não costuma fazê essa besteira não olha pro goleiro na hora que vai chegá na bola e viu o goleiro prum lado ele mete no outro
- albertini' tomou pouca distância lá vai albertini baTEU BARTHEZ::::DEFENDE O GOLEIRO FRANCÊS::: BATEU ALBERTINI NO **MESMO LUGAR QUE BATEU LIZARRAZU::: (2) CAIU DA MESMA MANEIRA QUE CAIU PAGLIUCA PEGOU FABIEN BARTHEZ::**
- daí pra frente' amigo' tudo pode acontecê'tudo pode acontecê bem batido e mal batido' ali é tudo igual tirando os dois primeiros' tá certo? tudo igual e dois grandes goleiros tem isso também hein?
- tá valendo a vaga na semi-final da copa do MUNdo'toma distância trezeguet vai batê com o pé direito partiu pra bola baTEU GOL:::::::::: da FRANÇA TREZEGUET::' é o segundo gol francês' você tá vendo aí o lizarazu' vai desabafando' depois da defesa do barthez' e da conclusão do trezeguet' olha ali (3) a emoção ((câmera mostra jogador chorando)) do lizarazu < é uma carga pesadíssima em cima do jogador' costacurta (3) toma distância' vai batê com o pé direito costacurta correu e o GOL::: da ITÁLIA:::' converte costacurta' tudo igual dois a dois' (Prieto e Gerson - TV)

Francês

Ex.3.12

- lizarazu face' à pagliuca< (8) ((o jogador chuta, não marca, o goleiro agarra a bola))
- Oh' il aRRÊté
- [aïe aïe aïe aïe aïe:: c'est pas vrai:::

- Tiré:: (2) un petit peu écrasé' ça manquait de puissance< allez' c'est pas terminé< (8) ((replay retomando o chute e a pegada do goleiro))
 - règle'il frappe en ouvrant le pied lui aussi<
 - et la réaction'de deschamps<
 - albertini maintenant pour l'italie< ((passa o replay sob outro ângulo, enfocando o rosto do jogador ao chutar a bola, ele leva as mãos ao rosto, por sua frustração)) oui c'est souvent force avec très peu d'élan< (6) ((jogador Albertini se aproxima e ajeita a bola))
 - il a une superbe frappe du coup du pied<' mais il prend peu d'élan< ça va partir fort< (referindo-se ao jogador prestes a marcar seu pênalti) (4) ((jogador chuta e o goleiro francês pega a bola))
 - OUI barthez
 - OUI' il l'ARRETE (5) ARRETE et la france et l'italie sont toujours DEUX A DEUX::'avec un penalty réussi chacun' un penalty arrêté chacun<
- (Pierre Sled e Paul Leguen - TV)

(Tradução: - Lizarrazu cara a cara com Pagliuca

- Oh, ele pegou!
- Ai, ai, ai, ai, não é verdade!
- Chutou, um pouco estourado, faltava força, vamos, não terminou.
- Regra: ele também chuta abrindo o pé.
- E a reação de Deschamps.
- Albertini agora para a Itália... sim, é quase sempre força com muito pouca distância
- Ele tem um chute excelente com a ponta do pé, mas ele toma pouca distância, vai partir forte
- Sim, Barthez!
- Sim, ele pegou, ele pegou!! E a França e a Itália estão ainda dois a dois, com um pênalti realizado e um pênalti perdido cada uma.)

III) Jogo da França contra a Croácia (2x1)

Logo no início do segundo tempo, o jogador Suker marca para a Croácia, mas a reação da França acontece logo em seguida e Thuram marca seu primeiro gol dessa partida.

Narradores no rádio

Português

Ex. 3.13)

“APITA O ÁRBITRO ESPANHOL GARCIA ARANDA:: A FRANÇA SAI PRO JOGO' A FRANÇA E A CROÁCIA ESTÃO CORRENDO ATRÁS DA BOLA NO SEGUNDO

TEMPO:: (VINHETA) AGORA DEIXA COMIGO TORCEDOR DO BRASIL:' O RÁDIO CONTINA SENDO NA MINHA VIDA O MAIS IMPORTANTE MICROFONE DO ESPORTES DO RÁDIO BRASILEIRO PELA BANDEIRANTES SÃO PAULO' COM A RÁDIO NACIONAL COM MAIS DE QUINHENTAS EMISSORAS POR TODO O BRASIL' QUE OLÉ PINTOU O GOL CHEGOU DIRETO POR ALI BATEU DIRETO PRO GO:::L SUKER: GOOOLL:: (15) SUKER! CAMISA NOVE:: O ARTILHEIRO GOLEADOR::: ELE CONHECE O CAMINHO A ROTA DO GOL ELE RECEBEU DE ASANOVIC ELE ENTROU NA BOCA DO GOL NÃO TINHA MARCAÇÃO' NÃO TINHA IMPEDIMENTO' NA SAÍDA DE BARTHEZ' ELE CUTUCOU A BOLA FOI PRO FUN::DO DA REDE DE BARTHEZ QUE DESESPERADO VAI TIRAR DE DENTRO DA REDE::: O SONHO DA CROÁCIA QUE VAI DEBUTANDO PARA CHEGAR NA FINAL COM O BRASIL' O PESADELO DA TORCIDA FRANCESA QUE SUPERLOTA AS DEPENDÊNCIAS DE SAINT DENIS ESTÁDIO DE FRANCE' TÁ LÁ NO PLACAR::: O GOLEADOR SUKER CAMISA NOVE' VINTE SEGUNDOS DA FASE COMPLEMENTAR::: ATENÇÃO DESCE PARA O GOL PINTOU O GOL DE EMPATE OLHA A FRANÇA BATEU THURAM GOO::LL (16) É DA FRANÇA::: LEVANTA LEVANTA LEVANTA O TORCEDOR FAZ A FESTA QUE ELA É TODA SUA::: D'JORKAEFF TOCOU:: NO LANCE QUASE IGUAL AO DO GOL DA CROÁCIA TOCOU PARA THURAM::: ELE ENTROU:: EM CIMA NA MARCA DE UM MINUTO E VINTE SEGUNDOS EMPATANDO A PARTIDA NÃO DEU NEM TEMPO NEM TEMPO DOS CROATAS COMEMORAREM O PRIMEIRO GOL' THURAM RECEBEU DE D'JORKAEFF NA SAÍDA DESESPERADA DO GOLEIRO ELE CUTUCA E SAI PRO ABRAÇO TÁ LÁ NO PLACAR::: TUDO IGUAL O POVÃO SE ABRAÇA SE CONFRATERNIZA PELAS ARQUIBANCADAS DO STADE DE FRANCE' É A FRANÇA' QUE SAI DO PESADELO PRA TENTAR CHEGAR À VITÓRIA CHEGAR AÍ À CONQUISTA EXATAMENTE DO DIREITO DE CHEGAR À FINAL COM A SELEÇÃO BRASILEIRA' LEANDRO QUESADA' A CROÁCIA MARCOU AQUI A FRANÇA MARCOU LÁ TÁ TUDO IGUAL LEANDRO QUESADA:::"

(José Maia - Rádio)

Francês

3.14)

“En première mi-temps attention Sucker qui va MARQUER:: VOILÀ C'EST FAIT' IL A MARQUÉ SUKER IL FALLAIT S'EN MEIFIER:: IL FALLAIT S'EN MEIFIER SUKER A MARQUÉ: APRÈS EXACTEMENT UNE PETITE MINUTE DE JEU DE CETTE PREMIERE/ DEUXIEME MI-TEMPS ET BIEN 'SUKER A MARQUE AVEC CE BALLON EXTRAORDINAIRE' A-SA-NOVIC DIRECTEMENT SUR SUKER QUI ETAIT COMPLETEMENT' DEMARQUE' ALORS MAINTENANT LES CHOSES SONT TRES CLAIRES' ELLES SONT ELLES SONT D'UNE LIMPIDITÉ EXTRAORDINAIRE SOUS DEVANT LES BLEUS LES FRANÇAIS PRENNENT UN MAXIMUM DE RISQUE POUR ESSAYER DANS UN PREMIER TEMPS DE REMIR UN SCORE DE TOUTE FAÇON ASANOVIC A ENCORE ÉTÉ LE MAGNIFIANT JE DISAIS PENDANT TOUTE LA SEMAINE QU'IL FALLAIT SE MEIFIER IL A DONNÉ UN BALLON A SUKER IL A MARQUÉ ET DONC FABIEN BARTHEZ QUI ENCAISSE LE DEUXIEME BUT DANS CETTE COUPE DU MONDE DONC LE CHALLENGE EST TRES CLAIRE MAINTENANT POUR L'EQUIPE DE FRANCE' ELLE DOIT ATTAQUER' ELLE DOIT SE SURPASSER' ELLE DOIT PRENDRE UN MAXIMUM DE RISQUE PEUT-ETRE

VOILÀ C'EST FAIT EGALISATION IMMEDIATE EGALISATION IMMEDIATE POUR L'EQUIPE DE FRANCE ET DONC FOOTBALL L'INTERMEDIAIRE DE LILIAN THURAM' IL NE FALLAIT PAS SE DECOURAGER IL NE FALLAIT PRENDRE CES RISQUES' SUKER A MARQUÉ APRES UNE MINUTE DE JEU DE CETTE PREMI'/DEUXIEME MI-TEMPS ET A L'INSTANT THURAM A ANNONCÉ UN BALLON MAGIQUE ET IL VIENT D' EGALISER' EXTRAORDINAIRE DOMINIQUE EXTRAORDINAIRE CE DÉBUT DE DEUXIEME MI-TEMPS' UN PARTOUT MAINTENANT”

(Pierre Louis - Rádio)

(Tradução: No primeiro tempo, atenção Sucker que vai marcar... e aí está, foi feito, ele marcou, Sucker, era preciso desconfiar, era preciso desconfiar, Sucker marcou, Sucker marcou, depois de exatamente um minutinho de jogo desse primeiro/segundo tempo e bem, Sucker marcou com essa bola extraordinária, Asanovic diretamente sobre Sucker que estava completamente desmarcado. Agora, então as coisas estão muito claras, eles são de uma clareza extraordinária, sob, diante dos Bleus, os franceses se arriscam ao máximo para tentar, num primeiro tempo, compensar um ponto, de todo o jeito. Asanovic ainda foi o brilhante, eu dizia, durante toda a semana, que era preciso desconfiar. Ele deu uma bola para Sucker, ele marcou e então, Fabien Barthez que encaixa o segundo gol dessa copa do mundo, então o desafio é muito claro, agora para a seleção da França, ele tem que atacar, ele tem que se exceder, ela tem que se arriscar ao máximo, talvez. Aí está!! Feito o empate imediato!! Empate imediato para a seleção da França e então o futebol, na intermediária de Lilian Thuram, não era preciso desanimar, não era preciso tomar riscos. Sucker marcou e depois de um minuto de jogo desse prim/segundo tempo e agora Thuram previu uma bola mágica e ele acaba de empatar. Extraordinário, Dominique, extraordinário esse começo de segundo tempo, um a um agora”.)

Jogo do Brasil contra a França (0x3)

Narradores na televisão

III.A) Primeiro gol da França

Português

Ex.3.15)

“G – /.../Karembeu... tocou pra Thuram...voltou pra Karimbeu... chegou Roberto... tomou a frente.. fez lá a graça pra tentá evitá não conseguiu... é escanteio... essa gracinha que às vezes custa (3) ele podia até tomá um cartão porque foi lá... ó lá... vai tomá um cartão... não tinha nada que dá tapa na bandeira...essa coisa de querê matá no peito pra dá pra dá pra dá biciCLEta... essa coisa... isso... isso não CABe em Copa do Mundo quando tá zero a zero

P- era só tocá a bola no lado ali.. quando levou no PEItó... jogasse pra lateral

G - seria lateral e não escanteio... aí o lançamento pra área brasiLEIra... Olha o que aconteceu...olha o que aconteceu GO::::::::::::L (7)da FRANça:... ZiDane:... Aos vinte e sete minutos do primeiro tempo... COPA DO MUNDO É COISA SÉRIA' FINAL DE COPA DO MUNDO É COISA MUITO SÉRIA' NÃO É LUGAR DE GRACINHA E DE MALABARISMO... NA TENTATIVA DO MALABARISMO' INVÉS DE LATERAL PINTOU UM ESCANTEIO' O QUE ACONTECEU... CABEÇA DE ZIDANE BOLA NO CHÃO... GOL DA FRANÇA.. FRANÇA UM A ZERO... UM para a França...ZEro para o BraSIL aos VINte e SEte minutos do primeiro tempo... agora vai ter que mostrar muita personalidade o time brasileiro e outra vez a mesma falha... deiXANdo o jogador saí na frente... NEM Júnior Baiano... nem AldaIR nenhum dos dois subindo na bola”

(Galvão Bueno e Pelé - TV)

Francês

Ex.3.16)

“T- elle est sortie' corner' attention

JM- sur le jonglage de roberto carlos qui a un petit geste de mauvaise humeur

T- oui

JM- qui a delaissé le poteau de corner

T - et du reste monsieur belqola/ est allé: faire remarquer que dans une finale de coupe de monde ce: geste la n'avait: pas raison d'être emanuel petit pour faire le premier corner de l'équipe de france.

JM – corner entrant il a bien frappé au premier poteau et but' de zinedine zidane

T et JM - ZINEDINE ZIDANE

T - ZIDANE' SUR CE PREMIER CORNER FRANÇAIS GRACE À UN COUP DE TÊTE MAGISTRALE ET OUVRE LE SCORE ALORS QUE L'ON JOUE DEPUIS VINGT SEPT MINUTES”

(Thierry Roland e Jean Michel Larqué - TV)

(Tradução: T - ela saiu... Escanteio, atenção.

JM - ela saiu, na jogada de Roberto Carlos que tem uma atitude de mau humor

T - Sim

JM - que soltou o pau do escanteio

T - e no mais, o senhor Belqola foi fazer notar que em uma final de copa do mundo esse gesto aí não tinha razão de ser. Emanuel Petit para chutar o primeiro escanteio para o time da França.

JM - escanteio cobrado, ele chutou bem do primeiro pau e gol (gol de) Zinedine Zidane

T- Zinedine Zidane nesse primeiro escanteio francês graças à uma cabeceada magistral e abre o placar...depois de vinte e sete minutos de jogo).

III.B) Segundo gol da França

Português

Ex.3.17)

“Aí o Guivarc’h que perdeu o gol cara a cara com o Taffarel’ DjJorkaeff vai para a cobrança quarenta e cinco e quarenta e cinco cruzamento ninguém SObe GOool (9) da FRANÇA ZIDANE aos quarenta e seis dois a zero é um BANDO a defesa brasileira dentro da área ninGUEM sabe o que faz ninGUEM sabe pra onde vai ninguém sabe onde PULa ninGUÉM sabe para onde olha outra vez Zidane que nem é um giGANte da cabeçada outra vez faz de cabeça DOIS para a FRANÇA ZERO para o Brasil vai ter que se agigantá o Brasil no segundo tempo para reverter o quadro’ dois a Zero FRANça pra CIma do BraSIL”

(Galvão Bueno - TV)

Francês

Ex.3.18)

“T - Allez (2) recorner

JM - recorner et l'arbitre assistant va le quatrieme arbitre va attendre sans doute ce corner pour donner le temps additionnel

T - oui mais on est déjà quarente cinq quarente deux hein?

JM - oui

T - djorkaeff et but ZIDANE

JM - ZIDANE

T - DOUBLÉ JE VOUS AVAIT DIT IL Y AVAIT LE RECORNER ET C'EST LE DOUBLÉ DE ZINEDINE ZIDANE JUSTE AVANT LA MI-TEMPS' L'EQUIPE DE FRANCE MENE **DEUX** A ZERO FACE AU BRESIL AU STADE DE FRANCE”

(Thierry Roland e Jean-Michel - TV)

(Tradução: T - Vamos, escanteio outra vez.

JM - novo escanteio e o juiz assistente vai, o quarto juiz vai esperar, sem dúvida, esse escanteio para dar o tempo adicional.

T - Sim, mas, já estamos com quarenta e cinco e quarenta e dois, hein?

JM - sim

T - Djorkaeff e gol Zidane!

JM - Zidane

T - o segundo! Eu tinha falado, que tinha o escanteio de novo e é o segundo de Zinedine Zidane, um pouco antes do intervalo, a equipe da França ganha de dois a zero sobre o Brasil no Stade de France.)

III. C) Terceiro gol da França

Português

Ex.3.19)

GB - olha o lançamento pra área o Brasil ainda insiste' seria bom um gol brasileiro ainda na final sai a França pro contra-ataque são quatro franceses contra dois brasileiros podem até chegá aí no terceiro gol' Dunga se esforça para correr aí pelo meio a bola colocada pra Petit sai o Taffarel Petit baTEU GOOLL (5) é da FRAN::ça:: é do Título:: é da viTÓria ' é do título inédito do futebol francês:: é o gol que faz o torcedor francês gritar' no Stade de France você vai vê como a torcida francesa faz a festa na cidade na prefeitura em Paris' nada mais correto do que dizer a FRANça mereceu esse título mundial' não é hora de dizer porque o Brasil perdeu' de dizer que o juiz roubou ou que houve isto ou que houve aquilo' a FRANça organiZOU o maior de todos os mundiais' e vence com jusTiça e em alguns momentos até com brilhantismo' o campeonato mundial

(Galvão Bueno - TV)

Francês

Ex.3. 20)

JM - à gauche ils ne reviennent pas les brésiliens à gauche A GAUCHE

T - Emmanuel Petit qui avance

JM- A GAUCHE' A GAUCHE

T - PETIT ET BUT

JM - TROISIEME BUT

T - ET BUT D'EMMANUEL PETIT QUI MARQUE À LA DERNIÈRE MINUTE DELIRE DANS LE STADE DE FRANCE À LA QUARENTE HUITIEME MINUTE ET EMMANUEL PETIT QUI ETAIT PARTI DE SES SEIZE METRES CINQUANTE QUI A APPELÉ CE BALLON ET QUI VIENT CRUCIFIER L'EQUIPE DU BRESIL TROIS BUTS À ZERO LÀ 'JE CROIS QUE C'EST FINI POUR NOS AMIS BRESILIENS

(Thierry Roland e Jean-Michel - TV)

(Tradução: JM - à esquerda, eles não vêm pra cima, os brasileiros, à esquerda, à esquerda!!

T - Emanuel Petit que avança

JM - à esquerda! À esquerda!

T - Petit e gol

JM - Terceiro gol

T - e gol de Emanuel Petit que marca no último minuto. Delírio no Stade de France no quadragésimo oitavo minuto e Emanuel Petit que partiu dos dezesseis metros e meio que pediu essa bola e que vem crucificar a equipe do Brasil. Três gols a zero aí e eu acredito que acabou para nossos amigos brasileiros”).

Comentário:

i) A construção geral do texto (subseqüências):

As seqüências que antecedem o gol têm a mesma característica que as seqüências de “lances a gol”. Quando a bola é lançada, não se sabe se vai entrar ou não, por isso até o momento do gol as características são as mesmas, em português e em francês¹¹. O que diferencia é a forma de “festejar” ou “lamentar” o gol ocorrido, ou seja, a seqüência argumentativo-explicativa que sucede à narração do momento do gol.

Levando-se em conta o cenário enunciativo do gol, como a origem das equipes, a importância do jogo e o tipo do gol marcado (primeiro, segundo, de empate, de desempate, de escanteio, de cabeça), teremos narrativas diversas entre os franceses e os brasileiros.

O estilo de transmitir o gol é bem característico de cada locutor, principalmente no Brasil. Agora, resta saber, ele vai fazê-lo da mesma forma em gols neutros a seu país? E o que dizer dos gols marcados contra sua equipe?

Observemos a forma de expressar o gol, de colocá-lo em uma seqüência textual, pelo brasileiro e pelo francês.

Em português, os gols que favorecem o Brasil, sempre são muito festejados. A seqüência narrativa logo dá lugar a uma seqüência argumentativo-explicativa em que o locutor vai exaltar o jogador, sua habilidade técnica, sua performance física e a de seus companheiros, em subseqüências injuntivas e narrativas de cunho explicativo ou descritivo. Essa forma lingüística de se exprimir relaciona-se também a um estilo próprio, que se define com a prática do profissional e se adapta ao tipo de jogo.

Galvão Bueno, ao narrar o gol de empate do Brasil contra a Dinamarca (em 3.4), pela televisão, assim compõe seu discurso:

¹¹ A pequena diferença notada nesses exemplos, é o uso de algumas injunções por parte do francês, antes do gol ser marcado. Notamos em 3.12, um “allez” na sessão de pênaltis contra a Itália, outro, em 3.18, antes do escanteio ser cobrado. Também há alguns “attentions”, como em 3.3, 3.10 e 3.16. Em 3.20, os locutores, no último gol do Brasil contra a França, gritam “à gauche”, como que para alertar os ouvintes da iminência do gol, feito pelo lado esquerdo do campo. No entanto, são injunções esporádicas, comparativamente com o que fazem os locutores do Brasil

Ao perceber a iminência do gol, começa com uma seqüência injuntiva, repetitiva, para o jogador: *“TOque pra bebeto’ é batê pro gol’ bebeto’ é batê pro gol”*. Quando o jogador lança a bola para o gol, ele repete, em sua fala, a ação realizada. O verbo antepõe-se ao sujeito, o que dá maior força ilocucional para o ato: *“BATEU BEBETO BATEU BEBETO BATEU BEBETO”*. E, pede para o telespectador acompanhar o lance a gol, mais uma vez fazendo uso de repetições em uma seqüência injuntiva: *“OLHA O GOL OLHA O GOL”*. Até aqui ainda não revelou se a bola entrou ou não. A seqüência do gol começa a partir do momento que este é anunciado, ao gritar, com uma vogal bastante alongada (6 segundos) a palavra mágica: *“GOOOL (6)”*. Após, anuncia de quem é o gol: *“EEeeEE:..... É do BRASIL ((música ao fundo))”*, dando início a uma seqüência argumentativo-explicativa, onde se ressalta o tempo do jogo em que foi marcado o gol, e, principalmente, “como” foi marcado o gol: *“BEBETO AOS DEZ MINUTOS E VINTE’ DESSE MEIO TEMPO’ A ENFIADA PRA ELE’ RONALDINHO NÃO TINHA TOCADO NA BOLA’ BEBETO NÃO TINHA TOCADO NA BOLA’ RONALDINHO PEGOU’ TOCOU PRA BEBETO’ BEBETO FEZ O GOL”*. Daí, volta a “falar” com o jogador, fazendo novamente uso da seqüência injuntiva: *“VOCE VAI ASSINÁ ((o gol passa em replay, a assinatura do jogador aparecerá na tela))”*. Revendo as ações que culminaram no gol, ele continua “interpelando” o jogador: *“PODE BOTÁ AÍ BEBETO BATE DE NOVO BEBETO, ajeita, Isso, Olha o Helveg atrás de voCÊ”*. E relata mais uma vez como foi o lance e a comemoração dos jogadores em campo, retornando à seqüência narrativa: *“beBEto toCOU de pé direito na saída de schmeichel, meteu na REde ele saiu pro aBRAço já deu o abraço”*. Mais uma vez, dirige-se ao jogador, dando vazão à seqüência injuntiva: *“agora bota seu nome bebeto’ seu terCEIRO gol na COpa do MUNdo aSSIna beBEto que o gol é seu”*. Finalmente, conclui, atualizando o placar: *“UM para o brasil UM para dinaMARca”*.

A seqüência realizada por Sílvia Luís é menos extensa. O mesmo gol de Bebeto é anunciado assim na televisão:

Percebendo a possibilidade de gol, começa com uma seqüência injuntiva, onde ele se inclui ao usar o verbo na primeira pessoa do singular. Seu estilo ‘criativo-metafórico’ é bastante evidente: *“vamo botá o pagode pra arrumá a cozinha dos dinamarqueses”*. O jogador chuta a bola e ele adverte seu telespectador: *“olho no LANCE”*. A bola entra, mas Sílvia é um dos poucos locutores que não grita a palavra gol, preferindo apenas inseri-la em

seu discurso, ao anunciar o acontecimento ao “povo brasileiro”: *É::: MAIS UM GOL BRASILEIRO MEU PO:::VO*. E aí ele pede ao “povo” para gritar “o gol”: *“EN::CHE O PEITO::: SOL:TA O GRITO DA GARGANTA”* e para atentar novamente ao lance que será repassado na televisão: *“E CON:FIRA COMIGO NO REPLAY”*. Ao “conferir”, usa o verbo no passado repetitivamente, em uma breve seqüência narrativa, ressaltando o autor do gol: *“FOI FOI FOI FOI FOI FOI ELE BEBETO”* e sua identificação: *“O CRAQUE’ DA CAMISA NÚMERO VINTE”* Outros detalhes descritivos, como a identificação do tempo e do lugar, entram em cena em sua fala: *“tamo jogando redondo aqui em la beaujoire ONZE MINUTOS”*. Finalmente, conclui: *“O BRASIL EMPATA EM CIMA DA DINAMARCA”*. Sílvio Luís não retoma o lance do gol, em uma seqüência argumentativo-descritiva. Isso fica a critério de um comentarista.

Dirceu Maravilha, no rádio, também tem um estilo vibrante, onde seqüências injuntivas mesclam-se a seqüências narrativas. Ao narrar o gol do Brasil contra a Holanda, assim ele fez:

Começa com uma rápida seqüência narrativa em que prevê o gol e este é marcado: *“Faz a passagem pra Rivaldo... Rivaldo vem ganhando... Ronaldinho vai marCÁ... saiu na cara do gol bateu”*. Aí começa sua seqüência, com um grito de gol bem mais alongado (17 segundos) para festejar o acontecimento: *“GOOOLL (17)”*. Depois especifica de quem é o gol: *“É DO BRASIL::.. RONALDI:NHO:: É DO RONALDINHO TA LÁ::: BRASIL::: TA LÁ::: RONALDI:NHO::”* Aspectos descritivos exaltando o jogador se antecipam a uma seqüência argumentativo-explicativa em que retoma as ações que culminaram no gol: *“É O GOL DO MAIOR JOGADOR DO MUN:DO’ RONALDI:NHO... RECEBEU NA ESQUERDA A BOLA DO RIVALDO... ENTROU NA CARA DO GOL::DOMINOU::TIROU DO GOLEIRO BOTA LÁ DEN:TRO E FAZ A PRIMEIRA FATURA BRASILEI:RA’RONALDINHO”*. Insiste na confirmação do fato: *“NÃO NÃO NÃO... NÃO TEM TALVEZ’ ELE FOI PRA RREDE OUTRA VEZ”*. E depois retoma seqüências injuntivas, onde inclui o “Brasil” e também se inclui, ao usar a primeira pessoa do plural: *“GOL GOL GOL NE:LES BRASIL:: ARRASA BRASIL:: DETONA BRASIL::ESTAMOS A CAMINHO DO PENTACAMPEONATO’ ESTAMOS NO CAMINHO CERTO NO MOMENTO CERTO”*. Identifica o aspecto temporal da realização do gol: *“VINTE E CINCO SEGUNDOS COMO EU DISSE DO SEGUNDO TEMPO TÁ LÁ”* Volta a

especificar de quem é o gol e dá o resultado do placar: “*RONALDINHO::BRASIL BRASIL BRASIL UM...HOLAN:DA ZERO*” Identifica o aspecto topográfico: “*FESTA BRASILEIRA EM MARSEILLE*”, e quando se pensava que Dirceu havia concluído sua sequência comemorativa do gol, com a frase: “*E A BOLA VOLTA A ROLÁ*”, ele demonstra que ainda quer comemorar mais: “*O BRASIL TEM QUARENTA E QUATRO MINUTOS PRA CHEGÁ NA GRANDE FINAL::TA LÁ:: ARTILHEIRO É ARTILHEIRO... QUEM TEM TEM:: O BRASIL TEM RONALDINHO*. Ainda faz uso de bordões, misturando sensações visuais (“marca”) com olfativas (“cheiro”): “*NA MAR::CA DO GOL NO CHEIRO DO GOL*” para depois concluir: “*BRASIL VENCE UM A ZE:RO.. AGORA É BOM DEMAIS...*”

A mesma tendência em exaltar o time goleador, em gols neutros, isto é, quando o Brasil não está jogando, é percebida na fala do brasileiro. Em 3.13, em jogo da França contra a Croácia, o locutor de rádio, José Maia, “incita” a torcida francesa do estádio a “levantar e fazer a festa que ela é toda sua”. Interessante é que, embora ele se dirija a esse torcedor, é evidente que nenhum deles está sintonizado em sua frequência, seja em casa ou no estádio, pois o locutor fala uma outra língua. No entanto, existe uma “identificação”, um “apoio” a essa torcida, através de suas palavras, ao ouvinte brasileiro.

Agora, focalizando os gols que favorecem o adversário, como seria a atuação verbal dos locutores brasileiros? Que tipos de sequência seriam empregadas? Haveria frases exclamativas, repletas de sequências narrativas, argumentativas e injuntivas? Isso dependerá do jogo, e em Copa do Mundo, como se sabe, existe sempre uma grande tensão.

Galvão Bueno, em 3.1, ao narrar o gol que a Holanda fez contra o Brasil, compõe uma sequência bem menor. Ele grita o gol, pois sendo um “locutor profissional”, sente-se compelido a fazê-lo. Ao retomar as ações que culminaram no gol, refere-se à má atuação dos jogadores do Brasil em primeiro lugar (“aquele bobeira de deixá batê”), como se essa fosse a causa do gol e conclui, reafirmando que o gol ocorreu por uma “bobeira” da seleção brasileira.

Quando narra os dois primeiros gols da França contra o Brasil, ele segue o mesmo estilo: grita o gol, mas culpa a atuação dos jogadores brasileiros e, quando retoma a sequência narrativa para explicar o gol, associa os fatos ao mau desempenho da seleção

brasileira, repreendendo-a (“Copa do Mundo é coisa séria, não é lugar de gracinha e de malabarismo”, “é um bando a defesa brasileira”, “Zidane nem é um gigante da cabeça”).

Ao narrar o terceiro gol da França, em 3.19, ele ‘entrega os pontos’: já não culpa o Brasil pelo gol ocorrido, ao contrário, através de seqüências argumentativo-explicativas, concede total apoio ao time que “organizou a Copa do Mundo” (“nada mais correto do que dizer a FRANça mereceu esse título mundial”, “a FRANça organiZOU o maior de todos os mundiais’ e vence com jusTIça”).

Sílvia Luís, em 3.2, ao narrar o gol da Holanda contra o Brasil, nem sequer menciona a palavra gol. Usa uma metáfora, outro de seus bordões, para dizer que a situação está complicada para o time brasileiro (“azedou o molho aqui em Nantes”). Refere-se ao tempo em que ocorreu, ao lugar, ao autor do gol e usa outra metáfora para contar o ocorrido: “meteu a bala no arco brasileiro”. Por não se manifestar animadamente, expõe seu lado torcedor, mas é mais objetivo que Galvão, preferindo não estender suas seqüências para argumentar em favor ou contra o time brasileiro pelo sucesso desse gol de seu adversário.

Dirceu Maravilha(RD), por sua vez, tem um estilo mais parecido com o do Galvão. Em 3.9, faz o grito do gol quando a Holanda marca, mas expõe sua frustração (“já tava líquidada a fatura”, “sai errado o Brasil”, etc.)

Os narradores franceses possuem um estilo de narrar, com pontos diferentes e iguais ao do brasileiro.

Em francês, não existe o grito do gol. Gol é “but”, simples, claro e seco. E nem sempre essa palavra é pronunciada numa seqüência narrativa. Em 3.6, o narrador Dominique Le Glou, refere-se a Bebeto “qui frappe et qui marque”, não fala em “but”, o que está subentendido. Em 3.8, o mesmo ocorre. O narrador, Jean François, não usa a palavra “but”, retoma, apenas, a narração do evento: “Ronaldo qui met ce ballon entre les jambes du gardien de but hollandais”. Em 3.14, Pierre Louis, o narrador, que emenda, em uma única fala, a narração do gol da Croácia e do gol da França, pela proximidade em que aconteceram, também não cita a palavra. Ele diz que “Suker a marqué” e que uma “égalisation immédiate” foi feita.

Seqüências narrativas conduzem até o momento do “gol”. Quando se usa a palavra gol, “but”, ela é tida como a ‘conclusão’ da seqüência narrativa, vindo sempre seguida da conjunção “et”: “et but”, como se vê nos exemplos 3.10, 3.18 e 3.20.

Após o gol, há também a comemoração por parte do francês que, em seqüências argumentativo-explicativas, exalta as virtudes do jogador e da jogada. Em 3.16, Thierry Roland e Jean-Michel exclamam o nome do autor do gol, Zidane, e elogiam seu lançamento “grâce à um coup de tête magistrale”. Pierre-Louis, no rádio, menciona que a bola chutada por Thuram foi um “ballon magique”. Observa-se que tais seqüências nem sempre trazem verbos, são um resumo bastante sucinto do que ocorreu. O comentarista, esse sim, após a seqüência do narrador principal pode construir frases mais complexas, *encaixadas*, entre si, sem nenhum efeito “emotivo”, são simplesmente a “explicação” do evento.

Não existem seqüências injuntivas. O locutor não “fala” com o autor do gol com seu público ouvinte, ou com os franceses de modo geral, após a realização do gol. O futebol interessa a todos, mas esse “apelo” para comemorar o gol em “conjunto”, para “assinar” na tela da TV, reforçando ainda mais a interatividade, não se encontra na “comemoração do gol”. Também não há músicas da emissora ou vinhetas que se associam à fala do locutor para reforçar o festejo.

Mas se o gol é realizado contra a França, pode haver, sim, seqüências injuntivas. Em 3.14, percebe-se a irritação do locutor contra a seleção francesa, ao enunciar frases como “il fallait s’en méfier”, “l’équipe de France, elle doit attaquer, elle doit se surpasser, elle doit prendre un maximum de risque”, pronunciadas de tal forma, que a repreensão direta ao time francês é bastante evidente.

ii) Extensão das seqüências e como se conectam

Pelos exemplos do item anterior, vê-se bem que a seqüência narrativa do gol é mais extensa em português do que em francês, se o gol for marcado em favor do país de origem, bem como se for um país ‘neutro’.

Gols do Brasil trazem seqüências bastante longas em português. A comemoração demanda seqüências repetitivas, os lances do gol são retomados diversas vezes na fala do locutor. Além disso, há seqüências injuntivas, inseridas entre as seqüências do discurso. Gols

da França, narrados quase sempre em dupla por franceses, são comemorados com intensidade mas em seqüências menores. Os três gols da França contra o Brasil, como se vê nos exemplos 3.16, 3.18 e 3.20 têm uma extensão menor.

Se o gol é contra o Brasil, a seqüência tende a ser menor, pois não haverá a comemoração, mas pode haver a “bronca” contra o time brasileiro, como se vê em 3.15, o que aumenta o tamanho da seqüência.

Interessante notar que as mesmas características dos “lances a gol” se observam na narração do “gol”: as seqüências argumentativo-explicativas, ocorrentes após o gol, em francês, sempre se conectam de forma encaixada, pelo uso excessivo da conjunção “qui”, com função de pronome-sujeito. Em português, prefere-se a encadeamento (coordenação) ou a alternância (justaposição).

iii) Aspectos prosódicos

São bastante semelhantes em francês e em português, os aspectos prosódicos dos momentos de tensão que antecedem ao gol, com ritmo mais intenso e volume ascendente. Após o gol, em português, o volume continua bem alto. E continuará alto por um certo tempo se o gol for festejado, como se vê em 3.4, 3.5, 3.7. Caso contrário, a entoação retorna a um volume mais baixo mais rapidamente, como em 3.1, 3.2. A não ser, como fez Galvão Bueno em 3.15, ou Dirceu Maravilha, em 3.9, conservando alto o volume de voz, frustrado, por ter recebido um gol.

Em francês, o volume de voz tende a ser alto, apesar de não haver “grito de gol”. Os locutores gritam para expressar sua alegria, mesmo quando a França não está jogando (como em 3.6, 3.8 e 3.10), ou para dar vazão à sua frustração quando um gol é cometido contra a França, como em 3.14.

Mas, o grito “festivo” ou “frustrante” nem sempre ocorre. Na cobrança de pênaltis entre a França e a Itália, em 3.11, o brasileiro, por ser neutro no jogo, festejou o gol da Itália e o da França, com uma entoação bem elevada. Mas o francês elevou sua voz apenas para o gol da França. Não elevou sua voz para mostrar “frustração”, como fez em 3.14, apesar de que os dois jogos eram eliminatórios.

A semelhança prosódica, no momento do gol, é tão grande, que as seqüências 3.13 e 3.14, quando a Croácia marca um gol contra a França e logo depois a França empata, têm a mesma tonalidade alta durante todo o tempo.

O brasileiro pode “gritar” por mais tempo porque, se o gol favorece o Brasil, a seqüência será mais longa, mas o francês o faz na mesma intensidade que o brasileiro.

iv) Gírias e expressões metafóricas

O brasileiro revela-se mais interativo e, por isso, abusa de gírias e metáforas. O “rei” delas parece ser Sílvio Luís. A abundância por todo o discurso do locutor pode até “cansar” o ouvinte.

Após o terceiro gol da França contra o Brasil, Thierry Roland usa uma expressão bastante forte ao dizer que Petit “vient crucifier l’équipe du Brésil”. Um sentimento experimentado pelos franceses vencedores e também por brasileiros “crucificados” pela boa atuação francesa.

Aliás, são bem comuns, na fala do locutor de futebol, expressões que indicam a “guerra”, a “morte”, o “fuzilamento” do adversário, em situações de gol. Em 3.7, Dirceu usa as expressões “arrasa Brasil”, “detona Brasil”, em seu discurso incitante.

v) Envolvimento com o ouvinte

Um gol sempre envolve, sempre faz o ouvinte sentir-se mais próximo daquele que lhe proporcionou a informação a respeito de um gol realizado por seu time. Essa proximidade faz com que o locutor dirija sua palavra ao ouvinte, de uma forma que ele goste de ouvir. O locutor brasileiro precisa festejar o gol, gritando a palavra gol, fazendo injunções, manifestando toda sua expressividade para trazer o ouvinte à “festa” da comemoração do gol. A zanga, a frustração e o medo são muito claramente expressos em sua fala.

O locutor francês também envolve seu ouvinte, principalmente através da entonação, tanto ou mais intensa se o gol for da França, mas sobretudo por meio de palavras que ressaltam a boa habilidade dos franceses no jogo.

A subjetividade do locutor francês é bem acentuada se a França está perdendo ou passando por uma situação de perigo. Transformado em torcedor, ele sabe zangar-se com a

equipe (como em 3.14) ou sofrer com ela, fato evidenciado em 3.12, na sessão de pênaltis contra a Itália. Quando o jogador falhou , ele enuncia: “aïe, aïe, aïe, aïe, c’est pas vrai”.

O gol é interativo, envolvente e vai emocionar, pelo instrumento da voz de diferentes locutores, o ouvinte ansioso pela vitória.

GOLS

i) Construção geral do texto - subsequências

	Em Português	Em Francês
<i>Seqüência argumentativo-explicativa - O gol favorece o país de origem: Brasil (em português), França (em francês) ou país “neutro”.</i>	Inicia-se pela palavra “gol”, na maior parte das vezes gritada pelo locutor. Subseqüências exclamativas de exaltação: injuntivas, com aspecto descritivo e narrativas de cunho explicativo.	Inicia-se pela expressão “et but” ou por algum verbo que indica o acontecimento do gol (<i>marquer, égaliser, etc.</i>) Subseqüências exclamativas de exaltação: narrativas de cunho explicativo, aspectos descritivos
<i>Seqüência argumentativo-explicativa - O gol desfavorece o país de origem: Brasil (em português), França (em francês)</i>	Se o locutor grita “gol” para o Brasil, em geral, grita “gol” para o adversário também. Subseqüências exclamativas de <u>depreciação</u> são comuns: injuntivas, com aspecto descritivo e narrativas de cunho explicativo	Pode ou não iniciar-se com a expressão “et but”, substituída por algum verbo que indica o acontecimento. Subseqüências exclamativas de <u>depreciação</u> são comuns: injuntivas, com aspecto descritivo e narrativas de cunho explicativo.

ii) Extensão das seqüências e como se conectam

	Em Português	Em Francês
<i>Seqüência argumentativo-explicativa - O gol favorece o país de origem: Brasil (em português), França (em francês) ou país “neutro”.</i>	Seqüências mais extensas, com predomínio de conexão por alternância ou encadeamento.	Seqüências divididas entre os locutores que dialogam entre si, por isso menores. Conexão por alternância, encadeamento e grande uso de seqüências encaixadas.
<i>Seqüência argumentativo-explicativa - O gol desfavorece o país de origem: Brasil (em português), França (em francês)</i>	Seqüências menores, podendo ser estendidas por causa de exclamações depreciativas. Predomínio de conexão por alternância ou encademento.	As seqüências também podem ser estendidas devido a exclamações depreciativas. Conexão por alternância, encadeamento e grande uso de seqüências encaixadas.

iii) **Aspectos prosódicos**

Em Português	Em Francês
<p><u>Volume</u>: alto, entoação permanece predominantemente elevada em jogos que favorecem o Brasil ou de países neutros. Entoação mais baixa na sequência de gols de adversários, se o locutor não “repreende” a equipe do Brasil.</p>	<p><u>Volume</u>: alto, entoação permanece predominantemente elevada até entregar a palavra ao parceiro, que em geral, abaixa o tom para poder explicar o lance do gol. Permanecerá alta se o locutor demonstrar sua irritação contra a equipe da França.</p>
<p><u>Ritmo</u>: Normal, podendo ser um pouco mais lento para ressaltar o nome de algum jogador, suas qualidades ou ação em campo.</p>	<p><u>Ritmo</u>: Normal, podendo ser um pouco mais lento para ressaltar o nome de algum jogador, suas qualidades e ação em campo.</p>

iv) **Gírias e expressões metafóricas**

Em Português	Em Francês
<p>Em bastante profusão, dependendo do estilo do locutor, que tende a ser mais festivo quando comemora um gol.</p>	<p>Não são tão frequentes como em português, mas podem ser encontradas na fala de locutores mais expressivos.</p>

v) **Envolvimento com o ouvinte**

Em Português	Em Francês
<p>Intenso, pela tonalidade, pelas injunções, interpelações e criação de imagens.</p>	<p>Comparando com português, menos intenso. Tonalidade bastante expressiva, mas menor emprego de injunções e metáforas.</p>

4) Encerramento da Partida

A partida termina quando o árbitro apita e ergue o braço, indicando que todos os jogadores devem parar. Em geral, antes do apito final, há alguns minutos de compensação para descontar o tempo de bola parada no jogo. Fica a critério do juiz decidir quantos minutos serão compensados, comumente são de dois a quatro minutos, após os 45 minutos do segundo tempo. Esses momentos finais são tensos, pois ainda um gol pode ocorrer. O juiz apita para o “alívio” ou para a “frustração” do torcedor e, por que não, do locutor também.

Às vezes, o término da partida não fica tanto à mercê do juiz, mas de alguma situação em campo: se o jogo é decisivo, haverá prorrogação. E, segundo uma recente regra do futebol, a primeira equipe que fizer um gol, vence a partida e encerra o jogo. Caso nenhuma das equipes tenha feito um gol, haverá sessão de pênaltis, e a equipe que tiver vantagem na cobrança, sai vencedora. De toda a forma, é necessário o apito do juiz. O apito tem a força de abrir o jogo e de encerrá-lo. Assim que o juiz apita, o locutor anuncia o fim da partida. Vejamos alguns exemplos de término da partida, as últimas palavras do “contador” da história desse jogo realizado “ao vivo”, sua “coda”¹² em português e em francês.

I) Jogo do Brasil contra a Escócia. Primeiro jogo da copa

Português

Ex.4.1)

“- vai apitar o árbitro’ apita o Árbitro::: É **FIM DE JOGO NO STADE DE FRANCE EM SAINT DENIS::: O BRASIL VENCE A PRIMEIRA E ESTRÉIA A SUA VITÓRIA’ BRASIL DOIS ESCÓCIA UM:::**”

- o brasil começou com vitória’ era o que o zagallo queria

(José Silvério e Wanderley Nogueira - Rádio)

Ex. 4.2)

- TerMina o BraSIL ganha a primeira parTida na **FRANÇA’ DOIS** para o **BRASIL UM PARA A ESCÓCIA’** É evidente que a seleção brasileira ainda não tem aquele

¹² Como menciona Bres, 1994:78, segundo o que expusemos no capítulo anterior, a “coda” é o fim da narração e leva o narrador e o ouvinte ao ponto em que estavam antes da narração começar.

- futebol que a gente gostaria' mas ainda estamos na fase de classificação... brasil precisa ter a noção de conjunto
- o brasil superou a ansiedade da primeira estréia... o brasil tem todas as condições sim' de chegar na copa final disputando o título (Sílvia Luís e Juarez Soares - TV)

Francês

Ex. 4.3)

- C'EST LA FIN DE CE PREMIER MATCH DE LA SIXIÈME COUPE DU MONDE
- victoire du Brésil
- beau premier match' beau premier match dans l'ensemble avec des occasions de but' des arrêts' de belles séquences de jeu< des moments un peu moins intenses aussi mais dans l'ensemble on a vu un beau match (Pierre Sled e Paul Leguen - TV)

(Tradução: - É o fim desse primeiro jogo da décima sexta copa do mundo

- vitória do Brasil.
- Lindo primeiro jogo, lindo primeiro jogo no conjunto com chances de gol', com defesas de bola, com lindas seqüências de jogo, momentos um pouco menos intensos, mas no conjunto, vimos um belo jogo.)

II) Jogo do Brasil contra a Holanda (1x1) Pênaltis (4x2)

Português

Ex. 4.4)

- meus amigos de alma lavada e nas mãos milagrosas de taffarel que outra vez repete a epopéia de noventa e quatro outra vez taffarel salva uma seleção salva um país de uma copa do mundo e o brasil vai disputar o seu sexto título e o brasil pode ser o penta
- um jogo dramático' valeu mais do que cinco eletrocardiogramas' quem agüentou esse turbilhão de emoções tem coração pra viver muito tempo (Dirceu Maravilha e Ricardo Capriocci - Rádio)

Francês

Ex. 4.5)

- LES BRESILIENS QUI VONT DISPUTER LEUR SEPTIEME FINALE DE COUPE DU MONDE AH C'EST TERRIBLE RONALD DE BOER QUI VOIT UNE NOUVELLE FOIS LE GARDIEN DE BUT BRESILIEN TAFFAREL PLONGER DU BON CÔTÉ TOUT À L'HEURE ET BIEN IL AVAIT REUSSI FACE À PHILIPPE COCU ET LÀ IL RÉCIDIVE FACE À RONALD DE BOER LES BRESILIENS QUI DISPUTERONT UNE NOUVELLE FOIS DE LA COUPE DU MONDE

- Et zagallo qui pleure il ne peut pas retenir ses émotions

(Jean-François e Jean Gasparella - Rádio)

(Tradução: - os brasileiros que vão disputar sua sétima final de Copa do Mundo ah, é terrível! Ronald de Boer que vê uma nova vez o goleiro brasileiro, Taffarel, mergulhar do lado certo, ainda há pouco, e bem, ele tinha conseguido diante de Philippe Cocu e agora ele reincide diante de Ronald de Boer, os brasileiros que disputarão novamente a Copa do Mundo.

- E Zagallo que chora, ele não pode reter suas emoções.

III) Jogo da França contra a Itália (0x0) Pênaltis (4x2)

Português

Ex.4.6

- A seleção francesa vai para a semi-final os jogadores fazem a festa' do outro lado os jogadores italianos chorando se lamentando' em mais uma disputa de pênaltis em mundiais' a Itália volta pra casa

(Prieto - TV)

Francês

Ex.4.7)

- LA FRANCE EST QUALIFIEE POUR LA DEMI-FINALE
- et c'est mérité c'est mérité dès le début du match la France méritait de gagner< la FRANCE EST EN DEMI-FINALE< FABULEUSE QUALIFICATION DE LA FRANCE QUI AURAIT FAIT TOUT LE MATCH DEVANT QUI N'A PAS PU MARQUER AUJOURD'HUI::

(Pierre Sled e Paul Leguen - TV)

(Tradução: - a França está qualificada para a semi-final

- é justo, é justo, desde o começo do jogo a França merecia ganhar. A França está em semi-final! Fabulosa qualificação da França que fez todo o jogo, diante de quem não soube marcar hoje!)

IV) Jogo do Brasil contra a França (0x3)

Português

Ex. 4.8)

“ERgue o braço Said Belqola’ final de jogo no Stade de France’ TRÊS para a França’ Zero para a seleção brasileira e acaba sendo’ vejam só como são as coisas e como o desTIIno acaba agindo é a MAIOR derROta brasileira na hisTÓRIA de uma copa do mundo’ uma derrota por três gols termina o sonho do penta pro zagallo ‘ termina pros jogadores’ termina pra todos nós mas lágrimas querem cair dos olhos’ claro como as minhas como as suas’ ronaldinho’ ((aparece no vídeo)) você não tinha realmente a condição física e a França merecia mesmo a sua festa.. a França comemora’ o sonho do penta fica adiado quem sabe ele vem em dois mil e dois.. pode sim vir só em dois mil e dois’ mas só o Brasil é TÊtra”

(Galvão Bueno - TV)

Francês

Ex.4.9)

“T - et CEST FINI L'EQUIPE DE FRANCE EST CHAMPIONNE DU MONDE VOUS LE CROYEZ ÇA? L'EQUIPE DE FRANCE EST CHAMPIONNE DU MONDE EN BATTANT LE BRESIL TROIS ZERO' DEUX BUTS DE ZIDANE UN BUT DE PETIT JE CROIS QUE APRES AVOIR VU ÇA' ON PEUT MOURIR TRANQUILLE ENFIN LE PLUS TARD POSSIBLE MAIS' ON PEUT' AH C'EST SUPERBE A QUEL PIED OH PUTAIN OH LA LA LA LA LA LA LA AH C'EST PAS VRAI AH C'EST PAS VRAI”

JM - ah oui ah oui on ne pensait pas de rêver notre:: plus beau rêve et bien voilà c'est fait

T - [et là c'est fait

mais pour vous thierry ce n'est quand même pas mal'non?

T - ah c'est bien oui, même à la 99eme

JM - il est venu à la 99eme mais en fait il a été le troisième<

T - C'est magnifique bravo::: bravo a tous à tous les joueurs à Aimé Jacquet

(Thierry Roland e Jean-Michel Larqué - TV)

(Tradução: e acabou, a seleção da França é campeão do mundo. Você acredita nisso? A seleção da França é campeã do mundo, vencendo o Brasil por três a zero, dois gols de Zidane, um gol de Petit. Eu acredito que depois de ter visto isso, dá pra morrer tranquilo, bem, o mais tarde possível, mais dá! Ah, é demais! Em que pé! Oh, puta vida! Oh la la la la la la la, ah, não é verdade, ah, não é verdade!

JM - ah, sim, ah, sim, não dava pra imaginar sonhar nosso... nosso mais belo sonho e bem aí esta', tá feito, aí está feito, mas para você Thierry, não é tão ruim, né?

T - ah, é muito bom, sim, ainda mais no nongentésimo nono minuto (no quadragésimo nono minuto do segundo tempo)

JM - ele veio no nongentésimo nono, mas na verdade foi o terceiro

T - Magnífico, bravo, bravo a todos os jogadores de Aimé Jacquet

Comentário:

i) Construção geral do texto - subsequências

O final da partida sempre traz o resultado final do acontecimento do jogo. Uma frase declarativa do locutor informa o ouvinte, que muitas vezes não identifica o som do apito, sobre o término do jogo. Basta agora contentar-se ou tentar esquecer o resultado. Não há mais chances de fazer ou de receber um gol. Apito soado, jogo encerrado.

Cada locutor faz essa declaração, a “coda”, de uma forma diferente. Não há em francês uma fórmula como a do início (“c’est parti”) apesar do que a expressão “c’est fini” (ex.4.9) seja bem usual em francês (ex. 4.9).

A “coda” começa por uma frase declarativa que anuncia o término do jogo, passando para o resultado do jogo e depois uma abertura para o comentário. Em 4.1, o locutor avisa: “apita o árbitro”, e conclui: “é fim de jogo no Stade de France em Saint-Denis”. Aí dá o resultado da partida: “Brasil dois, Escócia um”. Após esse anúncio, os microfones ainda estando com sinal aberto, os comentaristas passam a falar a respeito do jogo, do juiz, da torcida, do que quiserem, numa sequência que chamaremos de “conclusiva”. Esse modelo é o mesmo, tanto em francês quanto em português. Em 4.3, o locutor francês ao encerrar a transmissão da narração enfatiza o tipo do jogo: “c’est la fin de ce premier match de la sixième coupe du monde” e passa a comentar o que viu: “beau premier match”, “belles séquences de jeu”, etc.

Quando a partida se encerra por pênaltis, a sequência declarativa pode não existir, dando lugar para a “sequência conclusiva”, feita, em geral, com palavras e expressões de sentimento, onde há o extravasamento das emoções. É o que se vê em 4.4 quando Dirceu diz: “meus amigos, de alma lavada e nas mãos milagrosas de Taffarel”, “Taffarel salva uma seleção, salva um país de uma Copa do Mundo”. Em 4.7, outro jogo que terminou em pênaltis, dessa vez em favor da França, os locutores franceses transbordam sua emoção, por

meio de frases exclamativas que sintetizam o resultado: “la France est qualifiée pour la demi-finale”.

Em 4.6, o locutor brasileiro, pela televisão, limita-se a descrever o cenário do encerramento da partida entre França e Itália. Não demonstra tanta emoção nessa sequência conclusiva como faz o locutor francês, ao final do jogo de Brasil e Holanda, pelo rádio. É certo que no rádio, a voz é mais expressiva, pois não tem o apoio da imagem, mas, se compararmos o cenário enunciativo dos dois jogos, observaremos vários aspectos que dão maior destaque para o jogo do Brasil, aos olhos do francês, do que o jogo entre França e Itália aos olhos do brasileiro. Do jogo entre Brasil e Holanda (semi-final) sairia a equipe que disputaria a partida final com a França. O jogo entre França e Itália (quartas-de-final) foi anterior. O jogo com a Holanda já estava praticamente decidido para o Brasil quando esta fez o gol do empate, no final do segundo tempo, criando uma situação muito mais conflitiva. O jogo entre França e Itália permaneceu em zero a zero, não houve gols durante toda a partida. Por fim, o fato de o Brasil, tetracampeão, ir à final e disputar o título com a França era o maior sonho dos franceses e isso, sem dúvida, era o que mais emocionava o locutor do rádio.

O último jogo da Copa, entre Brasil e França, foi uma grande frustração para o brasileiro e uma enorme satisfação para o francês. Os locutores brasileiros e franceses seguem o mesmo modelo específico da “coda”. O brasileiro”, em 4.8, anuncia: “ergue o braço Said Belqola, final de jogo no Stade de France” e dá o resultado da partida: “três para a França, zero para a seleção brasileira”. A partir daí começa o seu discurso sobre o jogo, constatando que o “sonho do Penta” havia terminado para o técnico, jogadores e “todos nós”, “a França comemora e o Penta fica adiado para 2002”.

O locutor francês, no exemplo 4.9, abre sua “coda” com uma conclusão: “et c’est fini”, concluindo que “la France est championne du monde” por vencer o Brasil com um resultado de “trois zéro, deux buts de Zidane et un de Petit”. A partir daí, ele expressa abertamente suas emoções, pelo uso de frases exclamativas, quase não acreditando no feito.

ii) Extensão das seqüências e como se conectam

Por serem frases declarativas, da mesma forma como no início do jogo, o encerramento é composto por sentenças de curta extensão, conectadas quase sempre em alternância. Em 4.2 e em 4.3 (mesmo em diálogo), observam-se bem as justaposições:

“Termine/ o Brasil ganha a primeira partida da França/ dois para o Brasil/ um para a Escócia” e: “c’est la fin de ce premier match de la sixième coupe du monde/victoire du Brésil/ beau premier match”).

O último jogo da Copa também tem uma “coda” com frases justapostas na formação de seqüências no discurso do locutor brasileiro e do francês. Em 4.8, temos: “ergue o braço Said Belqola/ final de jogo/ três para a França/ zero para o Brasil”, e em 4.9: “et c’est fini/l’équipe de France est championne du monde/ vous le croyez ça?”

Se o jogo termina em pênaltis, as seqüências podem ter maior índice de coordenação ou subordinação, como se vê em 4.4: “(...) Taffarel que outra vez repete a epopéia de noventa e quatro (...)”. Em 4.5, o francês inicia sua seqüência através de encaixes pela conjunção “qui”: “les brésiliens qui vont disputer (...)”. Não há uma regra geral, nesse caso, talvez porque não foi, de fato, o apito que realmente encerrou a partida, mas o desempenho dos jogadores que marcaram ou defenderam os gols.

iii) Aspectos prosódicos

Em geral, o encerramento de uma partida começa com um volume de voz mais forte e uma entoação mais aguda, já que se trata de uma declaração. Isso ocorre em ambas as línguas. O ritmo pode ser mais lento se o locutor quiser enfatizar uma palavra ou expressão, mas em geral é normal. Depois, continuando a seqüência, conforme for a expressão emocional do locutor, o tom de voz poderá ser mais forte, como se percebe em 4.9. Contrapondo-se com 4.8, vê-se que o locutor brasileiro, frustrado, possui um tom de voz mais fraco do que o locutor francês, emocionalmente agitado.

iv) Gírias e expressões metafóricas

Não se constatam gírias ou expressões metafóricas para indicar que o jogo acabou. Jogo encerrado, “c’est fini”. Mas quando os locutores passam a desenvolver seus comentários sobre o jogo, após o encerramento deste, aí, sim, podem ser encontradas gírias ou frases feitas, principalmente se o final do jogo foi bastante emocionante, como é o caso da decisão por pênaltis. Em 4.4, Dirceu Maravilha, termina a narração do jogo entre Brasil e Holanda (decidido por pênaltis), usando expressões como “alma lavada”, “as mãos milagrosas de Taffarel”, “a epopéia de noventa e quatro” e o exagero, quando diz que

Taffarel não apenas salva “uma seleção”, mas “um país”. Capriocci, dando continuidade à Dirceu, afirma que o jogo “valeu mais do que cinco eletrocardiogramas” e “quem agüentou esse “turbilhão” de emoções, tem coração para viver muito tempo”.

O locutor francês, em 4.7, ao declarar o encerramento do jogo da França contra a Itália, que também foi decidido em pênaltis, não usa gírias ou expressões metafóricas, preferindo transmitir sua emoção pela entonação. Em 4.9, Thierry Roland dá muito mais ênfase à tonalidade de sua voz do que à imagem das palavras. Ele, no entanto, afirma, com certo exagero, que após essa vitória da França sobre o Brasil, “on peut mourir tranquille” e não mede suas palavras ao usar uma interjeição em forma de calão “oh, putain”.

v) Envolvimento com o ouvinte

O envolvimento com o ouvinte, na sequência conclusiva da partida, estará relacionado ao tipo de jogo e seu resultado final, anunciados na sequência declarativa. Partidas, cuja decisão é feita por sessão de pênaltis, terão um encerramento mais emotivo, através da entonação, como temos em 4.5 e 4.7, ou pelo uso de uma linguagem mais figurada, como em 4.5.

Após o encerramento de um campeonato, é normal o locutor fazer considerações gerais sobre o jogo final ou sobre o desenvolvimento dos jogos, atraindo o ouvinte. Sendo a Copa do Mundo, ainda mais quando França esteve de um lado e Brasil do outro, os locutores de ambos os países deveriam buscar esse envolvimento com seu ouvinte/telespectador para compartilharem sua “alegria de vitória” ou a “tristeza de derrota”.

Como foi esse envolvimento do locutor com o telespectador das duas redes de televisão onde figuram locutores tão populares como Galvão Bueno, no Brasil, e Thierry Roland, na França?

Ambos falam em sonho. O “sonho” do pentacampeonato para um era o “sonho” do campeonato para outro. O sonho do brasileiro terminou, como Galvão diz, para “Zagallo”, para “jogadores” e, principalmente, para “todos nós” (os “brasileiros”). Sempre com um tom de voz sereno, conversa diretamente com seu ouvinte, ao dizer: “as lágrimas que querem cair dos olhos, como as minhas, como as suas”. Usa a primeira e a segunda pessoas abertamente. Esse diálogo aberto, ainda continua, quando a imagem do jogador Ronaldo é transmitida no

vídeo: “Ronaldinho, você não tinha realmente a condição física”. E termina sua fala, lembrando que só o Brasil é “tetra”, como se essa posição que o Brasil conquistou fosse um consolo por ter perdido de um país que, até então, nunca havia conquistado a Copa do Mundo.

Para Roland, o sonho de vencer a Copa do Mundo tornou-se realidade. Como ele sempre dialoga com seu parceiro Jean-Michel, a pergunta “vous le croyez ça?” pode ter sido dirigida especificamente para ele, mas indiretamente serve para todos os franceses que não acreditavam nessa vitória. Sua entoação é sempre bastante elevada. Adjetivos como “superbe” “magnifique”, suas interjeições “oh la la la la la la la!” “c’est pas vrai!” e “oh putain” provocam a emoção no ouvinte também.

Como fizemos com as outras etapas do jogo, iremos visualizar, em uma tabela, os aspectos do “encerramento da partida” por locutores do Brasil e da França.

ENCERRAMENTO DA PARTIDA

i) Construção geral do texto - subsequências

	Em Português	Em Francês
<i>Seqüência declarativa</i>	Frase declarativa que anuncia o fim do jogo e seu resultado. Pode não existir em jogos terminados por pênaltis e a “seqüência conclusiva” toma seu lugar.	Frase declarativa que indica o fim do jogo e seu resultado. Pode não existir em jogos terminados por pênaltis e a “seqüência conclusiva” toma seu lugar.
<i>Seqüência conclusiva</i>	Após a seqüência declarativa, ou encerrando diretamente o jogo: narradores e comentaristas dão suas impressões finais.	Após a seqüência declarativa, ou encerrando diretamente o jogo: narradores e comentaristas dão suas impressões finais.

ii) Extensão das seqüências e como se conectam

	Em Português	Em Francês
<i>Seqüência declarativa.</i>	Breve. Conexão por alternância.	Breve. Conexão por alternância
<i>Seqüência Conclusiva</i>	Varia em extensão, mas geralmente são longas, pois trazem muitos aspectos avaliativos e emotivos a respeito do jogo.	Varia em extensão, mas geralmente são longas, pois trazem muitos aspectos avaliativos e emotivos a respeito do jogo.

iii) Aspectos prosódicos

	Em Português	Em Francês
<i>Seqüência declarativa.</i>	Entoação e volume elevados. Ritmo: normal	Entoação e volume elevados. Ritmo: normal
<i>Seqüência Conclusiva</i>	Entoação varia segundo o cenário enunciativo. Se o Brasil perde, é mais fraca, se vence, é mais forte. Em jogo “neutro” varia conforme o estilo do locutor.	Entoação varia segundo o cenário enunciativo. Se a França vence, nota-se uma curva melódica bem mais acentuada, com a predominância de uma entoação elevada e forte.

iv) Gírias e expressões metafóricas

	Em Português	Em Francês
<i>Seqüência declarativa.</i>	Não se constata	Não se constata
<i>Seqüência Conclusiva</i>	Em geral, o locutor brasileiro parece fazer uso de mais gírias e expressões metafóricas no encerramento da partida do que o francês, principalmente se o Brasil vence.	O locutor francês faz uso de gírias e metáforas no encerramento do jogo, dependendo do cenário enunciativo e do seu estilo. Nota-se uma tendência menor em usá-las do que o brasileiro.

v)Envolvimento com o ouvinte

	Em Português	Em Francês
<i>Seqüência declarativa.</i>	Não é possível detectar o grau de envolvimento em uma seqüência tão breve quanto à declarativa ao final do jogo. Não há injunções ou interpelações. É praticamente uma constatação, feita por uma entoação com volume forte.	Não é possível detectar o grau de envolvimento em uma seqüência tão breve quanto à declarativa ao final do jogo. Não há injunções ou interpelações. É praticamente uma constatação, feita por uma entoação com volume forte.
<i>Seqüência Conclusiva</i>	Variável em função do cenário enunciativo do jogo. O locutor brasileiro demonstra maior subjetividade pelas expressões metafóricas e pela entoação.	Variável em função do cenário enunciativo do jogo. O locutor francês parece demonstrar mais envolvimento pela entoação forte do que pelo emprego de metáforas.

Conclusão

*Que a perfeição é uma meta
Defendida pelo goleiro
Que joga na seleção
E eu não sou Pelé nem nada
Se muito for sou um Tostão
Fazer um gol nessa partida
Não é fácil meu irmão*
Gilberto Gil, Meio de Campo

O futebol se insere num universo infinito: ele é esporte, é espetáculo, é diversão, é jogo, é brincadeira, é teatro, é quase uma religião! Mas o que seria dele, sem o rádio e a televisão?

O futebol faz parte tanto da cultura brasileira como da francesa. Sua introdução há pouco mais de um século, e crescimento nos dois países, aconteceu em épocas semelhantes. No entanto, ele está mais arraigado no Brasil, tetracampeão do mundo, do que na França. O futebol faz parte do imaginário do Brasil, por seus grandes jogadores do passado, por suas conquistas e até mesmo pela ginga do brasileiro no campo. Ele se tornou um estereótipo do Brasil, enquanto, na França, apesar de ser o esporte mais popular do país, é encarado como “mais um” esporte em que esse país tem se destacado.

O desejo de verificar a realização discursiva de locutores brasileiros e franceses estava no fato de que a França se preparava com toda a infra-estrutura possível para acolher a XVI Copa do Mundo de Futebol, em 1998. Seu preparo foi tão eficiente, em todos os sentidos, que acabou conquistando o título de campeã, pela primeira vez em sua história.

Antes mesmo de saber que a França e o Brasil participariam de um mesmo jogo, e que esse jogo seria a grande final da Copa do Mundo, passamos a gravar em vídeo e em áudio, em uma ação coordenada no Brasil e na França, a voz de diferentes locutores, da televisão e do rádio, que narraram os jogos desses dois países.

Esta pesquisa teve por objetivo comparar aspectos do discurso oral desses locutores, representantes de seus países. Para isso, dividimos este trabalho em partes. Primeiramente, fizemos uma pequena viagem na história do futebol e seu desenvolvimento no Brasil e na França. Fizemos um apanhado geral das Copas do Mundo realizadas até aqui e ressaltamos a importância do rádio e da televisão, desde os seus primórdios, para a divulgação do futebol nesses dois países.

Em seguida, expusemos os materiais e o método utilizado. Pesquisas, entrevistas, e muitas horas de gravação e transcrição foram necessárias para esquematizarmos nossos objetivos e direcionarmos o trabalho. Nossa intenção, ao comparar locutores de ambos os países, era levantar as variáveis mais comuns em relação aos momentos mais significativos dos jogos em que o Brasil e a França participaram. São eles: o início da partida, os lances a gol, os gols e o encerramento do jogo.

Para atingirmos essa meta, observamos, em uma terceira parte, o uso e as funções da língua, a enunciação no discurso, as representações sócio-culturais de brasileiros e franceses e os aspectos da língua falada no Brasil e na França. Depois, examinamos a linguagem dos meios de comunicação e, em especial, a “arquitetura do discurso do locutor futebolístico”.

Ao analisarmos essa “arquitetura”, verificamos que o discurso do locutor é composto de uma estrutura bastante diversificada: suas partes fundamentais, a narração, o comentário e a conversação imbricam-se constantemente. Considerando os momentos selecionados para este trabalho, pudemos comparar, nos trechos escolhidos, a estrutura de base de cada um deles, ou seja, as “seqüências” em que os atos de fala se organizam. Com base nelas, observamos o desenvolvimento da construção geral de cada um desses trechos, a extensão e a conexão de suas seqüências, os aspectos prosódicos, as gírias e expressões metafóricas e, por fim, o envolvimento com o ouvinte.

Percebemos que, embora a questão do estilo seja peculiar a cada locutor, independentemente de sua origem, existem aspectos em comum e aspectos específicos do discurso do brasileiro e do francês no que tange a locução esportiva de futebol.

Do ponto de vista da composição das seqüências, o brasileiro prefere seqüências justapostas e coordenadas para narrar ou fazer comentários sobre os momentos escolhidos, enquanto o francês, além da justaposição e da coordenação, conecta o sujeito de suas orações, subordinando-as entre si. Essa estrutura é percebida em seqüências narrativas mas, principalmente, em seqüências argumentativo-explicativas, onde a conjunção com função de pronome sujeito “qui” é abundante. Tal forma do francês narrar o futebol leva-nos a crer que, embora o processo subordinativo seja mais relacionado à escrita do que à fala, existem subordinações que se fazem presentes na língua falada, principalmente para analisar, observar uma situação que se compõe em uma estrutura narrativa.

As seqüências argumentativo-explicativas retomam o conteúdo das seqüências narrativas a fim de esclarecê-las, comentá-las. Em francês, essa seqüência pode ser até mais extensa do que a seqüência narrativa que a antecede.

O francês sempre narra o futebol em dupla. A presença de vários locutores na cabine é normal seja no Brasil ou na França, mas na França o “comentarista” dialoga intensamente com o “narrador”, procurando “explicar” cada uma de suas seqüências narrativas. No Brasil, a supremacia da fala é do narrador. O comentarista intervém, na maioria das vezes, quando é convidado a fazê-lo. É assim que, no Brasil, quem grita o “gol” é sempre o narrador, mas, na França, “but” é enunciado pelo narrador e pelo comentarista, com a mesma intensidade.

Em português, a justaposição das sentenças parece dar mais liberdade de expressão ao narrador, valorizando o acontecimento, o próprio *fato* em si, à medida em que este acontece. Em francês, o processo de “encaixe” das sentenças e a constante sobreposição das falas dos locutores parece valorizar não o fato em si, mas sua *explicação*. E aqui, acreditamos, está o motivo pelo qual o francês não se considera um “narrador” de futebol, mas sim, um “commentateur”.

Do ponto de vista da prosódia, tanto o brasileiro como o francês demonstram a “emoção” de um lance através de traços entoativos bem marcantes. Ambos elevam a entoação de suas frases quando existe uma situação de perigo, chegando a um nível bastante intenso quando um gol é realizado, principalmente a seu favor. O brasileiro se entusiasma mais quando a seleção do Brasil marca um gol, utilizando uma seqüência mais extensa, com uma linguagem mais expressiva, repleta de metáforas, gírias, clichês estilísticos e constantes repetições.

O locutor do Brasil e o locutor da França têm um público diferente. O público brasileiro, apaixonado pelo esporte principal do país, aprecia uma linguagem bastante criativa, cheia de recursos entoativos, da qual gosta de participar. Por isso, o locutor se envolve muito mais com seu ouvinte, interpelando-o constantemente, buscando sua cumplicidade. O público francês aprecia a emoção do esporte, mas valoriza seu lado técnico, por isso, acreditamos que ele não queira expor essa intimidade com o ouvinte, além do que o futebol não é a grande paixão do povo francês, é apenas uma delas, entre outras.

A forma do brasileiro ver o futebol direciona a linguagem do locutor. O mesmo ocorre com o francês. Brasileiro e francês “vêm o futebol” segundo sua forma de “ver o mundo” e o expõem dessa forma. Caldas (1999:28) faz uma interessante observação sobre o olhar, muito propícia à nossa conclusão:

“Não se vê aquilo que não está no olhar. Ver não é fenômeno ótico ou biológico. Faz parte da maneira como se codifica e se decodifica o mundo que nos circunda. Ver é codificar e decodificar. É, antes de tudo, maneira de interpretar, de dar sentido, de criar e reconhecer conexões e mediações entre instâncias ônticas. Olhar é “ouvir” mediações e instaurar paralelos, identidade/diferença; é identificar nosso “cheiro” e garantir territórios; é “apalpar” o conhecido e se espantar com o outro, podendo, assim, vê-lo como outro; é “degustar” com horror ou prazer, alteridades, é vivenciar como a única realidade, ou a realidade privilegiada, o real criado pelo social”.

Vemos, ouvimos, sentimos, percebemos o mundo e o interpretamos, segundo a realidade da qual participamos. O locutor brasileiro e o locutor francês vêm o mesmo objeto, o mesmo jogo de futebol, mas o transmitem de uma forma diferente, baseada nos valores da sua sociedade. Interação, entre si, num constante dialogismo, monofônico ou polifônico, mas, totalmente legítimo.

St. Clair e Bush (2001) fazem uma diferença entre o “evento-ritual” e o “evento-drama social” na transmissão de valores através da linguagem. Se, ao interagir numa determinada situação, num dado evento, o elemento de uma sociedade observa as formas, contempla, admira, mas não se envolve totalmente, para ele, esse é um “evento-ritual”. Ao passo que, se a interação com um evento, leva-o, na sua observação, a se envolver totalmente, a ponto de sentir-se “parte” integrante desse evento, a ponto de “perder-se” nele, para ele, esse é um “evento-drama social”. E, nesse sentido, segundo afirmam os autores, “narrar” o evento torna-se mais “real” do que o próprio evento.

Pelo exame do discurso realizado pelo francês e do discurso realizado pelo brasileiro para transmitir o jogo de futebol, percebe-se que o brasileiro compreende-o como um “drama social”, por isso participa intensamente dele, sendo levado pelo locutor para dentro do rádio, da televisão, para o meio do campo através de sua fala. O francês compreende este evento como um “ritual”, não se sentindo totalmente “integrado” a ele. O locutor não o carrega consigo até o estádio, o locutor traz o estádio, “analisado”, “refletido” até o seu ouvinte.

É por isso que, ao observarmos a linguagem dos locutores de futebol no último jogo em que a França venceu o Brasil por 3 a 0, percebe-se que, a cada gol da França contra o “gigante” do Brasil, não há um envolvimento tão grande com o ouvinte. O locutor “grita”, despejando sua emoção da forma mais simples que é a entonação. Utiliza palavras que expressam seu sentimento eufórico, mas não interpela o ouvinte, não o “convida” para participar com ele desse momento tão significativo dentro do futebol, principalmente em se tratando de uma Copa do Mundo. Um gol, em jogo sem tanta importância, “narrado” no Brasil, possui muito mais envolvimento com o público do que esses três gols da França, “comentados” pelo locutor francês.

Um ritual é comentado... um drama social é vivenciado. O “narrador” vivencia, o “commentateur” analisa.

Talvez seja por essa “vivência do narrar” que o brasileiro, não se contentando em apenas ouvir o locutor de futebol falar da bola, dos jogadores, da torcida, ele também o faz... em forma de poesia. O futebol, no Brasil, mexe muito com as emoções, e não é com a “emoção ritualística” de um jogo, mas com a emoção mais pura, que transforma futebol... em literatura! Mario de Andrade, José Lins do Rego, Carlos Drummond, Paulo Mendes Campos, Vinícius de Moraes, Chico Buarque, Toquinho, todos “escreveram” e “cantaram” as emoções de um jogo de futebol. O mesmo tema não é explorado no meio artístico-literário francês.

Não é o locutor, mas a própria bola, transvestida em locutor, que cria vida e fala na canção “A bola”, de Toquinho.



*Pulo, pulo, pulo, vou de pé em pé.
Da chuteira do menino na vidraça da mulher.*

*Corro, corro, corro na praia de manhã
E quando eu balanço a rede é festa no Maracanã.*

*Pulo, pulo, pulo, vou com quem vier.
Joguei com Nilton Santos, com Garrincha e com Pelé.*

*Salto, salto, salto com todo carinho.
Joguei com Rivelino, com Tostão e Jairzinho.*

*Rolo, rolo, rolo com satisfação.
Hoje jogo com Romário, Ronaldinho e Luizão.*

*Corro, corro, corro do começo ao fim.
Depois que acaba o jogo, ninguém mais lembra de mim.*

Lembra, sim, no Brasil ela é sempre lembrada, pois sempre tem vida.

Com esta pesquisa, aprendemos muitas coisas sobre a cultura brasileira e a francesa e a forma de seus representantes utilizarem a língua para transmitir jogos de futebol em uma Copa do Mundo. Acreditamos, com este estudo, ter contribuído em muitas áreas da lingüística, tais como a lingüística aplicada, a análise do discurso, a comunicação em massa, a semiótica. Mas, como toda pesquisa, ela tem muitas formas de se expandir. O olhar do francês e o do brasileiro se cruzam em outras áreas que não apenas a do futebol.

Lidamos com os meios de comunicação em massa e com a forma de um locutor transmitir, pela língua falada espontânea, jogos de futebol. Como seria a locução de um outro evento, do ponto de vista sócio-lingüístico-cultural, transmitido ao vivo pelo rádio e pela televisão, sob o olhar do francês, sob o olhar do brasileiro e, por que não, de outras culturas também? Quanto mais observamos os comportamentos lingüísticos de representantes de um povo, descobrimos que tanto mais ainda há para aprender... principalmente sobre a nossa própria cultura.

Para encerrar este trabalho, gostaríamos de citar um poema que não foi escrito por um “poeta” específico, mas um radialista de futebol. Ele, locutor brasileiro, “narra” um jogo, em sua poesia, colocando seu ouvinte exatamente onde ele quer ficar: junto ao locutor, “ao vivo” através da voz, num estádio de futebol:

Um chute na bola e o jogo começa.
 É como se a vida parasse um instante
 Pra ver a destreza, a malícia, o poema...
 Desenho no campo? – Pintura talvez –
 De um craque embalando a bola com os pés,
 Criando uma dança, um molejo atrevido,
 Construindo um sonho, da guerra ao revés?
 Só sei que deslumbra, encanta, emociona.
 É o jovem que grita,
 O velho que reza,
 A criança se agita!
 Sonham todos – não há exceção –
 Com a vitória INDISCUTÍVEL!
 (embora às vezes lhes fuja do encaço,
 acenando gaiata e inacessível).
 Não é sonho. É a Vida que rola
 E alcança a marca do gol.
 É a emoção unindo a galera,
 Pelos olhos do verde e o ouvido no rádio,
 Na sala adornada, o requinte da tela,
 No distante telheiro, o rádio é o amigo.
 E a jogada é descrita, cantada, pintada,
 De verde-amarelo, enquanto se cala
 A turba que torce, seguindo com a bola
 Que rola... soberba! Rainha!
 O “homem do rádio” é o amigo de sempre.
 Às vezes tão longe, em terra de estranhos,
 porém, aqui está, bem junto de nós
 na tela que pinta, no desenho do jogo,
 com as cores mais vivas – emoção partilhada –
 o longe faz perto no retrato da voz.

Flávio Araújo,
“O rádio, o futebol e a vida”

Referências Bibliográficas

- ADAM, J. M. (1985). *Le texte narratif*. Traité d'analyse textuelle des récits. Paris, Nathan.
- _____ (1999). *Linguistique textuelle. Des genres de discours aux textes*. Paris, Nathan.
- _____ (2001). *Les textes types et prototypes. Récit, description, argumentation, explication et dialogue*. Paris, Nathan.
- ALVES, Ieda M. (1993). "O léxico na língua falada". In: Preti, Dino (org.) *Análise de textos orais*. São Paulo, FFLCH/USP, pp 157-167.
- ANDRÉ, Hildebrando de A. (1988). *Gramática ilustrada*. 3a. Edição, São Paulo, Moderna.
- ANDRÉ-LAROCHEBOUVY, Danielle (1984). *La conversation quotidienne*. Paris, Crédif.
- ARAÚJO, Flávio (2001). *O rádio, o futebol e a vida*. São Paulo. Senac.
- ARISTOTE (1973). *Réthorique, Livres I, II et III*. Trad. M. Dufour et A. Wartelle, Paris, Les Belles Lettres.
- ARON, R. (1955). *L'opium des intellectuels*. Paris, Fayard.
- AUSTIN, J. L. (1962). *How to do things with words*. New York. Oxford U.P.
- AUTHIER-REVUZ, J. (1982) "Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour approche de l'autre dans le discours". In: *DRLAV, Revue de linguistique*, n.26, pp. 91 - 151.
- BAKHTIN, Mikhail (1981). *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro, Forense-Universitária.
- _____ (1984). *Esthétique de la création verbale*. Paris, Gallimard.
- _____ (1987). *Speech Genres and other later essays*. Tradução de Vern W. McGee. Austin, University of Texas Press.
- _____ (1992). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira, São Paulo, Hucitec.
- BALLY, Charles (1967). *El langage y la vida*. Tradução do original francês por Amado Afonso, 5a. Edição, Buenos Aires, Editorial Lousada.
- _____ (1951). *Traité de stylistique française*. Vol. 1, 3a. Edição, Genève-Paris, George-Klincksieck.

BARROS, Diana L. P de (1996) “Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso”. In: *Diálogos com Bakhtin*, Curitiba, Universidade Federal do Paraná pp. 21-42.

BARROS, Diana Luz Pessoa de & FIORIN, José Luiz (orgs.) (1994). *Dialogismo, Polifonia Intertextualidade*, São Paulo, Edusp.

BECHARA, Evanildo (1970). *Moderna Gramática Brasileira*. 16a. Edição, São Paulo, Editora São Paulo.

BELTRÃO, Luiz e QUIRINO, Newton O. (1986). *Subsídios para uma teoria da comunicação de massa*. São Paulo, Summus.

BENVENISTE, Émile (1974). *Problèmes de linguistique générale II*. Paris, Editions Gallimard.

BIBON, Jean-Marie (1996). *Le football, une peste émotionnelle*. Paris, Flammarion.

BIGOT, Yves (1996). *Football*. Paris, Bernard Grasset.

BOGGO, Marcos e Luís (1999). *É golo, pá!* São Paulo, Nova Alexandria.

BLAKEMORE, Diane (1992). *Understanding utterances. An introduction to pragmatics*. Oxford UK & Cambridge USA, Blackwell.

BLANCHE-BENVENISTE, Claire.(1997) *Approches de la langue parlée en français*. Paris, Ophrys.

BLIKSTEIN, Izidoro (1995). *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. São Paulo, Cultrix.

BOURDIEU, Pierre (1982) *Ce que parler veut dire*. Paris, Fayard.

_____ (1996) *Sur la télévision*. Paris, Raison d’agir.

BRAIT, Beth (1997). “O processo interacional”. In: *Análise de textos orais*. São Paulo, Humanitas, FFLCH USP pp. 189-214.

BRES, Jacques (1994). *La narrativité*. Bélgica. Ducolot.

BRONCKART, Jean-Paul (1996). *Activité langagière, textes et discours*. Lausanne, Delachaux et Niestlé.

BROHM, Jean-Marie (1992). *Sociologie politique du sport*. Nancy, Presse Universitaire de Nancy.

BROMBERGER, Christian (1985). *“Ethnologie d’une passion: le match de foot”*. Paris, Bayard.

_____ (1998a). *Football, la bagatelle la plus sérieuse du monde*. Paris, Bayard.

_____ (1998b). *Passions ordinaires. Du match de football au concours de dictée*. Paris, Bayard.

CABRAL, Sérgio (1994). “Os craques da crônica”. *Jornal do Brasil*, em 21 de maio de 1994.

CALDAS, Alberto Lins (1999). *Oralidade, texto e história*. São Paulo, Loyolla.

CALLAMAND, Monique (1973). *L’intonation expressive*. Paris, Collection le français dans le monde/B.E.L.C., Hachette e Larousse.

CAPINUSSÚ, J. M. (1988). *A linguagem popular do futebol*. São Paulo, Ibrasa.

CARDOSO, Maurício (1998). “Futebol na raça”. In: Revista Veja. Nº.1528, de 7 de janeiro de 1998. São Paulo, Editora Abril.

CARELLI, Mario (1993). *Cultures Croisées*. Paris, Nathan.

CAZENAVE, E. e ULLMANN-MAURIAT, C. (1994). *Presse, radio et télévision en France. De 1631 à nos jours*. Paris, Hachette.

CERVONI, Jean (1989). *A enunciação*. Traduzido do francês por L. Garcia dos Santos, São Paulo, Ática.

CHAMPAGNE-MUZAR, C. e BOURDAGES, J.S. (1998). *Le point sur la phonétique*. Paris, Clé International.

CHARAUDEAU, Patrick (1984a). “Problèmes d’analyse des médias”. In CHARAUDEAU, P. (org.) *Aspects du discours radiophonique*. Paris, Didier, pp 5-9.

_____ (1984b). “Description d’un genre: l’interview”. In CHARAUDEAU, P. (org.) *Aspects du discours radiophonique*. Paris, Didier, pp.111-115.

_____ (1983). *Langage et discours. Elements de sémiolinguistique (théorie et pratique)*. Paris, Hachette.

_____ (1992). *Grammaire du sens et de l’expression*. Paris, Hachette.

_____ (1994). “Le contrat de communication de l’information médiatique. In LANCIEN, Thierry (org.) *Médias: faits et effets*. Le Français dans le Monde, numéro spécial, Paris, EDICEF, julho de 1994, pp. 8-19.

_____ (1996). “Para uma nova análise do discurso” (trad. de Agostinho Dias Carneiro). In CARNEIRO, A. D. (org.) *O discurso da mídia*. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, pp. 5-43.

CLOPEAU, J. e RENOUEAU, M. (1984). “Quelques remarques sur la communication radiophonique”. In CHARAUDEAU, P. (org.) *Aspects du discours radiophonique*. Paris, Didier, pp.20-30.

COURTILLON, J. e SALINS, G. (1985). *Libre échange I Méthode de Français*, Paris, Didier.

CRUTTENDEN, Alan (1997). *Intonation*, 2a Ed., Cambridge, Cambridge University Press.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley (1985). *Nova gramática do português contemporâneo*. 2a ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

DERÈZE, Gérard (2000). *Sport(s) et médias*. Rapport réalisé à la demande de la Fondation Roi Baudouin dans le cadre de la réflexion prospective “Société et Sport”, Louvain-La-Neuve, Département de Communication de l’Université Catholique de Louvain-La-Neuve, maio de 2000.

DIAS, Ana Rosa F.(1996). *O discurso da violência*. São Paulo, Educ e Cortez.

DUARTE, Orlando. *Todas as copas do mundo* (1998), São Paulo, Makron Books.

DUBOIS, Jean et alii (1993). *Dicionário de lingüística*; Dir. e coord. geral de tradução do francês por Izidoro Blikstein, São Paulo, Cultrix.

DUBOIS, Jean e RAGANE, René (1995). *Grammaire*. Paris, Larousse.

DUCROT, Oswald (1984). *Le Dire et le Dit*. Paris, Les Édition de Minut.

DUQUE ESTRADA, Megan P. de Castro (1997). “Marcadores tags: estrutura e entoação”. In: KOCK, I. V. e BARROS, K. S. M. (orgs.) *Tópicos em lingüística de texto e análise da conversação*. Natal, EDUFRN.

FAIRCLOUGH, Norman (1996). *Language and power*. London & New York, Longman.

FERNÁNDEZ, Maria do Carmo L. de O. (1974). *Futebol - fenômeno lingüístico*. Rio de Janeiro, PUC e Documentário.

FIORIN, José Luiz (1996) *As astúcias da enunciação*. São Paulo, Ática.

FONTENELLE, A. e COSTA, M. (2000). “A voz do futebol”. *Revista Placar*, São Paulo, Editora Abril, Edição 1166, Agosto de 2000. pp. 38-44

FRAGA ROCCO, Maria Tereza (1999). “As palavras na TV: um exercício autoritário?” In NOVAIS, Adauto (org.) *Rede imaginária, televisão e democracia*. 2a ed. São Paulo, Companhia das Letras e Secretaria Municipal de Cultura, pp. 240-256.

FUDGE, E. C. (1976). “Fonologia”. In: Lyons, John (org.) *Novos horizontes em lingüística*. São Paulo, Cultrix, pp. 72-91.

GALEMBECK, Paulo de Tarso (1997). “O turno conversacional”. In: Preti, Dino (org.) *Análise de textos orais*, São Paulo, Humanitas, pp. 55-79.

GALISSON, Robert (1979). *Lexicologie et enseignement des langues*. Paris, Hachette.

GARCIA, Othon. M. (1981). *Comunicação em prosa moderna*. 9a. edição. São Paulo, Editora da Fundação Getúlio Vargas.

GOMES de MATOS, Francisco e ELLISON, Fred P. (1971) *Modern Portuguese. A project of the Moderne Language Association*. Nova Iorque, McGraw-Hill, Inc.

GRAIEB, C e MARTHE, M. (2000). “O mais amado e odiado do país”. *Revista Veja*, São Paulo, Editora Abril, edição 1660, de 02 de agosto de 2000. pp. 142-143.

GREIMAS, A. J. (1966). *Sémantique Structurale*. Paris, Larousse.

GRITTI, Jules (1975). *Sport à la Une*. Paris, A. Colin.

GUIMBRETIERE, E. (1994). *Phonétique et l'enseignement de l'oral*. Paris, Didier.

GUMBRECHT, H. U. (2001). *A forma da violência. A experiência estética no esporte*. Suplemento Mais! Folha de São Paulo, 11 de março de 2001.

GUMPERZ, John. (1989). *Engager la conversation. Introduction à la sociolinguistique interactionnelle*. (Trad. do inglês por Darteville, M., Gilbert, M. e Joseph, I.) Paris, Éditions de Minuit.

HAMMERSLEY, M. e ATKINSON, P. (1983). *Ethnography, principles in practice* London, Tavistock Publications.

HARRÉ, Rom(1994). “Grammaire et lexique, vecteurs de représentations sociales” In: *Les représentations sociales*. Org. Denise Jodelet, Paris, Presses Universitaires de France, 4^a. Edição (pp. 131-151).

HOLANDA, Sérgio Buarque de (1982). *Raízes do Brasil*. São Paulo, Livraria José Olympio Editora, 15^a. Edição.

HILGERT, José Gaston (1997). “Procedimentos de reformulação: a paráfrase”. In: Preti,

Dino (org.), *Análise de textos orais*. São Paulo, Humanitas FFLCH/USP, pp. 103-127.

JAKOBSON, ROMAN (1975). *Lingüística e comunicação*. Tradução Izidoro Blikstein e José Paulo Paes, São Paulo, Cultrix.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (1980). *L'énonciation. De la subjectivité dans le langage*, Paris, Armand Colin.

_____ (1990). *Les interactions verbales*. Tome 1, Paris, Armand Colin.

_____ (1992). *Les interactions verbales*. Tome 2, Paris, Armand Colin.

_____ (1998). *Les interacions verbales. Variations Culturelles et échanges rituels*. Tome 3, Paris, Armand Colin.

KOCK, Ingedore V. (1996). *Argumentação e linguagem*. São Paulo, Cortez.

_____ (1997). *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo, Contexto.

_____ (1998). *Repensando a língua portuguesa. A Inter-ação pela linguagem*. São Paulo, Contexto.

LABADIE-LARROUDÉ, Christine (1998). *Le foot*. Paris, Flammarion.

LAKOFF, George e JOHNSON, Mark (1980). *Metaphors we live by*. Chicago, The University of Chicago Press.

LAPLANTINE, François (2001). "Imaginaires français du Brésil et imaginaires brésiliens de la France: la tension métisse du léger quiproquo et du petit malentendu". In: *Usages sociaux de la mémoire et de l'imaginaire au Brésil et en France*. Orgs. Jean-Baptiste Martin, François Laplantine et Ismael Pordeus. Lyon, Presses Universitaires de Lyon (pp: 243-257).

LEITE, Marli Q. (1998). "Língua falada: uso e norma". In: Preti, Dino (org.) *Estudos de língua falada*. São Paulo, Humanitas, FFLCH/USP (pp.179-208).

_____ (2000). "A influência da língua falada na gramática tradicional." In: Preti, Dino (org.) *Fala e escrita em questão*. São Paulo, Humanitas, FFLCH/USP (pp.128-155).

LÉON, Pierre (1966). *Prononciation du français standard*. Paris, Didier.

LÉRY, Jean. (1980). *Viagem à terra do Brasil*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo, Ed. Itatiaia.

LOCHARD, Guy (1996). "Discurso e informação televisionada: evoluções estratégicas." In CARNEIRO, A. Dias (org.) *O discurso da mídia*. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, pp. 71-80.

_____ (1994). “Stratégies ambiguës et stratégies de l’ambiguïté” In LANCIEN, Thierry (org.) *Médias: faits et effets*. Le Français dans le Monde, numéro spécial, Paris, EDICEF, julho de 1994, pp. 49-54.

LYONS, J. *Lingua(gem) e lingüística*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

MACHADO DA SILVA, Juremir (1999). *Le Brésil pays du présent*. Paris, Desclée de Brouwer.

MAINGUENEAU, Dominique (1989). *Novas tendências em análise do discurso*. Trad. Freda Indursky, Campinas, Pontes.

MAINGUENEAU, Dominique (1998). *Analyser les textes de communication*. Paris, Nathan Université.

MALMBERG, Bertil (1970). *La phonétique*. 8a ed., Paris, Presses Universitaires de France.

MARCUSCHI, L. A. (1986). *Análise da Conversação*, São Paulo, Ática.

MARCUSCHI, L. A. (1998). “Atividade de compreensão na interação verbal”. *Língua falada: variações e confrontos*, São Paulo, Humanitas FFLCH/USP pp. 15-45.

MARCUSCHI, L.A. (1999). “Marcas de interatividade no processo de textualização na escrita”. In: *I Seminário de Filologia e Língua Portuguesa (Orgs: Rodrigues, A., Alves I., Goldstein, N.)*, São Paulo, Humanitas, pp. 139-156.

MARTINET, A. (1995). *Função e dinâmica das línguas*. Trad. Jorge de Moraes Barbosa e Maria Joana V. Santos. Coimbra, Livraria Almedina.

MARTINS, Arsélio. (s/data). “De todas as artes, escolho a arte do fogo”. In: Poemas para Andar. <http://membros.aveiro-digital.net/adam/poeta/Secundo/livro2.html>

MATTOS, Cláudia (1997). *Sem anos de paixão. Uma mitologia carioca no futebol*. Rio de Janeiro, Rocco.

MÁXIMO, João e PORTO, Luís Roberto (1968). *A história ilustrada do futebol brasileiro*, São Paulo, Edibras.

MAUCHAMP, Nelly (1997). *Les français, mentalités et comportements*. Paris, Clé International.

MAUGER, G. (1984). *Grammaire pratique du français d’aujourd’hui*. Paris, Hachette.

McLUHAN, M. (1964). *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Trad. Décio Pignatari. São Paulo, Cultrix.

MENDES, J. F.(1999). “Transmissão esportiva e o espetáculo do rádio”. *Observatório da Imprensa* em 20/04/99 <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/jd200499.htm>

MESCH, David (2000) “Le verlan: une redéfinition de l’argot à la fin du 20ème siècle?” <http://peace.is.cs.cmu.edu/HyperNews/get/archives/112.html>

MESCHONNIC, Henri (1996). *Critique du rythme, anthropologie historique du langage*. Paris, Verdier.

MILAN, Betty (1998). *Brésil, le pays du ballon rond*. Paris, L’aube.

MORAES, Lygia C. D (1993). “A sintaxe na língua falada”. In: Preti, Dino (org.) *Análise de textos orais*. São Paulo, FFLCH/USP, pp. 169-188.

MORAIS, Fernando (1994). *Chatô: o rei do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras.

MOIRAND, Sophie (1990). *Une grammaire des textes et des dialogues*. Paris , Hachette.

MOIRAND, Sophie e PEYTARD, Jean (1992). *Discours et enseignement du français*. Paris, Hachette.

MONTVALON, Christine (1998). *Le dico du foot*. Paris, L’aube.

MORTUREUX, Marie-Françoise (1997). *La lexicologie entre langue et discours*. Paris, Sedes.

MOUILLAUD, Maurice (1984). “Espace et temps radiophoniques. Les tranches horaires matinales”. In CHARAUDEAU, P. (org.) *Aspects du discours radiophonique*. Paris, Didier, pp. 61-70.

NOGUEIRA, A. SOARES, J. & MUYLAERT, R. (1994). *A copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar*. S.Paulo: Companhia das Letras.

NOGUEIRA, A. (1974). *Bola na rede*. Rio de Janeiro, José Olimpo.

ORLANDI, Eni P. (1996). *A linguagem e seu funcionamento. As formas do discurso*. 4a. Edição, São Paulo, Pontes.

ORTRIWANO, G. S. (1998a). “Rádio, futebol e integração latino-americana: velha paixão entre tapas e beijos” <http://www.reescrita.jor.br>

ORTRIWANO, G. S. (1998b). “França 1938, III Copa do Mundo: o rádio brasileiro estava lá”. <http://www.reescrita.jor.br>

OSTERMANN, Ruy C. (1998). *O nome do jogo*. Porto Alegre, Palmarinca.

PADOVANI, W.F (s/data). “Primeiro gol que ouvi pelo rádio”. *Corações épicas*. <http://www.wfpadovani.art.br>

PERELMAN, C e OLBRECHTS-TYTECA, L. (1996). *Tratado da argumentação*. Tradução de Maria Ermantina Galvão Pereira, São Paulo, Martins Fontes.

PLATON (1956). Ion - Menexene - Euthydeme (Plato Tome V) (Louis Meridier, Trans.). Paris, Société Edition “Les Belles Lettres”.

PRETI, Dino (1982). *Sociolinguística. Os níveis de fala*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.

_____ (1998). “Tipos de *frame* e falantes cultos”. In: Preti, Dino (org.) *Estudos de língua falada-variações e confrontos*. São Paulo, Humanitas, pp. 71-86.

_____ (1999a). “A linguagem da TV: o impasse entre o falado e o escrito”. In NOVAIS, Aduauto (org.) *Rede imaginária, televisão e democracia*. 2a. ed. São Paulo, Companhia das Letras e Secretaria Municipal de Cultura, pp. 232-239.

_____ (1999b). “Pesquisas na linguagem verbal da mídia”. In Moura, Denilda. *Os múltiplos usos da língua*. Maceió, EDUFAL (pp. 49-54).

PENA, Leonam (1998). *Dicionário popular de futebol. O Abc das arquibancadas*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

PÊCHEUX, M. (1969). *Analyse automatique du discours*. Dunod, Paris.

POSSENTI, Sírío (1993). *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo, Martins Fontes.

PROENZA, ANNE (1998). “Les dix façons de crier “Goal!” In: *Le guide du Mondial*, pág.18 encarte do Jornal “Le Monde”, de 9 de junho de 1998.

RAPIN, Anne (1998). “La France championne du monde!” Revista do *Ministère des Affaires Etrangères*, Paris, número 33, sessão “sports”, setembro de 1998.

RIBEIRO, Simone N. (1998). “A linguagem do Futebol: estilo e produtividade lexical”. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

RIOU, Jean-Michel (1998). *Le mille-pattes*. Paris, Denoël.

ROCHA FILHO, Antônio Barbosa (1987). *A narração de futebol no Brasil: um estudo fonoestilístico*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas.

ROCHA FILHO, Zaldo Antônio Barbosa (1997). *Som e ação na narração de futebol no Brasil*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas.

RODRIGUES, N. (1993). *À sombra das chuteiras imortais*. Ruy Castro (org). S.Paulo: Companhia das Letras.

ROULET, E. et alli (1987). *L'articulation du discours en français contemporain*. Berna, Peter Lang.

SALDANHA, J. (1963). *Os subterrâneos do futebol*. Rio de Janeiro: José Olímpio.

SANTANA, Mércia R. B de (2000). *A linguagem dos programas radiofônicos esportivos: características e usos*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco.

SANTAELLA, L. & NOTH, W. (1998). *Imagem, cognição, semiótica, mídia*. São Paulo. Iluminuras.

SARTRE, Jean-Paul (1992). *Huis Clos*. Paris, Folio.

SAUSSURE, Ferdinand (1970). *Curso de Lingüística Geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo, Cultrix.

SCOLLON, Ron and SCOLLON, Suzanne Wong (1996). *Intercultural Communication A discourse approach*. Oxford UK & Cambridge USA, Blakwell.

SEARLE, John R. (1981). *Os actos de fala - Um ensaio de filosofia da linguagem*. Coord. Tradução Carlos Vogt. Coimbra, Livraria Almedina.

SLAMA-CAZACU, Tatiana (1992). *Environmental factors and child's language learning*" Scripta philologica I. México, Universidad Nacional Autónoma de México.

SLOBIN, Dan I. (1980). *Psicolingüística*. Trad. R.S. Fernandes, São Paulo, Companhia Editora Nacional.

ST. CLAIR, Robert (2000). *Language and the sociology of knowledge. The crack in the cosmic egg*. Louisville, University of Louisville.

ST. CLAIR, R. and BUSH, J. A. (2001). *Transmission of values: the information age crisis in socialization*. Louisville, University of Louisville.

TANNEN, Debora (1991). *Talking voices. Repetition, dialogue, and imagery in convencional discourse*. Cambridge UK, Cambridge University Press.

TOLEDO, Luiz Henrique (2000). *No país do futebol*, Rio de Janeiro, Zahar.

TUDESQ, André-Jean (1984). "Les conditions de productions et d'écoute: leurs incidences sur le discours radiophonique". In CHARAUDEAU, P. (org.) *Aspects du discours radiophonique*. Paris, Didier, pp. 11-19.

URBANO, Hudinilson (1997). “A expressividade na língua falada de pessoas cultas”. In: Pretti, D. (org.) *O discurso oral culto*, Humanitas, FFLCH/USP pp. 91-110, março, 1997.

_____ (2000a). “A linguagem falada e escrita de Helena Silveira”. In: *Fala e escrita em questão*. Pretti, D. (org.), São Paulo, Humanitas, FFLCH/USP (pp. 157 - 188).

_____ (2000b). *Oralidade na literatura*. São Paulo, Cortez.

VANOYE, Francis (1981). *Usos da linguagem*. Tradução e adaptação de Clarisse Madureira Sabóia (et al), 2a. Edição, São Paulo, Martins Fontes.

VILANOVA, José Brasileiro (1977). *Aspectos estilísticos da língua portuguesa*. Recife, Casa da Medalha.

WEINRICH, Harald (1991). *Le temps. Le récit et le commentaire*. Tradução do alemão por Michèle Lacoste. Paris, Seuil.

WENK, B. J. e WIOLAND, F. (1984). “Aspects rythmiques du discours radiophonique”. In CHARAUDEAU, Patrick. *Aspects du discours radiophonique*. Paris, Didier, pp.71-80.

WIOLAND, François (1991). *Prononcer les mots du français*. Paris, Hachette.

YAGUELLO, Marina (1998). *Petits faits de langue*. Paris, Editions du Seuil.

Sites consultados, sobre futebol, no Brasil e na França

Actualités et transmission en direct sur Internet:

<http://www.radio-france.fr/chaines/france-inter/multiplex/>

<http://www.cfoot.com/>

Atualidades, interação, arquivos e transmissão ao vivo pela Internet:

<http://www.jovempan.com.br/>

<http://www.radiobandeirantes.com.br/>

<http://radioclick.globo.com/>

<http://www.futebolaovivo.com.br/>

Atualidades sobre o futebol do Brasil, jornalismo, curiosidades e história da Seleção Brasileira:

<http://www.futbrasil.com/>

Atualidades sobre Futebol em geral:

<http://www.gazetaesportiva.net/>

Archives de vidéo sur le football en France (reportages, interviews):

http://www.10000starz.com/site_fr/sport/video-archives/sport_videos_football_fr.html

Confederação Brasileira de Futebol:

http://www.brasilfutebol.com/select_language.sps

Copa de 1998:

<http://www.geocities.com/Colosseum/Field/3018/indice.htm>

<http://www.an.com.br/adframe/frameset.htm?http://www.an.com.br/1998/jun/17/0inf.htm>

Coupe du Monde 1998, sommaire:

<http://coupedumonde.multimania.com/>

Coupe du Monde 1998:

http://www.france.diplomatie.fr/label_france/FRANCE/SPORT/france/france.html

Crônicas, histórias, gírias do futebol brasileiro:

<http://www.detrivela.com.br/>

Extraits de reportages filmés (retrospective) et radiophoniques (fiction) sur le foot:

<http://www.ina.fr/Dossiers/Foot/index.fr.html>

Fédération Française de Football

<http://www.fff.fr/>

Generalidades sobre o futebol no Brasil, história, participação em copas, etc.:

<http://www.spaceports.com/~mprais/futbr/>

Histoire des Bleus:

<http://www.citeweb.net/lesbleus/>

Imagens históricas de jogos clássicos, copas e craques do futebol brasileiro:

<http://www.canal100.com.br/futebol.htm>

Informations actuelles sur le foot en France:

<http://allezfrance.rivals.net/default.asp?sid=1426>

Le foot en France, actualité, histoire des Bleus, Coupe du Monde:

<http://www.befoot.com/fiche/matchbleues.php3?nummatch=561&num=1998>

Memória do Rádio, arquivos de gols históricos,

reportagens, relatos de jogadores e profissionais do futebol:

http://jovempan.uol.com.br/jpam/destaques/memoria/selecionado.php3?id_noticia=205

Radio France, arquivos, história sobre o rádio, emissão esportiva:

<http://www.radio-france.fr/chaines/radio-france/musee/radio7.php>

Le Monde du Football, publicação sobre o Mundial de 98 na França

<http://www.france.diplomatie.fr/culture/france/biblio/folio/foot/index.html>

Anexos

1. Normas para a transcrição das narrações (pelo rádio ou televisão)¹

<u>OCORRÊNCIAS</u>	<u>SINAIS</u>
Incompreensão de palavras ou segmentos	(a abreviação “incomp” vem entre parênteses)
Hipótese do que se ouviu	(o que se acredita ter ouvido vem entre parênteses)
Truncamento (havendo homografia usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/
Entoação: Tom médio Tom agudo Término da frase declarativa em ascensão	letra normal LETRA MAIÚSCULA <
Tonicidade de sílabas	MaiÚscula (sílabas maiúscula, em entoação média) MAIÚSCULA (sílabas maiúscula em negrito, em entoação alta)
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r) No caso da palavra GOL	::podendo aumentar para::: ou mais (os segundos do prolongamento da vogal vêm entre parênteses ao lado da palavra)
Silabação	- (se-pa-ran-do as sí-la-bas)
Interrogação	?
Pausa Micropausa	(os segundos de pausa estão entre parênteses) ² (apóstrofe)'
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))
Superposição, simultaneidade de vozes	Ligando [linhas
Indicação que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto que não no início	(...)
Velocidade da fala: Mais rápida do que o normal Mais lenta do que o normal	Normal <u>Sublinhado</u> <u>Pontilhado</u>

¹ Os nomes próprios estarão em minúscula, no corpus, visto que a letra maiúscula refere-se especificamente à tonicidade das sílabas ou à entoação alta.

² Por exemplo (4) no meio da frase significa 4 segundos de pausa. Entretanto, o parênteses ao lado da palavra gol na narração em português não se refere a pausas, mas sim, aos segundos de sustentação da vogal “o”.

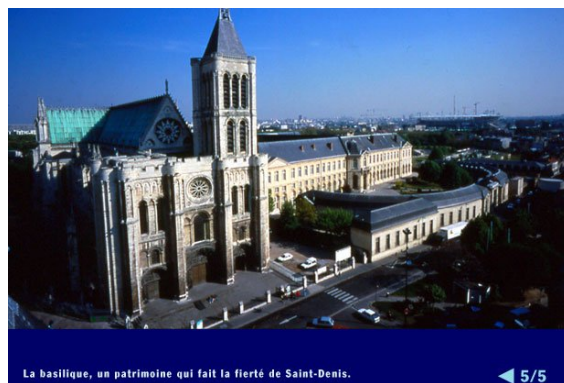
2. Mapa da França com as cidades onde ocorreram os jogos da Copa



*As cidades por onde as seleções do Brasil e da França passaram
durante a Copa do Mundo de 1998.*



Capital da França, com cerca de 10 milhões de habitantes,
Paris, cortada pelo Sena, é famosa por seus monumentos, parques, museus,
universidades, restaurantes... Metrôpole de rara beleza, considerada "berço da cultura",
Paris é hoje, a cidade mais visitada do mundo.



Saint-Denis, localizada a 7 minutos de Paris, tornou-se mais conhecida após a Copa de 98 por causa do Stade de France, especialmente construído para o grande evento. Essa cidade, com uma história de 2000 anos, é famosa por sua Catedral, considerada o “marco” da arte gótica e a necrópole de muitos reis da França.



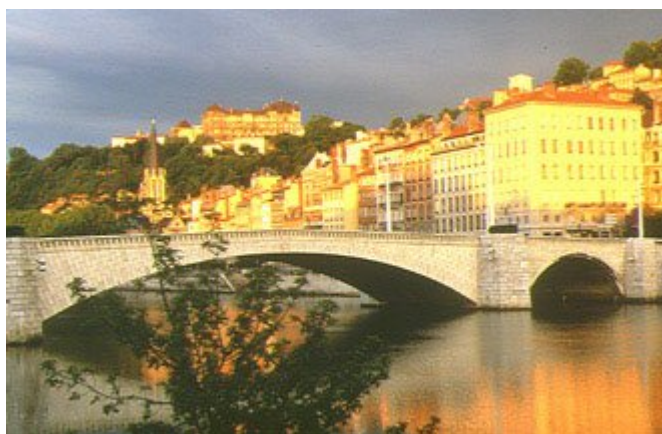
Marseille, fundada pelos povos da Fócida há 2700 anos, sempre foi um dos portos mais importantes da França, ligando a França com o resto do mundo, principalmente o Oriente. Com uma população de cerca de um milhão de habitantes, a cidade possui muito prestígio por sua diversidade cultural, monumentos, igrejas e esportes, principalmente o futebol (o Olympique de Marseille é um dos grandes clubes da França).
Marseille é também conhecida como a “capital mundial da água”.



Nantes, localizada sobre o Loire que a liga ao Oceano Atlântico, foi o lugar de abrigo dos Celtas, dos Vikings e dos Bretões. O comércio e o desenvolvimento industrial dessa cidade a transformaram numa grande metrópole do Ocidente.



Lens, uma cidade localizada bem ao Norte da França, tem um passado baseado na exploração de seu solo, rico em minério. Sofreu bastante com a Segunda Guerra, mas se reergueu, transformando-se num centro esportivo, cultural e universitário. O estádio Bollaert pode conter toda a população de Lens: cerca de 39 mil habitantes.



Lyon, considerada Patrimônio Mundial da Humanidade pela Unesco, tem uma herança histórica de 2000 anos. Mas seu valor não advém apenas de seus teatros Galo-Romanos, catedrais e basílicas: Lyon, na confluência de dois rios, o Rhône e o Saône, é também muito prestigiada por sua gastronomia, pela seda, por sua vida universitária e por seu desenvolvimento econômico.